UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA

ELISA CAPELARI PEDROZO

A VOZ FEMINISTA DE PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA NA REVISTA *A MENSAGEIRA*

CAXIAS DO SUL
2020

ELISA CAPELARI PEDROZO

A VOZ FEMINISTA DE PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA NA REVISTA *A MENSAGEIRA*

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani
Coorientadora: Dra. Veronica Pilar Zevallos

CAXIAS DO SUL

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

P372v Pedrozo, Elisa Capelari
A voz feminista de Presciliana Duarte de Almeida na revista *A Mensageira* / Elisa Capelari Pedrozo. – 2020.
193 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2020.
Orientação: Cecil Jeanine Albert Zinani.
Coorientação: Veronica Pilar Zevallos.

1. Mulheres na imprensa. 2. Mulheres na literatura. 3. Feminismo e literatura. 4. Almeida, Presciliana Duarte de, 1867-1944. I. Zinani, Cecil Jeanine Albert, orient. II. Zevallos, Veronica Pilar, coorient. III. Título.

CDU 2. ed.: 070-055.2

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Paula Fernanda Fedatto Leal - CRB 10/2291

ELISA CAPELARI PEDROZO

A VOZ FEMINISTA DE PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA NA REVISTA *A MENSAGEIRA*

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 14 de agosto de 2020.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profa. Dra. Veronica Pilar Zevallos
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profe. Dr. Márcio Miranda Alves
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profe. Dr. Douglas Ceccagno
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profa. Dra. Cinara Ferreira Pavani
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Para minha família, com amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Capes, pelo suporte financeiro à minha pesquisa, e ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, por confiar em meu projeto.

À professora Doutora Cecil Jeanine Albert Zinani, por todos os anos de orientação, pela amizade, carinho, paciência e inestimáveis contribuições, e à professora Doutora Salete Rosa Pezzi dos Santos, por também fazer parte desta trajetória.

A todos os professores do Programa, pelos ricos ensinamentos.

Aos meus pais, Cláudia e Pedro, pelo apoio e incentivo constantes, desde a infância, ao gosto pela arte e pelo estudo, além de terem contribuído para que essa conquista se concretizasse.

Ao meu companheiro, Rafael, por acreditar em cada um dos desafios aos quais me proponho e pela compreensão, mesmo quando isso significou estarmos longe.

Aos professores da banca examinadora, pelo olhar atento e por suas considerações.

Aos queridos colegas da Turma 17, pelo companheirismo, em especial à Letícia, pela troca sincera de alegrias, conhecimentos e experiências desde o início da Graduação em Letras.

Aos colegas do grupo de pesquisa “Literatura e Gênero”, da Universidade de Caxias do Sul: Bruna, Cristiano, Guilherme, Jonathan, Kátia, Lisiane, Morgana e Rebecca, por estarem comigo em todos os momentos ao longo do percurso acadêmico.

Aos amigos, pelos ouvidos sempre disponíveis e por terem entendido minhas ausências.

A cada um, enfim, que acreditou e contribuiu para a realização deste trabalho.

O primeiro grande ato de rebeldia
das mulheres foi o de querer ler, e
o segundo, o de aprender a ler.
Porque ler é saber.

Christine de Pisan

RESUMO

Este estudo investiga o discurso feminista de Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944) em *A Mensageira*: revista dedicada à mulher brasileira (1897-1900), a fim de contribuir para as pesquisas sobre a presença da mulher na História da Literatura. Inicialmente, foi necessário traçar um panorama da imprensa nacional, destacando as primeiras tipografias, os jornais que circularam em cada região e o perfil do público leitor na época. Observou-se o desenvolvimento da imprensa feminina e feminista no século XIX, bem como as mulheres que inauguraram essa modalidade no país, transformando o cenário cultural e a vida das oitocentistas. Desse modo, examinou-se o periódico *A Mensageira*, suas características, seus redatores e sua relevância social, visto que privilegiou a contribuição letrada feminina. Então, abordou-se a produção de Presciliana Duarde de Almeida no veículo, em especial, seus editoriais, que evidenciam o discurso feminista da literata. Para cumprir o objetivo proposto, dispôs-se de aporte teórico oriundo dos Estudos de Gênero e da História da Imprensa, além de fontes históricas e documentais. Os resultados apontam que a escritora granjeou uma posição entre os intelectuais do período devido à crítica social e ao posicionamento feminista que adotou em seus textos, para reivindicar a emancipação feminina e os direitos das mulheres no Brasil.

Palavras-chave: Presciliana Duarte de Almeida. *A Mensageira*. Discurso feminista. Literatura de autoria feminina. Imprensa feminista.

RÉSUMÉ

Cette étude explore le discours féministe de Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944) dans *A Mensageira*: revista dedicada à mulher brasileira (1897-1900), afin de contribuer à la recherche sur la présence des femmes dans L'histoire de la Littérature. Dans un premier temps, il a fallu dresser un panorama de la presse nationale, mettant en avant les premiers typographies, les journaux qui circulaient dans chaque région et le profil des lecteurs de l'époque. Le développement de la presse féminine et féministe au XIXe siècle a été observé, ainsi que les femmes qui ont inauguré cette modalité dans le pays, transformant la scène culturelle et la vie du XIXe siècle. De cette façon, le périodique *A Mensageira*, ses caractéristiques, ses écrivains et sa pertinence sociale ont été examinés, car il privilégiait la contribution des femmes cultivées. Ensuite, la production de Prisciliana Duarte de Almeida a été abordée dans le véhicule de presse, notamment ses éditoriaux, qui mettent en valeur le discours féministe de la femme des lettres. Afin d'atteindre l'objectif proposé, une contribution théorique a été faite à partir des études sur le genre et L'histoire de la Presse, en plus de sources historiques et documentaires. Les résultats montrent que l'écrivain a obtenu une place parmi les intellectuels de l'époque en raison de la critique sociale et de la position féministe qu'elle a adoptée dans ses textes, pour exiger l'émancipation féminine et les droits des femmes au Brésil.

Mots-clés: Presciliana Duarte de Almeida. *A Mensageira*. Discours féministe. Littérature écrite par des femmes. Presse féministe.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fotocópia da capa do primeiro volume de *A Mensageira*..... 51

Quadro 1 – Periódicos femininos publicados em São Paulo de 1870 a 1899..... 33

Quadro 2 – Imprensa feminina e feminista brasileira no século XIX: características gerais 38

Quadro 3 – Quantificação geral de tipologias publicadas em *A Mensageira*..... 55

Quadro 4 – Estados de origem das colaboradoras brasileiras de *A Mensageira*..... 63

Quadro 5 – Estados de origem dos colaboradores brasileiros de *A Mensageira*..... 73

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 10

2 PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA E O PERIODISMO BRASILEIRO 19

2.1 IMPRENSA NO SÉCULO XIX 19

2.2 A IMPRENSA FEMININA E FEMINISTA BRASILEIRA: MULHERES DE LETRAS 30

3 *A MENSAGEIRA*: ORGANIZAÇÃO DA REVISTA 48

3.1 SEÇÕES 54

3.2 PARTICIPAÇÃO FEMININA 62

3.3 PARTICIPAÇÃO MASCULINA 72

4 OS ESCRITOS DE PRESCILIANA: DISCURSO FEMINISTA 85

4.1 PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA: SUA VIDA, SUA OBRA 85

4.2 ESCRITOS EM *A MENSAGEIRA*: EDITORIAIS 92

4.3 OUTROS ESCRITOS 108

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 115

REFERÊNCIAS 120

ANEXOS 132

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante a era colonial, o Brasil padeceu da impossibilidade estrutural quanto à circulação de livros, pois não dispunha de imprensa e estava submetido à censura prévia das autoridades portuguesas. Conforme Rubens Borba de Moraes (1979), as obras *Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift, e *Viagem Sentimental* (1768), de Laurence Sterne, só podiam ser lidas mediante licença, uma vez que estavam na lista de livros proibidos pela Real Mesa Censória[1]. Mesmo após a abertura dos portos, em 1808, eram poucos os livreiros sediados no território brasileiro. O país dependia da indústria editorial em língua portuguesa que, de Londres e Paris, enviava literatura ao pequeno mercado consumidor. (VASCONCELOS, s.d).

Com a fundação da Impressão Régia e a suspensão da censura, estabeleceram-se livreiros franceses[2] no Rio de Janeiro e em São Paulo. Assim, aos poucos, surgiram os anúncios de novelas à venda nas lojas de revistas. Todavia, foram, entre outros, os gabinetes de leitura e as bibliotecas que levaram os romances à população leitora, exercendo papel importante de formadores e mediadores do gosto pelos escritos. Monique de Siqueira Gonçalves e Tânia Bessone (2011) apontam o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (1838), o Gabinete Inglês de Leitura (1826), o Real Gabinete Português de Leitura (1837), a Biblioteca Fluminense (1847) e a Biblioteca da Imperial Associação Tipográfica Fluminense (1854) como instituições que fortaleceram o aparato cultural do período.

A história da leitura nacional inicia por volta de 1830, ano em que a sede da monarquia apresentou aspectos necessários para a formação e o fortalecimento da sociedade leitora. Dentre eles, destacam-se: os mecanismos para a produção e circulação da literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização, mesmo em menor número; o capitalismo incipiente com a expansão da cafeicultura. (LAJOLO, ZILBERMAN, 2011). Sandra Guardini T. Vasconcelos (s.d, n.p) pondera que as obras, em quantidade considerável, eram compostas por histórias sentimentais e contos morais de origem ou francesa ou inglesa, destinadas à parcela alfabetizada, "para quem a leitura de novelas passou a fazer parte do código de boas maneiras a serem seguidas e imitadas".

---

[1] Foi criada por Marquês de Pombal em 1768, a fim de transferir para o Estado a fiscalização a impressão e a circulação de livros no Reino, pois nenhum material deveria entrar na Colônia sem ser submetido à vistoria. Para esse serviço, o rei nomeava os censores, que eram eclesiásticos e funcionários leigos. Antes, a inspeção estava a cargo do Tribunal do Santo Ofício, o Ordinário e o Desembargo do Passo. Aproximadamente, cento e cinquenta títulos foram impedidos de circular até 1796, ano de inauguração da Biblioteca Pública da Corte. (MARTINO; SAPATERRA, 2006).

[2] "[...] mais adiante os editores Laemmert, Garnier e outros foram preenchendo lacunas; livreiros como Paulo Martim e Manuel Jorge da Silva, depois Evaristo da Veiga e Mongie, Paula Brito e o próprio Garnier ocuparam o papel de livreiros" (LAJOLO; ZILBERMAN, 2011, p. 52).

Esses romances deixaram marcas no imaginário brasileiro da literatura, abordando temas recorrentes, a saber, o casamento, a vida privada e doméstica e a usurpação de direitos e heranças, e sugerindo um repertório de acontecimentos, conforme Vasconcelos,

> paixões incontroláveis, sedução, raptos, traições, vilões terríveis, desonra, revelações de última hora, personagens estereotipados (radicalmente bons ou radicalmente maus), etc. Alguns textos, no entanto, já começam a apostar mais na verossimilhança e na plausibilidade, apresentando linguagem e cenas mais próximas do cotidiano, trazendo a história para mais perto da vida comum dos homens comuns, matéria primordial do romance (VASCONCELOS, s.d, n.p).

Os últimos traços do gosto crescente pelo romance no país indicam o aburguesamento dos costumes e a o papel da mulher na sociedade oitocentista.

Também, existiam narrativas anônimas e de escritores associados ao romance popular, isto é, enredos sem qualidade literária que, por seus baixos custos, movimentavam o mercado de novelas brasileiras. Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2011) lembram que esses livros chegavam à mão de mães de família, de donzelas e de jovens que recém principiavam os estudos. Portanto, a reclusão das mulheres, a pouca instrução de que dispunham e o universo limitado em que viviam fez delas público ideal para o consumo de folhetins e narrativas comuns.

Ao longo do século XIX, o hábito de ler aumentou junto com a abertura de gabinetes de leitura. Ana Luiza Martins (1990) observa que, só em São Paulo, havia quase vinte empreendimentos de feição cultural espalhados pela província. Àqueles que não possuíam economias, para adquirir seus impressos nas livrarias, compravam, trocavam e alugavam nas bibliotecas itinerantes. Contudo, de acordo com June E. Hahner (1981), em 1872, o censo revelou 5.077 escolas primárias e secundárias no Brasil, para atender uma população de 10.112.061 habitantes. Desse modo, apenas 1.954.993 pessoas sabiam ler, sendo 1.012.097 homens livres e 550.981 mulheres livres.

Na época, o ensino formal estava germinando, e a escolarização era pensada de forma separada para meninos e meninas. A partir de 1814, elas puderam frequentar os colégios públicos. Diva do C. G. Muniz (2003) avalia que, ao final do século, em 1889, o sujeito feminino compunha cerca de 35% do total de alunos matriculados, desproporção que se deve a:

> questões de natureza moral ou pela importância das filhas e filhos como força de trabalho para a manutenção familiar, isso indica que a legitimação da escola na sociedade enfrentou percursos tortuosos. Não se pode desconsiderar, no entanto, que o Estado flexibilizou a obrigatoriedade do público feminino de frequentar a escola (JINZENJI, 2012, n.p).

As mulheres não foram incentivadas a ler, em virtude dos riscos que implicava informa-se. Os romances eram potencialmente perigosos, visto a possibilidade de identificação com as personagens, suscetível de despertar a recusa dos padrões sociais impostos às jovens pela ideologia majoritária. Assim, os pais permitiam tão somente que as moças fossem prendadas, voltando a educação feminina à religião, noções de língua estrangeira, dança, música, bordado e tarefas do lar.

Norma Telles (2004) assente que a literatura é repleta de códigos culturais, mesmo que fosse um simples passatempo feminino. Logo, reservou-se às meninas as obras de tom doutrinário e os romances populares, produções menosprezadas pelos intelectuais, que reforçavam o lugar social da mulher ao cumprimento do papel de esposa e mãe. (LAJOLO, 1999). A família tornou-se o espaço de refúgio e acolhimento, e ela ficou responsável pela educação dos filhos, como ditava o discurso burguês da 'natureza feminina'. (ROCHA-COUTINHO, 1994). Nesse ínterim, a sociedade oitocentista calcou-se em binarismos, opondo pai/mãe, homem/mulher, superior/inferior, de forma que a cultura masculina exercesse o domínio.

Então, já que os romances e folhetins alcançaram grandes tiragens, desenvolveram-se revistas especialmente para o segundo sexo[3]. Vasconcelos (s.d) assegura que foi um projeto escrito e ilustrado, similar ao que ocorrera na Inglaterra e na França ao longo de todo o século XVIII, e que aqui se corporificou, no papel desempenhado pela imprensa, a difusão do saber. Os periódicos pretendiam oferecer mais do que diversão às leitoras, traziam as seções de variedades, miscelâneas, anúncios, bem como ficções locais e tradução de narrativas estrangeiras consagradas. Por isso, imprensa e literatura são intercomunicantes, "e o fato de a imprensa, durante um certo tempo e em certos casos, financiar a literatura é, talvez, a manifestação mais visível dessa aproximação" (LAJOLO; ZILBERMAN, 2011, p. 69).

O sucesso editorial beneficiou-se do avanço da alfabetização feminina, que ocorreu na época. Por conseguinte, houve a entrada das mulheres no campo literário, que suscitou espanto aos letrados. Fatalmente, até o segundo quartel de oitocentos, entre a imagem de anjo ou demônio, a mulher foi a inspiração do artista, convertendo-se em musa e criatura, mas não em criadora. (WOOLF, 1985). Embora se questionasse a legitimidade das criações assinadas por elas, deram voz aos seus anseios de transformação social, refutando os costumes tradicionais.

A ousadia dessas escritoras ganhou força com o movimento sufragista no mundo, originado na industrialização europeia do século XIX, quando as mulheres saíram do campo

[3] Em 1827, Placher publica *Espelho Diamantino*, o primeiro jornal voltado ao entretenimento do belo sexo na Corte. (DUARTE, 2016). Explorar-se-á sua relevância para a imprensa feminina brasileira no próximo capítulo.

em direção à cidade, para trabalhar nas fábricas, e conscientizaram-se de seus direitos. A inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi a pioneira na luta pelo voto feminino, publicou livros e manifestos sobre o sufrágio. Enquanto isso, no Brasil, a escritora Dionísia de Faria Rocha (1810-1885), sob o pseudônimo de Nísia Floresta, publicou com grande sucesso a obra *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), traduzindo do francês e adaptando *Vindications of the rights of woman* (1792), de Wollstonecraft. Daí em diante, fica nítido seu propósito de interferir no comportamento dos indivíduos da época. (DUARTE, 2013).

Décadas depois, as ideias sufragistas espalharam-se pelos Estados Unidos e influenciaram duas abolicionistas, Elizabeth Cady Stanton[4] (1815-1902) e Lucretia Mott (1793-1880), que participaram da Convenção Mundial contra a Escravidão, em 1840, realizada em Londres. As delegadas compareceram ao evento, mas impediram-nas de falar nas discussões sobre o trabalho cativo. Sem embargo, decidiram responder ao insulto organizando a 1ª Convenção para o Direito das Mulheres, em Seneca Falls, New York, nos dias 19 e 20 de julho de 1848. Consoante Andréa Lisly Gonçalves (2006), o movimento feminista nasceu da luta pela abolição de escravos e seus descendentes.

Em terras brasileiras, constata-se que a literatura de autoria feminina, o movimento feminista e a imprensa dirigida por mulheres despertaram praticamente juntos. Para Constância Lima Duarte (2013), o letramento que receberam preparou à escrita e à crítica, sabido o estatuto de exceção que representavam no universo de analfabetas. A leitura permitiu "que [as mulheres] se dessem conta da opressão a que o sexo estava submetido, insuflando o surgimento de uma obra engajada, tal o tom reivindicatório que os primeiros escritos continham" (DUARTE, 2013, p. 65). Os jornais e as revistas eram os principais veículos da produção feminina. Atuaram como elemento de aglutinação, que deixava suas manifestações públicas.

Timidamente, as mulheres reconhecem a defasagem cultural, política e social existente no Brasil, em comparação à Europa. Aqui, as ativistas precisaram ser consideradas seres pensantes, para, na sequência, pleitear seus direitos. À medida que assumiram identidade, elas batalharam pela representatividade do gênero, que, consoante Joan Scott (2019), é uma categoria de análise calcada nas relações sociais que envolvem os sexos. Essa perspectiva de investigação histórica ficou conhecida nas universidades por volta de 1985[5], momento em que

[4] Posteriormente, presidiu a Associação Nacional pelo Sufrágio Feminino nos EUA. (GONÇALVES, 2006).
[5] Ano em que foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e das Delegacias de Mulheres e ocorreu, na Universidade Federal de Santa Catarina, o seminário Mulher e Literatura, pontapé inicial dos encontros nacionais seguintes.

se identificaram dois polos da crítica literária feminista: o primeiro, revisionista do cânone; o segundo, inovador, pois colocou a mulher autora e leitora, no centro. (HOLLANDA, 2018).

Elaine Showalter (1994) pondera que o foco da crítica feminista passou das releituras para a pesquisa da literatura feita por mulheres. Estuda-se "a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos; a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres" (SHOWALTER, 1994, p. 29). Como não existia uma nomenclatura para esse discurso especializado, Showalter (1994) chamou de *gynocritics*. A ginocrítica oferece outras possibilidades teóricas, além das usuais pela crítica feminista. Enxergar a produção feminina como assunto norteador força a redefinir a natureza do problema teórico, ou seja, não se objetiva reconciliar leituras plurais, mas a questão da diferença dessas criações.

Atualmente, as vertentes do binômio 'mulher e literatura' usam quatro modelos de diferença: biológico, linguístico, psicanalítico e cultural. Cada um vem de uma escola de crítica feminista ginocêntrica diversa, com aportes, estilos e métodos de sua preferência, e juntos reorientam a história da literatura, inserindo as mulheres no *hall* de escritoras. No Brasil, a consolidação da temática foi acontecendo por meio de teses, dissertações e monografias, que se converteram em artigos, ensaios e livros, esmiuçando o potencial literário feminino. Desde os estudos inaugurais, recuperam-se obras, divulgam-se escritoras, revisita-se o que havia sido escrito sobre elas, reavaliam-se os conceitos estéticos e questionam-se os critérios responsáveis pela literatura de qualidade do período. Essas criações femininas:

> não tinham a mínima chance de serem consideradas 'sérias', justamente porque não se enquadravam, do ponto de vista dos críticos, na linha de continuidade instaurada pelas obras modelares, de autoria masculina — o que se poderia chamar de tradição ocidental — nem pelo critério de verdade nem pelo critério de valor. Esses não são critérios sexistas *per se* mas como suporte de uma máquina judicativa nas condições de uma cultura que sempre interpretou o ponto de vista masculino como sinônimo de universal e, portanto, verdadeiro, e o ponto de vista feminino como sendo particular e de valor menor, periférico (SCHMIDT, 1997, p. 86).

O resgate de autoras nacionais resultou em publicações como: *Um discurso feminino possível*: pioneiras da imprensa em Pernambuco (1995), de Elizabete Siqueira *et al*; *A produção literária feminina nos jornais capixabas na segunda metade do século XIX* (1999), de Letícia Nassar Matos Mesquita; *Dicionário de mulheres*, de Hilda Agnes Hubner Flores (1999); *Escritoras brasileiras do século XIX:* antologia (1999, 2004 e 2009), de Zahidé Lupinacci Muzart; *Dicionário mulheres do Brasil*: de 1500 até a atualidade (2000), de Schuma Schumaher e Érico Vital Brazil; *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*: 1711 – 2001 (2002), de Nelly Novaes Coelho; *Além do amor e das flores:* primeiras escritoras cearenses (2008), de Cecília Maria Cunha; *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX* (2010), de Mônica Yumi

Jinzenji; *Mulheres, escrita e feminismo no Piauí (1875-1950)* (2011), de Olívia Candeia Lima Rocha; *Imprensa feminina e feminista no Brasil:* século XIX (2016), organizado por Constância Lima Duarte; *Mulheres gaúchas na imprensa do século XIX:* Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro (2018), organizado por Cecil Jeanine Albert Zinani. São títulos que atestam a atuação significativa da mulher, no cenário cultural do século XVIII até hoje, e reivindicam a visibilidade do sujeito feminino como produtor e sujeito de discursos e saberes. (SANTOS, 2008).

Duarte (2013) frisa que a descoberta de diários, cartas, testamentos e antigos jornais adiciona novos informes acerca das literatas brasileiras. Os documentos iluminam a trajetória de mulheres que, por séculos, sujeitaram-se à autoridade patriarcal e enfrentaram a sociedade para conquistar a pena. Nessa esteira, há Presciliana Duarte de Almeida, importante escritora do último quartel de oitocentos até metade da centúria seguinte, que ajudou a fundar e foi membro da Academia Paulista de Letras. Ela nasceu em 3 de junho de 1867[6] (Pouso Alegre – MG) e faleceu aos setenta e sete anos em 13 de junho de 1944[7] (Campinas – SP). Teve eclética militância na literatura, atuando como poetisa, editora, crítica de arte e organizadora de jornais, além de ter contribuído com textos para semanários e anuários[8], de forma que manteve relações com a intelectualidade de então.

Conhecida pelo pseudônimo de Perpétua do Valle, Presciliana publicou suas obras entre 1890 e 1939[9] e dedicou-se à imprensa feminina no país, sendo uma de suas precursoras. Dirigiu o jornal *O Colibri* (Pouso Alegre – MG), ao lado da prima Maria Clara Vilhena da Cunha, de 1886 a 1890, e *A Mensageira*: Revista literária dedicada à mulher brasileira (São Paulo – SP), de 1897 a 1900, projeto que atravessou os limites geográficos e transformou-se em uma autêntica rede de informação e cultura. Muitas escritoras do século XIX, como Aura Pires, Júlia Lopes de Almeida, Ibrantina Cardona e Revocata de Mello, compartilharam sua produção nas páginas do periódico da autora. Ainda, participou da criação das revistas *A Aurora*[10] e *Educação*, no ano de 1902, que continham estudos e peças teatrais vinculadas ao Grêmio Estudantil do Instituto Silvio de Almeida, escola coordenada por seu esposo, o poeta, cronista e filólogo Silvio Tibiriçá de Almeida (1867-1924).

---

[6] Conforme registro de batismo (ver Anexo A).
[7] Conforme certidão de óbito (ver Anexo A). Diferentemente do que Santos (2000) aponta.
[8] Tais como: *Almanaque Brasileiro Garnier*, *A estação*, *A semana*, *Rua do Ouvidor*, entre outros.

[9] Essas informações são baseadas nas publicações de *O Colibri* (1890), um periódico manuscrito, e *Vetiver* (1939), um livro de poemas, que são, respectivamente, a primeira e última obra de autoria de Almeida.
[10] De acordo com Raissa Nunes Pinto e Estela Natalina Mantovani Bertoletti (2017), a revista intitulava-se *Alvorada.*

Apesar da intensa e longeva atividade literária que Presciliana Duarte de Almeida desenvolveu, são raras as menções de seu nome nos dicionários biobibliográficos. Suas criações só vieram a público após a ampliação dos estudos de gênero, que retomaram a história das escritoras oitocentistas e transformaram o escopo numa linha de pesquisa respeitada, produtiva e legítima no meio acadêmico. Destarte, cerca de 80 textos da autora compõem a *Antologia poétic*a, reunida por Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro Neto e publicada pela Editora da Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, em 1976. Posteriormente, no ano de 1987, a Secretaria de Estado e Cultura e a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo editaram dois volumes fac-similares de *A Mensageira*. Ademais, em buscas nos bancos de dados de teses, dissertações e artigos científicos, verificaram-se poucos trabalhos dedicados à produção de Presciliana e à revista *A Mensageira*, os quais se limitaram a fazer o levantamento de escritores, bem como do conteúdo presente.

Apoiado no fato de que a escritura feminina da época não recebeu atenção da crítica literária, justifica-se questionar: Em que medida a produção de Presciliana Duarte de Almeida, no periódico *A Mensageira*, está comprometida com o seu discurso feminista? O presente estudo, inserido no Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, área de concentração Literatura e Processos Culturais, tem como objetivo geral examinar a produção de Presciliana Duarte de Almeida a partir da análise de seus textos no periódico *A Mensageira*, a fim de verificar em que medida o discurso feminista está presente nos escritos.

No decorrer desta pesquisa, tornam-se relevante os objetivos específicos: a) examinar a história da imprensa feminina e feminista no Brasil, focalizando o papel da mulher enquanto produtora de textos e a representação do sujeito feminino nas suas criações; b) explorar a revista *A Mensageira*, observando seções, autoria feminina e autoria masculina; c) verificar as produções da autora Presciliana Duarte de Almeida publicadas na revista *A Mensageira;* d) investigar as características literárias dos textos selecionados, com base no aporte teórico da crítica feminista – ginocrítica; e) examinar em que medida a produção de Presciliana Duarte de Almeida analisada está comprometida com o discurso feminista da autora.

O interesse por este trabalho surgiu a partir da aprovação do projeto de pesquisa intitulado "Reiluminação de escritos de autoria feminina na Revista *A Mensageira*" (MENSAGEIRA), coordenado pela professora Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani (UCS), que reúne pesquisadores da Universidade de Caxias do Sul e possui vínculo ao Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter. Nele se propõe fazer o levantamento do material publicado na revista feminina *A Mensageira*, dirigida por Presciliana Duarte de

Almeida, com o objetivo de aprofundar os estudos sobre a imprensa feminina, resgatando um periódico que marcou época, haja vista os autores presentes nessa publicação.

O ineditismo desta proposta fortifica a consciência crítica de cunho feminista, que está no seio dos estudos sobre mulher e literatura. Para tanto, atenta-se à supressão de estereótipos sexuais, estabelecidos culturalmente na sociedade, e à denúncia de preconceitos associados ao imaginário feminino ou às demais minorias. Reconhecer o que representou o movimento feminista é o primeiro passo para superar as barreiras sociais impostas, porque, diferentemente do que ocorre em outros países, o Brasil resiste quando o assunto é feminismo, um movimento revolucionário que logrou alterar a relação de homens e mulheres. Para Teresa de Lauretis (2019), o gênero constrói uma relação de pertencimento, algo social que não pode ser entendido como sexo, a condição natural das pessoas. Dessa maneira, a literatura atua socialmente como instrumento performador de identidades culturais, conceito pertinente elaborado por Judith Butler (2019), e a imprensa foi uma forma de registro dessas mudanças ao longo do tempo. (PERROT, 1998).

Inicialmente, este estudo realizar-se-á por meio de pesquisa bibliográfica. Aportes teóricos serão utilizados para a análise dos textos de autoria de Presciliana encontrados nos periódicos, como Del Priore (2004), Hahner (1981), Perrot (2009) e Okin (2008), focalizando elementos relacionados a: imprensa feminina e feminista; imprensa feminina e feminista no Brasil; representações do feminino. Na sequência, desenvolver-se-á a seguinte agenda metodológica: a) Revisão de aspectos sobre: estudos culturais de gênero, imprensa feminina e feminista, desenvolvimento da imprensa feminina e feminista no Brasil; b) busca de documentos que possam complementar a biografia da autora; c) levantamento dos textos de autoria de Presciliana Duarte de Almeida presentes nos periódicos *A Mensageira*; d) leitura e análise, a partir do aporte apresentado, dos escritos selecionados; e) discussão do perfil literário feminista da autora, encontrado nas produções, e busca do reconhecimento de seu discurso feminista.

Diante do exposto, a dissertação constitui-se de cinco partes. A primeira é a história do percurso da escritura do presente texto, as considerações iniciais, e, o último, são as considerações finais. O segundo, ocupa-se em apresentar aspectos da imprensa brasileira no século XIX, destacando o contexto histórico-cultural vigente. Nesse trajeto, examinam-se periódicos como fonte primária, a fim de resgatar a produção literária feminina oitocentista. Assim, buscam-se os títulos iniciais do periodismo no país, sublinhando aqueles destinados às mulheres e organizados por elas. Também, evidenciam-se os principais nomes da literatura de

autoria feminina e suas produções, bem como a contribuição das mulheres para a solidificação da imprensa feminista nacional.

A terceira etapa delineia a organização da revista *A Mensageira*, enfatizando as diferentes seções do impresso e suas características. Depois, apresentam-se a participação feminina e a participação masculina no periódico, listando os autores e textos de maior eloquência. Em linhas gerais, mapeia-se o lugar de origem dos colaboradores e os traços relevantes da produção de: Áurea Pires, Guiomar Torrezão, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria Clara da Cunha Santos, Maria Emília Lemos, Cândido de Carvalho, João Vieira de Almeida, Silvio de Almeida, Pelayo Serrano e Xavier de Carvalho.

Na quarta parte, concentra-se a investigação sobre a produção literária de Presciliana Duarte de Almeida em *A Mensageira*, para evidenciar o discurso feminista de seus escritos. Primeiramente, resgatam-se os dados biobibliográficos da autora, muitos desses apontamentos inéditos. Há uma breve leitura de cada obra publicada por ela e o resumo de sua trajetória intelectual. Quanto ao conteúdo da revista, optou-se em analisar, entre outros aspectos, os editoriais, especialmente, “Duas palavras”, “A primeira avançada” e “Direitos da mulher”. São produções em que Presciliana manifesta o seu ativismo político e a voz feminista, defendendo o direito de as senhoras oitocentistas participarem da sociedade brasileira e serem reconhecidas como sujeitos políticos. Nessa etapa, são pertinentes os estudos de Hahner (1981), Okin (2008), Perrot (2009) e Rocha-Coutinho (1994) acerca do discurso feminista e da organização social no século XIX.

2 O PERIODISMO BRASILEIRO

Este capítulo está organizado em duas seções: a primeira apresenta um breve mapeamento do desenvolvimento da imprensa brasileira, abrangendo desde suas origens até o final do século XIX, período em que *A Mensageira* foi criada. Nesse momento, exploram-se fontes históricas e destacam-se os principais jornais que circularam, em diferentes regiões do país. Em seguida, busca-se delinear o periodismo produzido para mulheres e por mulheres, discutindo-se as condições sociais vigentes, para a inserção do sujeito feminino na imprensa nacional. Sublinham-se as protagonistas da produção letrada, bem como a importância da imprensa feminina e feminista, para a formação cultural e intelectual das senhoras oitocentistas.

2.1 A IMPRENSA NO SÉCULO XIX

A pesquisa sobre a imprensa e o itinerário de jornais no Brasil conta com uma bibliografia alentada. Todavia, as edições fac-similares e os catálogos contendo os títulos de diários e revistas que circularam em diferentes partes do país, não são encontrados com a mesma facilidade. Ainda que a importância desses impressos seja reconhecida há tempos, a preocupação em escrever uma história da literatura, por meio da imprensa, faz parte de estudos de pesquisadores da área de Letras apenas na contemporaneidade.

O acesso a esses documentos não atraiu o interesse da crítica no passado, pois o pesquisador deveria estar distante do objeto de estudo, isto é, valer-se de fontes objetivas, neutras e fidedignas à realidade. Nessa época, estabeleceu-se uma fórmula qualitativa para os escritos, que conduzia o trabalho imparcial dos especialistas. Quando se pensava em recuperação do passado, descartavam-se os jornais sob o argumento de que seus registros eram fragmentados e realizados a partir de interesses.

A Escola dos *Annales* propunha analisar os periódicos sob novas abordagens. Somaram-se à corrente os aportes teóricos provenientes de outras áreas de humanidades, a saber, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a Linguística, a Semiótica e a Literatura, que incentivaram a interdisciplinaridade e proporcionaram a reflexão acerca das fronteiras da historiografia. Tania Regina de Luca (2005, p. 113) explicita que essa:

> [...] novidade parece estar ligada a três processos: novos problemas colocam em causa a própria história; novas abordagens modificam, enriquecem, subvertem os setores tradicionais da história; novos objetos, enfim, aparecem no campo epistemológico da história.

Para Peter Burke (1991), a mudança no conceito de documento histórico é fruto da *Nouvelle Histoire*, conduzida a partir de 1930 na França, pela Escola dos *Annales*. Essa perspectiva da história rechaça a narração e a descrição, dando lugar ao problema e à explicação. Por isso, volta-se à natureza, à paisagem, à população, à demografia, às trocas e aos costumes, abandonando-se os fatos isolados. André Burguière (1979) considera que a nova fórmula tem heranças do marxismo, pois a renovação metodológica apreendeu simultaneamente os diferentes aspectos da vida social, tais como economia, política e psicologia.

A principal reformulação foi a inovação temática, tendo em vista que a abordagem do mito, das mentalidades, do corpo, dos jovens, das crianças e das mulheres, questões que eram raras no cotidiano do pesquisador de literatura. No que tange às mudanças mais profundas, está a transição de uma análise macroeconômica, para a focalização da história dos sistemas culturais. (REIS, 2000). O crescimento do estudo sobre a diferença possibilitou o resgate da cultura não-hegemônica. Nesse momento, História e Literatura unem-se a fim de investigar as práticas e as manifestações sociais das culturas de resistência na imprensa feminina brasileira.

Luca (2005) assente que o campo historiográfico sofreu uma virada linguística e semiótica, que forçou a discussão sobre referências externas ao discurso. Mudou-se a forma de inquirir o texto, interessando-se mais pela maneira como é dito do que pelo conteúdo em si. Os escritos valem-se das entrelinhas. Trata-se da aproximação entre história cultural e história política, abandonada durante a primeira geração dos *Annales*, de 1930 a 1947, período em que se evidenciaram aspectos econômicos e sociais e rejeitaram-se a política, os parlamentares, os partidos e o Estado.

Em 1970, a Escola trocou de direção, Jacques Le Goff e seus companheiros desenvolveram a nova história, orientação de múltiplas facetas que perdura até o presente. Essa virada epistemológica abriu-se para a micro história, a história do cotidiano, a história vista de baixo e a história regional. Deslocou-se da história da sociedade em geral, para a história dos pequenos grupos. Conforme Raul Carrion (1996), valoriza-se o imaginário, o simbólico e o periférico. Agora, o indivíduo passa a ser o centro da ação, multiplicando a investigação biográfica.

Nesse ínterim, a imprensa passou a figurar como uma importante fonte primária para os pesquisadores, objeto de abordagens históricas e literárias. Coloca-se em questão a produção e o consumo dos impressos. A título de exemplo dessa imbricação, cita-se a cidade de São Paulo, no final do século XIX e início do XX, e o circuito do livro estabelecido, contendo: gêneros textuais, tiragens, distribuições, publicidades, editores, livreiros e livrarias. (LUCA, 2005).

A diversidade de temas para a historiografia, bem como a escolha de periódicos como fonte de pesquisa, vem ao encontro do resgate da produção literária feminina em periódicos, apoiada nos estudos culturais de gênero. Antes, as revistas eram meramente receptáculos de informações que o pesquisador extraía para confirmar o que queria dizer. Isso ocorria porque se acreditava que a imprensa estava submetida às classes dominantes, ressoando valores, interesses e ideologias. Na época, aqueles que faziam dela o seu objeto de estudo, recebiam pouca credibilidade na academia. (MARTINS, 2008).

Outrossim, como o objeto desta discussão é o periódico *A Mensageira*, entende-se que a imprensa representa um instrumento de informação e de intervenção na vida da população. Gênero, etnia, raça, identidade, modos de vida, experiências, práticas políticas, formas de lazer, teatro e literatura não podem ser dissociados dos acontecimentos citadinos e do processo de urbanização que aconteceu no país. Dessa forma, cabe esboçar o cenário histórico em que a publicação figurou, a fim de que se compreendam os pormenores da imprensa brasileira no período.

Enquanto, no continente europeu, os papéis impressos datam o século XV, na América Latina, as tipografias tardaram a chegar. M. D Moreira de Azevedo (1965) afirma que o primeiro trabalho tipográfico do Brasil foi realizado pelo impressor português Antônio Isidoro da Fonseca, em 1747[11]. Fonseca abriu seu negócio no Rio de Janeiro e imprimiu: *Relação da entrada*, do Bispo F. Antônio do Desterro, redigida pelo juiz de fora Luís Antônio Rosado da Cunha; *Em aplauso*, um romance heroico do mesmo Bispo; onze epigramas em latim e um soneto em português; *Conclusões metafísicas* em latim, defendidas no Colégio de Jesus pelo estudante Francisco Fraga e estampadas numa só página de fólio (SODRÉ, 1966). Oficialmente, a origem da imprensa brasileira aconteceu em 13 de maio de 1808[12], ano de instalação da Impressão Régia, editora responsável pela impressão de almanaques, folhetins, legislação, livros e periódicos. No entanto, de acordo com Ana Luíza Martins e Tania Regina de Luca (2015), o primeiro jornal foi produzido em Londres e intitulou-se *Correio Brasiliense*, de Hipólito José da Costa, também lançado em 1808, o mesmo ano em que a Corte Portuguesa se instalou no Rio de Janeiro.

Rapidamente, o Império viu a expansão das publicações periódicas. Nelson Werneck Sodré (1966) estima que o período pré e pós independência do Brasil, no final da década de

[11] A tipografia de Fonseca não completou um ano, o governo tratou de desfazer o negócio logo. (AZEVEDO, 1965).
[12] Todavia, Eduardo Frieiro (1981) e Márcia Abreu (1999) verificaram que, no período anterior, houve a circulação de impressos.

1920, foi publicada outra série de impressos. Grandes cidades, feito a capital paulista, dispuseram de pasquins e panfletos, que dividiram o espaço das tipografias com os jornais. De 1880 a 1900, São Paulo registrou aproximadamente 1.500 títulos, sobretudo, jornais simples, com duas páginas, ganharam a simpatia dos intelectuais. (MARTINS; LUCA, 2015). Eram veículos de expressão das ideias relacionadas à liberdade e ao patriotismo, em contraposição às de tirania e escravidão.

Para Maria Helena Capelato (1988), o crescimento da imprensa constituiu lócus político de identificação e enfrentamento, batalhava-se para conquistar as mentes leitoras. Nesses termos, o periodismo estabeleceu-se como elemento cultural do século XIX, uma vez que, na fase inicial, a produção e circulação de jornais alimentava-se da imprensa áulica. Segundo Keith M. Baker (1987), essa atividade política da esfera jornalística molda discursos e práticas em que os indivíduos ou grupos sociais articulam, negociam e implementam demandas divergentes entre si, relacionando-se aos grupos aos quais pertencem ou são excluídos.

Tempos depois, no período joanino, a coroa implementou a censura literária novamente, divulgando "uma lista com títulos e critérios para a interdição de obras. Entravam parâmetros religiosos, políticos e morais[13] – numa atitude não muito diferente do que ocorria (com diferentes gradações) em todas as partes do mundo ocidental" (MOREL, 2015, p. 24). A proibição perdurou até 2 de março de 1821, dia em que o Governo do Rio de Janeiro, preocupado com o progresso e a civilização das letras, aparentemente, aboliu a censura prévia dos escritos, mas implantou multa e prisão, para os abusos que se cometeriam. Em 31 de março do corrente ano, decretou-se o fim da Inquisição, e a inspeção de impressos ficou aos cuidados do Ordinário, fé cristã, e do Desembargo do Passo, ordem política. Essa suposta liberdade de imprensa provocou o aumento de obras anônimas, o que levou D. Pedro I a proibir, em 1822, a publicação de escritos sem autoria. (MARTINO; SAPATERRA, 2006).

Entretanto, a censura não conseguiu restringir o periodismo e a literatura no Brasil. Antes de 1808, contabilizaram-se trezentas obras de autores brasileiros. Os escritores publicaram na Europa

> não só livros, mas impressos anônimos, relatando festejos e acontecimentos, antologias e índices, além de alguns manuscritos inéditos [...] Eram textos variados: desde narrativas históricas até poesias, passando pela agricultura, medicina, botânica, discursos, sermões, relatos de viagens e naufrágios, literatura em prosa, gramática e até polêmicas (MOREL, 2015, p. 24).

[13] "É evidente que a má elaboração das listas e a dificuldade de acesso ao Index de livros proibidos desencadearam dúvidas, desavenças e disputas entre os censores" (MARTINO; SAPATERRA, 2006, p. 5).

O nascimento da imprensa periódica nacional não aconteceu em um limbo de cultura[14], pois a população recorria a formas de comunicações diferentes, às quais a imprensa foi adicionada, como um opúsculo de 18 páginas, em que 15 eram impressas e as demais escritas à mão, publicado em Minas Gerais pelo Pe. Joaquim Viegas de Meneses, no ano de 1807. (SODRÉ, 1966). O periodismo emerge em uma época de transformações na organização social. Doravante, os setores da sociedade que ficavam à margem obtêm informações políticas com a circulação dos papéis impressos, aqueles que não sabiam ler entravam em contato com a temática, seja como ouvintes de leituras públicas, seja debatendo em espaços de sociabilidade. Consequentemente, os jornais alcançaram mais leitores, embora fossem produzidos e financiados pelo centro.

Então, sobrelevou-se a oposição de concepções políticas entre o *Correio Brasiliense* e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, criada em setembro de 1808. A *Gazeta* defendia o Império, e o *Correio* criticava-o. Os dois impressos tinham características em comum, acreditavam que a melhor forma de poder era a monarquia e apoiavam o projeto de união do Brasil com Portugal. Nas primeiras décadas do século XIX, a imprensa empregou a "opinião pública" com a finalidade de justificar a sua posição política. Essa expressão derivou da política moderna pós-absolutista que precisava creditar os discursos na sociedade, quer dizer, "a opinião pública era um recurso para legitimar posições políticas e um instrumento simbólico que visava transformar algumas demandas setoriais numa vontade geral" (MOREL, 2015, p. 33).

De mais a mais, despontou a profissão de redator panfletário. Esse homem de letras, hoje denominado jornalista, foi "o tipo de escritor patriota, difusor de ideias e pelejador de embates", que pertencia a uma das "grandes tendências: de um lado, um heterogêneo conjunto de escritores liberais e, de outro, defensores da monarquia" (MOREL, 2015, p. 36). Nesse estágio da imprensa brasileira, mesclavam-se as dimensões opinativas e informativas, de cunho local, nacional e internacional, motivo que influenciou alguns títulos a terem poucas edições. Os periódicos não eram sólidos, e financiar as tiragens demandava altos recursos.

Considera-se que a primeira metade do século XIX foi marcada pela ampliação do público leitor, das tiragens e do número de títulos, dando à escrita impressa relevância. Os agentes culturais formaram redes de sociabilidade na imprensa periódica, para conversar acerca da constituição do Brasil. Esses redatores desejavam que seus leitores retransmitissem o

[14] Desde 1778, a *Gazeta de Lisboa* circulou no país. O mesmo aconteceu com algumas publicações portuguesas e de outras partes do continente europeu que foram lidas durante o século XVIII pelos brasileiros. Aludiam-se à divulgação de cultura, utilidade, notícia, ciência, literatura e história. (MOREL, 2015).

conteúdo publicado nos jornais. Para tanto, Morel (2015) aventa que a imprensa da época formulou incontáveis projetos de nação, no formato de manifestos coletivos.

Nessa esteira, em São Paulo, que se encontrava em ebulição jornalística, foi instalada a Academia de Direito do Largo de São Francisco, criada por D. Pedro I, em 11 de agosto de 1827. Após a fundação da instituição, a produção intelectual paulista adveio das turmas ali diplomadas[15]. Eram "aprendizes do poder, que se expressavam quase que exclusivamente pelas folhas da imprensa" (MARTINS, 2015, p. 59). Para os bacharéis, a atuação nos periódicos foi uma maneira de ganhar visibilidade e ascender no cenário político brasileiro. Alguns estudantes arriscaram-se à produção de literatura, no período em que o Romantismo imperou. Entre os gêneros elaborados, enfatizam-se a poesia, o teatro e as narrativas ficcionais. Porém, receosos por dividirem suas funções públicas com as letras, optaram pelo anonimato. É o caso de José de Alencar, que, pretendendo assumir uma posição no governo, publicou anonimamente a obra *O guarani*, em 1857, no *Diário do Rio*.

A geração romântica foi essencial para a propagação da literatura no país. Autores como Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Castro Alves e Fagundes Varela, acadêmicos da Faculdade de Direito, e Joaquim Manuel de Macedo, acadêmico de Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, divulgaram suas criações literárias em jornais de São Paulo. Essa produção dividiu as páginas com matérias políticas, tema que excitou o periodismo desde o princípio. Entretanto, no Segundo Reinado, fogem à regra dois exímios escritores, José Maria Machado de Assis e José do Patrocínio, cariocas de origem humilde que se revelam autodidatas no jornalismo.

Em meio ao maior conflito armado internacional da América do Sul, a Guerra do Paraguai, a eloquência dos bacharéis deu espaço ao condoreirismo. Vieram à tona jornais satíricos, que, para atrair leitores, flertavam com as polêmicas da monarquia. Um exemplo foi o conto "As joias da Coroa", de Raul Pompeia, nas páginas da *Gazeta de Notícias*, publicado após o roubo das joias da Imperatriz Teresa Cristina em 1882, no palácio da família imperial. Pode-se pensar que esses panfletos difamadores integraram a imprensa sensacionalista da República.

A cena retrocede, quando ocorre a restauração da monarquia em 1840, e D. Pedro II é coroado o imperador do Brasil aos quatorze anos. Dado isso, Martins (2015, p. 47) ajuíza que a imprensa foi conduzida por um governo conservador e católico, impedindo-a de ser livre e crítica,

[15] Antônio Barreto do Amaral (1978) contabilizou 230 jornais publicados pelo corpo discente da São Francisco.

> [...] e mais: o caráter mercantil, inerente àquela atividade, ainda não encontrava consumidores que a tornassem lucrativa no quadro da ordem escravocrata, do fraco comércio interno e do analfabetismo reinante. Logo, a despeito da protagonização da mudança, o Brasil permanecia o mesmo.

As associações de redatores do Primeiro Império perdem a força, para defender suas bandeiras e interesses nos impressos.

A economia nacional se avolumou com o aumento da exportação de café, um os produtos mais vendidos do comércio brasileiro desde 1930. Esse mercado impulsionou as conquistas do país e da imprensa, fazendo o período de 1841 a 1889 ficar conhecido como o Império do Café. Assim, a história da imprensa alicerçou-se no cultivo dos grãos, dividindo-se em dois núcleos:

> O primeiro, de 1841 a meados da década de 1860, o qual predominou o discurso conservador e áulico, a despeito das costumeiras vozes dissonantes; o segundo, sobretudo de 1868 em diante, quando da queda do Gabinete liberal de Zacarias de Góes e Vasconcelos, que figurou como porta-voz de credos diversos, reunindo polifonia de falas que pregavam a liberdade de religião, a emancipação e/ou liberação do escravo (MARTINS, 2015, p. 47).

Esse último grupo, por ser favorável ao advento da república no Brasil, alterou os ânimos dos defensores da monarquia.

No Segundo Império, os interesses políticos guiaram a imprensa. Tanto o partido Conservador quanto o partido Liberal condicionam suas identidades ideológicas às páginas de seus próprios jornais. A maior parte dos textos é assinada por membros eruditos da corte. Do outro lado, há jornais e panfletos ousados, que apontam as mazelas e práticas governamentais anonimamente. Essas denúncias mostram as revoltas sociais que estavam em curso no Brasil: a Revolução Liberal, de 1842, em São Paulo e Minas Gerais; a Revolução Farroupilha, de 1835 a 1845, no Rio Grande do Sul; a Revolução Praieira, de 1842 a 1849, em Pernambuco.

O jornalismo partidário de maior expressão atuou em Recife, separado entre liberais (praieiros) e conservadores (guabirus). Cada grupo dispunha de tipografia própria para a publicação diária ou semanal de almanaques, jornais e panfletos. A exemplo do *Diário Novo*, jornal liberal com sua editora sediada na Rua da Praia, e do *Diário de Pernambuco*, o jornal conservador mais importante da província, os títulos informaram o povo sobre a situação política local. Nessa vertente, a distribuição de panfletos políticos toma as ruas do Estado. Mesmo que seus conteúdos comumente gozassem de tom ácido, dessa vez, a autoria transpareceu. Entre os impressos de ressonância citam-se: *Aurora Pernambucana* (1821), de Luiz do Rego Barreto; *Ação, reação, transação* (1855), de Justiniano Rosa da Rocha; *Conferência dos divinos* (1867), de Antônio Ferreira Viana; *Cartas de Erasmo* (1865-1866), de José de Alencar.

A proteção aos direitos autorais proveio da França revolucionária, que, em 21 de julho de 1793, promulga a lei que confere o batismo do autor moderno. Lajolo e Zilberman (2011) inscrevem que os românticos foram os primeiros beneficiários de tal conceito textual no Brasil. Identificou-se:

> [...] o literário com o novo, único e original, e o trabalho do escritor com atividade particular e solitária, expressão íntima de um indivíduo que ajuda a difundir o privilégio do texto. Ao sublinhar valorativamente a inventividade e o subjetivismo, o Romantismo rompe com a tradição medieval e clássica, que encarava atos de escrita, literários ou não, como retomada ou imitação de outros já existentes e consagrados. Para essa tradição, escrever era reescrever; proclamou-se o contrário, destacando a criatividade do texto e a genialidade do autor (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, P. 50).

Mas a circulação do texto como produto manufaturado a ser comercializado com vistas de lucro contradiz o que a modernidade concebe, o autor precisa da transação monetária realizada pelo editor, o fabricante da mercadoria, para sustentar-se. Por causa disso, competiu ao artista de oitocentos se posicionar frente a questão da profissionalização. Já que a imprensa periódica se propagou nas províncias da Bahia, Maranhão, Minas Gerais, São Paulo e Pernambuco, os redatores tornaram-se sujeitos assalariados.

Agora, além da temática política, as matérias tratavam de aspectos administrativos, econômicos e sociais. A capital do Império acolheu os mais talentosos agentes culturais do Brasil, para trabalharem na imprensa local. Nomes como os de Saldanha Marinho, Ferreira Viana e Francisco Octaviano de Almeida Rosa abrilhantaram as páginas do *Correio Brasiliense* (1808) e do *Jornal do Comércio*[16] (1826). Eles iniciaram suas carreiras em províncias distantes, e, por conta da exímia escrita, alçaram voos para o RJ.

Em conformidade com Martins (2015, p. 52), "a imprensa guardou desses anos uma divisão precisa: aos jornais, o debate político; às revistas, a reflexão cultural". Por isso, os pequenos jornais diminuíram, e permaneceram as publicações alentadas, responsáveis pela comunicação oficial do governo, informando às províncias o quadro administrativo da monarquia. Inclusive, colaboraram na divulgação de anúncios comerciais, ferramenta essencial para o recente mercado de compra e venda nacional.

Contraparte necessária para a criação do trabalho livre em 1820, a imprensa de propaganda ajudou os empregados que buscavam serviço e os empregadores que anunciavam

[16] Atualmente, é o diário mais antigo da América Latina em circulação. Foi criado por Pierre Plancher, um francês que investiu na imprensa brasileira, reunindo os melhores redatores locais, entre eles José de Alencar e Joaquim Nabuco. No Jornal do Commercio, dissertou-se acerca "das questões sociais e econômicas em curso, como a liberdade dos escravos sexagenários, a questão religiosa, eleitoral, federativa, militar e, finalmente, a abolição da escravatura e o destino do próprio regime" (MARTINS, 2015, p. 54).

o perfil do trabalhador desejado. Marcus F. M. de Carvalho (2006) recorda que, por volta de 1840, as mulheres também publicavam em periódicos, procurando trabalho. Os seus anúncios

> não ficavam numa seção separada nos jornais. Eles compartilhavam o mesmo quadro dos avisos de compra e venda de cativos, o que denota que o trabalho livre ainda não se separara totalmente da matriz escravista. Até as mensagens de professoras em busca de emprego situavam-se em local idêntico àquele [...] havia formas alternativas de pagamento, visando compensar os salários baixos e incertos. A expressão popular "casa, comida e roupa lavada", ainda em uso, é o resumo de uma contrapartida não monetária ao trabalho doméstico (CARVALHO, 2006, p. 179).

Essas práticas comerciais do Segundo Império comprovam que o trabalho da população livre[17] não era prestigiado.

De todo modo, por mais que as editoras se alastrassem na capital carioca, em razão da impressão gráfica por prelo[18], havia províncias afastadas da corte que não possuíam veículos de comunicação impressa. O Amazonas custou a sediar uma tipografia, em virtude da insuficiência de leitores potenciais. Seus habitantes falavam a língua nheenguatu, do tronco tupi, reduzindo a probabilidade de consumirem obras em língua portuguesa. (MARTINS, 2015). Somente em 1850 fundou-se o jornal *Província do Amazonas*, o pioneiro local.

Inusitadamente, Minas Gerais possui Academias Literárias desde o século XVIII, uma vez que sua urbanidade derivou da extração de minério nas cidades de Vila Rica e São João Del Rey. Nesse território, surgiram literatos de todos os estilos, que escreveram sobre a monarquia sem deixar a literatura esquecida. O *Compilador Mineiro* (1823) foi o primeiro jornal do estado, fundado pelo Pe. Joaquim Viegas de Meneses, em Ouro Preto. (COSTA FILHO, 1955). Em período similar, a província de Rio Grande (Rio Grande do Sul) recebeu suas primeiras tipografias, que, anos depois, sobressaíram-se por ter prelos capazes de imprimir livros. Um dos títulos que inaugura a galeria de obras gaúchas é *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses* (1834), de Delfina Benigna da Cunha, cuja primeira edição foi impressa pela Tipografia de Fonseca & Cia, em Porto Alegre. (GOMES, 2015).

A partir das últimas décadas do século XIX, o mundo do trabalho começou a mudar para o brasileiro. Os processos de industrialização ocasionaram um novo formato ao cotidiano das grandes cidades. Esse aumento populacional transformou algumas capitais brasileiras em efervescentes centros culturais. A título de exemplo está São Paulo, a cidade de *A Mensageira*. Por intermédio da imprensa, difundiram-se as letras e o viver urbano:

---

[17] Formada por negros que tinham recebido alforria recentemente. Lajolo e Zilberman (2011, p. 52) destacam que esse dado foi "a marca mais ostensiva do atraso cultural, emblema de uma economia que a modernização escandalizava".

[18] Em 1845, os equipamentos da Impressão Régia foram substituídos e passaram a imprimir no papel *couché* com formatos diversos.

> A aceleração do tempo e o confronto com os artefatos que compunham a modernidade (automóveis, bondes, eletricidade, cinemas, casas noturnas, fonógrafos, câmaras fotográficas) [...] novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades, os conflitos e os esforços das elites políticas para impor a sua visão de mundo e controlar as "classes perigosas", a constituição dos espaços públicos e os meandros que regiam seu usufruto e circulação, as intervenções em nome do sanitarismo e da higiene, a produção cultural e as renovações estéticas (LUCA, 2005, p. 120).

No conteúdo dos impressos, imbricam-se essas circunstâncias, cujas publicações, não ao acaso, questionavam os projetos presentes e debatiam a sociedade brasileira do futuro.

Sodré (1966) ratifica que existiram inúmeros estilos periódicos: almanaques; folhetos publicitários; jornais de associações recreativas e de bairros; jornais dedicados a etnias específicas; folhas editadas por sindicatos; matutinos e revistas de variedades, o principal produto da indústria cultural na ocasião. A cobertura da imprensa, em múltiplos ambientes, calhou-se por conta da pluralidade de materiais oferecidos. Entretanto, o gênero revista é o que mais se individualizou em comparação aos demais.

A introdução da revista dimana dos impressos consagrados na Europa, que concediam à literatura um lugar especial. Os títulos de vanguarda no país foram *As Variedades ou Ensaios de Literatura* (1812), da Bahia, e *O Patriota*: Jornal literário, político e mercantil (1813), do Rio de Janeiro. (MARTINS, 2015). Essas revistas de variedades apresentavam diagramação cuidadosa, de acesso fácil, e reservavam espaço para imagens e conteúdos distintos, notícias, curiosidades do país e do mundo, piadas, crônicas, poesias, conselhos médicos e amorosos, moda, regras de etiqueta, notas policiais, jogos e charadas. Com a riqueza de seções, ambicionava-se agradar diferentes públicos, posto que a publicação dependia da assinatura do maior número de interessados, para que se mantivesse ativa.

Um tipo de revista que ponteou foi a publicação de caricaturas. Por intermédio da comicidade, os impressos representaram o cotidiano da nação. A primeira caricatura reportada em um periódico brasileiro é de Manoel de Araújo Porto-Alegre[19], no *Jornal do Comércio* (1837). O gaúcho visou fugir da censura do governo e aproximar-se do leitor inexperiente, fazendo uma crítica social, a partir da linguagem visual e simbólica. Comumente, o foco das sátiras era a temática escravocrata, política e eclesial.

Nesse hiato, minimizou-se o jornalismo político, e proliferou o fluxo de folhetins de pé de página, que antes comportava fascículos literários, contendo comentários sobre teatro, crônicas e resenhas, até que o romance seriado invadiu o lugar, "a tal ponto que o nome folhetim passou a designar esse tipo de ficção e não mais aquela seção variada" (BUITONI, 1986, p. 39).

[19] Foi pintor, arquiteto, cenógrafo, poeta, dramaturgo, político, diplomata e o primeiro caricaturista brasileiro. Desenvolveu o retrato caricatural, sendo o primeiro profissional desse ofício no país. (MAGNO, 2012).

A moda foi importada da França e consistiu na transcrição de trechos de obras consagradas, para os rodapés dos periódicos. *A priori*, em 1838, o *Jornal do Comércio* publicou um sucesso estrangeiro: *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas. Divulgar um romance em folhetim era como fazer um teste de recepção. Editava-se em forma de livro, se conquistasse o público. Muitas das principais obras da literatura brasileira saíram como folhetim, a saber, *Memórias de um sargento de milícias* (1852), de Manuel Antônio de Almeida, no *Correio Mercantil*; "A mão e a luva" (1874), de Machado de Assis, em *O Globo*; *Quincas Borba* (1886-1891), de Machado de Assis, em *A Estação*[20]; entre outras.

A publicidade também esteve presente nos jornais, sendo considerada a maior fonte de recursos dos impressos, visto que financiava as tiragens. Com o passar do tempo, os anúncios sofreram adaptações na estrutura e na linguagem. De acordo com Luca (2005), alguns periódicos tinham um profissional responsável pela venda dos espaços destinados à propaganda. Dessa maneira, por volta de 1910, criaram-se empresas para desempenhar a função, dada a demanda do mercado. As propagandas estavam por todo o canto, misturaram-se na paisagem urbana. Martins (2001) investigou, em São Paulo, a publicidade exposta em muros, bondes, casas de espetáculos, restaurantes, almanaques, jornais e revistas, a fim de compreender as representações sociais da cidade no século XIX. A pesquisadora acredita que a composição multifacetada da sociedade paulistana, seus diferentes núcleos e padrões comportamentais, foram motivados pela modernização que viria.

A solidificação do periodismo paulista deve-se à prosperidade da agricultura, da indústria e do comércio. Na área urbana, as transformações sociais acompanharam a evolução dos meios de transporte, do vapor dos trens[21] para as rotativas. Resumidamente, levou-se a notícia pelo trem, informando as regiões mais longínquas. Maria Lúcia G. Pallares-Burke (1998) distingue os jornais produzidos no Brasil pelos valores e ideias iluministas presentes. Dentro de um programa civilizatório, eram propensos à educação do leitor. Assim, um número significativo de periódicos brasileiros e latino-americanos referia-se à metáfora da luz, cujos títulos variavam os termos: aurora, despertador, farol, lanterna e mentor. Igualmente, a temática foi abordada em textos que defendiam a participação social e o patriotismo.

A elite agrária paulistana contava com escritórios em Paris e produziu seus periódicos em terras francesas. Nos impressos, as campanhas publicitárias facilitaram o contato do leitor com hábitos e produtos que estavam em alta na França. Os redatores relatavam o dia a dia da

[20] De acordo com Jaison Luís Crestani (2008), a temática principal da revista era a moda, caracterizando as tendências vitorianas.
[21] No Rio de Janeiro, a ferrovia foi inaugurada em 30 de abril de 1854. (MARTINS, 2015).

realeza europeia, manifestando admiração pelos costumes aristocráticos e a vida sofisticada na Corte. As casas reais inspiraram o desenvolvimento da *Belle Époque* em São Paulo, vendendo o conceito de "capital artística" e "pauliceia" para a população. (MARTINS, 2001).

Quando comparados às revistas, os livros eram publicados em baixa escala, pois o valor de um exemplar importado ou da pequena produção nacional não cabia no bolso da população. Desse jeito, a indústria gráfica se ocupou de impressos mais acessíveis, e que pudessem conquistar um número maior de adeptos. As revistas despontaram, abarcando colunas leves sobre temas corriqueiros, tirinhas e ilustrações da cidade. (MARTINS, 2001). Isso cativou o público, já que era uma leitura simples e barata.

2.2 A IMPRENSA FEMININA E FEMINISTA BRASILEIRA: MULHERES DE LETRAS

Em 27 de fevereiro de 1693, fundou-se o primeiro jornal destinado às mulheres no Ocidente, chamado *Lady's Mercury*. A publicação causou espanto, pois a distinção de público não era comum no período, uma vez que os homens constituíam a maioria dos letrados que tinham acesso aos impressos. O intento britânico durou pouco mais de um mês, mas ensejou a criação da imprensa feminina, caracterizada por ter como alvo um determinado conjunto de pessoas. Dulcília Schroeder Buitoni (1986) aponta que essa segmentação compreende tanto a imprensa organizado por mulheres quanto a dirigida para o sujeito feminino.

No Brasil, as atividades ligadas à impressão foram permitidas somente após a chegada da Família Real, em 1808. Norma Telles (2004) sublinha que a transferência dos portugueses para a cidade do Rio de Janeiro trouxe avanços à infraestrutura local, especificamente, no que tange à abertura de portos e ao livre comércio com as nações amigas de Portugal. Logo, a colônia rumou à Independência em 1822. Assim, gradativamente, a cidade passou por reformas e ampliou-se o consumo de cultura. Conforme Lajolo e Zilberman (2011), nessa altura, a presença feminina teve efeitos na produção e circulação de literatura. Até então, a situação da mulher brasileira, tratando-se de cultura escrita, era precária. Depoimentos do início do século XIX revelam que sua falta de instrução, ignorância, má aparência e frivolidade são frutos do tratamento que recebiam na sociedade local. Os viajantes que conheceram o Brasil, como John Luccock (1975) e Jean-Baptiste Debret (1940), escreveram que aquelas das classes altas e médias, em especial as moças, viviam reclusas, e o pouco contato que tiveram com elas expôs sua falta de educação. À época, a leitura feminina não ultrapassava o livro de rezas.

Não demorou para os periódicos chegarem ao país. Misturavam jornalismo e literatura e eram voltados à elite culta. Entre a população alfabetizada, as mulheres representavam um

pequeno número, o que não se tornou empecilho para o desenvolvimento do periodismo feminino. Segundo Buitoni (1986), o francês Pierre Plancher fundou *O Espelho Diamantino* (Rio de Janeiro, 1827[22]), o primeiro jornal "dedicado às senhoras brasileiras", que versava a respeito de belas-artes, literatura, moda e política[23]. Duarte (2016) aponta que esse periódico surgiu antes mesmo da promulgação da Lei de Instrução Pública (1827), autorizando a abertura de escolas primárias.

Pouco depois, Recife figurou como um centro cultural importante. Em 1823, no ano seguinte à Independência,

> foi impresso um manifesto assinado por mais de 120 mulheres paraibanas que declaravam seu apoio ao movimento da Independência, pois, como "metade da sociedade humana" que eram, desejavam reassumir os direitos que lhes haviam sido usurpados e "quebrar os vergonhosos ferros da vil escravidão em que jazíamos" (TELLES, 2004, p. 404).

Não há conhecimento de quem foram elas, o que se sabe é que ousaram reivindicar a igualdade da mulher na sociedade brasileira.

Ao lado do Rio de Janeiro, essa capital foi um núcleo editorial forte. Nessas cidades, surgiram: *O Espelho das Brasileiras* (Recife, 1831); *Relator de Novelas* (Recife, 1838); *A Mulher do Simplício* ou *A Fluminense Exaltada* (Rio de Janeiro, 1832); *Correio das Modas* (Rio de Janeiro, 1839); *Espelho das Belas* (Recife, 1841); *O Belo Sexo* (Rio de Janeiro, 1850). (TELLES, 2004). As revistas citadas são os marcos iniciais da imprensa feminina brasileira. Em primeiro momento, os seus conteúdos se dividiam em literatura e moda. Mais tarde, os direitos femininos entraram em cena e, em alguns veículos, foram a temática principal.

Rompendo a barreira do particular, a incipiente participação das mulheres na vida pública transformou os seus anseios e comportamentos. De imediato, as vestimentas ganharam outra aparência e adaptaram-se ao exterior. Assim, muitas revistas nasceram para propagar a moda. Nessa acepção, a primeira publicação foi o *Correio das Modas* (Rio de Janeiro, 1839), que exibia figurinos pintados à mão, vindos da Europa, colunas sociais e bastante literatura. (BUITONI, 1986, p. 38).

Véronique Nahoum-Grappe (1991, p. 125) pontua que as mulheres menos abastadas buscavam assemelhar-se com a nobreza, que desfilava em vestidos coloridos e adornos luxuosos. Na imprensa feminina,

> o fausto, a pompa em que aparecem ao vivo as pessoas mais importantes dos dois sexos, são amplamente representados tanto em textos como em imagens. Quanto mais

[22] Nesse mesmo ano, foi editada a primeira lei que defendeu a instrução pública para o público feminino, garantindo às mulheres o direito à alfabetização.
[23] Antes disso, no Rio Grande do Sul, Maria Josefa organizou e publicou a folha política *Belona Irada Contra os Sectários de Momo* (1833).

> diminui a distância relativamente ao político, mais enfático e ostensivo se torna o parecer [...] num cenário gigantesco e vertiginoso (salas, palácios, praças, penteados, caudas) e sob o efeito de numerosas luzes (lustres, espelhos, joias, ouro).

Esse conjunto estético tipicamente francês, serviu de modelo para o aspirante periodismo similar nacional.

O jornalismo presente nos periódicos não tinha a necessidade de divulgar algo novo, suas reportagens "aceitam a ligação com o atual, mas não são por ele determinadas" (BUITONI, 1986, p. 13). Evelyne Sullerot (1963) convencionou nomear essa prática de atualidade romanesca, capaz de criar um ar de ficção para as notícias. Por isso, a indústria feminina explorou as tendências comerciais, mediando o contato das leitoras com os produtos recém-criados.

No plano de fundo histórico, as mudanças sociais provocadas pela urbanização e o aparecimento da classe média introduziram novos signos à imprensa feminina, tais como: culinária; regras de etiqueta; conselhos de saúde; arquitetura; decoração; psicologia; entrevistas; reportagens; testes; horóscopo; fofocas; maquiagem; moldes de costura; educação infantil; carta da leitora, (BUITONI, 1986). As revistas traduziam a sociedade brasileira e os costumes do século XIX, normalmente, ligados ao espaço doméstico.

O progresso das técnicas gráficas brasileiras impulsionou a melhoria no aspecto visual dos impressos. Esse percurso foi inaugurado pela primitiva xilogravura, gravação em madeira, e o talho doce, gravação em sulcos da madeira ou do metal. Entretanto, ambas não se adequaram às grandes tiragens exigidas pela imprensa local. Finalmente, "revelou-se ideal a litografia (gravação em pedra), em que o artista desenhava às avessas, com lápis gorduroso, diretamente sobre uma pedra calcária" (MARTINS, 2015, p. 72). O método foi instalado pelo francês Arnaud Julien Pallière em 1817, no Rio de Janeiro.

Subitamente, implementou-se uma gama de ateliês litográficos que possibilitou todo o tipo de reprodução ilustrada no Brasil. As oficinas mais afamadas situavam-se na capital carioca. Martins (2015, p. 72) demarca que a inserção da cor "foi outro passo que qualificou a imagem. Desde 1859 o recurso de colorir foi utilizado pelo sistema em relevo, à base de estereótipos (letra pronta) e galvanótipos (revestimento mediante processo eletrolítico) ". Finalizando, por volta de 1885, as tipografias passaram a trabalhar com a zincografia, um mecanismo que substituiu a pedra por lâminas de zinco na impressão.

Provavelmente, o advento do texto imagético nas páginas dos jornais ajudou cativar mais leitoras, já que a fórmula associava escrita e imagem. (BUITONI, 1986). Com o intuito de facilitar a interpretação dos artigos, empregaram-se frases visuais, uma série de fotografias

que explicavam um assunto. Essas figuras de estilo proporcionam a visualização de um indivíduo ou de uma cena, e, também, estimulam as emoções e os sentimentos.

Buitoni (1986) coloca que a mídia feminina utilizou a fotografia de forma diferente da imprensa em geral, porque suas fotos individuais serviam para documentar a realidade. De outro lado, opondo-se aos retratos informativos, estavam as fotos publicitárias de cosméticos, produtos de decoração e vestuário, que construíram um ideal a ser imitado. Em vista disso, "as revistas femininas tornaram-se peças fundamentais no mercado dos países capitalistas" (BUITONI, 1986, p. 18).

A imprensa feita para a mulher queria ser funcional e trazer informações que simplificassem a vida do público, do mesmo modo que os almanaques faziam. Buitoni (1986) assinala que, nesse período, o sujeito feminino responsabilizava-se pela casa, o que exigia desempenhar os serviços, a saber, limpar, cozinhar, lavar, administrar. Portanto, os periódicos ofereciam conselhos e receitas, com o objetivo de que as leitoras colocassem em prática suas sugestões.

Ressalta-se que a "filosofia editorial do produto 'revista' influenciou-se pela estética da utilidade" (BUITONI 1986, p. 74). À medida que os impressos se tornavam úteis, os pais faziam questão que suas filhas os assinassem. Agora, não eram apenas um entretenimento literário, ensinavam sobre economia doméstica e comportamento, por exemplo. Esse jornalismo de serviço deslanchou amparado na sociedade de consumo.

As propagandas enfatizavam que as assinantes dos periódicos podiam colecioná-los. Buitoni (1986) constata de que forma esse artifício comercial era empregado em *A Estação* (Rio de Janeiro, 1879-1904):

> Cerca de 2.000 gravuras de moda e delicados trabalhos de senhora, 24 lindos figurinos coloridos a aquarela, 12 folhas grandes reproduzindo 300 moldes em tamanho natural e grande número de riscos, monogramas, modelos etc. O texto, clara e minunciosamente, explica todos esses desenhos, indicando os meios de executá-los de per si; além da parte literária, noticiosa, recreativa e útil escrita especialmente para as leitoras deste jornal (BUITONI, 1986, p. 39).

É possível concluir que os periódicos femininos vendiam uma imagem utilitária, cujos conteúdos poderiam ser aproveitados pela mulher.

Ademais, os jornais femininos usavam uma armadilha linguística. Nas entrelinhas da escrita coloquial, havia a forma verbal imperativa. Os textos eram dotados de tom persuasivo, aconselhando a leitora sobre o que deveria fazer. Desse modo, aproximaram-se da linguagem publicitária e do anúncio. De acordo com Buitoni (1986), legendas feito "como se vestir para o primeiro encontro", "como preparar um creme de ervilhas", "como conseguir um bom trabalho" e "como ser a melhor mãe" foram recorrentes nas publicações.

Raramente, abria-se espaço para as leitoras compartilharem suas experiências. Além da linguagem impositiva, as matérias que pretendiam informar apresentavam cunho pedagógico, posto que

> quase sempre os textos de especialistas têm como objetivo ensinar. No entanto, esse ensinamento traz em si a imposição e a ordem, porque partem da valorização da autoridade científica. Dá-se a palavra para o especialista para que ele diga qual a maneira certa de amamentar o bebê (BUITONI, 1986, p. 76).

Nesses editoriais, a ciência foi revestida de um discurso autoritário. Buitoni (1986, p. 28) destaca que

> até a metade do século XIX, a imprensa feminina era um produto para a elite. As leitoras podiam ser contadas em poucos milhares, pois somente as mulheres da aristocracia e da elite da burguesia sabiam ler e dispunham de tempo para isso.

Consequentemente, foi preciso que as revistas começassem a ser vendidas em livrarias e por meio de assinaturas, a fim de aumentar o público. A facilidade de aquisição democratizou a leitura dos impressos, tornando semanal a impressão de alguns títulos.

Para simbolizar a doçura da mulher, os periódicos oitocentistas recebiam títulos de flores, pedras preciosas, pequenos animais e objetos de beleza. Na província de São Paulo, de 1870 a 1899, observaram-se os seguintes periódicos:

Quadro 1 – Periódicos femininos publicados em São Paulo de 1870 a 1899.

Década	**Ano**	**Título**
1870	1873	*O Mosquito*
1870	1875	*A Mocidade*
1880	1881	*A Sensitiva:* Jornal Literário e Recreativo Consagrado ao Belo Sexo
1890	1895	*A Miniatura*
1890	1896	*O Clarim:* Jornal Literário, Científico, Humorístico, Teatral e Esportivo
1890	1896	*A Pétala:* Folha Humorística e Literária
1890	1897	*O Alfinete:* Folha Literária, Humorística e Noticiosa
1890	1897	*O Anel*
1890	1897	*O Álbum:* Semanário Literário e Humorístico
1890	1897	*A Crisálida*
1890	1897	*A Pena:* Órgão Literário e Noticioso
1890	1897	*A Mensageira:* Revista Literária dedicada à mulher brasileira

*Fonte: Quadro elaborado pela autora.[24]

O apontamento acima mostra que os títulos eram metáforas da figura feminina. Essa concepção editorial foi a oportunidade para as mulheres e os redatores e as redatoras expressarem as suas vocações literárias, escrevendo poemas, passatempos, crônicas, contos e

[24] Pesquisa realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, em 01 de agosto de 2019.

romances que comporiam a parte de literatura das revistas. Buitoni (1986) avalia que os escritos geravam expectativa nos leitores, assim como os novos modelos de Paris, que conheceriam nas páginas de moda. A imprensa feminina adotou uma postura conservadora em relação à figura feminina, frisando suas prendas domésticas.

Consoante Telles (2004), as oitocentistas foram mais do que personagens das histórias masculinas, em que a figura da mulher era delimitada pelo olhar do outro. "Elas tiveram que adquirir alguma autonomia para propor alternativas à autoridade que as aprisionava" (TELLES, 2004, p. 409). Embora a estrutura formal da sociedade sugerisse que eram incapazes, custosamente, conquistaram autonomia no mundo das letras, resistindo ao poder[25] que regia a vida pública.

Zahidé Lupinazzi Muzart (2003) declara que é improvável estudar a literatura escrita por mulheres no século XIX sem pesquisar o que circulava nos jornais. Porém, esses registros só vieram a público em meados do século XX, quando pesquisadores da área de humanidades debruçaram-se sobre a história das mulheres no Brasil. Nessas fontes impressas, apurou-se uma particularidade da imprensa feminina: o elevado número de colaboradoras, em jornais editados por homens, ou seja, a participação das mulheres na imprensa antecedeu a fundação de seus próprios periódicos. (BUITONI, 1986).

Isso posto, cabe resgatar o caminho da literata que foi a precursora no jornalismo brasileiro, Dionísia de Faria Rocha (1810/1885), nascida no interior do Rio Grande do Norte. Ela estreou os seus artigos no *Espelho das Brasileiras* (1831), jornal dedicado às senhoras pernambucanas e organizado por homens. Telles (2004) salienta que, desde os vinte anos, Dionísia de Faria Rocha exerceu a docência e a escrita, sendo uma defensora de ideias republicanas e abolicionistas, que causaram tamanha polêmica ao ponto de precisar assinar suas obras sob o pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta.

Constância Lima Duarte (1995) aventa que a potiguar escreveu para conscientizar a sociedade acerca de problemáticas culturais, contrariando a cultura que a legitimava. Sua obra[26] é composta por diversos temas, nomeadamente, o indianismo, o nacionalismo, o direito à educação feminina, a abolição da escravatura, o feminismo e o positivismo. No que tange à

[25] Para Maria Lúcia Rocha-Coutinho (1994, p. 20), "o poder seria a habilidade de agir efetivamente sobre as pessoas ou coisas, tomando ou assegurando decisões favoráveis, independente destas serem por direito asseguradas aos indivíduos ou a suas funções".

[26] A autora escreveu treze livros, sendo a maioria deles durante sua estada na Europa. Lá viajou por todo o canto e colecionou experiências que estão nas páginas de *Itineraire d'un voyage en Allemagne* (1857) e *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* (1870). Destaca-se a adaptação da obra de Mary Wollstonecraft, chamada *Vindication of the right of woman* (1972).

militância feminista, Dionísia de Faria Rocha questionava os padrões comportamentais de homens e mulheres, encobertos pelo discurso conservador de superioridade masculina.

Nísia Floresta preocupou-se com o desenvolvimento da nação, em especial, com a educação das mulheres. Duarte (2003, p. 154) revela que a autora tinha

> [...] consciência da defasagem cultural, social e política existente entre a Europa e o Brasil. Enquanto lá as vindicações se faziam sob a forma de crítica a uma educação já existente, aqui as solicitações eram ainda as primárias, pois mesmo a alfabetização mais superficial esbarrava em toda sorte de preconceitos. Nossas mulheres precisavam, primeiro, ser consideradas seres pensantes, para então, depois, pleitear a emancipação política.

Acreditava que o ensino poderia proporcionar oportunidades profissionais para elas[27]. Por causa disso, em 1838, fundou o Colégio Augusto, uma instituição para meninas, no Rio de Janeiro. Lá, o currículo escolar privilegiava o conhecimento de línguas estrangeiras, em detrimento dos dotes manuais. Nessa época, Duarte (1995) lembra que o trabalho competente e ousado de Nísia Floresta inquietou a população carioca tradicional.

Mesmo que a distribuição dos impressos fosse limitada, a obra de Nísia Floresta reverberou em todo o Estado, tornando-se padrão para as escritoras que vieram depois. Uma delas foi a maranhense Maria Firmina dos Reis (1822/1917), que publicou o primeiro romance de autoria feminina no Brasil, intitulado *Úrsula*[28] (1859). A escritora era formada, concursada e trabalhava lecionando em casa. Devido à situação de ensino precária em São Luiz, ser professora, ainda que sem preparo, foi uma opção para as oitocentistas entrarem no mercado profissional. Aposentada aos 54 anos, passou a dar aula para alunos que não podiam pagar. Telles (2004) acentua sua relevância para a vida intelectual do Maranhão, já que escreveu à imprensa local, publicou livros e compôs músicas. Sobretudo, tratou da questão escravocrata e do embate da cultura de além-mar com a cultura indígena.

Nessa esteira, há a primeira mulher a trabalhar como redatora no país, Narcisa Amália de Campos (1852/1924), uma carioca que publicou a obra *Nebulosas*[29] (1872) e escreveu para muitos periódicos, como *O Resendense*, *Diário Mercantil de São Paulo* e *O Guaratuja*. Na juventude, a literata viveu um processo de transformações sociais. Por isso, os seus poemas apresentavam ideias democráticas, que defendiam a modernização nacional e o investimento

[27] De acordo com Duarte (2003, n.p) "em 1832, eram raras as mulheres brasileiras educadas e, em menor número ainda, as escritoras. A mineira Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1860), e as gaúchas Clarinda da Costa Siqueira (1818-1867) e Delfina Benigna da Cunha (1791-1857), eram algumas dessas exceções hoje conhecidas".
[28] Esse romance narra um caso de amor entre uma jovem chamada Úrsula e um bacharel em Direito. Ao fundo, há o cotidiano dos cativos, que guardam lembranças da África e de seus costumes. Segundo Telles (2004, p. 413), "o que mais distingue esse livro não é o enredo romântico de amor, dor, incesto e morte, temas românticos comuns, mas o tratamento dado à questão do escravo".
[29] Livro de poemas que foi reeditado em 2017, pela editora Gradiva e a Fundação Biblioteca Nacional.

em cultura e infraestrutura urbana. Telles (2004) conta que, com o sucesso de seu livro, Narcisa de Campos recebeu retaliações nos jornais, porque se dedicava a causas liberais. Essas críticas, inicialmente, elogiavam o seu desempenho literário, mas terminavam afirmando que os temas sociais não eram adequados para a escrita feminina. No século XIX,

> [...] em meio a elogios, os críticos embutiam uma censura à mulher que ousava escrever e se meter em lutas políticas. "Frágil e gentil poetisa" é um qualificativo que desqualifica, na medida em que reserva a "esfera adequada" para a poeta: a do sentimentalismo-chão (TELLES, 2004, p. 423).

A prática valorizava apenas as composições líricas femininas, isto é, aquelas adequadas ao discurso que era esperado da mulher.

A redatora e escritora Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida (1862/1934) também obteve prestígio por meio das páginas da imprensa feminina, seus primeiros textos ganharam vida na *Gazeta de Campinas* (Campinas, 1881). Ao lado de renomados autores da literatura brasileira, participou do corpo de redatores de inúmeros jornais, como *A Semana* (Rio de Janeiro, 1885), no qual participavam Olavo Bilac, Artur Azevedo e Filinto de Almeida, seu esposo. (TELLES, 2004). Durante trinta anos, colaborou com *O País* (Rio de Janeiro), publicando crônicas em prol da educação da mulher, do divórcio, da abolição da escravatura e da república.

Em linhas gerais, a poética de Júlia Lopes de Almeida aborda os costumes da cidade e do campo, no final do século XIX e início do XX. Seus livros narram a solidariedade feminina diante de acontecimentos como: a luta de mãe e filha para sair da pobreza, em *Memórias de Marta* (1885)*;* a difícil relação entre patroa e empregadas, em *Livro das noivas* (1896); a perda do esposo e pai, em *A falência* (1901); a falência da fazenda, em *Correio da roça* (1913); a exploração da governanta, em *A intrusa* (1913). Ainda, escreveu peças de teatro e contos, e viajou pelo país palestrando sobre as reformas que almejava na educação.

Júlia Lopes de Almeida defendeu a arborização da capital carioca, em um período de crescimento urbano desenfreado, e a construção de escolas de educação infantil, para a melhoria do ensino, contribuindo à mudança do papel social da mulher. Telles (2004, p. 441) aponta que:

> Almeida ganhou fama e talvez tenha sido a única escritora do período a conseguir dinheiro com sua pena. Contava sua filha, a declamadora Margarida Lopes de Almeida, que a mãe, certa ocasião, levara toda a família à Europa com o que ganhou da publicação de um livro.

A autora conciliava a imagem de escritora e de boa mãe e esposa, fato que favoreceu a sua presença em círculos sociais do Rio de Janeiro, tendo participado das reuniões de planejamento para a formação da Academia Brasileira de Letras, por exemplo, da qual não pode participar por ser mulher.

Contudo, a representação da imagem feminina seguia parâmetros culturais conservadores nos periódicos. A imprensa revestiu-se da ideia de modernidade, a fim de valorizar o seu conteúdo. Para Buitoni (1986), o moderno é fundado nos avanços tecnológicos e nos modismos que os sucederam, instaurando um simulacro de inovação. Esse modelo de revista, espalhou-se pelo mundo e dirigia-se à mulher de classe média e alta, que vivia nos centros urbanos.

O padrão norte-americano de consumo influenciou os países subdesenvolvidos a adotarem o seu modelo de beleza e bem-estar na vida cotidiana. Por conseguinte, os jornais brasileiros entretinham as consumidoras e não as preocupavam com assuntos polêmicos. Sullerot (1963) assente que a imprensa feminina tem seu posicionamento político neutro enquanto meio de comunicação. Atípicas foram as publicações que exibiram editoriais, uma vez que, tradicionalmente, os textos de opinião estavam assinados por colaboradores.

Sublinha-se a incidência de temas de grande repercussão social nos títulos oitocentistas, por exemplo, a educação pública e o controle de natalidade. Sem embargo, os escritos foram embasados na opinião de especialistas, conferindo-lhes um formato descritivo ao invés de reivindicatório. Buitoni (1986, p. 71) certifica que, na imprensa feminina, "quase nunca encontraremos incentivos à solidariedade, ao grupo. Quase nunca se sugere que a mulher deve reunir-se para melhor conseguir seus objetivos. A solução está centrada no individual, no pessoal".

Na segunda metade do século XIX, ao mesmo tempo em que o periodismo conquistava o Brasil, despontou um movimento cultural que, ao longo dos anos, delineou o novo papel da mulher na sociedade, o feminismo. Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (2007) demarcam-no como um projeto de libertação feminina, cujas ações combatem a discriminação em seus diferentes formatos, além de criar maneiras para a mulher ser protagonista de sua vida. Esses pressupostos feministas promoveram alterações em diversos âmbitos sociais, inclusive na imprensa, meio pelo qual o sujeito feminino buscou desvincular-se da condição de subalternidade.

A imprensa feminista recuperou a história das causas e lutas travadas pelas mulheres, sobretudo, no período que compreende 1840 a 1934, data da concessão do voto feminino no Brasil. Seus primeiros passos foram dados por oitocentistas que, em sua maioria, viviam distantes das metrópoles do país, ocupadas com as prendas domésticas e o zelo familiar. As poucas que estudavam frequentaram ou conventos ou aulas particulares, nas casas das professoras ou em sua própria casa. Devido à educação diferenciada que essas mulheres

receberam, motivaram-se em querer que as outras companheiras também desfrutassem da benesse de ler e escrever, dado que, naquele tempo, era prerrogativa dos homens.

Alzira Alves de Abreu (2008) considera que a entrada das mulheres no jornalismo contribuiu para entender as relações sociais e a hierarquização dos indivíduos na sociedade, esclarecendo como os valores aparecem nesse contexto. Quando os textos do período são analisados, compreende-se o posicionamento feminista das escritoras que intervieram na imprensa a fim de reivindicar seus direitos, a saber, o direito à educação, o direito à profissão e o direito ao voto. Rocha-Coutinho (1994, p. 21) afirma que:

> As sociedades possuem dispositivos de poder informais que independem da posição ocupada por quem exerce, o que possibilita que um indivíduo ou grupo, mesmo sem autoridade legitimada, possa, em algumas ciscunstâncias, tomar decisões e até ganhar a aquiescência dos que a possuem.

Destarte, as mulheres usaram a administração do lar e o conceito de maternidade como motivos para estudarem. Mais precisamente, se fossem instruídas, melhor educariam os filhos e administrariam a casa.

Para Sullerot (1963), a imprensa feminina e a imprensa feminista ocupam dois planos: o dos deveres, com publicações femininas tradicionais; o dos direitos, centrado na imprensa atenta aos direitos do segundo sexo, chamada de feminista. Ambas trajetórias traçadas são caminhos paralelos no jornalismo, que apresentam semelhanças e diferenças. Com a finalidade de esclarecê-las, propõe-se delimitar o tempo, os objetivos, as temáticas e os aspectos culturais e sociais da imprensa para e por mulheres.

Quadro 2 – Imprensa feminina e feminista brasileira no século XIX: características gerais.

Imprensa	**Feminina**	**Feminista**
Surgimento	Início do século XIX	Segunda metade do século XIX
Objetivo	Entretenimento	Engajamento político em causas feministas, tais como: o voto, a profissão e a educação
Primeiros periódicos	*Espelho Diamantino, Manual das Brasileiras, O Despertador das Brasileiras, O Correio das Moças, O Espelho Fluminense e O Espelho das Brasileiras.*	*A idade D'Ouro, Belona Irada Contra os Sectários de Momo, Jornal das Senhoras, O Belo Sexo* e *O Sexo Feminino.*
Organização	Masculina	Feminina
Temática	Beleza, conselhos de bem viver, culinária, literatura e moda	Direitos da mulher, informações e literatura

Enquadramento teórico	Tradicional (BUITONI, 1986);	Progressista (BUITONI, 1986)

*Fonte: Quadro elaborado pela autora.

No eixo feminista, segundo Roberto Rossi Jung (2004), a gaúcha Maria Josefa Barreto Pereira Pinto (1775-1837) foi escritora, professora e a primeira redatora feminista brasileira a dirigir um jornal. Em 1833, fundou os títulos legalistas *A idade D'Ouro* (Porto Alegre), organizado ao lado de Manuel dos Passos Figueroa, e *Belona Irada Contra os Sectários de Momo* (Porto Alegre). O *Belona* foi um impresso monarquista que apadrinhava o Partido Caramuru. Muzart (2003, p. 230) ressalta que

> [...] era um periódico fundado na província, com objetivos essencialmente políticos e que, nessa época, o que se passava nesse fim de mundo da Província de São Pedro realmente ali ficava confinado. À diferença do que era realizado na Corte! [...] provavelmente não trazia nem bordados, nem culinária, nem boas maneiras. Por isso, estava muito à frente de seu tempo!

A escritora Maria Josefa Pinto ousou escrever no Brasil do século XIX. Nasceu em Viamão (RS), por volta da década de 1770. Em 1800, casou-se com Manuel Inácio Pereira Pinto, que foi condenado a prisão e desapareceu, deixando a esposa e os filhos. Para sustentar a casa, Maria Josefa Pinto fundou uma escola primária mista em Porto Alegre. Muzart (2003) lembra que essa instituição foi uma das primeiras do Brasil a ter aulas conjuntas para meninos e meninas.

Segundo Duarte (2016), *A Filha Única da Mulher do Simplício* (1832) *e A Mineira no Rio de Janeiro* (1833) são publicações cariocas que também merecem ser citadas, por terem sido escritas em primeira pessoa e sugerirem que uma mulher estava à sua frente. No primeiro número de *A Filha Única*, há um poema que defende os interesses do país, assinado por "Redatora". Do mesmo modo, em *A Mineira*, encontram-se textos escritos sob o ponto de vista de uma mulher, que faz apelos às brasileiras, para que se envolvessem mais com a política. Essa voz feminina firme levou alguns estudiosos da imprensa a pensarem que se tratava de *O Mineiro no Rio de Janeiro*.

É interessante observar que:

> [...] os quatro primeiros prováveis periódicos dirigidos por mulheres não trataram de questões específicas do gênero. O clima conturbado que dominava o país durante o período regencial levava também o "segundo sexo" – quisessem ou não os homens – a tomar partido e eleger a política como tema prioritário (DUARTE, 2016, p. 22).

A imprensa feminista atuou como um veículo de defesa de causas essenciais para a emancipação feminina. Juana Paula Manso de Noronha marcou esse periodismo no Brasil, com

a publicação do *Jornal das Senhoras*[30], que circulou no Rio de Janeiro, em 1852. (MUZART, 2003). No volume de número um, em seu editorial, a organizadora esclarece o objetivo de cooperar para o melhoramento social, no que tange a integração das mulheres na educação e na cultura. Isso posto, enfatiza que, nos países europeus, abundavam-se exemplos de senhoras à frente de diferentes jornais, enquanto, na América do Sul, a comunicação ficou estacionada.

A revista de Juana Paula Manso abordou temas como moda, literatura, belas artes, teatro e crítica. O público feminino pode acessar mais do que matérias de bordados, cosméticos e conselhos amorosos, teve sua voz ouvida em um título voltado as suas necessidades. Sobretudo, foi um impulsionador da instrução e da mudança de ideias e atitudes das mulheres sobre o seu lugar no mundo. Ademais, Sandra Lúcia Lopes Lima (2007) aponta que o impresso pode ter sido um dos primeiros a incluir mulheres na redação.

Muzart (2003, p. 228) avulta a trajetória de Juana Paula Manso (1819-1875) ao estimá-la como uma mulher de caráter, inteligência e militância, "porém essencialmente educadora" já que "estava empenhada em 'combater a ignorância'". Ela nasceu em Buenos Aires, foi escritora, redatora, professora e feminista na Argentina, Uruguai e Brasil, em um momento que a atividade pública era restrita ao universo masculino. Para Muzart (2002, p. 228), a escritora pode ser definida por meio de suas falas:

> Duas frases célebres criadas por ela dão uma idéia de sua maneira de ser: 'La ignorancia me rechaza' e 'Cada uno es lo que es y no lo que debiera ser'. Foi partidária militante da liberdade de imprensa: 'La más bella de las conquistas civiles'. Também sustentou que 'La verdadeira prosperidad de un pueblo, como la verdadera nobleza de los individuos, está basada em la educación'.

Juana Paula Manso fez oposição ao conservadorismo de Juan Manuel de Rosas, dedicando grande parte de sua poética à defesa das minorias. Desse modo, precisou se exilar no Uruguai e, posteriormente, mudou-se para o Brasil com a família. Em terras cariocas, casou-se com o violinista português Francisco de Sá Noronha, vindo a separar-se dele tempos depois. A produção literária da redatora ficou conhecida como, "uma importante literatura de denúncia, seja em defesa da mulher [...] do indígena e do negro, ao se posicionar contra o regime escravocrata" (SILVA, 2019, p. 2). No *Jornal das Senhoras*, desde a edição inicial, Juana Paula Manso escreveu o folhetim *Misterios del Plata*, que contava episódios da história argentina, especialmente, da ditadura Rosas, e, em seu regresso à Argentina, tratou da escravidão brasileira no folhetim *La familia del comendador*[31].

[30]De acordo com Muzart (2003, p. 228), quando Juana Manso retornou à Argentina, deixou na direção do *Jornal das Senhoras* à baiana Violante de Bivar.

[31] Silva (2019) esclarece que, no ano de 1854, Manso reuniu essa narrativa em um livro chamado *La familia del comendador*.

Abreu (2008) salienta que o *Jornal das Senhoras* provocou inúmeras reações críticas de leitores que enviavam cartas à redação. Todavia, Juana Paula Manso não se deixou abater com a recepção do impresso, manteve a mesma linha editorial e apenas suprimiu o nome dos autores das colunas mais polêmicas acerca da emancipação feminina. Em seu país de origem, os jornais dirigidos por mulheres e direcionados para o público feminino circulavam desde 1830, data da fundação do *La Aljaba*, organizado por Dona Petrona Resende de Sierra. (MUZART, 2003). Ainda, a participação feminina na imprensa argentina iniciou em 1801.

O temor das críticas à imprensa feminista não impediu o surgimento de novas publicações. Consoante Lima (2007), um grupo de mulheres criou *O Bello Sexo* (Rio de Janeiro, 1862), sendo Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar[32] a editora. Duarte (2003, p. 156) constata que essa redatora, na primeira edição de seu periódico,

> [...] declara estar consciente do pioneirismo de sua iniciativa e sua crença inabalável na capacidade intelectual da mulher. A novidade deste periódico é que as colaboradoras eram incentivadas a assinar seus trabalhos e participavam efetivamente do jornal, discutindo entre si os temas a serem publicados. Como eram mulheres da classe alta, faziam questão de divulgar que o lucro da venda do jornal era entregue à Imperial Sociedade Amante da Instrução, uma instituição de caridade para órfãos.

Os textos das oitocentistas evidenciavam a falta de espaço para o sujeito feminino atuar na capital carioca, isto é, a segregação social levava-as ao tédio e à infelicidade por terem uma existência improdutiva, que as privava de instrução avançada em detrimento do matrimônio.

Nessa esteira, Buitoni (1986) sublinha o lançamento do título *O Sexo Feminino*[33] (Campanha/Rio de Janeiro, 1873), organizado por Francisca Senhorinha da Motta Diniz[34], uma escritora, redatora e professora nascida em São João Del Rei (MG). De acordo com o *Dicionário das mulheres do Brasil* (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000), o semanário mineiro apresentava literatura, amenidades, assuntos feministas como o voto feminino e a educação da mulher, e, não menos importante, a defesa de questões raciais como a abolição da escravatura.

Duarte (2003, p. 156) divide o jornal de Francisca Diniz em três fases:

> A primeira, de 1873 a 1875, em Campanha da Princesa, Minas Gerais, já com a surpreendente tiragem de oitocentos exemplares e assinantes em diferentes cidades. A segunda, ocorre alguns anos depois, no Rio de Janeiro, de 1887 a 1889, para onde Francisca Senhorinha havia se transferido com a filha Elisa, tornando-se um nome conceituado junto à Corte [...] Depois, entusiasmada com a Proclamação da República, mudou o nome do jornal para *O quinze de novembro do sexo feminino*, e passou a defender com mais ênfase o direito das mulheres ao estudo secundário e ao trabalho, e a denunciar a educação mesquinha oferecida às meninas. Era a terceira fase do periódico, que vai de 1890 a 1896.

[32] Não são conhecidas as datas de nascimento e morte de Julia Aguiar.
[33] Duarte (2003) assegura que o periódico fez tanto sucesso que foram impressos mais de quatro mil exemplares das primeiras dez edições. Entre os assinantes do Rio de Janeiro estavam o Imperador D. Pedro II e a Princesa Isabel.
[34] Não são conhecidas as datas de nascimento e morte de Francisca Diniz.

Nos artigos assinados pela redatora mineira, havia um alerta às mulheres de que o inimigo de seus direitos era a ignorância feminina, que os homens se encarregavam de manter na sociedade. Francisca Diniz era taxativa e acreditava que "apenas com a instrução seria possível 'quebrar as cadeias que desde os séculos de remoto obscurantismo" (DUARTE, 2003, p. 156) rodeiam as mulheres.

Nos anos seguintes, outros jornais também foram considerados como imprensa feminista brasileira. Entre eles, estão os títulos *O Domingo* (Rio de Janeiro, 1874), de Violante Atabalipa de Bivar e Velasco, e *Eco das Damas* (Rio de Janeiro, 1875-1885), por Amélia Carolina da Silva Couto. Consoante Duarte (2003), esses periódicos trouxeram mais do que páginas sobre a vida doméstica, novidades de vestimenta e romances de folhetim, contemplaram artigos reivindicando o acesso feminino ao ensino superior e ao trabalho remunerado e difundiram ideias avançadas, como a de que a dependência econômica determina a subordinação da mulher.

Telles (2004) esclarece que o centro intelectual do país se concentrava no Rio de Janeiro, entretanto, a distância não impossibilitou que as demais regiões desenvolvessem o seu periodismo. No Rio Grande do Sul, por exemplo, as irmãs Revocata Heloísa de Melo (1853-1944) e Julieta de Melo Monteiro (1855-1928) organizaram o primeiro jornal feminista, nomeado *O Corimbo* (Rio Grande, 1883-1944). (VIEIRA, 1997). Esse veículo durou sessenta anos e "cobriu qualquer aventura de mulheres brasileiras no campo das letras e nas várias profissões" (TELLES, 2004, p. 426).

Para Caroline Leal Bonilha (2010), *O Corimbo* foi um periódico que abriu mão do noticiário para dar espaço a divulgação de contos, poesias, resenhas de obras e outros gêneros literários. Em suas páginas, encontra-se

> [...] a produção literária de várias gerações de escritoras e escritores. Os editoriais, geralmente assinados por Revocata Melo, costumavam trazer veementes apelos a favor do voto, à educação superior e à profissionalização feminina [...] foi incansável na mobilização das mulheres e na divulgação dos avanços feministas em outros países, sempre incentivando as conterrâneas a fazerem o mesmo (DUARTE, 2003, p. 157).

Durante a publicação, *O Corimbo* testemunhou marcos históricos importantes para o estado e o país, como a abolição da escravatura, a proclamação da República, a Revolução Federalista, as Revoluções de 1923 e 1930, a conquista do voto feminino e a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Não raro é reconhecido como o jornal de maior ressonância do feminismo brasileiro.

Entre as protagonistas do movimento feminista, está Josefina Álvares de Azevedo (1851-1905), cujo percurso intelectual e profissional foi dedicado a pleitear o direito à formação

da mulher e sua participação nas decisões governamentais. Valéria Andrade Souto-Maior (2004, p. 2) registrou que a oitocentista seria natural de Recife (PE) e prima do poeta Manoel Antonio Álvares de Azevedo. Ela dirigiu o periódico *A Família* (Rio de Janeiro e São Paulo, 1888-1897), que se destacou "principalmente pelo tom assumidamente combativo em prol da emancipação feminina, por questionar a tutela masculina e testemunhar momentos decisivos da história brasileira e das investidas das mulheres na luta por mais direitos" (DUARTE, 2003, p. 157).

Josefina Azevedo foi abolicionista, republicana e uma das mais vigorosas vozes feministas surgidas no período, questionava a construção ideológica do gênero feminino e exigia mudanças na sociedade. Ela "pensava ser absurdo residir no homem o princípio da autoridade na família, pois considerava a mulher mais inteligente" (TELLES, 2004, p. 427). Na condução do jornal, Josefina foi "incansável na denúncia da opressão, nos protestos pela insensibilidade masculina por não reconhecer o direito da mulher ao ensino superior, ao divórcio, ao trabalho remunerado e ao voto, e em incentivar as compatriotas à ação" (DUARTE, 2003, p. 157) de formar grupos e associações, fundar revistas em prol da mulher e dos seus direitos no Brasil.

Em 1890, Josefina Azevedo publicou sua peça teatral mais famosa, *O voto feminino*. (SOUTO-MAIOR, 2004), no periódico *A Família*. O enredo foi encenado em vários estados, como Pernambuco, São Paulo e Bahia, manifestando ideias a favor do sufrágio. Nessa turnê, "conquistou tanto adeptas para suas causas, como inimigos rancorosos que a perseguiram implacavelmente através da imprensa" (DUARTE, 2003, p. 157).

Outrossim, no final do século XIX, circulou a revista *A Mensageira* (São Paulo, 1897/1900), objeto de investigação desta pesquisa. O periódico foi um importante veículo da imprensa feminista, distinguindo-se por sua ampla distribuição, temáticas abordadas e teia de colaboradoras. Presciliana Duarte de Almeida, a organizadora, incluiu em todas as edições colunas sobre o direito à educação superior e o movimento feminista. A título de exemplo estão os comentários chamados "O feminismo", que saudavam as vagas de trabalho para mulheres, as novas instituições de ensino mistas, entre os mais variados feitos femininos.

Nessa época, periódicos feministas frisavam as conquistas do "segundo sexo" no exterior e no país, exaltando as acadêmicas que ingressavam no ensino superior e as profissionais que se formavam. Rita Lobato e Ermelinda Lopes de Vasconcelos foram as

primeiras médicas a se formar em faculdades brasileiras, apesar da hostilidade dominante.[35] A educação era uma importante vitória para a sociedade, visto que, por exemplo, a imprensa tradicional, a literatura e o teatro ridicularizavam as novas médicas e advogadas, insistindo na ideia de que manter o casamento e cuidar dos filhos não era compatível com o exercício de uma profissão. (DUARTE, 2003).

A resistência à profissionalização da mulher movimentou a imprensa feminista, que "terminou por criar – concretamente – uma legítima rede de apoio mútuo e de intercâmbio intelectual, e por configurar-se como instrumento indispensável para a conscientização feminina" (DUARTE, 2003, p. 158) dos seus direitos políticos e sociais. Buitoni (1986) inteira que a força e o idealismo do movimento feminista fizeram das revistas um significativo canal de expressão para as vocações literárias.

Os periódicos feministas firmaram-se no cenário cultural brasileiro como uma rede de sociabilidade entre as escritoras. Souto-Maior (2004, p. 68) cita o caso de *A Família*, que contou com a colaboração de inúmeras brasileiras.

> Algumas delas, como Narcisa Amália (1852-1924), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e Inês Sabino (1853-?), eram escritoras de renome, enquanto outras, como Anália Franco (1859-1919), se destacavam por sua excelência como educadoras. A maior parte delas residia no Rio de Janeiro ou em São Paulo, mas muitas enviavam suas colaborações de outras partes do país, como Revocata de Melo (1860- 1945) e Julieta de Melo Monteiro (1863-1928), do Rio Grande do Sul, Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), de Minas Gerais, e Maria Amélia de Queiroz (séc. XIX-?), de Pernambuco. Outras, como a portuguesa Guiomar Torrezão (1844-1898) e a francesa Eugénie Potonié Pierre (séc. XIX-?), mandavam escritos de seus países.

O trecho acima mostra a extensa rede de escritoras nacionais e internacionais que dava vida às páginas do jornal organizado por Josefina Álvares de Azevedo.

Também, a revista *A Mensageira* "foi solidária com as escritoras do mundo todo e publicou [...] artigos sobre mulheres inglesas, polacas, francesas, suecas e até sobre 'a mulher na China'" (TELLES, 2004, p. 427). Compilou traduções de obras famosas no estrangeiro e teve textos de escritoras renomadas em suas edições. Entre as colaboradoras frequentes, além de Presciliana Duarte, Auta de Souza, Francisca Júlia, Júlia Lopes de Almeida, Josefina Álvares de Azevedo, Inês Sabino, Narcisa Amália e Zalina Rolim.

Esse intercâmbio cultural fortaleceu as relações femininas, incentivando a mulher a atuar no ambiente público. Conforme Muzart (2003, p. 231), a comunicação das escritoras

> é muito notável quando se examinam os periódicos femininos do século XIX até meados do XX, é a criação de uma verdadeira rede de sororidade que congregava mulheres do Norte ao Sul. Delminda Silveira, por exemplo, poetisa de Florianópolis,

[35] Nesse tempo, Josefa Águeda Felisbella Marcondes e Maria Augusta Generosa Estrela estudavam no *New York Medical College and Hospital for Women* e criaram o periódico *A Mulher* (1881-1883), que circulou em Nova York e, mais tarde, em Recife. (DUARTE, 2016).

> publicou no Ceará, em Pelotas, em São Paulo e outros lugares. Ibrantina Cardona, que viveu alguns anos em Desterro, publicou em Florianópolis, no Rio, em São Paulo, no Mato Grosso. Assim também Júlia Lopes de Almeida, que publicou no Brasil todo, e muitíssimas outras.

As colaboradoras enviavam poemas, contos e crônicas para serem publicados nos periódicos feministas, mas, na seção de cartas, dialogavam abertamente entre si.

Na maioria, os escritos de autoria feminina do final do século XIX tratam do direito à educação e à profissão. Telles (2004) observa que as escritoras defendiam o movimento feminista de formas diferentes, algumas reforçavam os papéis de mãe, dona de casa e boa esposa, enquanto outras eram mais radicais em seus posicionamentos. Apesar disso, nesse contexto, todas as contribuições foram valiosas e enalteceram o sujeito feminino dentro e fora do lar. Não obstante, as oitocentistas gaúchas Andradina de Oliveira e Maria Benedita Bormann lutaram pelo direito ao divórcio, assunto que, naquele tempo, produzia bastante desconforto.

Andradina Oliveira (1864-1935) foi líder feminista, conferencista, biógrafa, teatróloga, escritora, educadora e redatora porto-alegrense, escreveu diversos romances e fundou o jornal *Escrínio* (Bagé, Santa Maria e Porto Alegre, 1898/1910). Em geral, a sua produção foi dedicada aos direitos da mulher, pois acreditava na importância do periodismo para a divulgação da capacidade intelectual feminina,

> o que fica evidenciado no editorial do primeiro número do periódico, no qual a autora defende a ideia de que a mulher poderá trabalhar ao lado do homem, em qualquer atividade, auxiliando-o nas "lutas pela vida", sem que isso a faça descurar de seus 'deveres domésticos' [...] Esse comprometimento parece ter repercutido positivamente entre mulheres de letras da época, pois, quando relançou o *Escrínio*, contou com 40 colaboradoras de todo país, entre elas, feministas como Mariana Coelho e Inês Sabino. (SANTOS, 2008, p. 5).

Posto isso, sobreleva-se a atuação de Andradina de Oliveira enquanto ficcionista com a obra *Divórcio?* (1912), composta por contos, no formato de cartas, que retratam os acontecimentos de uma união forçada. No congresso nacional, a lei que permite o divórcio foi aprovada somente em 1977, dado que ressalta o protagonismo da escritora gaúcha.

Outro nome das letras foi Maria Benedita Bormann (1853-1895), que nasceu em Porto Alegre e viveu a maior parte do tempo no Rio de Janeiro. Telles (2004, p. 431) assente que a escritora pertencia a uma família de prestígio, o que facilitou o seu acesso à educação. "Falava inglês e francês, desenhava bem e tocava piano". Publicou romances em folhetim e, depois, em forma de livro. Délia, pseudônimo[36] pelo qual ficou conhecida, colaborou em vários periódicos

[36] Conforme Telles (2004, p. 431), nas últimas décadas do século XIX, o pseudônimo "começa a ser usado como palavra de poder, marca de um batismo privado para o nascimento de um segundo eu, um nascimento para a primazia da linguagem que assinala o surgimento da escritora. Até como um ícone do domínio da sensibilidade, da habilidade e talento [...] A escritora criou uma ancestralidade imaginária e, ao mesmo tempo, definiu elementos

cariocas, tais como: *A Gazeta da Tarde*, de José do Patrocínio; *A Família*, de Josefina Álvares de Azevedo; *O País*, de João José dos Reis Júnior. "Este jornal criou a tradição da coluna no canto esquerdo da primeira página em que figurava geralmente um artigo literário". Maria Benedita Bormann "foi uma das primeiras a escrever" nela (TELLES, 2004, p. 431).

As escritoras e os jornais aqui relacionados foram escolhidos de acordo com a sua relevância histórica e qualidade literária. São interessantes porque permitem inferir novas concepções sobre a história da literatura no Brasil, saber os obstáculos enfrentados pelas mulheres na imprensa e, principalmente, as estratégias que elas adotaram para subverter a cultura dominante, por meio da escrita e do ativismo feminista. Dito isso, sabe-se que, no século XIX, uma das razões para a criação de periódicos foi a necessidade de conquistarem-se direitos, causa que incentivou Presciliana Duarte de Almeida a organizar sua revista, *A Mensageira*, objeto de análise do próximo capítulo.

de poder feminino quando escolheu seu pseudônimo. Délia é o nome de uma matrona da Roma Antiga amada pelo poeta Tíbulo".

3 *A MENSAGEIRA:* ORGANIZAÇÃO DA REVISTA

No Brasil, a revista tornou-se moda ao longo do século XIX, devido à conjuntura propícia do período: o avanço técnico das gráficas; o aumento da população leitora; o alto custo dos livros. Destarte, esse gênero foi condensado numa publicação com diferentes informações, intermediando o jornal e o livro. Conquistou-se o leitor do noticiário ligeiro e seriado, pelo valor acessível do impresso e a configuração leve, poucas folhas e leitura entremeada de imagens. Enquanto isso, o jornal caminhou para a veiculação diária, e a revista, de elaboração cuidadosa, aprofundou seus temas, limitando-se a periodização semanal, quinzenal, mensal, trimestral, semestral e até anual.

Amplamente utilizada pelos periódicos, a ilustração foi um marco na trajetória do gênero. Enriqueceu as publicações oitocentistas e transformou-as em objetos atraentes, acessível ao público menos afeito a ler. Naquele cotidiano distante e defasado em comparação à imprensa estrangeira, Antonio Luiz Cagnin (1994) acentuou o referencial imagético de então na capital paulista. A modalidade revista ilustrada atingiu além da elite, passou a ser preferência da população leitora. Nessa esteira, surgiram o *magazine*, alternativa de revista que propagandeava bens de consumo, e os hebdomadários[37], impressos que aceleravam a periodicidade das revistas.

Janice Gonçalves (1995) estima que houve por volta de 452 oficinas tipográficas em São Paulo entre 1850 e 1900. No entanto, a valorização do periódico revista não aconteceu imediatamente, porque a modalidade de caráter fragmentado, leitura não contínua, e alta periodicidade é um tipo de publicação frágil, só reconhecida quando divulga artigos originais de crítica e análise de determinados assuntos. (ROCHA, 1985). Antes disso, o conteúdo do impresso era esquecido, e apenas os bibliófilos, os estudiosos e certos interessados pelas letras e pelas artes guardavam-no. Seus objetivos variaram com o passar do tempo, condicionados às circunstâncias históricas de circulação. Nesse sentido, a partir do cenário cultural nacional, investiga-se o impresso *A Mensageira*, foco deste estudo.

O periódico *A Mensageira*: Revista literária dedicada à mulher brasileira[38] foi lançado dia 15 de outubro de 1897, na cidade de São Paulo (SP). Suas atividades estenderam-se até 15 de janeiro de 1900, data do último número entregue por Presciliana Duarte de Almeida ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 20 de maio de 1902. Essa instituição forneceu o material ao Arquivo do Estado da Secretaria da Cultura de São Paulo, e os originais fizeram

[37] Publicação de cunho informativo técnico e político que aparece regularmente a cada semana. (MARTINS, 2008).
[38] Optou-se por atualizar a ortografia.

parte do programa editorial da Imprensa Oficial do Estado, reproduzidos nos volumes fac-similares I e II, em 1987. Ao todo, somam-se 36 edições, com periodicidade que variou de semanal à mensal[39]. No ano I[40], com sede na Rua dos Estudantes, número 23, publicaram-se 24 exemplares, e, no ano II[41], em novo endereço, na Rua Santa Efigênia, número 57, 12 exemplares.

Entre 30 de setembro de 1898 e 15 de fevereiro de 1899, respectivamente, o primeiro e o segundo ano de *A Mensageira*, houve um intervalo de impressões. A interrupção da revista deu-se em virtude da perda repentina do filho mais novo da diretora Presciliana Duarte de Almeida, Bolívar. Na coluna "Carta ao Rio" do número 25, Maria Clara da Cunha Santos informa o fato:

> [...] formoso lírio que enchia de alegria o seu lar e de esperanças o seu coração – abalou-a fortemente, como é de se imaginar. Por esse motivo, aliás muito justo, esta revista suspendeu por 4 meses, sua publicação. E se hoje reaparece, vem provar a força de vontade, a digna energia de sua diretora, que continua a trabalhar e a lutar, tendo embora o coração dilacerado de dor, pela mágoa sem consolo, pela saudade inextinguível, de separação eterna de um filhinho idolatrado... (SANTOS, 1987, p. 1).

Por sua relevância como fenômeno literário, essa lacuna de publicações não prejudicou o andamento do periódico. Após a pausa, as edições continuaram a ser comercializadas dentro e fora do Brasil.

Possivelmente, a produção de *A Mensageira* e os demais impressos voltados para as mulheres oitocentistas tiveram como referência a materialidade dos primeiros romances. Segundo Mônica Yumi Jinzenji (2008), verificam-se em gravuras do século XVIII que elas estavam acostumadas a bibliografia produzida em formato reduzido, uma vez que as jovens são retratadas portando pequenos livros. Apesar de serem um pouco maiores do que as obras *in octavo*[42], a dimensão de suas páginas assemelhava-se a uma folha dobrada ao meio (20cm x 24cm). No período, Robert Darnton (1996) pontua que o papel era o elemento mais dispendioso para a tipografia, representando cerca de 75% do custo total. Desse modo, compensou-se a pequenez do tamanho com o número de folhas. *A Mensageira* possuía entre dezesseis e vinte páginas.

A paginação de *A Mensageira* era contínua ao longo das edições, ao contrário de outros jornais que enumeravam as folhas a cada novo volume. Supõe-se que o conjunto de edições da

---

[39] A única discrepância temporal foi o intervalo de quarenta e cinco dias entre os exemplares 30, 15 de julho de 1899, e 31, 31 de agosto de 1899.
[40] Compreende o período de 15 de outubro de 1897 a 30 de setembro de 1898.
[41] Compreende o período de 15 de fevereiro de 1899 a 15 de janeiro de 1900.
[42] As dimensões dos livros costumavam ser divididas em três tamanhos: os *in folio* eram os maiores, duas folhas; os *in quarto* eram os médios, tinham as folhas dobradas duas vezes; os *in octavo* eram os pequenos, dobravam-se três vezes as folhas (16,5cm x 10,5cm). (MARTINS, 2008).

revista seria encadernado, em um pequeno livro, no final de cada ano. O exemplar 24 informa que, "para facilitar aos colecionadores o meio de manusear esta revista, publicamos hoje o índice das matérias contidas no primeiro ano" (ALMEIDA, 1987, p. 379). Essa prática foi recorrente também para a imprensa europeia. Originalmente, os panfletos e periódicos parisienses em formato *in octavo* não eram concebidos como jornais, mas como folha de novidades, cuja formatação menor tornava-os mais convenientes ao agrupamento, sem necessitar de um equipamento especial para juntar os números. (NEVES, 1998).

A paginação sequencial reforçava a constância na obtenção dos exemplares. De acordo com Martins (2008), as práticas de venda dos impressos desse tipo se faziam compatíveis com o nível de seus consumidores, um grupo social cosmopolita. Por isso, a assinatura foi a principal tática, garantia de sobrevivência da publicação. No período, angariavam-se assinantes com um mecanismo impositivo, o envio descompromissado de uma edição para a apreciação. Caso o indivíduo não a devolvesse, considerava-se a assinatura aceita. (CRUZ, 1994). A aquisição do plano anual de *A Mensageira* custava R$ 12.000 (doze mil réis), e o volume individual saía por R$ 1.000 (mil réis), valores indicados na capa da revista. Esses custos de impressão eram determinados em função do acabamento gráfico.

Na época, reforçava-se a colocação da revista, vendendo-a em locais físicos. *A Mensageira* foi comercializada de forma avulsa em pontos estratégicos em São Paulo, Casa Garraux e Livraria Brazil[43], e no Rio de Janeiro, Casa de Músicas de Julia Filippone[44]. De mão em mão, a publicação difundiu-se, especialmente, em círculos de amigos que frequentavam as poucas livrarias disponíveis. Ainda, gozava de representação em Paris, por Mme. Blanche Xavier de Carvalho, no endereço Boulevard de Clichy, número 16, e no Rio de Janeiro, pela colaboradora Maria Clara da Cunha Santos, no endereço Rua Conde Bomfim, número 12A. Essas agentes tinham a incumbência de divulgar e vender assinaturas para o periódico.

Do mesmo modo que em outros impressos, anunciava-se a cobrança da anuidade, solicitando que se efetuasse o pagamento. "Aos nossos assinantes, tanto desta capital como de fora, rogamos o obséquio de nos enviarem a importância de suas assinaturas até o fim do mês, antecipando-lhes por essa fineza a nossa gratidão" (ALMEIDA, 1987, p. 48). Em razão da dimensão de circulação, estima-se que *A Mensageira* tivesse grande número de leitores, tanto em cidades paulistanas como em outras localidades do país. No estado de São Paulo, esteve presente em 15 municípios: Araraquara, Bananal, Batatais, Bauru, Caçapava, Campinas, Franca, Igarapava, Jaguari, Pindamonhangaba, Ribeirão Preto, Santos, São Carlos do Pinhal,

[43] Rua Moreira Cesar, número 80. (ALMEIDA 1987).
[44] Rua Moreira Cesar, número 93. (ALMEIDA, 1987).

São Paulo e Varginha. Além de chegar aos seguintes estados, por conta os jornais enviados à revista: Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Uma maneira de divulgar *A Mensageira* foi a permuta realizada entre os órgãos da imprensa, associações literárias e culturais. Baseado nas seções "Notas pequenas", catalogaram-se todos os periódicos, livros e músicas citadas nas 36 edições da revista. Entre eles, averiguou-se que *A Mensageira* foi mencionada em 46 jornais ou cartas[45], recebeu 12 obras[46], 5 canções[47] e 82 impressos[48], oriundos de 9 estados, a saber, Alagoas (2), Bahia (4), Minas Gerais (17), Pernambuco (1), Rio de Janeiro (17), Rio Grande do Sul (6), Rio Grande do Norte (1), São Paulo (27) e Sergipe (2). Entretanto, não é possível indicar uma lista nominal de assinantes, porque não é fornecida pela revista[49]. Mas, no último volume de cada ano, costumava-se agradecer pelo auxílio dos colaboradores.

Ademais, a imprensa oitocentista enfrentou dificuldade para cumprir os prazos editoriais, porque o processo de produção periódica demandava muitas etapas. Contudo, a Tipografia Brasil de Carlos Gerke & Companhia, oficina tipográfica a vapor da cidade de São Paulo, editou e imprimiu pontualmente os exemplares de *A Mensageira*. Naquele tempo, dispunham-se de poucos operários, e um compositor era capaz de ordenar até 1.200 caracteres por hora, mais ou menos uma folha *in octavo*. (MINARD, 1992). Assim, visto que o jornal tinha em média 18 páginas, levavam-se dias até que sua formatação ficasse pronta.

Na capital paulista, o gráfico era um dos raros profissionais especializados. O ofício de imprimir letras e criar o impresso foi a porta de entrada para talentos literários que não logravam outra forma de acesso aos ambientes letrados. Machado de Assis ilustra o segmento, iniciou a atividade de tipógrafo aos 16 anos na Imprensa Nacional, órgão do governo, em 1857. O aprendizado na empresa garantiu-lhe a profissão e aproximou-o da classe intelectual. Porém, o serviço manual era árduo e exaustivo, uma vez que se instalavam as tipografias em cômodos exíguos. (FIGUEIREDO, 1933). A sobrecarga de trabalho podia fazer com que os operários[50] trabalhassem em dias santos e feriados.

---

[45] Ver Anexo B.
[46] Ver Anexo B.
[47] Ver Anexo B.
[48] Ver Anexo B.
[49] Consoante Morel (2005, p. 212-213), "parece ser mais plausível acreditar que as vendas avulsas (quando o anonimato era preservado) teriam peso quantitativo maior e preservavam os leitores".

[50] Maria Nazareth Ferreira (1979) assente que, na bibliografia das lutas sociais do Brasil, a União dos Trabalhadores Gráficos, em 1890, foi o primeiro movimento reivindicatório da classe operária nacional.

Quanto ao aspecto tipográfico de *A Mensageira*, observam-se detalhes minuciosos: o apelo visual da capa do primeiro número, composta pelo cabeçalho de arabescos, o título com letras de tema floral, o nome da diretora, o local de origem, a tipografia e o rodapé, enquadrando uma pequena imagem primaveril, representa um rótulo para a revista, pois reúne características e atrativos que oportunizam ao leitor decidir ou não comprá-la. Para Tarcísia Maria Travasso de Aguiar (2012), a capa é um texto que tem propósitos comunicativos próprios, funciona na forma de leque de perspectivas e expectativas. Marca dentro de um determinado contexto ou comunidade o seu gênero, valorando a forma textual. (MILLER, 2009). O que distingue a revista do jornal, geralmente diário, é o aspecto *in folio* e a existência de capa. (MARTINS, 2008). A figura 1 reproduz a referida página.

Figura 1

1- Fotocópia da capa do primeiro volume de *A Mensageira*.

*Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional acessado na Hemeroteca Digital em 12 de março de 2020.

No âmbito jornalístico, alguns elementos da capa podem ser considerados fixos, os aparatos de edição. (BAZERMAN, 1994). Em *A Mensageira*, repete-se o cabeçalho dos volumes 2 ao 36[51]. Nele identifica-se a cidade de São Paulo, a data de impressão, o ano, o número, a direção, a periodicidade e o valor. Todavia, a fotografia é um elemento variável que compõe alguns exemplares do *corpus* analisado, embeleza, anuncia o conteúdo e remete o leitor às páginas dos cadernos internos. (AGUIAR, 2012). Esse recurso esteve presente em cinco volumes. São eles: v. 23, foto de Maria Clara da Cunha Santos; v. 26, foto de Áurea Pires; v. 27, foto de Mme. Dreyfus; v. 29, foto de Júlia Lopes de Almeida; v. 30, foto de Dr. Cândido Espinheira. Quando isso ocorreu, o sumário da revista passou para a página seguinte. Normalmente, inseria-se após o cabeçalho. Ainda, *A Mensageira* apresentava em suas páginas pequenas vinhetas de flores e insetos.

3.1 SEÇÕES

Bernard Miége (2009) traça um percurso evolutivo da história da imprensa, dividindo-a em modelos explicativos, de acordo com a transformação do espaço e do público. Desse modo, *A Mensageira* enquadra-se no que ele chamou de imprensa de opinião, artesanal, com tiragem reduzida e texto opinativo. Já Ciro Marcondes Filho (2001) estabelece cinco épocas diferentes da imprensa: Pré-história do Jornalismo (1631-1789), caracterizada por uma economia elementar, forma semelhante ao livro e produção artesanal; Primeiro Jornalismo (1789-1830), caracterizada pelo conteúdo literário e político, com economia deficitária, texto crítico e comandada por escritores, intelectuais e políticos; Segundo Jornalismo (1830-1900), chamada imprensa de massa, caracterizada pela criação de manchetes e reportagens, consolidação da economia empresarial, início da profissionalização dos redatores e utilização da publicidade; Terceiro Jornalismo (1900-1960), chamada de imprensa monopolista, caracterizada por grandes tiragens, influência das relações públicas e fortes grupos editoriais que controlaram o mercado; Quarto Jornalismo (1960 em diante), caracterizada pela informação eletrônica e interativa, com ampla utilização da tecnologia, mudança das funções do jornalista, velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e crise da imprensa escrita. De 1830 a 1900, período em que a revista circulou, estava vigente o Segundo Jornalismo, marcado pelo início da profissionalização do escritor.

[51] O número 1 diferencia-se dos demais porque, além de possuir a capa mostrada na figura 1, tem esse cabeçalho da revista na primeira página.

Fundamentado na classificação de Marcondes Filho (2001), entre os séculos XVIII e XIX, a literatura influenciou o periodismo. Foi quando os autores tomaram conta dos jornais e descobriram a força de um novo leitor, capaz de influir na linguagem e no conteúdo dos impressos. Nesse ínterim, eclodiu uma modalidade de jornalismo, movido por escritores que desempenharam múltiplas funções, editores, articulistas e poetas. Publicar narrativas literárias aumentou consideravelmente a venda de periódicos.

A inserção de literatura nas páginas das revistas significou "potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania e romper as correntes burocráticas da lide[52]" (PENA, 2006, p. 6). Sobretudo, uma das preocupações do jornalismo literário[53] era contextualizar a informação de maneira abrangente, pensando em como a sua abordagem poderia contribuir na formação do sujeito.

Para Felipe Pena (2005), ao contrário das reportagens cotidianas que logo caem no esquecimento, essa tendência não pode ser vista como efêmera ou superficial, pois permanece no imaginário coletivo e individual ao longo do tempo. A qualidade de *A Mensageira* atraiu uma série de talentos que ousaram ultrapassar o limite das redações tradicionais, na verdade, a maioria das mulheres nem chegou a frequentá-las. Assim, a revista oportunizou a entrada dessas senhoras no ambiente letrado.

Doravante, a produção de *A Mensageira* será classificada por tipologias[54], gêneros textuais e seções, para depois identificarem-se os autores que contribuíram com o impresso e as temáticas recorrentes em seus textos. A partir das estruturas formais dos escritos, agruparam-nos em cinco tipos, sendo: citação (citação); informativo (notícia); narrativo (conto); opinativo (artigo, carta, crônica, editorial e resenha); poema (poema). Observa-se que dentro de algumas dessas categorias aparece mais de um gênero, isso ocorre porque, apesar de os textos estarem sob rótulos diferentes, possuem características semelhantes[55]. Para esclarecer essa separação, no quadro 3, visualiza-se o número total de textos pertencentes a cada estilo apresentado em *A Mensageira*.

Quadro 3 – Quantificação geral de tipologias publicadas em *A Mensageira*

[52] Trata-se do conceito de cientificidade, que ameniza a influência do subjetivo na reportagem jornalística.
[53] Também intitulado como literatura da realidade e literatura criativa de não ficção. (LIMA, 2020).
[54] Designam uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística predominante em sua composição – aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais e relações lógicas. (MARCUSCHI, 2003).
[55] São os princípios linguísticos organizadores desses textos.

Tipos	**Quantidade**
Citação	74
Informativo	158
Narrativo	42
Opinativo	131
Poema	189

*Fonte: Quadro elaborado pela autora

O tipo citação compreende trechos que aproximam o leitor da literatura canônica, contribuindo para a formação de seu imaginário cultural. Integram a seção "Seleção", presente em 26 edições de *A Mensageira*, números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 15, 16, 18, 20, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35 e 36. Ao todo, são 48 excertos[56] de 39 autores brasileiros e internacionais, como Bernardo Guimarães, Castro Alves, Victor Hugo, Mme. de La Fayette, Julia Lopes de Almeida e Maria Amalia Vaz de Carvalho. Sublinha-se uma citação do livro *Brasileiras Célebres* (1862), escrito por Joaquim Norberto de Souza Silva e publicado no volume 1 do periódico:

> Quantas senhoras dignas de serem lembradas por títulos gloriosos não baixariam ao túmulo com seus nomes? Por muito contribuiu uma acanhada e mesquinha educação para que morressem em esquecimento muitas senhoras brasileiras, e mal entendida modéstia obstou que vissem a luz da publicidade algumas composições e traduções que talvez emparelhassem com a de nossos melhores literatos. E ainda hoje quantos homens ignorantes não têm por incompatível com o melindre do sexo feminino a mais inocente das obras inspirada pela mais nobre das paixões, e não vêm na sua publicação um comprometimento? Resultou o que se devia esperar: – a perda de numerosas composições e daí o não serem conhecidas senão pelo seu nome as poetisas mineiras, D. Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira, esposa do célebre poeta Alvarenga Peixoto, que se finou no exílio, e D. Maria dita, por antonomásia, das Contendas, por causa de sua beleza e outras muitas (SILVA, 1987, p. 14).

O trecho de J. Norberto retrata a problemática da figura feminina nos oitocentos. A maioria dessas mulheres recebeu um ensino modesto, que não incentivava sua emancipação. Consequentemente, quando desejaram aventurar-se na literatura, sofreram duras críticas do público masculino, que desmereceu o lirismo de seus textos, julgando-os sem qualidade. Em terras mineiras, por exemplo, inúmeras foram as escritoras e composições relegadas ao esquecimento, com exceção da tia-trisavó de Presciliana Duarte de Almeida, D. Bárbara Heliodora Guilhermina Silveira.

O tipo informativo abarca o gênero notícia, que além de relato noticioso, inclui a nota e a reportagem factual. No Anexo C, ilustram-se os textos noticiosos presentes em *A Mensageira*. Eles aparecem em duas diferentes seções, "A Mensageira" (18) e "Notas pequenas" (140),

[56] Ver Anexo C.

ambas sem autoria divulgada. Ao que tudo indica, são de responsabilidade da organizadora, Presciliana Duarte de Almeida.

A coluna "A Mensageira" noticia as menções à revista e agradece a recepção pela imprensa brasileira, cuja publicação inaugural informa que será um espaço para transcrições de trechos sobre *A Mensageira*. Posto isso, veicula o que foi escrito no jornal *Imparcial*, de São Paulo:

> Damos-lhe o lugar de honra, não porque se trata de uma revista dirigida por senhoras – pois que isso não constitui por si só uma primazia literária – mas porque estamos em frente de uma obra que tem o elevado escopo de reunir, educar e enobrecer a mulher brasileira. Salve, D. Presciliana Duarte de Almeida... Nós vos saudamos como excelente missionária do bem, fazendo votos sinceros para que esse nobre espírito veja rasgados e azuis esses horizontes esplêndidos... Não seremos nós que vos levantaremos obstáculos; não... Havemos, pelo contrário, de vos dulcificar a via dolorosa, já que tereis de encontrar a traição dos invejosos, o fel dos estúpidos e o chasco dos indiferentes, nesse caminho para o calvário dos iluminados. Mas avante, que o ideal é nobilíssimo, é grandioso, tanto mais que raríssimos povos se poderão amoldar tanto a doce ação empolgante da mulher como nós. Avante, pois! (IMPARCIAL, 1987, p. 31-32).

A coluna "Notas pequenas" contém informações sucintas. São relatos noticiosos que narram fatos de forma isolada para os leitores. (STANCKI, 2018). A grande maioria das notícias relacionam-se ao sujeito feminino. Entre as temáticas veiculadas estão: a) belas artes, destacando a entrada de uma professora francesa de desenho gráfico, no quadro de docentes do museu de história natural, em Paris, "a primeira vez que uma mulher é chamada a exercer funções tão notoriamente oficiais, em um posto para o qual não faltaram candidatos masculinos" (ALMEIDA, 1987, p. 207); b) caridade, como a visita a Maternidade de São Paulo, fundada pela Dra. Maria Renotte e mantida por doações de paulistanas, "o primeiro estabelecimento dessa ordem na América do Sul. Enorme capricho, irrepreensível asseio e tudo o que a higiene moderna exige para uma instituição com semelhante destino, fazem daquela casa um verdadeiro templo de amor e piedade" (ALMEIDA, 1987, p. 63); c) educação feminina, ao exemplo da primeira senhora a se matricular na Faculdade de Direito de São Paulo, "que no curso de preparatórios obteve distinção em todas as cadeiras, Exa. Sra. D. Maria Augusta Saraiva" (ALMEIDA, 1987, p. 174); d) feminismo, acompanhando a conquista do movimento na Alemanha, quando Luiza Otto "recomeçou a campanha, e entre os seus sucessos nota-se a fundação da 'Associação geral das senhoras alemãs', para elevar o nível de cultura feminina e tolher qualquer obstáculo ao seu trabalho" (ALMEIDA, 1987, p. 167-168); e) imprensa, ao prestigiar a primeira folha diária francesa "exclusivamente dirigida, administrada, escrita e tipograficamente composta por mulheres. Intitula-se *La Fronde* e tem como diretora uma senhora de notável espírito e grande distinção, Mme. Dervoud de Valfire" (ALMEIDA, 1987,

p. 127-128); f) literatura, feito a recomendação da obra "*Ele* – Título de um novo romance da distinta escritora portuguesa Claudia de Campos. Este livro, que acaba de ser impresso em Portugal, não chegou ainda ao Brasil, segundo cremos, o que, porém, já chegou é a sua fama de trabalho primoroso, destinado a êxito brilhante" (ALMEIDA, 1987, p. 115); g) obituário, marcando a partida de escritoras renomadas, "no cemitério dos Prazeres, em Lisboa, realizou-se com grande solenidade a transladação dos restos mortais de Guiomar Torrezão, do jazigo onde permaneceram por empréstimo para o jazigo das famílias Costa e Torrezão" (ALMEIDA, 1987, p. 15).

O tipo narrativo engloba o gênero conto. Em *A Mensageira*, publicaram-se 42[57] contos de 19 escritores. Entre eles sublinha-se a assiduidade de Maria Clara da Cunha Santos com 12 narrativas, Julia Lopes de Almeida com 6 narrativas e, respectivamente, Dolores Alcântara Araújo, Francisca Clotilde, Ignez Sabino, Ipoméa, Pelayo Serrano e Ridelina Ferreira com 2 narrativas cada.

O tipo opinativo reúne os gêneros artigo, carta, crônica, editorial e resenha. José Marques de Melo (2003, p. 73) assente que os jornais brasileiros se inseriram na sociedade como um aparato ideológico, "influenciando pessoas, comovendo grupos, mobilizando comunidades, dentro das condições que marcam" o contexto histórico. Em *A Mensageira*, há filtros opinativos na escolha das pautas, como a homenagem à Mme. Dreyfus no v. 27[58], coberturas e fontes. Também, observa-se intencionalidade na disposição dos conteúdos, como o desaparecimento da coluna "Crônica omnímoda", no uso de títulos e chamadas e na escolha de determinados vocábulos típicos do posicionamento feminista.

O gênero artigo é o estilo de redação mais popular dos jornais nacionais *A Mensageira* possui 42[59] artigos de 28 articulistas. Destacam-se Delminda Silveira com 4 textos, Elmano do Val com 4 textos e Silvio de Almeida com 3 textos. Os artigos não estão atrelados a uma seção da revista, foram dispostos aleatoriamente. Nota-se que a temática predominante é a condição feminina, no que tange à educação e à literatura produzida por mulheres. Aqui, cabe enfatizar o texto "Observações: sobre a educação em geral (Mocidade)", de Delminda Silveira, publicado no exemplar 19:

> Tenho ouvido a certos homens, uns, pais de família, outros noivos apenas, estas frases que me fazem pensar "minha esposa, minhas filhas jamais frequentarão bailes...". E eu fico-me a cismar que oculto perigo haverá para uma senhora, ou mocinha em meio de uma sociedade decente e bem escolhida?... Esse receio será pela parte das damas ou dos cavalheiros? A boa educação e a séria delicadeza impõem sempre o respeito, mormente quando essa cortesia vem da parte de uma senhora. Quanto aos ébrios e

[57] Ver Anexo C.
[58] Presciliana dedica uma edição à esposa de Alfred Dreyfus, criticado na "Crônica omnímoda" do número 11.
[59] Ver Anexo C.

> loucos, creio ser-lhes interceptada a entrada em um salão; os jovens corrompidos, esses, ainda que no mundo ostentem todo o seu cinismo, nunca se atreverão a patenteá-lo ante a circunspeção de uma mulher honesta e bem educada (SILVEIRA, 1987, p. 289-290).

A autora critica a atitude masculina de impedir que suas filhas ou noivas frequentem os bailes, argumentando que uma sociedade séria não precisa se preocupar com qualquer leviandade. "Oh, – educai a mulher – e todo esse perigo de salão, como muitos outros ainda, desaparecerá [...] A cultura intelectual amplificando os horizontes da inteligência, dará à mulher a luz suficiente para poder bem discernir, e ela saberá então aproveitar os conselhos" (SILVEIRA, 1987, p. 290-291). Delminda Silveira conclui dizendo que é dever da família educar uma moça para a sociedade, e não a tratar como um objeto, enchendo-a de adornos a fim de atrair um pretendente.

O gênero carta é um texto que possibilita ao leitor de um jornal dialogar com o responsável ou com os demais leitores. Em *A Mensageira*, somam-se 35[60] cartas, assinadas por 5 escritores. Maria Clara da Cunha Santos deu vida à seção "Carta do Rio"[61], presente em 30 edições do periódico. Essa coluna aborda questões ligadas ao seu contexto de produção, a capital do Brasil, e a temáticas sociopolíticas nacionais, como a abolição da escravatura, na edição 16:

> Maio, o mês da Nossa Senhora, encerra em si a mais gloriosa data da história do Brasil – o dia 13 – o grande dia de redenção dos cativos. Meu coração volta-se agradecido para o passado e o vulto simpático e bondoso da princesa Isabel vem, docemente, receber os aplausos de meu entusiasmo sincero. Vejo-a como uma carícia materna, há 10 anos passados, quando ela assinou a áurea lei, que redimia uma raça, por tantos anos, egoisticamente, usurpada pela outra (SANTOS, 1987, p. 244-245).

Maria Clara reconhece que a emancipação dos cativos foi uma luta iniciada por José do Patrocínio, bravo defensor dos fracos. Nesse sentido, lembra-se de André Rebouças, engenheiro e abolicionista que faleceu em Madeira, Portugal, fiel companheiro de seu esposo na campanha da abolição. Por sua vez, a carta do número 11 mostra a dura realidade enfrentada por uma escrava alforriada:

> Conheço uma pobre lavadeira que me contou outro dia que foi cativa e que ficou liberta no dia 13 de maio. Disse-me ela, "eu estava empregada como ama de leite de uma criança rica. Meu filho estava sendo criado por uma preta velha, eu não o via senão de mês em mês [...] Quando chegou a notícia de que a Princesa tinha libertado todos os cativos, eu senti uma alegria sem conta e uma tristeza sem nome! Alegre! Poderia viver com o meu filhinho! Triste! Porque me lembrava que minha mãe morreu cativa e era tão velha! Sempre trabalhou e não pode gozar desse favor da Princesa [...]

---

[60] Ver Anexo C.

[61] Objeto de estudo de Morgana Carniel no capítulo "A ironia como meio de subversão do discurso em 'Carta do Rio', de Maria Clara da Cunha Santos", da obra *Imprensa feminista e literatura*: contribuições da revista *A Mensageira* (2019), organizada por Cecil Jeanine Albert Zinani; e de Maria Alciene Neves na dissertação *Os brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos*, realizada na Universidade Federal de São João Del-Rei, em 2009.

> O meu patrão me disse que daquele dia em diante eu era livre, mas que continuasse a amamentar seu filho. Meu ordenado seria daí por diante de 40$000 por mês porque o dinheiro era para mim mesma e seria loucura pagar-me o mesmo que pagava a meu senhor, que era um homem rico" (SANTOS, 1987, p. 164-165).

Maria Clara espantou-se com a história da mulher e fez questão de escrever o fato em *A Mensageira*. Para ela, tornar conhecidas as barbaridades cometidas no tempo do cativeiro aproxima o público de uma realidade não tão distante,

> [...] do homem rico que entendia que o leite que amamentava o seu filho valia cento e vinte mil réis por mês enquanto um outro homem – também rico – recebia o aluguel para consumi-lo em capitosos vinhos e luxuosas ostentações e que no momento em que a ama ficou liberta, só valia o seu leite o terço do seu valor! *Edificante, não acham?* (SANTOS, 1987, p. 165).

A escritora faz uso de artifícios linguísticos para, singelamente, demonstrar sua opinião crítica. Segundo Morgana Carniel (2019), suas cartas são destinadas a mulheres que compartilham a mesma realidade social da autora, o que lhe permite criar laços de intersubjetividade, essenciais para a interpretação do discurso irônico empregado na coluna.

Outro tema enfatizado por Maria Clara é o prejuízo que o progresso desenfreado acarretou nos centros urbanos. A "Carta do Rio" do volume 6 descreve um episódio curioso, em que uma onça é vista pelo bairro Irajá, no Rio de Janeiro:

> Há dias apareceu uma onça pintada lá para os lados do Irajá, e tem pintado o sete a tal onça. Já foi vista muitas vezes pelos moradoras daquele bairro. Imagino que a forasteira veio explorar o lugar e ver se lhe convém para trazer a família [...] ou é uma forasteira que procura novos sítios, certa de que ninguém é proprietário em sua terra; ou é uma apaixonada que procura o bulício das grandes cidades para esquecer amores não correspondidos, ou é uma malvada que pretende abater o nosso orgulho de povo civilizado. A civilização e as onças são incompatíveis (SANTOS, 1987, p. 83-84).

A escritora pergunta se o animal irá passear em outros bairros da capital nos próximos dias, já que os homens tomaram seu habitat. Termina criticando a urbanização carioca e alerta que a fauna sofrerá com esse processo. No exemplar 16, escreve sobre o povoamento de áreas próximas de florestas e matas fechadas:

> A formosa Tijuca vai ser devastada pela civilização! A eletricidade vai ter ingresso naquelas matas seculares, é o que noticiam as folhas da capital. Daqui a alguns anos, quando a Tijuca estiver cortada de bondes e avenidas, quando as confeitarias e casas de modas ostentarem suas vistosas placas, quando houver coretos para as bandas marciais [...] os pássaros que agora cantam e alegram aqueles sítios fugirão em demanda de outros lugares, onde possam viver em liberdade; as árvores frondosas terão caído, derrubadas para dar passagem aos veículos e espaço para modernas construções [...] Pobre Tijuca. Maldita civilização! (SANTOS, 1987, p. 245).

Maria Clara comenta que a floresta da Tijuca será destruída e junto com ela espécies raras de animais e plantas desaparecerão. Por fim, aponta que esse projeto causará um desequilíbrio ambiental, com duras consequências à população.

A Mensageira tem 22[62] crônicas de 4 escritores. 19 produções segmentam-se em duas seções, "Com ares de crônica" e "Crônica omnímoda". A coluna "Com ares de crônica" foi publicada em 9 volumes, números 3, 7, 8, 11, 15, 16, 20, 28 e 33, e é assinada por Maria Emília. Enquanto a coluna "Crônica omnímoda" esteve em 11 edições, números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, e 13, com autoria de J. Vieira de Almeida.

O gênero editorial, segundo Marques de Melo (2003), revelava a opinião dos proprietários nos impressos de pequeno porte. É o caso de *A Mensageira*, em que Presciliana Duarte de Almeida tem a função de apresentar, analisar, clarificar, expor e interpretar os conteúdos para os leitores. Totalizam 10[63] editoriais, inscritos nos números 1, 5, 8, 12, 24, 27, 30, 35, 36 e 36. O volume inaugural foi usado para mostrar ao público a missão de *A Mensageira* na sociedade.

O gênero resenha noticia e apreende o sentido profundo das obras de arte, situando-as no tempo e no espaço. (MARQUES DE MELO, 2003). Em *A Mensageira*, são 23[64] críticas, escritas por 10 autores. Desses textos, Perpétua do Valle, pseudônimo de Presciliana Duarte de Almeida, é responsável por 8 resenhas, que ajudam o leitor a ter uma noção do mercado cultural oitocentista e auxiliam-no a investir em produções de boa qualidade. Ela avaliou: "A lágrima e o sorriso", de Maria Jucá; Almeida Junior; exposição de Almeida Junior; *Flor de neve*, de E. de Goes; *Livro das crianças*, de Zalina Rolim; *Phantasias*, de Cândida Fortes; *Plectros*, de Ibrantina Cardona; *Princesa de Clèves*, de Mme. de La Fayette.

O tipo poema se materializa na revista, em grande parte, como soneto. Permeiam as páginas de *A Mensageira* 189[65] composições de 66 autores, sem uma seção específica. Alguns nomes escreveram uma parcela considerável de poemas, a saber, Presciliana Duarte de Almeida (24), Áurea Pires (20), Silvio de Almeida (10), Delminda Silveira (8), Georgina Teixeira (8), Candido de Carvalho (7), Arthur Andrade (6), Adelina Amélia Lopes Vieira (4), Julia Cortines (4), Manoel Viotti (4).

Para Marques de Melo (2003), no jornalismo, a opinião parte de quatro lugares: a empresa, o jornalista, o colaborador e o leitor. Essas fontes estabelecem os formatos utilizados pelos gêneros textuais opinativos. Portanto, no caso de *A Mensageira*, a organizadora Presciliana Duarte de Almeida é a responsável pelo editorial; os demais escritores e colaboradores assinam o artigo, a crônica e a resenha; e o leitor escreve sua opinião, por meio

[62] Ver Anexo C.
[63] Ver Anexo C.
[64] Ver Anexo C.
[65] Ver Anexo C.

da carta. No volume 3, Ibrantina Cardona escreve uma correspondência para Presciliana, que data 03 de novembro de 1897, parabenizando a revista. Relata que essa leitura lhe trouxe satisfação e fê-la esquecer da enfermidade que aniquilava seu corpo. A remetente dedica uma citação de Mme. de Stael à organizadora, "a vós pertence um lugar entre aquelas que bem mostram ser a mulher apta para todos os arrojos do engenho humano" (CARDONA, 1987, p. 38). Para ela, Presciliana tem o espírito elevado em favor da instrução feminina, as páginas de *A Mensageira* revelam preciosos frutos intelectuais de mulheres que acompanham a marcha do progresso, sob o triunfo da arte. À título de exemplo, cita: Júlia Lopes de Almeida, autora de uma prosa adorável; Revocata Heloísa de Mello, gaúcha que fundou *O Corimbo*; Andradina de Oliveira, escritora de *Prelúdios*; Luiza Cavalcanti Guimarães, poetisa de *Alvoradas*. Ibrantina Cardona defende que:

> A mulher possui todos os dotes com que a natureza dotou o homem, e em nenhum deles tornasse-lhe inferior. Instruída com solidez, ela não será um peso para o seu companheiro, um fardo para a sociedade; mas, sim, um braço forte que lutará com dignidade e altivez para a felicidade da família e para orgulho desta grande pátria (CARDONA, 1987, p. 41).

Reitera sua admiração por Presciliana e inclui a oitocentista na galeria de mulheres importantes da época, torcendo para que seu intento consiga erguer a brasileira ao nível da luz.

3.2 PARTICIPAÇÃO FEMININA

Nos primeiros anos da República Velha, a imprensa periódica divulgou a produção literária brasileira, pois o mercado editorial não tinha a estrutura necessária, para a impressão de diferentes modalidades. Na época, os jornais eram a principal instância cultural, forneciam gratificações e posições intelectuais aos seus colaboradores. (MICELI, 1977). Isso pode ter levado os oitocentistas a escreverem textos que se adequassem aos estilos literários recorrentes nos periódicos, como o artigo, o conto e a crônica.

Sodré (1966) comenta que, a partir da segunda metade do século XIX, a literatura nacional conquistou um público considerável, e foi preciso imprimir as obras no exterior. Desse modo, a fim de diminuir os custos, os autores divulgavam seus escritos na imprensa local, enviando-os para publicação. *A Mensageira* foi um veículo que propagou os textos de 38[66] escritoras, oportunizando o reconhecimento literário e a inserção de mulheres nas atividades dos periódicos.

[66] Ver Anexo D.

Essa rede de apoio mútuo entre as colaboradoras fortaleceu os órgãos da imprensa feminista e funcionou como um intercâmbio cultural de norte a sul do Brasil. O quadro 4 apresenta os estados de origem das 36 escritoras brasileiras que contribuíram com *A Mensageira*.

Quadro 4 – Estados de origem das colaboradoras brasileiras de *A Mensageira*[67].

Estado	**Colaboradoras**
Alagoas	2
Ceará	2
Minas Gerais	3
Pernambuco	1
Rio de Janeiro	11
Rio Grande do Norte	1
Rio Grande do Sul	5
Santa Catarina	1
São Paulo	7
Sem identificação[68]	3

*Quadro elaborado pela autora.

A revista reuniu a produção feminina de 3 regiões do país: nordeste, Adélia Jucá (AL), Auta de Souza (RN), Eduviges Pereira (PE), Francisca Clotilde (CE), Maria Jucá (AL) e Perceniege (CE); sudeste, Adelina Lopes Vieira (RJ), Amélia de Oliveira (RJ), Anália Franco (SP), Áurea Pires (RJ), Dolores Alcântara Vilhena de Araújo (MG), Francisca Julia (SP), Georgina Santiago (SP), Georgina Teixeira (RJ), Ignez Sabino (RJ), Julia Cortines (RJ), Julia Lopes de Almeida (RJ), Maria Clara da Cunha Santos (RJ), Maria Emília (MG), M.P.C.D. (SP), Narcisa Amália (RJ), Olga Pires (RJ), Perpétua do Valle (SP), Presciliana Duarte de Almeida (SP), Ridelina Ferreira (RJ), Stella Lentz (MG) e Zalina Rolim (SP); sul, Andradina de Oliveira (RS), Cândida Fortes (RS), Delminda Silveira (SC), Ibrantina Cardona (RS), Julieta de Mello Monteiro (RS) e Revocata Heloisa de Mello (RS).

Outrossim, *A Mensageria* teve duas correspondentes de Portugal, as lisboetas Guiomar Torrezão[69] (1844-1898) e Maria Amalia Vaz de Carvalho[70] (1847-1921). Elas integram o grupo de mulheres pioneiras na literatura portuguesa, ao lado de escritoras célebres como Ana Plácido, Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Marquesa de Alorna. (LOPES, 2005). Na revista,

[67] Para essa atribuição, considerou-se o local de origem das escritoras, no período de publicação da revista.
[68] Não foram encontradas informações sobre Clarisse, Helena de Viveiros e Ipoméia.
[69] Citada no artigo "Guiomar Torrezão", de Julia Lopes de Almeida, em três edições da coluna "Notas pequenas" e numa da "Seleção".
[70] Citada em 4 edições da coluna "Seleção".

Guiomar Torrezão publicou dois artigos, "Anna Hierta Retzius" e "Julia Lopes de Almeida", e um poema, "Beatriz", enquanto Maria de Carvalho publicou um artigo, "A mulher do futuro".

Guiomar Delfina de Noronha Torrezão[71] (1845-1898), conhecida pela alcunha de "Operária das Letras", atuou em diversos periódicos luso-brasileiros e fez da sua produção literária um meio de subsistência. Nessa esteira, Fialho d'Almeida (1923, p. 189) constata que:

> Torrezão não tinha pai nem irmãos que exigissem contas aos desrespeitadores eméritos das mulheres sós; e não tendo constituído família, nem tendo fortuna própria, achou-se na condição de ter que ganhar ela mesma o seu prato e os seus vestidos, escrevendo para jornais todos os dias – isto é, cosendo à pena, em vez de coser à máquina, e não tirando deste esgotante martírio sequer talvez o que as pobres costureiras auferem nos armazéns onde trabalham.

Embora integrasse uma sociedade conservadora, em que o sujeito feminino era designado pejorativamente de *bas bleu*[72], a portuguesa demonstrou versatilidade, dedicando-se ao drama, ao ensaio, à ficção e à poesia. No início da carreira, assinava seus textos com pseudônimos, como Centelha, Delfim de Noronha, Gabriel Claudio, Roseball, Sith e Tom Ponce, já na maturidade, fundou seu próprio impresso, o *Almanach das Senhoras,* um importante veículo de interlocução entre as literatas do Brasil e de Portugal.

Os textos que Guiomar Torrezão escreveu para *A Mensageira* homenageiam mulheres ilustres. A título de exemplo está o artigo "Anna Hierta Retzius", em que a autora menciona as ações sociais da filantropa sueca. Retzius reivindicou "o direito dos fracos contra o descaroável egoísmo dos poderosos" (TORREZÃO, 1987, p. 38), instalando, na Suécia, escolas gratuitas para o sexo feminino, escolas de aprendizagem para as crianças pobres, a primeira escola mista comum aos 2 sexos, a primeira escola culinária e o primeiro refúgio para as crianças pobres e moralmente abandonadas.

Ademais, avulta-se a trajetória de Maria de Carvalho, articulista, biógrafa, poetisa e redatora que colocou em clarividência a condição e o papel da mulher na sociedade portuguesa. Ela publicou em periódicos lusitanos e brasileiros, sob o pseudônimo de Maria de Sucena, e foi a primeira mulher a entrar na Academia das Ciências de Lisboa, em 1912. Conforme Massaud Moisés (1981), a escritora se casou com Gonçalves Crespo, e a residência do casal abrigou um salão literário em Lisboa, local por onde passaram figuras renomadas da literatura e cultura de Portugal, como Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão.

---

[71] Innocencio Francisco da Silva (1879) informa que a autora publicou o livro *Uma alma de mulher* (1869) e as peças teatrais *O século XVIII e o século XIX*: comédia em um ato (1867), representada no teatro de D. Maria II, em Lisboa, e *Às dez da noite:* comédia em dois atos (1868), representada no teatro da Rua dos Condes, em Lisboa. Além disso, contribuiu com os jornais portugueses: *Crônica dos teatros*; *Diário de notícias*; *Gazeta setubalense*; *Tribuna popular*; *Voz feminina.*

[72] Termo aplicado, no século XIX, à mulher escritora. Revela uma atitude sarcástica e depreciativa. (PASCOAL, 2018).

No artigo “A mulher do futuro”, Maria de Carvalho examina o Congresso Internacional das Mulheres, que ocorreu de 26 de junho a 4 de julho de 1899, em Londres, e a amplitude do movimento feminista no mundo. Os trabalhos do Congresso discorreram acerca de: educação, indústria, legislação, profissões liberais e questões políticas e sociais. Esses assuntos levam a autora inferir que a emancipação política da figura feminina ensejou a mulher a requerer autonomia econômica e moral, mudanças “que não eram tão necessárias antigamente e que hoje lhe são absolutamente indispensáveis para que a brutalidade da vida moderna não a esmague” (CARVALHO, 1987, p. 134).

O ideal que educou a mulher a permanecer, ainda que infeliz, em um matrimônio, foi substituído, na maior parte das nações, pelo divórcio. Com isso, a autora observa que o regime liberal, sob o qual foi criada, perderá sua força para programas que priorizem a independência feminil. A “escrava” não se casará para fugir da miséria, ela terá o seu lugar, como acontece na França, que, recentemente, consentiu às bacharelas em Direito que advoguem nos tribunais. Para Maria de Carvalho,

> O século XX verá a mulher trabalhando ao lado do homem, concorrendo com ele em todas as carreiras liberais, vencendo-o, talvez, em algumas delas pela sua tenacidade, pela sua paciência, pela sua habilidade manual, pela perspicácia ingênita que a distingue, pela sua faculdade apurada em longos séculos de padecer calada, de suportar o mal sem se queixar (CARVALHO, 1987, p. 136).

O feminismo da época não foi só uma questão política, mas econômica, que escondeu, por trás da aceitação dos direitos femininos e do novo regime, uma causa. Trata-se da “caridade ativa do nosso tempo, a sua virtude mais acrisolada e mais pura, a que o reabilita de tantos dos seus erros e dos seus vícios tem levado aos antros, onde geme a mais asquerosa miséria, as mulheres da mais alta sociedade da Europa” (CARVALHO, 1987, p. 136). As senhoras de famílias conservadoras empenharam-se em desalojar as fortalezas da minoria privilegiada e opressora. Entraram

> nas prisões, nos hospitais, nas fábricas, nos subterrâneos e nas mansardas; abaixaram olhos celestes, que nunca tinham visto senão a pompa decorativa de uma civilização quase sobre-humana, até ao avesso verdadeiramente revoltante dessa cena deslumbradora que as encantava (CARVALHO, 1987, p. 136).

Elas não sonhavam que o luxo do cotidiano só era comprado às custas da miséria de milhões de seres.

Dessa maneira, Maria de Carvalho aponta que, no futuro, a mulher vai ser “preparada por uma educação diversa da que tem tido, que ela conquiste, pois, um lugar mais alto e mais independente pelo seu próprio esforço, pelo seu trabalho, pela consciência readquirida da sua dignidade moral; que ele, batido nos últimos redutos da sua vaidade e do seu desdém, se reconcilie com esta nova forma do eterno feminino, tão outra do que inspirou Dante e

Shakespeare, Milton, Goethe, Byron e Lamartine" (CARVALHO, 1987, p. 139). Ao final do artigo, percebe que os filhos da geração idealista em que ela vive serão menos poéticos, ao passo que seus netos andarão numa sociedade científica, industrial e democrata.

Na sequência, listam-se as três colaboradoras brasileiras que estamparam mais textos em *A Mensageira*: Maria Clara da Cunha Santos[73] com 49 publicações (2 artigos, 31 cartas, 12 contos, 1 crônica e 3 poemas), Áurea Pires com 20 publicações (20 poemas) e Maria Emilia com 18 publicações (2 artigos, 1 carta, 8 crônicas e 7 poemas). Nota-se que são intelectuais afamadas, no cenário brasileiro do século XIX. Seus escritos circulavam em livros, periódicos, almanaques e jornais, movimentando a literatura do país.

Maria Clara da Cunha Santos[74] (1866-1911) nasceu em Pelotas (RS) e, na infância, mudou-se com a família para Pouso Alegre (MG). Mais tarde, casou-se com José Américo dos Santos, um engenheiro abolicionista, e, juntos, viveram na capital carioca, cidade onde faleceu. (FREIRE, s.d). Foi uma senhora ativa na sociedade, que se dedicou às atividades jornalísticas e literárias. Para Neves (2009), é indiscutível o seu talento, posto que atuou como artista plástica, cantora, contista, cronista, musicista, poetisa e redatora. Ela cooperou com muitos periódicos brasileiros[75], destinou "o valor da venda de algumas obras – pinturas e livros – para o Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI/RJ)" (CABRAL, 2017, p. 51-52), organizou uma revista ao lado de Prescialiana Duarte de Almeida, *O Colibri*, e participou de um projeto filantrópico no Rio de Janeiro, a Associação das Damas da Assistência à Infância. (CAMARA, 2017).

Os contos de Maria Clara que constam em *A Mensageira* discorrem sobre as agruras do comportamento humano, são narrativas que se ocupam de situações corriqueiras, para evidenciar as mazelas sociais. "Brilhantes brutos", o primeiro texto desse gênero na revista, conta a misteriosa história do Dr. Charles Rocherfort, um médico francês benquisto pelos habitantes de São João Batista, interior de Minas Gerais, que surpreendeu a cidade ao casar-se

---

[73] Citada no artigo "Maria Clara da Cunha Santos", de Perpétua do Valle.

74 Nas palavras de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1883, p. 229), "uma distinta poetisa brasileira, que esteve a passeio na Capital Federal com seu pai em setembro de 1890. Escreveu *Pyrilampos*: poesias (1890). Em seguida, no mesmo volume, se encontra *Rumorejos*: poesias, de Presciliana Duarte, sua amiga e patrícia. Este livro é prefaciado por outra senhora também poetisa". Para Academia Pouso-Alegrense de Letras (*apud* Maria Alciene Neves 2009, p. 40), "uma jovem de rara beleza e extraordinário talento para as artes, foi exímia musicista e talentosa poeta. Brilhava como declamadora e pianista nos saraus das noites preguiçosas e estreladas da terra do Bom Jesus, e com sua beleza delicada enfeitava nossos salões. Mas a mulher bela e talentosa também possuía um espírito guerreiro, lutando por seus ideais. Pertenceu à Aliança Libertária de Pouso Alegre, lutando pela emancipação dos escravos, saindo às ruas pregando seus ideais e angariando fundos para comprar alforrias. Mimosa, a delicada flor dos salões e a brava lutadora de causas justas, teve vida curta e fecunda, falecendo em 1911. É patrona da Cadeira n.º 15 da Academia Pouso-alegrense de Letras, ocupada pela Acadêmica Maria Aparecida Perina Francescato".

[75] *A Família, A Semana, Correio da Tarde, Gazeta de Notícias, Jornal do Brasil, O País e Tribuna Liberal.*

com a filha mais velha de um fazendeiro local. A moça era o oposto do doutor, analfabeta, grosseira e ignorante, características que o fizeram sentir vergonha pelo desembaraço dela na festa de carnaval da cidade. Por isso, após dois dias da folia, foram morar distante do povoado:

> Ninguém os via, era um mistério aquela casa. Não visitavam pessoa alguma, passeavam unicamente, à tarde, em volta da casa. O médico já não clinicava e raras vezes era visto na povoação. O sogro lamentava a sorte da filha e só o consolava a ideia de que ela estava aprendendo a ler com o marido e que era bem tratada, segundo afirmava Simplícia, a única criada que os servia e acompanhava naquela vida (SANTOS, 1987, p. 8).

Sem embargo, não tardou para o casal partir à Europa. Desde então, "nunca escreveram. A lembrança estava viva no coração dos parentes, mas todos receavam a esquisitice do médico e pensam: escrever para quê? A Madame está muito afrancesada, paciência" (SANTOS, 1987, p. 8). Nesse momento, coloca-se em dúvida a idoneidade do homem e a felicidade da jovem no matrimônio, pois não se comunicava com os familiares. Passados vinte anos, a Madame Rochefort é vista passeando nas ruas do Rio de Janeiro. "Uma senhora instruída, fina, delicada que, tendo perdido em Paris o marido – um clínico notável – voltava ao Brasil, sua pátria, acompanhada de um filho único, formoso, mancebo de 18 anos de idade" (SANTOS, 1987, p. 9).

Essa história escrita por Maria Clara pode ser entendida como uma crítica à realidade da mulher oitocentista, cuja postura deveria seguir normas estabelecidas culturalmente. Para Perrot (1988, p. 183), na época, o que impressiona é:

> a longa lista dos lugares onde uma mulher "honesta" não poderia se mostrar sem se degradar. A suspeita persegue-a em seus movimentos; a vizinhança, espiã de sua reputação, até seus criados a espreitam; ela é escrava mesmo em sua casa, que lhe designa o salão. Sua liberdade, ela tenta reconquistar na sombra (PERROT, 1988, 183).

Em "Brilhantes brutos", a jovem recém-casada acorda cedo, para "juntar-se ao grupo dos foliões que brincavam de limão de cheiro" (SANTOS, 1987, p. 8). Isso deixa Charles furioso, afinal, ele prezava pelo recato, queria que a esposa cuidasse das vestimentas e cobrisse o corpo da cabeça aos pés, o que, de fato, não acontece. "Molhada, com as roupas grudadas ao corpo deixando aparecer as formas, a noiva da véspera pouco se importava, queria brincar, correr, folgar como criança" (SANTOS, 1987, p. 8). Essa atitude provoca a ira do médico, e o faz tirar a autonomia da moça, tornando-a prisioneira do lar.

Os outros contos de Maria Clara denotam problemas sociais tão graves quanto a opressão masculina para com a mulher. "Lenda" narra um episódio fantástico protagonizado por um anjo, o preferido de Deus, que concede desejos a três moças formosas. A primeira quer que a primavera seja eterna, pois o frio lembra-lhe a morte. A segunda quer ser para sempre

jovem, abomina a velhice. A terceira quer que ele marque a fronte dos ingratos com um estigma ignominioso, para que sejam conhecidos e deles possa fugir. Extasiado com os pedidos, o anjo lembra que não tem o poder de revogar as leis do mundo e diz para elas que dois foram rejeitados por serem absurdos e um porque Deus achou muito razoável. A leitura desse texto viabiliza refletir acerca da ambição humana e das prioridades de casa indivíduo.

Em "Golpe certeiro", desvenda-se o passado da personagem Victor Silva, futuro bacharel e protótipo da honra de uma família carioca conhecida, que é salvo por um médico, próximo de seu pai, de uma inspeção policial, no abrigo dos maiores assaltantes do Rio de Janeiro. Comprova-se a pertinência do tema no excerto:

> Neste mundo em que tudo é transitório e fugitivo, a existência do caráter sem mácula fica sempre imortal e é por isso que o velho médico que conhecia bem a têmpera rígida e honesta do caráter de seu amigo, via claramente a desgraça de sua vida pelo procedimento do filho. A alma humana é nojenta, o universo é vil, pensava o médico, e daí a pouco como para compensar tanta miséria ele pensava: na alma de todo o homem há sempre luz e há carinhos e em todo o canto do universo, mesmo sobre o monturo, nasce um lírio (SANTOS, 1987, p. 293).

Maria Clara foi uma mulher que não se ateve a assuntos singelos, seus escritos emocionam, humanizam e indagam o leitor. A literatura que produziu contraria o arquétipo feminil que os críticos oitocentistas usavam como argumento para diminuir a voz da mulher.

Dando continuidade à investigação das escritoras de maior ressonância em *A Mensageira*, destaca-se Áurea Pires da Gama (1876-1949), uma carioca que nasceu em Angra dos Reis (RJ), estudou em Minas Gerais e passou o resto da vida com o esposo, Antônio Chichorro da Gama, no Rio de Janeiro. De acordo com a biografia da autora disponível na Biblioteca Nacional Digital (2020), sua vida foi dedicada ao periodismo e às letras, compôs versos para jornais mineiros[76] e paulistas e publicou as obras: *Flocos de neve* (1898), prefaciada por Ignez Sabino, *Indiana* (1902), *Pétalas* (1908) e *Entre o mar e a floresta* (1922). Seu livro *Flocos de neve* (1898) recebeu uma crítica literária de Arthur Andrade, no volume 26 da revista. O resenhista sugere que Áurea Pires é uma poetisa inspirada e reconhece nesse título uma estreia belíssima e uma promessa:

> Há nele, por certo, delicados alvoroços d'alma, nervosos lances psicológicos, inacabados e fugitivos romances íntimos, onde, por vezes, aqui e além, rebrilha o diamante de uma lágrima e erra o suspiro de uma vaga saudade. Mas nunca estão só. Confundem-se, enlaçam-se harmoniosamente com o fulgor da paisagem circundante, com a leve tonalidade das impressões ambientais (ANDRADE, 1987, p. 28).

A respeito dos poemas de Áurea Pires em *A Mensageira*, identificou-se uma marca linguística que perpassa a maioria dos escritos, a descrição. São textos cadenciados que

[76] Aos 14 anos escreveu o poema "Impossível", publicado no jornal *O Astro da cidade*, de Barbacena (MG). (BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL, 2020).

descrevem a natureza, com a minúcia de quem pinta um quadro. Desse modo, a temática principal só aparece nos últimos versos. As composições “Vem!..” e “Meio dia” ilustram esse padrão. Em “Vem!..”, o eu lírico descreve uma cena na montanha, protagonizada por alguém que clama e lamenta os amores da infância.

> – Vem! Pelo azul recruzam-se cantando
> Passarinhos gentis de várias cores,
> Pelas campinas desabrocham flores
> E borboletas vão desabrochando!
>
> Assim dizias tristemente olhando
> A natureza cheia de esplendores
> Nessas paragens onde os teus amores
> Da infância relembravas suspirando.
>
> E choraste!.. A tu’alma alucinada
> De dor, chamou debalde a alma adorada
> Talvez de mágoa a suspirar também!..
>
> E em tua voz que melopeia estranha,
> Prolongada nos ecos da montanha
> Lá muito longe soluçando – Vem!.. (PIRES, 1987, p. 150).

Em “Meio dia”, o eu lírico descreve a monotonia do campo, com bois deitados na sombra, corvos sobrevoando o céu e macacos fazendo travessuras. Quando, de repente, a tranquilidade acaba, e ao longe surge uma mulher altiva cavalgando, como se viesse por vingança.

> Cintila o sol do meio dia
> Nas claras ondas do ribeiro,
> Que marulhoso e sobranceiro
> Desce da negra penedia.
>
> No vasto seio da esplanada,
> Os bois deitados pela sombra,
> Ruminam sobre a verde alfombra
> De várias flores marchetada.
>
> Manchas do azul, manchas escuras,
> Os corvos cruzam-se bem alto,
> Enquanto vão de salto em salto
> Micos do bosque em travessuras.
>
> Monotonia perene!
> Em toda a parte! Ali somente
> Farfalha o vento brandamente
> Nas folhas do canavial...
>
> De lá das bandas da cidade,
> Deixando apenas que se veja
> De longe as torres de uma igreja
> Alvas da cor da castidade.
>
> Por entre nuvens de poeira,
> Transpondo as grimpas do barranco,
> Montada num cavalo branco

Galopa esbelta cavaleira

Porém na boca sem rival
Tão pequenina e tão vermelha,
Assoma um riso em que espelha
Alguma coisa de fatal!...

Desenrolada a loira trança,
Que o vento agita a sibilar...
Que brilho estranho tem no olhar?[1]
Parece o Gênio da vingança! (PIRES, 1987, p. 169-170).

Por vezes, em meio a imagens da natureza, os versos de Áurea Pires reverberam sentimentalismo. No poema "De tarde", há um casal de camponeses que, na volta do trabalho, contempla as belas paisagens e o seu amor. Curiosamente, à medida em que Juvenal e Indiana declaram o que sentem um pelo outro, a ambientação sofre mudanças:

Da montanha elevada o sol se recolhia
Deixando atrás de si doce melancolia...
Uns longes de saudade indefinida e vaga
Que os nossos corações de sentimento alaga!
E esses noivos gentis na flor da mocidade
Tão cheios de beleza e de simplicidade,
Na linguagem do céu falando castamente
Ele altivo de pé, com o brilho da ventura
No belo e negro olhar! Ela toda candura
Sorrindo enternecida! A aragem brandamente
Desmanchava-lhe a trança escura e reluzente
Sobre o vestido branco. A fina e alva mãozinha
Na mão de Juvenal tremia como asinha (PIRES, 1987, p. 201).

As comparações com a flora e a fauna são recursos metafóricos que deixam a escrita de Áurea Pires leve e sutil, uma estratégia adequada para engajar o leitor, fazendo-o se sentir parte da montagem do texto e incentivando-o a decifrar o poema. Outra particularidade desse poema é a configuração do desfecho, composto por 7 quadrinhas, em que as falas de Juvenal e Indiana intercalam-se:

Juvenal
Não posso donzela
Confesso, não minto,
Na lira singela
Dizer-te o que sinto!

Indiana
Na lira afinada
Gentil trocador,
Tua alma inspirada
Me fala de amor! (PIRES, 1987, p. 202).

Facilmente, essa composição pode ter se transformado em letra de música e ter sido recitada nas festas típicas do interior brasileiro.

Maria Emilia Lemos[77] também é uma colaboradora que chama atenção em *A Mensageira*, especialmente, por ter escrito a seção "Com ares de crônica". Até o momento, sabe-se pouco da autora, não foram encontradas informações biográficas, como a cidade de origem, a filiação e o estado civil. O que se tem conhecimento é devido a textos publicados na revista, a vida pessoal e pública permanece silenciada. Dado isso, no volume 3, há um trecho da primeira crônica de Maria Emilia, que retifica o que Presciliana Duarte de Almeida publicou em "Duas palavras":

> Entre as brasileiras mencionadas no seu artigo de apresentação teve a generosidade de colocar-me. Houve, porém, ligeiro engano quanto ao meu último nome, que raramente assino e é Lemos. Maria Emilia da Rocha é pseudônimo de um literato do Rio que há muito zomba dos leitores do país andando vestido de saias! Por coincidência adotou os meus dois primeiros nomes e mais de uma vez tenho tido necessidade de rejeitar os elogios feitos aos seus sonetos atribuídos a mim (LEMOS, 1987, p. 43).

Na leitura, percebe-se que, por Maria Emilia não ter o costume de mencionar seu sobrenome, confundiam-na. Ela explica que sua produção é em prosa, mesmo que o público desse formato exija mais, "quer sempre uma ideia que interesse" (LEMOS, 1987, p. 43). Termina a seção elogiando *A Mensageira* e frisa que o impresso, "nestas regiões silenciosas e tristes do interior, chega como a pomba d'aliança, trazendo ao nosso espírito sequioso do novo e do belo uma doce recreação [...] Minas, Novembro 97" (LEMOS, 1987, p. 43-44). Portanto, crê-se que o local de enunciação da escritora seja o interior de Minas Gerais.

As crônicas da mineira exibem um posicionamento político engajado em causas abolicionistas e feministas, reverenciando figuras célebres da história ocidental. No exemplar 3, Maria Emilia discute "o aperfeiçoamento moral da mulher" (LEMOS, 1987, p. 43) e embasa seus argumentos, na visão de Victor Hugo e Legouvé, intelectuais que acreditam na igualdade de direitos entre homens e mulheres. Para Legouvé, essa ideia pode existir sem prejuízos a ambos os sexos. Na edição 7, a autora baliza que as mães devem encaminhar seus filhos para carreiras que não perpetuem a guerra. Compete às mulheres cortar pela raiz o sistema militar que protege assaltos à vida humana, em nome da dignidade dos administradores públicos que foram assassinados por desavenças partidárias, no final do século XIX. No número 8, Maria Emilia refuta ideias propagadas na imprensa brasileira, que criticam o direito da mulher à literatura e à profissão. A escritora pergunta:

> Por que o homem pode ser literato sem abandonar seus deveres de empregado público, como Machado de Assis e Arthur Azevedo; e a mulher terá forçosamente de abandonar a casa porque nas horas que lhe ficam de seus lazeres escreve um soneto ou faz uma tira de prosa? (LEMOS, 1987, p. 123).

---

[77] Objeto de estudo de Mirian Cristina dos Santos na dissertação *PALESTRANDO DE MINAS GERAIS:* A PRODUÇÃO PERIODÍSTICA DE ELISA LEMOS E MARIA EMILIA LEMOS, pela Universidade Federal de São João Del-Rei, em 2010.

Então, recomenda aos pais de família munirem suas filhas “com uma educação sólida e uma profissão que garanta subsistência independentemente de casamento” (LEMOS, 1987, p. 123. Dessa maneira, a mulher se casará por afeição, não dependerá de favores alheios, como um parasita, e, caso enviuvar, sustentará os filhos com o seu trabalho. No volume 15, a cronista homenageia os 10 anos de abolição da escravatura no Brasil, pontuando que, de 13 de maio de 1888 para cá, “todas as mães brasileiras têm os mesmos direitos sobre seus filhos” (LEMOS, 1987, p. 229). A vitória do abolicionismo teve à frente a Princesa Izabel, a autoridade responsável por assinar a Lei Áurea. No exemplar 20, Maria Emilia comemora a Queda da Bastilha, 14 de julho, e enobrece a participação de Mme. Roland na Revolução Francesa:

> Mme. Roland não pode ser esquecida por mulher nenhuma neste dia. O seu vulto aureolado nos aparece em mente, ora dirigindo os altos planos dos mais eminentes personagens da época, ora subindo ao cadafalso e deixando cair dos lábios aquela frase tão cheia de ironia e de verdade “Liberdade! Liberdade! Quantos crimes em teu nome se cometem” (LEMOS, 1987, p. 307).

No entanto, mesmo a batalha germinando muitas tragédias na França, os lutadores convictos tiveram a compensação por tudo que sofreram. “Essas reflexões libertárias levam a um problema novo para as raças neolatinas: a abolição da escravidão da mulher” (LEMOS, 1987, p. 308). Na edição 33, a escritora assinala um importante feito à condição feminina: a admissão da mulher ao exercício da advocacia no país. Condecora a Dra. Myrthes de Campos[78] que, dias antes de assumir a tribuna judiciária no Rio de Janeiro, tinha visto seu direito à profissão violado, em prol do direito romano e do direito português, estabelecidos “no tempo em que a mulher tinha sequer nome próprio e era designada por número como simples objeto” (LEMOS, 1987, p. 169). Durante o júri, a advogada reiterou o papel da mulher na sociedade e, quando concluiu sua fala, foi aplaudida e cumprimentada pelo juiz e pelo promotor. O réu que defendeu foi absolvido, por onze votos favoráveis.

3.3 PARTICIPAÇÃO MASCULINA

A consciência, a imprensa e a literatura feministas surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, quando as mulheres oitocentistas se apoderaram da leitura e da escrita. Os primeiros veículos da produção feminina foram os jornais e as revistas, que divulgaram as reflexões e as denúncias, em tom reivindicatório, da condição subalterna, a qual o sexo estava

[78] Objeto de estudo de Ivone Massola no capítulo “Preconceito e subversão: a trajetória da advogada Myrthes de Campos em *A Mensageira”* da obra *Imprensa feminista e literatura*: contribuições da revista *A Mensageira* (2019), organizada por Cecil Jeanine Albert Zinani.

submetido. Assim, constituiu-se um espaço de engajamento e resistência à cultura predominante.

Na imprensa feminina e feminista brasileira, muitos temas já foram analisados, como a presença de escritoras desconhecidas, contudo, a participação masculina não teve grande visibilidade, já que a história da literatura sempre privilegiou os homens, e a maior parte do cânone nacional é composto por escritores. Desse modo, os trabalhos dedicaram-se às mulheres, enaltecendo o esforço que elas fizeram, para conquistar seus direitos políticos e sociais, em meio à atmosfera patriarcal sufocante do século XIX.

À vista disso, resgata-se a colaboração masculina em *A Mensageira*[79], periódico que publicou textos de 57[80] autores, do Brasil e do exterior. O quadro 5 apresenta os estados de origem dos 47 escritores brasileiros que participaram da revista.

Quadro 5 – Estados de origem dos colaboradores brasileiros de *A Mensageira*[81].

Estado	**Colaboradores**
Alagoas	1
Amazonas	1
Bahia	1
Mato Grosso	1
Maranhão	1
Minas Gerais	11
Pernambuco	5
Rio de Janeiro	11
São Paulo	15
Sem identificação[82]	4

*Quadro elaborado pela autora.

Também, o impresso acolheu correspondentes do Equador, D. Eloy Alfaro, da França, Xavier de Carvalho, e de Portugal, Alberto Pimentel, André Rebouças, Archer de Lima e Luiz Guimarães Junior. Dentre eles estão brasileiros que, na maturidade, mudaram-se para a Europa, como o abolicionista baiano André Rebouças, que foi viver na Ilha da Madeira, e o carioca Luiz Guimarães Junior, membro-fundador da Academia Brasileira de Letras que passou por Londres, Santiago, Roma, Veneza e terminou residindo em Lisboa.

[79] Objeto de estudo de Kátia Cardoso Nostrane no capítulo "Concepção masculina sobre o feminismo no século XIX: a participação de escritores na revista *A Mensageira*" da obra *Imprensa feminista e literatura*: contribuições da revista *A Mensageira* (2019), organizada por Cecil Jeanine Albert Zinani.
[80] Ver Anexo E.
[81] Para essa atribuição, considerou-se o local de origem dos escritores, no período de publicação da revista.
[82] Não foram encontradas informações sobre B. da Cunha, C. Brunetto, Georges de Pertebrune e V. M. de Barros.

O escritor que mais publicou na revista foi Silvio Tibiriçá de Almeida[83] (1867-1924), com 18 textos. Ele nasceu em Pouso Alegre (MG), mesma localidade de sua prima e futura esposa Presciliana Duarte de Almeida, concluiu os estudos secundários no Rio de Janeiro e formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1892, ano de seu casamento. Durante a graduação, sustentou-se lecionando Língua Portuguesa e Literatura, em colégios particulares da capital, além de ter atuado como articulista, crítico, cronista e poeta nos periódicos paulistanos. Em 1893, o casal passou a morar em São Paulo. Lá o autor publicou os livros *Efêmeras*[84] (1893), *O antigo vernáculo* (1902), *A máscara de um poeta*: Bernardim Ribeiro (1913), *A sistematização ortográfica* (1913) e *Estudos camonianos*[85] (1924). Participou regularmente dos jornais *Cidade de Campinas* (SP), *Diário Popular* (SP), *O Commercio* (SP) e *O Estado de S. Paulo* (SP) e teve seu próprio impresso, a *Revista de Filologia Portuguesa*[86] (SP). No início do século XX, o professor abriu uma escola para rapazes, em regime de internato e externato, localizada no bairro Campos Elísios, em São Paulo. Consoante Luca (1999), o apogeu da carreira de Silvio de Almeida coincide com a instalação da Academia Paulista de Letras, em 1909, entidade da qual foi membro-fundador e ocupou a cadeira número 17, hoje de Zuza Homem de Mello.

No primeiro volume de *A Mensageira*, Silvio de Almeida colaborou com "Cartão de parabéns", uma carta elogiosa à revista, em que saúda a mulher, companheira do lar, literata e redatora. Ele ressalta que a velha educação burguesa reduziu o sujeito feminino ao instinto materno, sem dar importância para sua emancipação intelectual. Por conseguinte, faz-se necessário que as brasileiras pensem e sintam-se respeitadas,

> só assim ficarão inteiramente associadas à obra da nossa regeneração social, política e religiosa: serão nossas irmãs principalmente pelo cérebro, ou por sua ativa e consciente cooperação, nos destinos ideais da humanidade. Não lhes falta competência para tão santa cruzada (ALMEIDA, 1987, p. 10).

No número 2, o autor ensaiou a seção de artigos "Traços ligeiros"[87]. Escreveu um texto que polemizava o conselho de Arthur Azevedo à diretora de *A Mensageira*, a saber, suprimir a participação masculina do periódico, para adquirir originalidade e simpatia. Silvio de Almeida discordou do amigo, argumentando que já existiam periódicos exclusivamente feitos por

[83] Nas palavras de Sacramento Blake (1883, p. 246), "filho do doutor Aureliano Batista Pinto de Almeida, nascido em Minas Gerais a 27 de agosto de 1863", data divergente do informado por Luca (1999), "é bacharel em direito pela faculdade de S. Paulo, professor de português e literatura do ginásio paulista e diretor de um colégio de educação por ele fundado. Provecto educador da mocidade e também divino cultor das musas".
[84] Coletânea de poesias prefaciada por Raimundo Correia.
[85] Obra póstuma que reúne necrológios do autor, publicados na imprensa paulista e carioca.
[86] Mensário lançado em janeiro de 1924, que perdurou até abril do corrente ano, 3 meses antes da morte de Silvio de Almeida. (LUCA, 1999).
[87] Apareceu também no exemplar de número 6.

mulheres no Brasil e que a revista lucraria com o a inserção de colaboradores, desde que suas composições estivessem alinhadas ao propósito feminista. A coluna termina com a indagação sobre a autonomia da mulher na imprensa: "se nem mesmo as revistas literárias feitas por homens vantajosamente conhecidos conseguiram viver muito, como poderia viver *A Mensageira* confiada apenas às delicadas mãos de algumas, e ainda raras, escritoras nacionais? " (ALMEIDA, 1987, p. 24).

Silvio de Almeida ficou conhecido por sua crítica jornalística incisiva. Nesse impresso, resenhou 4 obras nacionais: *Brasil-Paraguai*, de Alberto Souza; *Os poentes*, de Eugenio Leonel; *Pátria*, de João Vieira de Almeida; *Urzes*, de Amadeu Amaral. Na edição 16, avalia o livro do comendador Eugenio Leonel, realçando a versificação tradicional dos poemas, a descrição da paisagem europeia, com a presença do trigo e do arado, e a musicalidade. Ao final, profere que raros títulos possuem a maestria de *Os poentes*. No exemplar 31, o escritor afere *Brasil-Paraguai*, um conjunto de artigos bem estruturados que dialogam sobre o "cancelamento da dívida do Paraguai e a entrega dos troféus de guerra à desditosa nação" (ALMEIDA, 1987, p. 140). Alberto Souza ataca o positivismo e é contestado por Silvio de Almeida. No volume 32, o autor chama *Urzes* de livrinho com 19 sonetos de baixa qualidade. A poética de Amadeu Amaral é comparada a um fio de água que escorre, cansativa, monótona e repetida. No número 35, Silvio de Almeida recomenda a leitura de *Pátria*, obra didática que foi adotada nas escolas públicas do estado de São Paulo:

> Tudo ali nos arromba e extasia – o plano dos diálogos, o bem escolhido dos assuntos e a cristalina simplicidade do estilo. Cada capítulo tem por objeto – ou um fato nobre da nossa história ou um aspecto do nosso meio, sem excesso de erudição nem torturas de linguagem. Percebe-se naquelas páginas o paciente labor do verdadeiro mestre, que tem a ciência da dosagem e sabe prender, magicamente, a difícil atenção dos seus discípulos ainda crianças. A feliz escolha das matérias torna este volume uma espécie de pequeno manual de civismo, e assim fica justificado o seu título (ALMEIDA, 1987, p. 235-236).

Para o resenhista, *A Mensageira*, dedicada aos interesses da mulher brasileira, não pode ser indiferente à causa do ensino e da educação, base para a emancipação feminina. Divulgar bons trabalhos na revista, como o de João Vieira de Almeida, é uma maneira de suprir essa lacuna nacional.

De acordo com Sacramento Blake (1883), João Vieira de Almeida nasceu em Porto Feliz (SP), possivelmente, por volta de 1840, morou em Campinas, local onde conheceu Silvio de Almeida, e faleceu na capital paulista, em 19 de junho de 1912[88]. (LUCA, 1999). Atuou como cronista, editor, professor de Língua Portuguesa, redator e tradutor. Publicou os livros

[88] Vale destacar que João Vieira de Almeida está na lista de associados que faleceram em 1912 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* v. 17.

Pontos de Francês (1887), *O segredo da solteirona* [89](1889) e *Pátria* (1899), obra precursora da política de substituição dos antigos textos didáticos europeus. (ARROYO, 1968). Sua participação na imprensa foi significativa, escreveu para diversos impressos, fundou a folha campinense *Grito do Povo* (1888-1889), ao lado de Gabriel Prestes e Hipólito da Silva, e editou o jornal paulistano de oposição ao governo *O Autonomista* (1892), com Hipólito da Silva e Martim Francisco Ribeiro de Andrada. Curiosamente, em 1905, figurou na relação de professores do Instituto Silvio de Almeida.

João Vieira de Almeida desenvolveu a seção "Crônica omnímoda", presente em 11 números de *A Mensageira*. Essas crônicas seguem um padrão organizacional, insere-se um fato histórico e, depois, relaciona-se com a atualidade. No volume 1, o autor celebra o aniversário do descobrimento da América e a travessia de Vasco da Gama à Índia, expedições que estimularam cientistas da Bélgica a visitar os polos glaciais. Entretanto, em 1897, os artefatos utilizados pelos viajantes belgas não são mais do que peças de museus arqueológicos. "Dentro em pouco, já ninguém ouvirá falar em focas, em ursos brancos, ou raposas azuis... Haverá companhias que hão de emitir bilhetes a preços reduzidos, para que a boemia da atualidade se dê o luxo de uma *villegiatura* em tais paragens (ALMEIDA, 1987, p. 13). Na edição 2, o escritor rememora o período da Inquisição, quando a Igreja Católica julgava e punia as pessoas acusadas de terem se desviado de seus ensinamentos, e presume que os discípulos do padre São Domingos, o pregador, não foram cúmplices dessa pavorosa tragédia. No exemplar 3, Vieira de Almeida se opõe a participação feminina na política brasileira. Para ele, a partir da Proclamação da República, a mentalidade da mulher foi influenciada pelo ativismo feminista, vindo da França. Logo, esqueceu as virtudes domésticas e requisitou seus direitos sociais. "Por isso é que aponto a Cornelia, mãe dos Gracchos, como um modelo. A educação da mocidade é a mais grata ocupação da mulher! Eu aborreço aos vigários! Nem a mulher que vota, nem a mulher que mata! Nem Luisa Michel[90], nem Carlota Corday[91]" (ALMEIDA, 1987, p. 35). No número 4, o cronista salienta que São Paulo é o centro das letras no Brasil, mas que não possui uma academia de belas-artes, tampouco um conservatório de música. Isso a impede de ganhar o título de capital artística do país. No volume 5, o autor homenageia o mês das crianças, fala de como o brincar e a imaginação são importantes na infância, afirmando que a pátria depende da mocidade para resolver os problemas. No volume 6, ele reflete acerca da corrupção praticada

[89] Espicula-se que essa narrativa seja a tradução de um romance escrito por E. Marlitt, pseudônimo da alemã Eugénie John. (LUCA, 1999).
[90] Ativista francesa que ficou conhecida durante a Comuna de Paris.
[91] Anarquista da Normandia que matou um dos líderes da Revolução Francesa.

pelos administradores egípcios, e as punições que esses faraós recebiam. Dessa forma, elenca os fatos de 1897 que merecem justiça: Guerra de Cuba; Guerra das Filipinas; Guerra de Canudos. Na edição 8, o escritor aborda a campanha presidencial de 1898, que resultou em assassinatos e balbúrdias na capital paulistana. "O arrabalde outrora pacífico, e cujo policiamento se fazia, apenas, com alguns frascos da quina; hoje, se acha em estado de sitio e reduzido a uma praça de armas" (ALMEIDA, 1987, p. 122). No exemplar 9, Vieira de Almeida fala do carnaval e critica a falsidade dos hipócritas que usam máscaras o ano inteiro. Essa festa atingiu proporções gigantescas no país, "às vezes, com certo gosto, não passam de uma audaciosa evocação do paganismo e de um forte incentivo para a corrupção dos costumes" (ALMEIDA, 1987, p. 136). No número 10, o cronista observa que os ritos católicos falam ao coração do pecador, incitando o sincero arrependimento de ter participado do carnaval. "A igreja ordena essa vigilância de quarenta dias, durante os quais, sem descontinuar, volta a carga ao tentador. A folia cede lugar à penitência" (ALMEIDA, 1987, p. 153). No volume 11, o autor se preocupa com a eleição do novo presidente do Brasil, alertando que uma crise governamental pode desencadear inquietude e pânico em quase todas as classes sociais, porque ninguém terá o controle de suas finanças. A nação deve manter boas relações internacionais, independente de crenças religiosas ou políticas. Por exemplo,

> a questão Zola-Dreyfus, a qual transpôs as fronteiras da França e repercutiu já mesmo em terras de Cabral! A princípio tudo se parecia reduzir a uma simples revisão de processo criminal, determinada por um erro judiciário.... Logo depois, degenerou em *semitismo*, para assumir agora, pelo que se vê, um caráter de internacionalismo, personificado francamente no socialismo! Assim é que vemos nesta capital a convocação de reuniões com o fim de se formarem comissões para significar a sua adesão incondicional ao grande homem de letras; cujo mérito mais distinto consiste para eles em ter escrito *Germinal* (ALMEIDA, 1987, p. 168-169).

Essas manifestações em São Paulo tinham o intuito de evidenciar o preconceito religioso por trás da condenação de Alfred Dreyfus, o único oficial judeu do exército francês entre os investigados de passar informações secretas à Alemanha. Vieira de Almeida termina a crônica perguntando "caminhamos ou não para uma liquidação geral? Quem mais pode contar com o dia de amanhã? Onde encontraremos salvação? No bojo insondável do futuro alguma coisa fermenta, que será? " (ALMEIDA, 1987, p. 169). Na edição 13, pela proximidade com a Semana Santa, o escritor compara o final do governo de Prudente de Moraes à Cristo em seus últimos dias, flagelado e crucificado.

Repare-se que, a partir do exemplar 7, há um choque entre o posicionamento retrógrado de João Vieira de Almeida e o ativismo de Presciliana Duarte de Almeida. A diretora justifica a ausência da coluna na nota: "por haver chegado a última hora, deixa de aparecer neste número a *Crônica omnímoda*, que tantos elogios e transcrições tem merecido da imprensa"

(ALMEIDA, 1987, p. 112). Em contrapartida, no volume 12, a crônica não está presente e nada é informado a respeito. Outro ponto observado é a mudança de localização do texto no impresso: da edição 1 a 6, a seção aparece nas primeiras páginas; da edição 8 a 13, a seção está da metade para o final. A última publicação da "Crônica omnímoda" foi no exemplar 13, e, depois disso, não há mais escritos de Vieira de Almeida em *A Mensageira*.

João Candido de Carvalho (1868- ?[92]) também é um colaborador talentoso da revista. Nasceu em Santos (SP) e até 1954 residiu no Rio de Janeiro. (MELO, 1954). Atuou como contista, editor, poeta, redator e revisor. Participou de inúmeros periódicos, entre eles *O Lepdóptero* (SP), *Revista Literária* (SP), de Amadeu Amaral, *Imprensa Acadêmica* (RJ), *Revista Nova* (RJ) e *O Sul-Americano* (SP), editou *O Popular* (SP) e, a convite de Vicente de Carvalho, criou a folha santista *Diário da Manhã*, em 1889. Daí em diante, Vicente de Carvalho confiou-lhe a revisão de seus livros. (LUCA, 1999).

Em *A Mensageira*, Cândido de Carvalho escreve "Por terras e mares", um poema que é publicado de maneira fragmentada, em 6 números do impresso (9, 10, 11, 12, 15 e 17), e dedicado a Manoel Viotti, literato mineiro. Inicialmente, o eu lírico assente que seus companheiros estão equipados para uma longa viagem. Mesmo assim, quer que eles se preparem, irão aos confins, passando por ventos, temporais, ilhas, novos céus e estrelas. Porém, antes da partida, precisa se despedir da amada. Na embarcação, o eu lírico sente pela ausência dela e começa a chorar. Eis que escuta a voz de uma sereia, dizendo:

> Habito a vaga em que me banho
> A eternidade quase inteira,
> Vi o surgir da sementeira,
> Mais do pastor, mais do rebanho.
>
> O incêndio vi nos horizontes,
> O solo em sangue, morta a gente,
> Moisés flutuando na corrente,
> Noé salvando-se nos montes.
>
> A fome, o roubo, a peste, a guerra
> Dormirem vi na mesma sombra.
> (A larga fronte que os ensombra
> É a mesma rama que o encerra).
>
> O negro mal no peito do homem,
> A treva põe, de que se nutre:
> Gera as paixões que, como alumbre,
> Fazenda, vida, honra consomem (CARVALHO, 1987, p. 158-159).

Essa entidade aquática revela que se o eu lírico for movido por desejos vagos, não colherá suas glórias, e o mar que o trouxe até ali, poderá causar a sua morte, deixando-o longe

[92] Não foram encontradas informações sobre sua data de falecimento.

do amor. Então, passaram-se meses desde o encontro, tempo que o faz enxergar vultos da sua amada durante a viagem. Ele percebe que está sozinho, sua única companhia são as aves que sobrevoam o mar, para povoar a solidão. Nisso, sedento e faminto avista a costa, e as terras lhe sorriem. A dor é tão grande, que ele arde em febre e cogita estar passando para o mundo dos mortos. Eis que, ao longe, aproxima-se um velho barbudo:

> Diz-me: "A lição foi-te severa,
> Enquanto não perecerás,
> Toma esta lira, tange-a e espera:
> Do amor, sofrendo, viverás...
>
> Das belas ilhas que sonhaste,
> Boiando pelo azul das vaga,
> O prêmio resta que alcançasse:
> Morta a ambição em longe plaga.
>
> Quando da Amada te partiste
> Fiz-me sereia – e, por sinal,
> Que te falei e não me ouviste,
> Quando predisse o grande mal.
>
> Sem riso agora, sem fortuna,
> Procura a Amante bem querida,
> Ou nova imagem, que reúna,
> Num sonho azul, raios de vida... (CARVALHO, 1987, p. 237-238)

Acredita-se que o ancião e a sereia sejam mentores do eu lírico, que tentam lhe mostrar o melhor caminho, para encontrar a felicidade. Desse modo, no final do poema, o velho indica uma estrada que levará o viajante de volta ao ninho, encerrando seu conflito psicológico. Possivelmente, conforme a epígrafe da quarta parte de "Por terras e mares", Candido de Carvalho se inspirou no célebre poema dramático "O corsário" (1814), de Lord Byron. Nos versos do britânico, o eu lírico se rebela e vaga pelos mares em busca de aventuras, até que se vê em meio as ruinas da civilização. As digressões dos últimos cantos são referência ao cansaço pela repetição dos erros humanos, o mesmo cansaço que faz o eu lírico do poema de Candido de Carvalho ver pessoas e imaginar conversas.

Em *A Mensageira*, há colaboradores que escreveram uma pequena quantidade de textos, que teve grande repercussão, em virtude das temáticas abordadas. São produções sobre questões feministas pertinentes no século XIX, como a educação, a independência e a participação da mulher no universo literário. Isso difere de outros periódicos, cujos redatores não contestavam a ordem social estabelecida. (HAHNER, 1981). Na revista, Pelayo Serrano e Xavier de Carvalho contribuíram com artigos de opinião, tornando mais forte e respeitável o movimento feminista no Brasil, assunto *déclassé* entre muitos homens da época.

Pelayo Serrano é um dos pseudônimos[93] de Nelson Coelho de Senna (1876-1952), autor que nasceu em Serro (MG), diplomou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, lecionou em universidades de Minas Gerais e foi parlamentar estadual e federal. (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 2020). Atuou como editor, escritor e redator. Suas obras publicadas são: *Páginas tímidas* (1896); *Contos sertanejos* (1902); *Notas e crônicas* (1907); *Os índios no Brasil* (1908); *Contribuições para um futuro mapa do estado de Minas Gerais* (1910); *Contribuição etnográfica dos padres da Companhia de Jesus e dos cronistas leigos dos primeiros séculos da história da pátria* (1914); *Geografia do Brasil* (1922); *Alguns estudos brasileiros* (1927); *Africanos no Brasil* (1938). Além disso, o mineiro criou as folhas *O Aprendiz* (1893), *A Academia* (1896), *A Província* (1910) e *Anuário de Minas Gerais* (1916), editou o periódico *O Belo Horizonte* e participou de diversos jornais brasileiros. Ele foi sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (1907), membro da Academia Mineira de Letras (1910) e correspondente do Instituto Arqueológico de Recife, do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, da Academia de Letras de Pernambuco, da Academia Colombiana de Jurisprudência, do Centro de Periodistas de Santiago do Chile e da Academia Nacional de História, na Venezuela.

No volume 7 de *A Mensageira*, Pelayo Serrano escreveu o artigo "Intelectualidade Feminina Brasileira", que jubila a ascendência da mulher brasileira rumo a sua emancipação integral. Inicia desconstruindo os valores da *gynecolatria*, que cultiva a ideia da mulher-ídolo, "considerada uma formosa e útil companheira do homem, mas só debaixo da condição feroz de multiplicar a humanidade e servir no lar as passivas funções dos negócios domésticos" (SERRANO, 1987, p. 104. O autor deseja abater o preconceito que prejudica a evolução mental feminina e impede sua participação na sociedade contemporânea. Para ele, o certo seria que:

> Mantivéssemos a mulher como a rainha severa do lar, plasmando na educação do bem e da honra o caráter futuro de nossos filhos, mas deixássemos do mesmo modo largo campo à atividade moral, material e espiritual da mulher moderna, consentindo na sua plena emancipação de cidadã, desde que seus talentosos méritos e trabalho a elevassem até esse famoso plano da superioridade masculina (SERRANO, 1987, p. 104).

Prossegue apontando o desenvolvimento espiritual da mulher brasileira e dilucida que, pelo esforço e inteligência, o sexo frágil está conquistando o seu lugar no renascimento literário. Destarte, Pelayo Serrano salienta as escritoras oitocentistas com louvável empenho e sucesso: na poesia, Áurea Pires, Francisca de Assis Brandão, Francisca Júlia da Silva, Ibrantina Cardona,

[93] De acordo com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (2020), Nelson de Senna também assinou suas criações sob os pseudônimos Annes Selnon, Ennius de Hesse, Nessuno e Paulo de Cotegipe.

Júlia Cortines, Julieta de Mello, Luiza Amélia de Queiroz, Mariana de Figueiredo, Narcisa Amália, Revocata de Mello e Zalina Rolim; na prosa, Flávia do Amaral; no romance, Adelina Lopes Vieira, Inês Sabino, Julia Lopes de Almeida, Maria Antonieta Gama, Maria Clara da Cunha Santos, Maria do Carmo Mello Rego e Maria Vilhena. O articulista elogia Presciliana Duarte de Almeida e Josefina Álvares de Azevedo por fundarem os títulos *A Mensageira* e *A Família*, em favor da intelectualidade de suas compatriotas. Ademais, lembra que o Brasil já tem duas dezenas de laureadas com diplomas e títulos acadêmicos, que dignificam o empenho feminino em assuntos das ciências sociais, do direito, da matemática e da medicina. Então, Pelayo Serrano encerra perguntando ao público se esse movimento fecundo, no campo das ideias, significa que a emancipação da mulher se aproxima no Brasil e endossa sua opinião com um excerto de Olympia de Gourges, que diz "enquanto a mulher não tiver, como o homem, o direito de defender seus direitos e os do próximo da tribuna, batendo-se em todos os terrenos da moral e da ciência pela conquista do bem e da verdade, de par com o homem, o equilíbrio social não se terá feito" (SERRANO, 1987, p. 106).

No exemplar 9, o autor assina "Ainda um assunto feminino", artigo que dá continuidade ao tema da produção anterior. Essa luta pela emancipação das brasileiras despertou a manifestação de sisudos combatentes, como Tobias Barreto, em *Menores e loucos* (1884):

> A mulher, que na opinião de todos os cavalheiros de um baile, ou de todos os convivas de um banquete, inclusive legisladores e juristas, pois esta inclusão vai de encontro ao princípio das incompatibilidades, a mulher, que na opinião de todos esses, quando os sons de uma linda valsa convidam a dançar, ou o sabor dos licores desafia a musa do brinde, é a princesa dos salões e a estrela que mais brilha nas grandes solenidades, volta a ser no dia seguinte, na opinião dos mesmos peritos, uma criança permanente, que não pode ter completa autonomia, que não deve ser abandonada a si mesma!... Que quer dizer isso? Como se explica e justifica essa falta de coerência? (SERRANO, 1987, p. 129).

Pelayo Serrano concorda com o juízo de Tobias Barreto e escreve que, nas festas, as damas são saudadas como heroínas e admiradas por sua beleza, mas o objetivo delas é outro, soerguer o belo sexo "à altura das correntes modernas do pensamento humano e conferir-lhe a ambicionada palma da beleza do espírito" (SERRANO, 1987, p. 130). Em função disso, faz-se mister saber quais são as oportunidades que o sujeito feminino tem nesse país, para alcançar seus direitos sociais. Ligeiramente, o mineiro adiciona uma plêiade de senhoras àquela lista de brasileiras talentosas: na arte, cita Clotilde Maragliano; na poesia, cita Natália Mariot Gomes e Elvira Gama; no romance, cita Maria Benedita Borman. "Todas elas capazes de, com estudo, método, perseverança e inquebrantáveis mostras de virtude, virem muito breve formar uma falange de batalhadoras, poderosas e ousadas, tanto nos domínios arrestos da ciência, como nas regiões ideais da arte" (SERRANO, 1987, p. 132). Ao final, incentiva que as mulheres criem

grêmios e associações, fundem jornais e revistas e procurem aviventar a campanha em bem dos direitos femininos no Brasil, para "fazer da brasileira um modelo de educação e cultura espiritual, ativa, distinta e forte" (SERRANO, 1987).

José Francisco Xavier de Carvalho (1861-1919) nasceu em Lisboa, morou no Porto e, aos 24 anos, mudou-se para Paris, cidade em que conheceu sua futura esposa, Mme. Blanche, correspondente de *A Mensageira*. Atuou como articulista, cronista, editor, poeta e redator. Para Fernando Cabral Martins (2008), o escritor teve papel importante na divulgação das principais correntes artísticas da Europa, frequentou:

> Os serões literários de Verlaine e Mallarmé, de quem se torna amigo e, em 1888, dá notícia do lançamento no *Figaro* do "Manifesto do Simbolismo" de Moréas. Ainda antes da tradução e publicação do "Manifesto do Futurismo" de Marinetti, no *Diário dos Açores*, por Luís-Francisco Bicudo, em 5-8-1909, já Xavier de Carvalho se referira, em 26 de Fevereiro do mesmo ano, numa "Carta de Paris", no *Jornal de Notícias* do Porto, à nova escola futurista, apodada por ele de "blague carnavalesca". De qualquer modo, resumiu de forma correta os princípios e dogmas do "novo credo poético". E, em 6 de Abril, relatou o fiasco da peça de Marinetti, *O Rei Bombance*, a que assistira no teatro da Oeuvre de Marigny e que provocara no público um autêntico escândalo, com dichotes e gargalhadas. Xavier de Carvalho ressaltou, porém, a "surpreendente beleza" da *mise-en scène*, pintada pelo impressionista Ranson (MARTINS, 2008, p. 887).

Na cidade do Porto, fundou a primeira instituição de extrema esquerda portuguesa, o Centro Republicano Radical (1879), os jornais políticos *O Norte Republicano, O Combatente*, *O Estado do Norte* e o semanário *A Mulher*[94]. O escritor colaborou com periódicos europeus e brasileiros[95] e publicou os livros: *Apoteose Camoniana* (1885); *A Velhice da Mãe Eterna* (1885); *Poesia Humana* (1908); *Cantos Épicos de Guerra* (1918); *Pela França heroica; Portugal Amigo e Aliado* (1918).

Seu primeiro texto em *A Mensageira* chama-se "O feminismo"[96]. Discute a condição da mulher na sociedade oitocentista, considerando os códigos e os costumes estabelecidos, como convenções anacrônicas que servem para determinar a moral do sujeito feminino. Dessa forma, os preconceitos das religiões e seitas são legitimados, e cria-se a oposição entre os sexos. Xavier de Carvalho arbitra que:

---

[94] Voltado às reivindicações feministas e à propaganda da literatura feminista. Entre as colaboras estavam as literatas portuguesas Clovinda de Macedo, Maria Amália Vaz de Carvalho e Olívia Telles. No artigo "O feminismo", da edição 7, Xavier de Carvalho lamenta que a coleção da revista tenha queimado, no incêndio de um teatro, em Nice.

[95] Foi correspondente de periódicos brasileiros (*O Correio da Noite*, *Diário Popular, O País* e *Gazeta de Notícias*), franceses (*La Ilustration*, *Révolution Cosmopolite, Revue de la Société des Études Portugais* e *Revue du Brésil*) e portugueses (*A Província*, *O Século*, *O Mundo*, *Boemia Nova*, *A Geração Nova*, *A Arte*, *A Águia*, *Alma Feminina*, *Arquivo Teatral*, *Ave Azul*, *Revista de Lisboa* e *Vida Portuguesa*). (MENDONÇA; MARTINS, 2020; CATTEAU, 2019; MARTINS, 2008).

[96] Presente no número 7.

> É o homem que nos parlamentos fabrica os códigos injustos e as leis opressivas; é o homem que se opõe na questão econômica à reivindicação tão sensata das mulheres nos centros industriais: o trabalho igual, salário igual; é o homem que impede a entrada da mulher nas academias e foros; é o homem que lhe cria todos os embaraços e obstáculos nas carreiras chamadas liberais; é o homem que, depois de a conspurcar e depravar, a arregimenta no quadro infecto da prostituição; é o homem que lhe nega toda a autoridade nos atos da vida civil e que a coloca em lugar inferior no casamento; é o homem que criou a incapacidade legal da mulher casada; é o homem que, enfim, fabricou esse absurdo artigo do Código Penal que em caso de flagrante delito, no adultério, só ele o marido, ele, o senhor absoluto, tem o direito de fazer justiça pelas suas próprias mãos (CARVALHO, 1987, p. 97-98).

O autor constata que, após tantos séculos de escravidão, a mulher se revoltou e está em busca de seus direitos, convicta da injustiça que lhe é feita. Todavia, ele atesta a ideia de Vieira de Almeida, refutando a mulher que vota e a mulher que mata[97]. Xavier de Carvalho vê as associações feministas ao mesmo tempo como centros de propagação da paz entre as nações e pelo desarmamento. Na sequência, disserta sobre o diário parisiense *La Fronde*, unicamente feito por mulheres, e exalta que as tipógrafas do intento recebem o mesmo salário estipulado aos homens, pela Câmara Sindical dos Tipógrafos. De mais a mais, o escritor congratula a polaca Maria Cheliga, que dirigiu e lançou a *Révue Encyclopedique*, inclinada ao movimento feminista. Essa redatora organizou a maior parte das associações feministas em atividade na capital francesa, ao lado de Eugenie Potonié Pierre, Marie Martin, Marie Bonneviale e da Princesa Wiszniewska. Aproximadamente, somam-se vinte clubes/soirées/reuniões de mulheres, grande parte das integrantes:

> [...] são mães sem abandonar os deveres de família, cuidando dos filhos e do interior das suas casas, consagram, no entanto, uma ou duas horas por semana ao trabalho da causa que elas defendem com paixão, difundindo ideias, auxiliando todas as tentativas sérias e colaborando umas com dinheiro, outras com a palavra na tribuna das salas de conferências, outras com a pena nas revistas de vulgarização, mas todas com inteligência e são critério na obra comum (CARVALHO, 1987, p. 99).

Xavier de Carvalho deseja que as brasileiras sigam o exemplo de suas irmãs da Alemanha, dos Estados Unidos, da França e da Inglaterra e participem do "movimento emancipador, reclamando nos códigos a revisão dos artigos que ferem profundamente os direitos da mulher e frequentando as escolas superiores" (CARVALHO, 1987, p. 100). Àquelas que não conhecem as doutrinas feministas, recomenda consultar *Humanime Intégral*, de Leopold Lacour, as obras diversas de Julio Bois, todos os trabalhos do belga Louis Frank, escritos de Stuart Mill sobre a mulher, de Léon Richer, de Alfred Foillée, de M. Chauvin, de Bebel, de Grosserie, de Paul Lacombe, de Jacquer Lourbet, de Ernest Naville, de Paul Gide, do

[97] Xavier de Carvalho não concorda com a crônica de Vieira de Almeida em um ponto, "Louise Michel, a última Santa neste século de estreito egoísmo, nunca votou nem aplaude (muito pelo contrário) o voto das mulheres" (CARVALHO, 1987, p. 98-99).

Dr. Thulié e do Dr. Martin. Na conclusão, o articulista elenca as revistas feministas de Paris: *Journal des Femmes*; *Révue Feministe*; *Révue des Femes Russes*; *Révue des Femmes Chrétiennes*; *La Femme*.

A Mensageira de número 30 traz o artigo "Le Féminisme au Brésil", de Xavier de Carvalho, publicado originalmente pela *Révue du Brésil*, em Paris. Nesse texto, o autor apresenta suas impressões de leitura sobre *A Mensageira*, para o público francês. Ele classifica-a mais como uma revista de literatura do que uma revista voltada à causa feminista, pois as ideias do movimento socialista vão além da luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Para tanto, usa um trecho de Emma Pieczynska que diz:

> Le féminisme, à nous yeux, n'est pas son propre bur; il n'est que le moyen d'atteindre à um état social plus équitable que le nôtre. A l'égoisme masculin, qui, jusqu'ici a prévalu dans nos lois et dans nos moeurs, il ne s'agit pas d'apposer um égoisme féminin, non moins impudente ni oin odieux; mais il s'agit de ler subordonner, l'um aussi bien que l'autre, à une idée de justice et à une loi morale qu'il est leur suprême intérêt à tout deuz de faire triompher (CARVALHO, 1987, p. 128-129)[98].

O movimento feminista que Xavier de Carvalho almeja é uma organização social justa e superior, em que haja a emancipação econômica, filosófica e moral das mulheres brasileiras.

Em suma, a participação masculina na revista de Presciliana foi significativa, pois além de mostrar que o intento estava aberto à contribuição literária de ambos os sexos, serviu para fortalecer o movimento feminista no Brasil. Nomes como o de Nelson de Senna, Silvio de Almeida e Xavier de Carvalho endossaram as reivindicações das brasileiras em prol de uma sociedade que respeite as diferenças entre homens e mulheres, não estipule parâmetros comportamentais que engessem o livre arbítrio feminino e aceite que elas podem escolher ser tanto donas de casa quanto profissionais renomadas no mercado de trabalho. Suas publicações em *A Mensageira* reforçam a importância da luta pelos direitos das mulheres.

[98] Tradução nossa: "O feminismo, ao nosso ver, não é o fim, é o meio para alcançar um estado com mais equidade social. Até agora prevaleceu o egoísmo masculino em nossas leis e em nossos costumes, não se trata de adotar o egoísmo feminino, nem menos insolente nem menos desagradável; mas é uma questão de subordiná-lo, tanto um quanto outro, a uma ideia de justiça e a uma lei moral que é do interesse geral, para que todos triunfem".

4 OS ESCRITOS DE PRESCILIANA: DISCURSO FEMINISTA

Este capítulo está organizado em três partes. Na primeira, apresentam-se a vida e a obra de Presciliana Duarte de Almeida, com informações inéditas sobre a trajetória da autora, a fim de inscrever seu nome na historiografia literária brasileira. Em seguida, são analisados os editoriais escritos por Presciliana em *A Mensageira*, ressaltando o discurso feminista presente nesses textos, com base no aporte teórico da Crítica Feminista. Finalmente, os demais tipos textuais que a oitocentista publicou na revista são visitados, e, de forma breve, observam-se as características principais de seus artigos, críticas literárias e poemas.

4.1 PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA: SUA VIDA, SUA OBRA

O primeiro registro sobre Presciliana de que se tem notícia está no *Dicionário bibliográfico brasileiro*[99] (1883), de Sacramento Blake, biógrafo, historiador, poeta e médico que foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A nota de Blake sobre a escritora traz o seguinte texto:

> Natural de Minas Gerais e casada com o poeta e homem de letras Silvio Tibiriçá de Almeida, de quem terei de me ocupar, é também poetisa e escreveu: *Rumorejos:* poesias - Foram publicadas no livro *Pirilampos*, poesias de sua amiga D. Maria Clara Vilhena da Cunha. D. Presciliana fundou e redigiu: *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira (BLAKE, 1883, p. 83).

O escritor menciona que Presciliana foi casada com Silvio de Almeida e destaca duas produções suas, *Rumorejos* e *A Mensageira*, mas não apresenta informações aprofundadas dessa literatura. Já no século XX, Presciliana aparece no *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira 1882-1982* (1984), de Nelly Novaes Coelho, descrita como:

> Figura feminina de destaque no movimento cultural, literário e educacional paulista, no entre séculos, Presciliana Duarte de Almeida nasceu em Pouso Alegre (MG), em 3 de junho de 1867. [...] Em São Paulo vem falecer aos 77 anos, a 13 de junho de 1944 [...] de família de escritoras, era prima de Júlia Lopes de Almeida e de Adelina Lopes Vieira (COELHO, 1984, p. 790).

A pesquisadora cita as datas de nascimento e falecimento da poetisa e sublinha seu parentesco com outras literatas oitocentistas. Todavia, Luca (1999) refuta esse apontamento, sob premissa de Presciliana pertencer à família Almeida de outra linhagem[100], que não a mesma de Adelina e Júlia.

---

[99] Obra publicada originalmente em 7 tomos entre 1883 e 1902. No ano de 1937, foi compilada, em edição condensada em 3 volumes, pelo Dr. Jango Fischer. Depois, foi publicada pela Imprensa Nacional e reimpressa em 1970 no Rio de Janeiro, pelo Conselho Federal de Cultura.

[100] Ver árvore genealógica de Presciliana no Anexo A.

Em investigação realizada no arquivo da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre (MG), localizaram-se documentos (ver Anexo A) contendo dados importantes da vida de Presciliana: é filha de Joaquim Roberto Duarte e Rita Presciliana de Almeida Duarte; foi batizada no dia 12 de junho de 1867, pelos padrinhos Alferes Messias José Teixeira e Evaristo Norberto Duarte. Com o esclarecimento desses fatos, é possível iniciar a construção de uma biobibliografia[101] inédita de Presciliana Duarte, trabalho que esperou o interesse acadêmico por muito tempo.

Conforme Luca (1999), entre 1870 e 1880, Presciliana morou com os pais em Jacutinga (MG), foi alfabetizada em casa, com a ajuda da mãe e do tio Gabriel Osório de Almeida, que costumava passar temporadas de férias na cidade. Mais tarde, teve um professor particular, Joaquim Guilherme Botelho (LOBO, 1947). Aos treze anos, quando voltou a Pouso Alegre, aproximou-se do primo Silvio de Almeida e da prima em segundo grau Maria Clara da Cunha. Logo, em 1885, Silvio foi estudar no Rio de Janeiro, mas a distância não diminuiu a amizade dos jovens, que continuaram se comunicando por cartas. No ano seguinte, Presciliana e Maria Clara criaram o jornal literário *O Colibri* (1886-1890)[102], cujo objetivo era o engrandecimento moral e intelectual da mulher. Essa causa está presente também nos textos que Presciliana enviou para o periódico carioca *A Família* (1888-1889) (BERNARDES, 1988).

De acordo com o Patrimônio Cultural de Pouso Alegre, em 16 de junho de 1887, os vereadores municipais registraram o Livro do Ouro, na Câmara da cidade, projeto de Silvestre Ferraz da Luz. Nesse período, Presciliana e Maria Clara integraram uma entidade chamada Aliança Libertária de Pouso Alegre, que tinha como objetivo arrecadar fundos, para pagar a alforria dos escravos. Elas visitaram os munícipes, recolhendo assinaturas e doações. Com o montante recebido, o grupo abolicionista libertou os cativos locais. Há boatos que a primeira residência abordada foi o casarão do professor Eduardo Carlos Vilhena do Amaral, futuro senador mineiro, que ficava ao lado da igreja matriz. As moças foram bem acolhidas por ele, que, dias depois, alforriou os escravos herdados de seus antepassados.

Em 1890, as primas publicaram, numa só obra, *Pirilampos*, de Maria Clara Vilhena da Cunha, e *Rumorejos*, de Presciliana Duarte. Apesar de não ter sido reeditada, a Universidade de Stanford, na Califórnia, fotocopiou seu exemplar e o disponibilizou em domínio público. Isso permitiu que fosse reimpressa pela *Nabu Public Domain Reprints*, nos Estados Unidos. Essa obra conjunta tem prefácio de Adelina Amélia Lopes Vieira (1850-1923), contista, educadora, poetisa e teatróloga brasileira que participou de *A Mensageira*. Na introdução,

[101] Embora sejam conhecidas algumas publicações sobre a autora, os dados pessoais apresentados nesses trabalhos se repetem e, geralmente, são poucos.
[102] Nenhuma edição do jornal foi encontrada.

Adelina Vieira relata que recebeu o livro acompanhado de uma carta das escritoras pedindo para que as guiasse no mundo literário, pois eram seus primeiros versos. A partir da leitura, considera que:

> As poesias das duas jovens têm muito lirismo e muito sentimento. Ressentem-se ainda da pouca idade, da inexperiência e do meio em que têm vivido, mas são promissoras de mimos e esplendores futuros. Avante! Continuem a estudar, a escrever, não têm o direito de parar, agora, que a estrada se lhes alastra de flores, agora, que as avezinhas que as conhecem, ensaiam para desafiá-las os seus mais sonoros cantos, os seus mais argentinos gorjeios [...] Às gentilíssimas autoras de *Pirilampos* e *Rumorejos* liga-me, de ora avante, uma grande simpatia. Não nos avistamos ainda, não nos falamos, mas está estabelecida a corrente misteriosa, compreendemo-nos e amamo-nos. Temos o mesmo culto (VIEIRA, 1890, p. 9).

Rumorejos conta com 44 poemas[103], produzidos entre abril de 1885 e agosto de 1889. São composições que Presciliana ofertou à família: "Anseios" e "Na página de um livro", para a prima Maria Clara; "O livro universal", para o pai; "Criança", "Saudade" e "Entre o sono e o despertar", para o irmão Mário, que faleceu na infância; "Harmonia", para a irmã Maria Honória; "Espera!", para o irmão Aureliano. Segundo Elaine Vasconcellos (s.d), alguns versos foram retirados das correspondências que trocou com Silvio, à época, seu futuro esposo:

> Neles fala de suas saudades. O que chama a atenção é a simultaneidade de duas estéticas que se esforçam por se identificarem estilisticamente: uma que contextualmente deveria pender na direção da forma poética parnasiana ou da poesia "realista" da época, com Teófilo Dias, Alberto de Oliveira e Bilac quando a ideia da arte pela arte ganhava vanguardisticamente seus adeptos; e outra que, naturalmente, se dirigia para um conteúdo romântico, responsável pela formação literária da poetisa, impregnando-a de temas e gostos que lhe ficaram das leituras escolares e do convívio com a literatura dos românticos. Esta dubiedade entre, digamos, a "forma" e o "conteúdo" vai marcar a sua trajetória poética. (VASCONCELLOS, s.d, p. 10).

No entanto, a estética saudosista dos poemas desse livro não é o suficiente para afirmar que tenham sido enviados a Silvio anteriormente. Luca (1999) considera que o título exibe traços do que viria a ser *A Mensageira*, mas não os elenca.

Dando continuidade, no ano de 1892, Silvio concluiu a graduação em Direito e retornou a Minas Gerais. Todavia, para Presciliana e ele se casarem, precisaram solicitar dispensa episcopal de consanguinidade, liberação que foi concedida em 18 de maio (ver Anexo A). Em pesquisa realizada no Cartório Benedita Bernardes de Pouso Alegre, verificou-se que a cerimônia religiosa do casal aconteceu dia 02 de junho de 1982, na cidade de Pouso Alegre (ver Anexo A). Daí em diante, a escritora assina seu nome como Presciliana Duarte de Almeida.

Tempos depois, Presciliana e Silvio se mudaram para a capital paulista, onde nasceram seus 3 filhos: Leandro (1893-?), formou-se em direito, foi juiz de direito em Capivari e

[103] Ver Anexo F.

Campinas, casou-se duas vezes e teve o filho Silvio Barros de Almeida[104] (1927), o único neto de Presciliana e Silvio; Tales (1895-?), formou-se em direito, foi juiz de direito em Serra Negra e em São Paulo, casou-se duas vezes e não teve filhos; Bolívar (1897-1898), contraiu uma doença infectocontagiosa e faleceu com tenra idade. (LUCA, 1999). Até 1897 a família viveu no Bairro Liberdade, depois residiu no Bairro da Sé, Rua dos Estudantes - número 23, e, por fim, no centro, Rua Santa Ifigênia – número 57, endereços divulgados em *A Mensageira*, revista que ela fundou e dirigiu de 1897 a 1900.

Délio Freire dos Santos (2000) atesta que Presciliana ajudou o esposo na administração do Instituto Silvio de Almeida, instalado inicialmente na Avenida Tiradentes, antiga sede da Pinacoteca de São Paulo. Lá atuou como bibliotecária, coordenadora pedagógica, inspetora, recepcionista e secretária, visto que não tinha habilitação legal que comprovasse seus estudos, para obter o título do magistério e lecionar. Em contrapartida, observa-se que seus irmãos Mário Roberto Duarte e Paulo Roberto Duarte integraram a lista de professores do educandário. Nesse período, o colégio recebia alunos de todo o estado de São Paulo e do sul de Minas Gerais. O foco era a preparação dos rapazes para ingressarem no ensino superior.

Em 1906, Presciliana lançou o livro *Sombras* (1906), prefaciado pelo Conde Afonso Celso. Essa obra é composta por 84 poemas[105] dedicados às mulheres, aos seus filhos e aos artistas que a autora apreciava, como Carlos Gomes e Gonçalves Dias. Segundo Vasconcellos (s.d), *Sombras* mereceu crítica de Maria Amélia Vaz de Carvalho, portuguesa que colaborou com *A Mensageira*. Porém, a resenha não foi encontrada, e não se teve acesso às páginas internas do título, o que impediu de analisar seu conteúdo.

Ademais, a vivência de Presciliana no ambiente educacional proporcionou-lhe escrever *Páginas infantis* (1908)[106], livro de literatura infantil, prefaciado por João Kopke (1852-1926), advogado, escritor e pioneiro da produção didática no Brasil que implementou um projeto civilizador em São Paulo, por via da leitura. “Para a elite intelectual da qual Kopke fazia parte, à escola cabia a importante missão de transformar habitantes em povo, regenerar o trabalhador e salvaguardar o organismo nacional. Enfim, construir uma nação. (PANIZZOLO, 2006, p. 315). Essa obra teve 5 edições (1908, 1910, 1914, 1923 e 1934), a última impressa em cores

[104] Consoante a Associação Paulista do Ministério Público (2020), é filho de Leandro Duarte de Almeida e Maria José Barros de Almeida, ingressou no Ministério Público em 12 de junho de 1956, passando pelas Promotorias de Pedregulho, Porto Feliz, Ribeirão Bonito, São Manoel e São Paulo, onde exerceu as funções em 3ª entrância e entrância especial. Em 15 de agosto de 1981, foi promovido ao cargo de Procurador de Justiça.

[105] Ver Anexo F.

[106] Objeto de estudo de Raissa Nunes Pinto no trabalho de conclusão de curso intitulado “UM ESTUDO SOBRE PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA (1867-1944) E A LITERATURA INFANTIL”, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em 2018.

(ver Anexo F). Sua capa foi desenhada por Bento Barbosa, e as ilustrações internas são de Jonas de Barros. Na terceira edição, a folha de rosto indica que a obra foi aprovada pelo Superior Conselho de Instrução de Minas Gerais, São Paulo e do Distrito Federal, o que evidencia sua circulação nos colégios. Crê-se que essa impressão de 1914 tenha sido patrocinada pela Rede Salesiana[107], visto que a instituição é mencionada no lugar da tipografia (ver Anexo F).

Presciliana dedica *Páginas infantis* à memória do pai e garante no prólogo que seu objetivo é escrever livros com que o infante se identifique, ideia propagada por Maria Amália Vaz de Carvalho, num artigo que leu. Para Presciliana:

> Tanto a opinião dos mais abalizados críticos, valerá a espontânea e inconsciente apreciação das crianças de meu país, às quais entrego comovidamente estas páginas [...] procurei ter em consideração, ao compor esta obra, as palavras de Friedrich Friedrich: "Evitar na literatura destinada à infância tudo que pareça conselho e predicas de moral, mas procurar exercer uma influência benéfica na alma da criança, sem que ela própria saiba" [...] A criança tira proveito só do que é simples e natural (ALMEIDA, 1914, p. 6-7).

O título intercala diferentes formatos de texto, cantigas (4), contos (9), enigmas (15) e poemas (29), estratégia para aguçar a inteligência infantil, posto que as crianças gostam de adivinhações e desafios. As temáticas giram em torno das comemorações nacionais, como o ano novo, o carnaval, a páscoa, a festa junina e o natal.

João Kopke opina no prefácio sobre a utilidade de *Páginas infantis* em âmbito pedagógico, uma vez que a literatura é substancial para a primeira infância. De acordo com o autor,

> os tesouros guardados nas histórias e a poesia das trocas populares começam a trazer ao esforço do pedagogo moderno a colheita preciosa de sua frutificação: as maravilhas da vida [...] dando, da sua realidade, imagens fiéis e indeléveis, imprimem à expressão a facilidade, a largueza e a eficácia que se vão refletir, como características preeminentes no falar e no escrever daqueles que tiveram a ventura de receber a sua iniciação mental sob o influxo das novas doutrinas (KOPKE, 1914, p. 15).

Para o autor, os professores poderão tirar proveito do livro de Presciliana, moldando-o à boa didática. Seus escritos convidam ao canto, devem ser ouvidos, apreciados e memorizados pelas crianças. Além dessa apreciação, na obra, há um espaço voltado às apreciações da imprensa, espaço voltado à transcrição de resenhas literárias de *Páginas infantis*, que foram publicadas nos periódicos nacionais, a saber, *Cidade de Santos, Cidade de S. João, Jornal do Comércio de S. Paulo, Correio da Manhã, Correio do Sul, Cricri, Diário de Pernambuco, Jornal do Brasil, São Paulo* e *O País.*

[107] Organização religiosa fundada por São João Bosco no século XIX, que visa auxiliar crianças e jovens em vulnerabilidade social. No Brasil, sua primeira sede foi o Ginásio São Joaquim em Lorena (1896), seguida pelo Liceu Coração de Jesus (1908), na capital paulistana.

Em 1909, desencadearam-se os preparativos para a instalação da Academia Paulista de Letras. Inicialmente, não seriam aceitas mulheres, por conta do exemplo da Academia Brasileira de Letras, mas como Presciliana esteve nas reuniões de discussão dos princípios basilares, que aconteceram no Instituto Silvio de Almeida, os demais membros acharam justo que a poetisa também participasse. (LUCA, 1999). Desse modo, foi a primeira mulher a ingressar na APL[108], ocupou a cadeira de número 8 e escolheu como patrona a poetisa da Inconfidência Mineira, Bárbara Heliodora, irmã de Iria Claudiana Umbelina da Silveira (1768-?), sua trisavó.

Pesquisando no site da Academia Paulista de Letras, verificou-se que a autora é citada em 5 discursos, respectivamente, discurso de recepção à acadêmica Anna Maria Martins por Israel Dias Novaes (1992), discurso de recepção à acadêmica Myriam Ellis por Paulo Bomfim (1992), discurso de recepção à acadêmica Ruth Rocha por Anna Maria Martins (2008), discurso de posse do acadêmico Paulo Nathanael Pereira de Souza (2009) e discurso de posse do acadêmico Juca de Oliveira (2013). Todas as falas homenageiam o pioneirismo de Presciliana e alertam à pouca representatividade feminina na instituição. Nesse sentido, Anna Martins (2008) assevera:

> A entrada de mais uma mulher na Academia Paulista de Letras, somos seis agora, leva-nos à reflexão sobre a trajetória de conquistas obtidas pela mulher nos vários segmentos de trabalho. Na área da cultura literária, Maria de Lourdes Teixeira, a primeira mulher eleita para a Academia Paulista de Letras, abriu-nos o caminho. Prisciliana Duarte de Almeida foi fundadora. A entidade passou então a acolher escritoras, juristas, historiadoras. Espaço livre para a intelectual com trabalho de relevância no panorama cultural do país, a APL recebe a mulher com o merecido reconhecimento por sua atividade profissional (MARTINS, 2008, n.p).

Após 5 anos da entrada de Presciliana na Academia Paulista de Letras, a poetisa lançou *O livro das aves:* crestomatia em prosa e verso (1914), sua segunda obra voltada ao público infantil[109]. Trata-se de uma coletânea[110] de poemas de vários autores do período, brasileiros e estrangeiros, com 467 páginas, que aborda a preservação da natureza e dos animais. Na folha de rosto, demarca-se que é uma leitura amena, divertida e de interesse geral, título adornado com grande número de gravuras e dedicado ao professorado brasileiro e à mocidade. Apoiado no estudo de Raissa Nunes Pinto (2017), tomou-se conhecimento do artigo de abertura de *O*

[108] No Brasil, Presciliana foi a segunda mulher a integrar uma Academia de Letras. A primeira foi Eurídice Natal e Silva, membro-fundadora da Academia Goiana de Letras, em 1904, e a primeira mulher a presidir essa instituição, em 1906. (TELES, 1964).
[109] Objeto de estudo de Raissa Nunes Pinto no artigo "*O LIVRO DAS AVES*: crestomathia em prosa e verso (1914) de Presciliana Duarte de Almeida (1867–1944) ", publicado nos *Anais do Sciencult*, em 2017.
[110] O livro não foi encontrado. Por isso, não se sabe o número de textos.

livro das aves, chamado "Duas linhas". Nesse texto, Presciliana explica como surgiu a crestomatia:

> Trabalhava um dia tranquilamente em minha casa, quando recebi da Diretoria Geral da Instrução Publica de S. Paulo, com a solicitação de meu concurso literário, a notícia de que havia sido consagrado dois dias do ano para, ao entrar da primavera e do outono, se fazerem as festas escolares das árvores e das aves [...] não saberei jamais explicar o sentimento de felicidade e de encanto que experimentei ao receber tal comunicação! A festa das árvores, tão sugestiva e poética, havia sido já várias vezes feita em nosso país; a das aves, porém, era, pelo menos para mim, uma alta e reveladora novidade! Que entusiasmo que se apoderou então de meu espirito! As criancinhas formosas iam aprender a melhor admirar e amar os cantores sublimes que povoam as solidões e derramam a alegria e a suavidade pela terra! As aves são o movimento, a vida, o colorido, a harmonia; e, liberando-se na vastidão imensa da atmosfera, são como que a imagem de nossa alma, quando se eleva nas asas da oração (PINTO *apud* ALMEIDA, 1914, p. 1-2)

Então, a escritora construiu um acervo de poemas assinados por 151[111] literatos renomados, feito Castro Alves, Júlia Cortines e Raimundo Correia. Assim como em *A Mensageira*, o livro tem criações de Perpétua do Valle, pseudônimo de Presciliana.

Lajolo e Zilberman (2007) ponderam que, no início do século XX, era comum ver antologias folclóricas e temáticas servindo de material pedagógico, e, conforme Coelho (1991), essa obra foi adotada em várias escolas paulistanas. O sucesso de *Páginas Infantis* e do *Livro das Aves* fez a autora ser comparada com Francisca Júlia, Olavo Bilac e Zalina Rolim,

> [...] os precursores de nossa literatura infantil. São quatro autores que nos deixaram uma obra clássica, classicamente poética, para a infância, mostrando assim os verdadeiros critérios de composição de uma lírica capaz de ser longamente amada pelas crianças. O Brasil inteiro nas festas escolares, nas reuniões de família, pelos seus meninos e meninas, recitou versos de Zalina Rolim, Presciliana Duarte de Almeida, Francisca Julia e Olavo Bilac (ARROYO, 1988, p. 217).

Em 1924, Silvio faleceu. Presciliana permaneceu residindo em São Paulo, num hotel do largo do Paiçandu, onde tinha uma biblioteca particular. (LUCA, 1999). Nesse estágio, Chiquinha Neves Lobo (1947) frisa que a poetisa viajava bastante para Campinas, onde residia seu primo Rafael Duarte, eleito prefeito em 1922, e para Serra Negra e Capivari, local em que moravam seus filhos. O último livro que a autora publicou foi *Vetiver* (1939), composto por 136 poemas (ver Anexo F). Presciliana dedicou os textos aos seus familiares e amigos queridos, Áurea Pires e Júlia Lopes de Almeida, por exemplo. Na folha de rosto do volume consultado, há um autógrafo dela para Venceslau Brás Pereira Gomes[112], "herdeiro das virtudes cívicas de Silvano Brandão e benemérito ex-presidente da República". Ao final, informa seu endereço em 1942: Rua Mauá, número 528, São Paulo (ver Anexo F).

[111] Ver Anexo F.
[112] O mineiro governou o Brasil entre 1914 e 1918.

Consoante os autógrafos da autora arquivados na Academia Paulista de Letras, suas últimas cartas foram enviadas em 1943, fornecendo o endereço: Rua Boaventura do Amaral, número 1.081, Campinas; e, em 1944, com papel timbrado do Hospital da Caridade Santa Rosa de Lima. (LUCA, 1999). Em pesquisa realizada no Cartório Santa Cruz de Campinas (SP), encontrou-se a certidão de óbito de Presciliana Duarte de Almeida (ver Anexo A), indicando que ela faleceu no Hospital Socorros Mútuos[113], em Campinas (SP), e que residia em Capivari (SP), provavelmente com o filho Leandro. A causa de sua morte foi coma diabética, gangrena diabética no dorso do pé direito. Também, informa-se que está sepultada, no Cemitério do Araçá[114], em São Paulo (SP).

Além das obras que Presciliana publicou, contribuiu com muitos periódicos brasileiros, como *A Família, A Estação, Almanaque Garnier, A Semana*, *Imprensa Liberal, Revista Feminina* e *Rua do Ouvidor*. Em busca realizada no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, de 1880 a 1949 seu nome aparece 334 vezes em 88 impressos (ver Anexo G). Isso comprova que sua literatura repercutiu na imprensa de entre séculos. Mas o talento de Presciliana dá frutos até hoje. São Paulo e Pouso Alegre homenagearam-na colocando seu nome em logradouros: Rua Prisciliana Duarte, no Bairro Jardim da Saúde, em São Paulo; Rua Prisciliana Duarte de Almeida, no Bairro Santa Dorotéia, em Pouso Alegre (ver Anexo A). Também, em São Paulo, há uma instituição de ensino chamada Escola Estadual Prisciliana Duarte de Almeida Dona, localizada na Estrada Ecoturística de Parelheiros, número 6820, Bairro Parelheiros (ver Anexo A). Já em Pouso Alegre, Presciliana é a patronesse da cadeira número 10 da Academia Pouso-Alegrense de Letras, dá nome à Biblioteca Municipal e tem um monumento em sua homenagem no Cemitério Municipal, tombado em 01 de agosto de 2019[115].

4.2 ESCRITOS EM *A MENSAGEIRA*: EDITORIAIS

Presciliana fez de *A Mensageira* um veículo para a divulgação da literatura nacional e internacional e, no decorrer das 36 edições, publicou 46 escritos de sua autoria: 32[116] assinados

[113] Localizava-se na Rua Salustiano Penteado, número 115, esquina com a Rua Otávio Mendes, Bairro Botafogo. Surgiu em 1904, após uma dissidência de sócios da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência, fundada em 1873. A Sociedade Socorros Mútuos funcionou até 1950. Entre 1966 e 1967 houve a integração da Sociedade de Socorros Mútuos com a Real Sociedade Portuguesa de Beneficência, que incorporou o prédio e os sócios daquela instituição. Em 1973, criou-se o Hospital Materno-Infantil Coração de Jesus, nome pelo qual o edifício é conhecido até os dias de hoje, embora tenha encerrado as atividades em 1999. (PATRIMÔNIO CULTURAL DE CAMPINAS, 2020).
[114] De acordo com Santos (2000), Presciliana foi enterrada na quadra 33, terreno 31, junto com o esposo, dado que não confere, pois Silvio está enterrado em Pouso Alegre (MG).
[115] Ver anexo A.
[116] Contando com os editoriais que não tem assinatura, mas que se acredita terem sido escritos pela organizadora do periódico.

por ela; 12 com o pseudônimo Perpétua do Valle; 2 com o heterônimo M.P.V.D. (Maria Presciliana Vilhena Duarte). Essa produção compreende diferentes tipos de texto, artigos de opinião, crítica literária, editoriais e poemas. Alguns possuem nuances em comum, como a forte eloquência sobre a emancipação feminil, a participação da mulher no meio letrado e sua luta pelo direito ao voto e à profissão. O subtítulo que segue apresenta a voz feminista de Presciliana Duarte de Almeida na revista.

Dentre a produção da autora que está alinhada ao viés feminista em *A Mensageira*, optou-se por analisar os editoriais, gênero que apresenta a opinião do jornal sobre determinado assunto. Para tanto, selecionaram-se "Duas palavras", "A primeira avançada" e "Direitos da mulher", textos que oportunizam perceber como a atividade literária de Presciliana contribuiu para a transformação dos papéis sexuais no século XIX.

No exemplar 1, há o editorial "Duas palavras", que mostra a proposta de trabalho de *A Mensageira*, "estabelecer entre as brasileiras uma simpatia espiritual, pela comunhão das mesmas ideias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo – sonho de poeta ou fruto de observação acurada" (ALMEIDA, 1987, p. 1). Presciliana não sabe qual será a recepção do periódico, mas almeja que a renovação artística tenha lugar em suas páginas. Assim, as senhoras brasileiras poderão compartilhar suas composições e tornarem-se conhecidas. Esse espaço na revista ajuda a entender a história das mulheres oitocentistas, como a sociedade do período funcionava, como as funções eram distribuídas, como operavam os mecanismos de controle social, quais eram as condições para a mudança hierárquica e quais eram as experiências individuais e coletivas, baseadas no gênero.

Continuando o texto, a escritora menciona que há tempos o *Correio Paulistano* tinha publicado um soneto de Georgina Teixeira, e, na descrição, dizia: "decididamente, a época é do renascimento das letras. De toda a parte, surgem novos livros de prosadores e poetas e percebe-se que a atividade intelectual segue resolutamente numa marcha gloriosa em busca do ideal artístico" (ALMEIDA, 1987, p. 1). Isso mostra que a imprensa tradicional estava se abrindo à literatura de autoria feminina, possivelmente influenciada pelos órgãos feministas, que disseminaram uma nova visão sobre as mulheres no país. Presciliana comenta que antes apenas Narcisa Amália aparecia nos jornais. Aos poucos, surgiram Adelina Vieira e Júlia Lopes, e, em 1897, há as talentosas Áurea Pires, Amélia de Oliveira, Ana Nogueira Batista, Anália Franco, Elvira Gama, Francisca Júlia, Georgina Teixeira, Josefina Álvares de Azevedo, Maria Clara da Cunha Santos, Maria de Azevedo, Maria Emília e Zalina Rolim.

Contudo, o editorial não trata só das literatas, observa que as intelectuais brasileiras atuam em outras áreas também. É o caso da Dra. Ermelinda de Sá, que se formou na Academia

de Medicina do Rio de Janeiro, agraciada com 13 distinções, nos exames realizados ao longo do curso. Presciliana se baseia na nota de Arthur Azevedo, escrita no *Álbum*, para dizer que Ermelinda é uma exímia profissional, e cada paciente sai de seu consultório satisfeito. Eis que o texto chega ao ponto alto, quando a autora argumenta que:

> [...] esse desenvolvimento intelectual da mulher brasileira não se haverá cingido unicamente ao grupo das que surgem à tona, aparecendo na imprensa ou nos cursos de ensino superior. Havemos de convir que o desenvolvimento coletivo deve ter sido enorme para que tantas tenham podido individualizar e excitar a admiração dos contemporâneos (ALMEIDA, 1987, p. 2).

Presciliana demonstra compreender que o ingresso das mulheres nas diferentes esferas sociais foi uma conquista das brasileiras, que viabilizou à porcentagem alfabetizada empreender individualmente. Esse trecho ressalta a importância da educação para o público feminino, tanto em seu benefício quanto para o progresso da nação. Algo que não era defendido pela maioria dos homens, que consideravam a mulher um ser inferior e privavam-na de conhecer o mundo externo.

Na concepção da escritora, *A Mensageira* é um impresso variado e interessante, que, além da pena feminina, traz a colaboração "de distintíssimos cavalheiros, cultores fidalgos e devotados da arte da palavra" (ALMEIDA, 1987, p. 2). Com tal feito, Presciliana estreitou as diferenças entre homens e mulheres, de modo que as páginas de sua revista se popularizaram pela literatura de ambos os sexos, conforme descrito no capítulo anterior desta pesquisa. Ela rompeu a velha noção da imprensa que redigia conteúdo denso para homens e entretenimento para mulheres.

A autora encerra o editorial de inauguração da revista, enfatizando que conta com o apoio das inteligentes patrícias e ficará com braçadas de flores, para receber os trabalhos de todas aquelas que quiserem trazer o auxílio de sua vocação. Deseja que *A Mensageira* seja:

> [...] um centro para o qual convirja a inteligência de todas as brasileiras! Que as mais aptas, as de mérito incontestável, nos prestem o concurso de suas luzes e enriqueçam as nossas páginas com as suas produções admiráveis e belas; que as que começam a manejar a pena, ensaiando o voo altivo, procurem aqui um ponto de apoio, sem o qual nenhum talento se manifesta; e que, finalmente, todas as filhas desta grande terra nos dispensem o seu auxilio e um pouco de boa vontade e benevolência (ALMEIDA, 1987, p. 2).

Esse primeiro escrito de Presciliana mostra às brasileiras que as mulheres têm capacidade para figurar no campo das artes, das ciências e das letras, encoraja-as a acreditarem no seu potencial. Para tanto, refutam-se a ignorância e o orgulho que levam os homens a excluírem o sujeito feminino da sociedade.

Muitas culturas creem que a invisibilidade e o silêncio das mulheres são parte da ordem natural, a garantia de uma comunidade pacífica. (PEROTT, 2009). Conforme Susan Moller

Okin (2008), os conceitos de esfera pública e privada estão no pensamento político do Ocidente desde o século XVII, em alguns aspectos têm relação com a cultura grega clássica[117], noutros com a teoria política dominante até hoje, como se não apresentassem problemas. Por meio dos estudos de gênero, questionam-se essas distinções prévias socialmente construídas, termos empregados para separar a vida não-doméstica da vida doméstica. A diferença crucial entre as esferas é o domínio socioeconômico exercido pelo "público". Nas palavras de Okin (2008, p. 307-308):

> Os homens são ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como "naturalmente" inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família.

Desse modo, no século XIX, as leitoras de *A Mensageira* sofreram as consequências da divisão sexual de trabalho fruto do patriarcado. Os direitos políticos eram defendidos como direitos dos indivíduos, mas o feminismo descortina que esses supostos indivíduos, com frequência, foram: masculinos, adultos e chefes de família. Eles não se preocupavam com a intrusão por parte do Estado e da Igreja em suas escolhas, estavam livres da vigilância curiosa dos vizinhos e controlavam os membros da esfera privada, aqueles que, pela idade, sexo ou servidão, eram legitimamente subordinados, tendo sua existência limitada à sua esfera de privacidade. (OKIN, 2008).

Quando as mulheres aparecem na esfera pública, os expectadores ficam intrigados, enxergam-nas como um grupo que corresponde ao seu modo de intervenção coletiva na sociedade: mães, donas de casa e domésticas. Para Perrot (2009), esses estereótipos qualificam-nas, quase sempre, pejorativamente, com uma imagem suscetível à paixão, ao nervosismo e à violência. Elas ficaram em segundo plano, convencidas de sua insignificância. À vista disso, houve o apagamento da memória feminina:

> [...] muchas mujeres, extendiendo a su pasado el sentimiento de pudor que se les había inculcado, destruían -y destruyen- sus papeles personales al final de sus vidas. Quemar los propios papeles, en la intimidad de la habitación desierta, es un gesto clásico de la mujer anciana (PERROT, 2009, p. 15)[118].

Em "Duas palavras", Presciliana reilumina a história das mulheres, valorizando igualmente a participação de escritoras experientes e jovens no periódico. As brasileiras terão

[117] De acordo com Perrot (2009), a mulher significa a *stasis*, desordem. Sua palavra pública é indecente.
[118] Tradução da autora: "[...] muitas mulheres, entendendo ao seu passado o sentimento de pudor que lhes havia inculcado, destruíam – e destroem – seus registros pessoais ao final de suas vidas. Queimar as próprias anotações, na intimidade da casa deserta, é um gesto clássico de mulheres mais velhas".

um receptáculo na imprensa, cuja função é registrar a literatura e a vivência única delas, por elas.

Na edição 24, a autora publica "A primeira avançada", editorial alusivo ao primeiro ano de *A Mensageira*. Com entusiasmo, constata o progresso mental das literatas nacionais, que antes eram desconhecidas e agora firmam obras dignas de atenção. Nesse percurso, as mulheres escreveram livros e criaram jornais, que foram bem acolhidos pela crítica. Para Perrot (2009), um dos fatores que estimulou essa produção foi a consolidação do público leitor feminino, ainda que restrito à classe média e alta. "A proporção de alfabetizadas entre a população feminina total do Rio de Janeiro, por exemplo, subiu de 29,3% em 1872, para 43,8% em 1890" (HAHNER, 1981, p. 61). Presciliana prossegue falando de Júlia Lopes de Almeida, que, em janeiro de 1898, iniciou, na imprensa carioca, uma campanha a favor da fundação de creches e jardins da infância, instituições de ensino que ajudarão as mães a ingressarem ou retornarem ao mercado de trabalho.

De acordo com Gisela Bock (1993), a luta das mulheres por direitos sociais influenciou decisivamente na criação de medidas, para as mães e a maternidade. Destarte, a partir de 1890, o movimento feminista voltou-se às necessidades e interesses das mulheres de classe baixa e à pobreza feminina, com a finalidade de desenvolver políticas que favorecessem o gênero. Isso aconteceu em uma época que

> [...] las mujeres pobres empezaban a hablar por sí mismas y acerca de sí mismas de una manera completamente desconocida hasta entonces, sobre todo en cartas y autobiografías. Estos documentos, que una historiadora analizó como auténtico diálogo entre mujeres de clase media y de clase baja, ilustran los múltiples lazos entre la pobreza femenina y la maternidad, así como el creciente nivel de conciencia y conceptualización de estos problemas (BOCK, 1993, p. 440)[119].

A principal reivindicação das oitocentistas era o direito ao trabalho, visto que, quando *A Mensageira* circulava, o emprego e a maternidade não coexistiam. Todavia, as mulheres de baixa renda precisavam conciliar ambas as tarefas, não porque queriam, por necessidade de subsistência. O movimento defendia as mães solteiras, esposas da classe operária, tanto empregadas como desempregas, trabalhadoras fabris, viúvas e esposas abandonadas. Além disso, Bock (1993, p. 441) ressalta que as causas feministas incluíam

> [...] la maternidad per se, con independencia de la pobreza y el estatus ocupacional o matrimonial de las mujeres, sobre la base de que esos grupos específicos de mujeres eran versiones extremas de una condición femenina universal: la de ser real o

[119] Tradução da autora: "[...]as mulheres pobres começam falando por si mesmas e sobre si mesmas de uma maneira completamente desconhecida até então, sobre tudo em cartas e autobiografias. Estes documentos, que uma historiadora analisou como autentico diálogo entre mulheres de classe média e de classe baixa, demonstram as múltiplas relações entre a pobreza feminina e a maternidade, assim como o crescente nível de consciência e conceitualização destes problemas).

> potencialmente madres y, para su subsistencia y la de sus hijos, depender de hombres (con o sin salario familiar)[120].

Trata-se do feminismo maternalista, termo utilizado para requerer o bem-estar das mães, baseado na afirmação de que a maternidade não era uma questão isolada, e sim a condição compartilhada pelas mulheres e inerente ao gênero feminino. Também, as feministas empenharam-se para que a sociedade reconhecesse os riscos aos quais as trabalhadoras estavam expostas nas indústrias. Elas desempenhavam uma dupla carga de trabalho, dentro e fora de casa. (BOCK, 1993).

No Brasil, as creches foram criadas para abrigar crianças humildes, filhas de trabalhadores. Consoante Cristiane Alves de Souza e Rozilda Soares dos Santos (2016, p. 3),

> [...] em muitos aspectos, confundiam-se com os asilos infantis, pois as entidades que foram instaladas em São Paulo, no final do século XIX, como as de Anália Franco, atendiam crianças órfãs e abandonadas, que se encontravam em regime de internato [...] tal conceituação tem suas origens no próprio processo de criação da creche e também no fato de que o Estado não teve qualquer participação na implantação e funcionamento inicial das instituições de atendimento infantil. Esse atendimento é, durante um longo período, realizado por entidades de natureza filantrópica, quase que exclusivamente por entidades religiosas, especialmente pela igreja católica.

Por sua vez, o jardim da infância é trazido ao país por influência americana e europeia, e tinha como objetivo a instrução do infante. Muitas autoridades da época criticaram sua implantação, porque tiraria as crianças precocemente de casa. (OLIVEIRA, 2002). Em contrapartida, nomes como o de Júlia Lopes e Presciliana Duarte, acreditavam que traria benefícios ao desenvolvimento dos pequenos, vislumbrando talvez o aspecto pedagógico disseminado pelo Movimento das Escolas Novas[121].

Após a contextualização histórica que justifica a relevância de Presciliana destacar a ação de Júlia Lopes, volta-se à discussão do texto. As mudanças percebidas nesse 1 ano de circulação da revista levam a autora a crer que o país será, em breve, um modelo de avanço intelectual e moral:

> Luminosa esperança esta, porque somente na terra em que a mulher compreender seus múltiplos deveres e onde o homem reconhecer o seu valor poderá haver homogênea direção no aperfeiçoamento das gerações vindouras; só com os esforços de todos indistintamente poderá se aumentar o contingente do bem comum na sociedade (ALMEIDA, 1987, p. 369-370).

---

[120] Tradução da autora: "[...] a maternidade por si, independente da pobreza e da ocupação ou do casamento das mulheres, com base nestes grupos específicos de mulheres eram versões extremas de uma condição feminina universal: de ser real ou potencialmente mãe e, para sua subsistência e de seus filhos, depender de homens (com ou sem renda familiar)".

[121] No Brasil, esse movimento surgiu em 1882, foi trazido por Rui Barbosa. Nele a educação era concebida como uma necessidade social, e as pessoas deveriam aperfeiçoar-se, para que houvesse avanços sociais.

Presciliana espera que *A Mensageira* tenha proporcionado momentos de recreação às leitoras e despertado sentimentos de justiça e de interesse sobre a educação e o futuro das mulheres brasileiras. Termina agradecendo os colaboradores e os assinantes pelo valioso auxílio, sem o qual seu impresso não existiria.

Na edição 35, vem à tona "Direitos da mulher", texto em que a redatora defende o direito de a mulher exercer a advocacia, assunto que dividia opiniões em 1899. Começa relatando que, recentemente, o Dr. Montenegro negou a uma senhora diplomada em Direito o exercício da defesa de um réu, no Tribunal do Júri. Esse fato reforça a desconfiança de muitas oitocentistas quanto à legitimidade de seus saberes. Segundo Perrot (2008, p. 82), naquele tempo, as meninas que tinham acesso ao ensino, temiam sua desvalorização. Não bastava que feministas como Francisca Diniz, Violante Vellasco e a própria Prisciliana militassem a favor da coeducação e do caráter misto dos programas e dos espaços sociais, pois isso era insuficiente para garantir a igualdade entre os sexos, no mercado de trabalho. "Se alguns homens se opunham a professoras e médicas, achariam a ideia de mulheres advogadas e políticas ainda mais desconcertantes" (HAHNER, 1981, p. 77). Seguindo o editorial, a escritora mostra que a situação das bacharelas é mais complicada do que parece, os magistrados divergem entre si, "de modo que, conforme o juiz, elas podem ou não defender um acusado" (A MENSAGEIRA, 1987, p. 201). Em desacordo ao Dr Montenegro, o Dr. Viveiros de Castro,

> [...] inteligência lucidíssima e emancipada de preconceitos, fundamentava em razões do mais lógico liberalismo a competência da mulher para o desempenho dessa função social e logo depois, no Tribunal Civil e Criminal, a mesma doutrina encontrou na maioria de seus membros completa aprovação (ALMEIDA, 1987, p. 201).

O duplo reconhecimento, por parte do Dr. Castro e dos demais membros do Tribunal, confirma que as mulheres conquistaram o direito de advogar no Brasil, uma luta que iniciou no final de 1880, quando as primeiras graduandas em Direito se formaram. Nessa mesma fase, algumas militantes horrorizaram a população ao exigirem seu direito ao voto:

> O sufrágio não estava dentro do mundo feminino dos sentimentos e do lar, mas marcou uma brecha precisa na esfera masculina ativa. Muitos temiam que, se o mais puro e mais nobre dos sexos descesse do pedestal e escapasse do isolamento do lar, ele poderia ser maculado ou corrompido e a sociedade arruinaria (HAHNER, 1981, p. 78).

Demorou para que as brasileiras exercessem a profissão, mas a ideia incômoda de mulheres politizadas excitava a imaginação masculina. Em 1889, França Junior escreveu a peça teatral *As doutoras*, caracterizada por uma advogada bem vestida que atraía a atenção da plateia, assegurando o sucesso do julgamento. A personagem proclamava que as mulheres deveriam conquistar o másculo reduto. Durante o enredo, ela candidata-se a deputada federal, para reformar a legislação do país e endossar a causa feminista. O enfoque crítico do autor é a escolha

da bacharela pela carreira ao invés do casamento e da maternidade, símbolos feminis do século XIX. Ainda nesse ano, a agitação republicana deu às mulheres argumentos adicionais em prol do sufrágio. A proclamação da república, em 15 de novembro de 1889, possibilitou uma reestruturação política, estendendo o voto, teoricamente, a todos aqueles que eram alfabetizados. Por consequência, as mulheres ficaram esperançosas e passaram a lutar não só por respeito e direito à educação, mas pelo desenvolvimento de todas suas faculdades, dentro e fora do lar.

De acordo com Hahner (1981), na Assembleia Constituinte, reunida em 1891, a fim de elaborar uma nova constituição para o Brasil, os homens debateram o sufrágio feminino e outros temas políticos. Menosprezaram o movimento das mulheres, argumentando que seus cérebros eram infantis, tinham inferioridade mental e retardação evolutiva. (CASTRO, 1894). Deputados como Lacerda Coutinho recusaram-se a acreditar que elas fossem física e mentalmente incapazes de suportar o meio exterior, embora, admitissem que a educação não alterava a "natureza feminina", delicada, fraca e melindrosa. Os demais deputados anuíram suas aptidões intelectuais, mas opuseram-se ao sufrágio em nome da família, temendo a saída da mulher de casa.

Destarte, no Brasil, a primeira bacharela, Myrthes Gomes de Campos (1875-1965), atuou em 1899, contrariando a sociedade do período. Ivone Massola (2019, p. 141) frisa que "ela escandalizou a família, quando expressou o desejo de ir à capital para estudar", dado que a academia oferecia um currículo dirigido aos homens da elite. Após sua formatura, custou a conseguir autenticar seu diploma no Tribunal da Relação do Rio de Janeiro, equivalente ao Tribunal de Justiça na atualidade. Outrossim,

> [...] ainda precisava inscrever-se no Instituto dos Advogados do Brasil. Na sua primeira tentativa, ocorrida em 1899, ela foi aconselhada a pedir o ingresso como estagiária, já que aos formados há menos de dois anos essa era a categoria destinada, e o seu pedido foi considerado audacioso. Certos de que ela desistiria do capricho, deixaram o pedido se arrastando [...] o parecer da Comissão e Justiça do Instituto, favorável à inscrição de Myrthes de Campos, tivera o pedido rejeitado na data de 6 de julho [...] o Dr. Fernando Mendes propôs coerência ao Instituto dos Advogados, para que esse solicitasse ao Congresso Federal o cancelamento do diploma das advogadas. E, ainda, cancelar as inscrições delas aos tribunais, bem como fosse vedada a matrícula das mulheres nas Faculdades de Direito (MASSOLA, 2019, p. 143-144).

Apesar desse cenário desfavorável, o juiz Viveiros de Castro permitiu que Myrthes atuasse. Então, Presciliana exclama que não pode ficar ao arbítrio dos magistrados a opção por qualquer doutrina às mulheres, "uma avançada, outra rotineira; uma que permite, outra que nega; uma que considera um direito o que a outra capitula de invasão" (ALMEIDA, 1987, p. 202). Sentencia que

> cumpre ao Congresso encarar com firmeza a questão, embora à maioria dos seus membros pareça inútil debater [...] desde que a dúvida se manifesta tão amplamente, tanto sobre a significação de um artigo do nosso estatuto básico, como sobre os fundamentos do direito que se procura conceder à mulher diplomada, é da maior conveniência que o poder competente avoque e defina o critério para que no futuro deva ser regulada (ALMEIDA, 1987, p. 202).

Para a escritora, o impasse do Congresso agravará a situação feminina. O órgão foge a interpretação do pensamento constitucional sobre a liberdade de profissão, assegurada no artigo 72, parágrafo 22 da Constituição. Nos termos da lei, o livre exercício de qualquer profissão deve ser entendido no sentido de não constituir nenhuma delas monopólio ou privilégio, e sim carreira livre, acessível a todos, e só dependente de condições necessárias ditadas no interesse da sociedade e por dignidade da própria profissão. Presciliana exemplifica que:

> Em dois estados já esse princípio foi compreendido na sua mais larga acepção, dispensando-se os diplomas para as funções oficiais, e este modo de ver adotado nas constituições que eles se regem, não parece que servisse para aumentar o número de charlatões nem que lesasse, pela afluência dos competidores ignorantes, as corporações em gozo de título acadêmico (ALMEIDA, 1987, p. 202).

Sem embargo, no Rio de Janeiro, há restrições à liberdade profissional das mulheres, mesmo que o Dr. Castro tenha permitido dois julgamentos admiráveis, em que a ciência do Direito rivalizou com a força das convicções liberais. Presciliana lembra que o Congresso foi convidado a pronunciar-se a despeito do tema, para regulamentá-lo, e negou-se

> [...] com receio de desgostar amigos, ferir conveniências de levantar uma ruidosa agitação, de afrontar uma malta de preconceitos. Não pensaram os dignos representantes da Nação que as assembleias políticas só se elevam pelo desassombro com que aceitam as responsabilidades do seu voto, pela audácia serene com que sobrepõem as mil e uma pequenas contemporizações da politicagem cotidiana a resposta dos problemas da nossa vida política, econômica e social (ALMEIDA, 1987, p. 203).

A dura crítica da autora desvela os conchavos políticos da época, em que cada grupo defendia sua posição, e o povo não sabia quem estava com a verdade. Ela alega que o caso do direito da mulher em exercer a advocacia é mais fácil de resolver do que a liberdade da profissão àqueles que não são diplomados. Contra a profissão, tem duras ponderações de segurança pública, as quais o academicismo serve-se para ser contrário. Contra a questão feminina milita o preconceito do sexo, a intolerância do homem, em negar à mulher a aplicação do que, sob a lei, conquistou pelo estudo. “O Estado abre as portas das suas academias à mulher, ensina-a, aprova-a, diploma-a, e com a concessão do título, não só a reconhece apta para uma certa profissão, como a investe do direito de a exercer” (ALMEIDA, 1987, p. 203). Isso posto, Presciliana faz uma analogia à Medicina. As doutoras clinicam em decorrência da autorização concedida pelo Estado, no momento da colação de grau. Enquanto, no Direito, as bacharelas não podem trabalhar,

> [...] em nome do pudor, em nome da legislação romana, em nome das ordenações do reino, outras tantas máscaras da rotina, outros tantos disfarces do preconceito. Uma razão poderia calar – a inferioridade intelectual da mulher, e essa, prova-o a ciência biológica que não existe (ALMEIDA, 1987, p. 203-204).

O mecanismo de controle da mulher, na sociedade oitocentista, jogava com o conhecimento e o poder: de um lado, os cientistas e as experiências e descobertas que realizavam no corpo de suas pacientes; de outro, o longo caminho até as mulheres terem acesso aos segredos de seus próprios corpos. Para Ana Paula Vosne Martins (2004), esse embate delimitou os rumos da ciência médica moderna e da representação feminina, ressignificando a natureza humana da mulher que é afirmada já na bíblia como secundária. Nesse tempo, a atribuição de inferioridade apoiava-se em elementos como a anatomia e a morfologia,

> [...] diferenciadas em oposições radicais, justificando-as e naturalizando-as: a mulher passiva, o homem ativo; a mulher subordinada às crianças e ao homem, o homem dominando a natureza, criando e enriquecendo seu universo. Metaforicamente, a mulher é um recipiente, e o homem uma espada armada para a dominação, para a conquista, a viagem, a aventura, o risco (a morte), enquanto a mulher recebe, contém, conserva, protege, permanece na casa, encarnando a estabilidade e o devotamento. A mulher é, assim: menos inteligente, menos dotada, naturalmente serva. Reduzida a seu corpo, ela é fêmea e não mulher, ao risco de não ser nem igual, nem semelhante: ela é complemento, instrumento (BARUS-MICHEL, 2013, n.p).

A medicina da mulher provava com dados estatísticos o fardo do corpo sob a existência feminina e acenava as delícias reservadas àquelas que cumprissem seu destino natural, promovendo a maternidade a uma obrigação moral e política. Desse jeito, transformou-se o corpo da mulher em um objeto, gerenciado por discursos que balizavam suas funções reprodutivas e sociais. Os médicos brasileiros, "avessos aos discursos mais misóginos de seus colegas europeus e norte-americanos, preferiram adaptar as teorias e as ideias a respeito da alteridade feminina às particularidades da realidade cultural brasileira, procurando definir a mulher como formadora de homens" (MARTINS, 2004, p. 19). O conhecimento humanístico desses profissionais contribuiu para que tivessem prestígio e opinassem em diferentes assuntos políticos. A missão civilizadora dos médicos levou-os a formular um projeto de reorganização social,

> [...] visando produzir indivíduos saudáveis no corpo e no espírito, capazes de efetuar transformações não apenas em suas vidas particulares, mas no destino do país [...] elaboraram um discurso reformista acerca das principais instituições que, segundo sua interpretação, eram responsáveis por graves erros e vícios na formação do povo brasileiro, a começar pela família, alcançando as escolas, hospitais, quartéis, prisões, mercados, cemitérios, enfim, milhares de espaços públicos e privados que deviam seguir as normas da reforma higienista (MARTINS, 2004, p. 217-218).

A questão que Presciliana problematiza nessa altura do editorial é a relação entre liberdade e corporalidade, já que o corpo era o entrave para a conquista da autonomia feminina. Antigamente, ligava-se o destino às amarras biológicas da mulher, no limite entre o normal e o

patológico. Esse processo edificou uma imagem dócil da mulher-mãe, que somente a derrota política levaria à superação. Por isso, a autora mostra que a mulher pode conciliar o corpo, a ideologia e o sentimento, respeitando suas diferenças físicas. Talvez seu posicionamento feminista estivesse embasado no pensamento de um dos intelectuais mais autênticos do período, Tobias Barreto, que produziu um texto em 1881, criticando as teorias em voga e defendendo a educação superior para as mulheres, além dos fins pragmáticos.

Barreto era bacharel em Direito, deputado estadual de Pernambuco e professor da Escola de Direito do Recife. Alguns meses antes da Reforma Leôncio de Carvalho (1879) acontecer, defendeu a petição de uma moça que desejava estudar Medicina, enfrentando o deputado Dr. Malaquias, líder da bancada contrária, cujos argumentos pautavam-se na fisiologia das diferenças sexuais e na comparação entre o peso do cérebro de homens e mulheres. Em 1879, apresentou um projeto de lei sobre a instrução superior para mulheres em Pernambuco, sua intenção era criar uma escola de nível médio e superior, que instruísse literária e profissionalmente. A instituição seria chamada de Partenogógio do Recife. No entanto, consoante Martins (2004), o plano foi debatido na Assembleia e um ano depois saiu de pauta, por ser despudorado e imoral. Para o intelectual, a educação tinha finalidade evolutiva, dava à mulher potências e predicados, que a fariam alcançar uma posição digna na sociedade. Ele reprovava o determinismo biológico e colocava em suspeita as inferências produzidas pelo conhecimento científico a respeito da mulher. Com perspicácia, avaliava a investigação das diferenças sexuais, percebendo o viés ideológico por trás da medicina, que usava os dados quantitativos, para afirmar as desigualdades como verdade. O prisma mais inovador de seu pensamento é a divisão de 3 fases históricas pelas quais o sujeito feminino passou: poética, representada pelo endeusamento da mulher; execração, predomínio da imagem diabólica da mulher; realismo científico, em que os médicos ditam como deve ser o comportamento da mulher.

Nessa esteira, Presciliana invalida o conhecimento médico-científico de fundo limitante e propõe refletir o que impede de a mulher instruída assumir outros papéis sociais tão importantes quanto o desempenhado na esfera doméstica. Mostra que, na Europa, os saberes femininos são afamados:

> Em matemática, nas ciências naturais, na astronomia, a mulher já deu testemunhos radiosos do seu poder cerebral, e assim é que, na Faculdade de Bolonha, a cadeira de história está a cargo da ilustre Dra. Giusepina Catani, como no Observatório de Paris é a senhora Klumpke, Dra. em ciências, a incumbida de organizar as cartas do céu, trabalhos que valem bem um arrazoamento dos autos, ou a defesa de um réu (ALMEIDA, 1987, p. 204).

Aqui, ao instaurar-se a obrigação escolar aos 2 sexos, dentro do possível, foi permitido o recrutamento feminino. Ser professora era uma colocação de prestígio e de difícil obtenção às mulheres que não tinham pais influentes. Elas podiam lecionar em escolas mistas ou exclusivas para meninas, mas recebiam salários mais baixos que os homens. Contudo, não havia outro trabalho àquelas com alguma instrução (DEL PRIORE, 2004). Essas profissionais foram as primeiras intelectuais brasileiras, mulheres comprometidas com a educação feminina que resistiram à cultura patriarcal. Após uma breve pincelada sobre a história da Pedagogia no Brasil, compreende-se o porquê de Presciliana citar a profissão como uma atividade feminina legitimada à época. Ela prossegue o texto considerando que, assim como as médicas e as professoras, as bacharelas são capazes de exercer sua formação sem perder a essência. Logo, indaga "o que impede, então, que a mulher advogue, se o seu pudor não sofre com essa honrada labutação, se ela dispõe de inteligência para as argúcias do debate, se ela conquistou um diploma e esse lhe garante a profissão? (ALMEIDA, 1987, p. 204).

Hahner (1981) sugere que, no país, a oposição à emancipação feminina amparou-se na suposta candura e nobreza das mulheres, hipóteses levadas ao extremo pelos positivistas, de dentro e de fora do governo:

> Eles elevaram a velha crença de esferas separadas de atividades masculinas e femininas ao nível do dogma religioso. Ao contrário dos homens, a mulher vivia primariamente através dos sentimentos. Sua natureza singular determinava suas atividades, que deveriam ser limitadas ao lar e à família. Dentro da estrutura familiar, ela podia formar gerações futuras. A mulher deveria ser um anjo confortador, companheira amorosa de seu homem e a deusa do lar, mas nunca sua adversária ou rival (HAHNER, 1981, p. 85).

Presciliana aborda esse egoísmo masculino ao relatar que a guerra do bacharel contra a mulher foi motivada pelo medo da concorrência no mercado de trabalho,

> [...] revivendo os absurdos da intolerância clássica, as exceções odiosas de um tempo em que a mulher só saía da submissão doméstica, da inferioridade imposta pelas seitas à esposa, à mãe, à silenciosa e modesta flor do lar, para dominar como cortesã pelo esplendor da beleza e pelo requinte dos pecados (ALMEIDA, 1987, p. 204).

Os positivistas enxergavam o sujeito feminino como parte moral da sociedade, o esteio da família, veneravam sua passividade e julgavam o sufrágio uma ideia anárquica, desastrada e fatal. (HAHNER, 1981). À vista disso, os deputados brasileiros adeptos da doutrina conjeturavam a falta de precedentes estrangeiros para o movimento feminista. Não se importavam com a precisão da informação, apenas bradavam que em nenhuma parte do mundo a mulher gozava de direitos políticos. Então, vem a calhar a colocação da autora:

> Essas prescrições, essas violências, esses absurdos, desfazem-se hoje à claridade da crítica, sob a rajada salutar das revelações contemporâneas, como um bolor sob os raios de sol. O homem deve à mulher uma reparação secular e, por felicidade dela, as

> leis que nós fizemos, amparam-lhe as exigências, sancionam-lhe as nobres aspirações (ALMEIDA, 1987, p. 204).

Foi na virada do século XIX para o século XX que as lutas políticas tiveram melhor acolhida e que a ideia do sufrágio se instalou. As mulheres levantaram a bandeira de que o sexo feminino tinha o mesmo potencial afetivo, intelectual e moral, o que poderia elevá-las a condição de igualdade. No momento em que Presciliana exige uma reparação secular, refere-se ao processo estrutural da sociedade. As feministas reclamam a respeito da diferença biológica e questionam o que é realidade e o que foi atribuído culturalmente às mulheres.

Essa oposição sexual obriga os indivíduos a se compararem a partir da cor, da forma e da imagem, implicando julgar o outro superficialmente. Jacqueline Barus-Michel (2013) prescreve que os sistemas de representação social, crenças, imaginário, religião e tradição, hierarquizam as relações entre homens e mulheres. A menor diferença conduz à condenação de uma das partes como inferior ou superior e, daí,

> [...] à dominação que, caso encontre objeção ou resistência, evolui rapidamente para a violência [...] Os critérios de valores são fundados na sensibilidade e na cultura: eróticos (prazer/desprazer), morais (bem/mal), estéticos (belo/feio), econômicos (rico/pobre) e impactam todos os campos susceptíveis de apreciação, ou seja, eles apresentam variações que têm efeitos na subjetividade (BARUS-MICHEL, 2013, n.p).

Nada escapa ao juízo de valor, exceto a consciência dos pontos que elaboram esse pensamento. Com efeito, é impossível imaginar uma neutralidade, mas como a diferença entre os sexos afeta todos os seres humanos, justifica-se tentar minimizar suas consequências na vida feminina. As mulheres querem se desatar dos entraves naturais e simbólicos, e a crítica da escritora revela a força desse movimento no Brasil, que alcançou o direito de ter a mesma educação masculina e, por lei, vai participar das mesmas realizações profissionais que os homens. Ela prenuncia que os estereótipos históricos pesam sobre o sujeito feminino, como se fossem um destino, e quando as mulheres se abrem às múltiplas possibilidades de transformação da sua realidade, são acusadas de destruir o núcleo familiar.

Rocha-Coutinho (1994) explica a formação familiar brasileira, retomando que, na segunda metade do século XIX, a sociedade sofreu mudanças, a saber, o número crescente de trabalhadores assalariados que atuaram nas plantações de café e de trabalhadores especializados, advogados, comerciantes, engenheiros, médicos e militares. Daí, surgiu uma classe média, composta pelos filhos desses profissionais liberais, homens que estudaram no exterior e trouxeram ideias iluministas, que vieram ao encontro do processo de modernização implantado pela Corte no país. Essas transformações deram poder ao Estado e enfraqueceram a família antiga, instituição que, na era colonial, foi disciplinadora. (RIOS, 1950). Entretanto,

a posição do pai como líder não se alterou, apenas passou a dividir seus poderes com as demais entidades de controle social, e a mulher permaneceu secundária, administrando o lar. “Como mãe, ela tinha a responsabilidade da transmissão dos primeiros valores e do aperfeiçoamento moral dos filhos” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 78). A situação da educação reforçava seu lugar de inferioridade, e o trabalho só era cogitado por necessidade econômica, sem vínculo com a realização pessoal. Por isso, o casamento servia como uma carreira para ela, “permanecer solteira, além de pouco atraente e financeiramente inviável, implicava um desprestígio” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 83). Contudo, a crença da realização maternal não impediu que muitas mulheres sentissem um mal-estar nessa situação:

> A política do Estado com relação à mulher foi sempre bastante contraditória; de um lado reforçava sua permanência no lar, a fim de garantir a tarefa reprodutiva, e, de outro, guardava-a como exército industrial de reserva, a fim de que pudesse lançar mão de seu trabalho sempre que necessário aos interesses da nação (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 95).

O falso equilíbrio das oitocentistas, condenadas ao dever, ao hábito e às normas em torno de um matrimônio perfeito, do controle da casa e dos filhos, despertou sentimentos amargos, quanto à abnegação de suas escolhas. Frustração que levou as mulheres a aconselharem suas filhas com uma mensagem dupla:

> [...] a sugestão de libertação deste enredamento que aprisionava a mulher, através de um trabalho e profissão que poderiam trazer, inclusive, uma independência financeira; a ideia de que o lugar da mulher era em sua casa, cuidando do marido e dos filhos, e de que a maternidade era a mais sublime das vocações (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 111).

Dessa forma, a semente do descontentamento frutificou na cabeça de muitas meninas, que tiveram o incentivo materno para continuar os estudos, é o caso de Presciliana. Ao invés de ficar atrás do cônjuge, elas buscaram seu crescimento intelectual e status social, a partir da realização profissional. Como resultado, a soberania da família patriarcal perdeu espaço. No curso do editorial, a escritora replica, “perante a onda mercantilista que nos invade e ulcera, substituindo a estrutura social do amor pela fortuna, as mulheres pobres e inteligentes precisam garantir lugar na existência pelo único poder de sus atividade, de seu estudo, de seu valor (ALMEIDA, 1987, p. 204).

Hahner (1981) descortina que inúmeros membros da elite nacional esperavam que as mulheres de classe inferior entrassem para a força de trabalho, mas suas parentes não. Eles falavam que as mais humildes deveriam ter como adquirir o sustento, por exemplo, empregadas nas casas de famílias abastadas, no comércio, nos escritórios e nas fábricas[122]. Por sua vez, “as

[122] Em São Paulo, o recenseamento de 1872 mostrou que dos 10.256 operários da indústria de algodão, 9.514 eram do sexo feminino. (ROCHA-COUTINHO, 1994).

mulheres de classe superior deveriam permanecer em suas próprias casas, supervisionando o trabalho das mulheres mais pobres, e não tentar entrar nas profissões seguidas pelos homens" (HAHNER, 1981, p. 73). O papel de dona-de-casa era decorrente da relação legal com o marido, não uma escolha pessoal. Àquelas que frequentaram a universidade, tinham que abandonar a carreira profissional, em prol do casamento.

As ideologias políticas garantiram que durante séculos as mulheres reproduzissem a força de trabalho que a sociedade precisava, e essa questão ligada ao seu aparato biológico é, na verdade, uma categoria econômico-social. (ROCHA-COUTINHO, 1994). A voz feminista de Presciliana quebra esses padrões sociais masculinos, enfatizando a competência e a qualificação das brasileiras para atuarem profissionalmente. Ela ignora a opinião negativa,

> [...] dirigida às mulheres casadas, com filhos e uma situação econômica estável que desejavam trabalhar fora de casa [...] criticadas por estarem prejudicando o bom desenvolvimento de seus filhos – uma vez que os privavam da figura fundamental da mãe –, seu trabalho implicava, para os outros, o fato de que o marido era incapaz de sustentá-las (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 116).

Seu posicionamento entusiasma as leitoras a buscarem novas formas de realização pessoal, investir em uma carreira e na formação, pois

> [...] as leis, como a razão, acham-se ao lado do sujeito feminino. Respeitemos-lhes a dignidade, o esforço, o sagrado instinto da independência. E segredamo-nos o coração que contra o carrancismo das ordenações, evocadas para a rebaixarem e perderem, o Congresso afirmará o direito da igualdade na profissão, salvando-a e engrandecendo-a (ALMEIDA, 1987, p. 204-205).

A autora encerra o texto defendendo o direito de a mulher exercer a advocacia no Brasil, evento que só ocorreu, de acordo com Massola (2019), em 1906, quando Myrthes de Campos foi aceita como advogada pelo IAB, atual OAB. Naquele tempo, a votação revelou um placar acirrado, sendo 23 votos a favor e 15 contrários. Apesar de toda a polêmica criada em torno disso, "estranhamente, os únicos registros que existem acerca de Myrthes, no Instituto dos Advogados, são as Atas que registram as discussões dos membros daquele instituto partidários ou contrários a sua admissão, no quadro efetivo, pelo simples fato de ser mulher" (MASSOLA, 2019, p. 152).

Com base na leitura dos editoriais de Presciliana em *A Mensageria*, apurou-se que sua redação explora os conflitos vividos pelas oitocentistas. Em níveis distintos de consciência, as mulheres possuíam valores que foram internalizados ao longo de seu desenvolvimento: princípios tradicionais incorporados durante a infância, a partir do discurso que vigorava na sociedade; ideias modernas que conheceram na adolescência. Desse modo, questionaram os papéis atribuídos ao sujeito feminino. A escritora representa uma geração feminista que luta para fazer valer seu direito à educação e à profissão no Brasil.

Para Rocha-Coutinho (1994), a identidade feminina é, longe de ser natural, construída por meio de um discurso social, que visa atender às necessidades de uma determinada sociedade, em um momento histórico específico. Assim sendo, na revista, a pena de Presciliana desempenha uma importante função na edificação da subjetividade das mulheres brasileiras e, consequentemente, serve para tirá-las da subordinação em que há muito se encontram. A partir dessa construção discursiva, a identidade feminina não mais transcende a particularidade dos indivíduos em um projeto globalizante, passa a considerar os aspectos que diferenciam cada grupo social. Isso acontece porque a linguagem pode ser interpretada, e, no momento em que um texto é escrito por uma mulher, os interesses desse grupo é que vão decidir o sentido da elaboração simbólica.

O discurso social é ideológico e, geralmente, organizado a fim de ratificar os mitos da sociedade. (FOWLER *et al*, 1979). Nesse sentido, em seus textos, a autora subverte as funções sociais atribuídas às mulheres. Tal postura é percebida por meio da argumentação que utiliza, capaz de, aos poucos, mostrar as relações de poder por trás da tendência instintiva feminina e da moralidade que envolve o altruísmo materno. Isso faz com que as oitocentistas não se sintam culpadas por colocarem os seus desejos em primeiro lugar. Na prática, Presciliana é uma agente social, seu discurso feminista permite ao público de *A Mensageira* entender a cultura, como lugar de identificação e de criação de sentido. Por conseguinte, ao observar que o discurso científico serviu de suporte à dominação cultural do patriarcado, ela revela que a pesquisa científica não é apolítica ou factual, mas ideológica.

Se toda a ideologia é mediada linguisticamente, as ideias que constituem as ideologias são expressas a partir da linguagem. (TREW, 1979). Essa fornece modelos e categorias de pensamento e, em grande parte, abarca a experiência de mundo dos indivíduos na sociedade. Desse modo, é possível apreender que, em um discurso, os conceitos são parte da ideologia que constituem uma forma de ver e interpretar o mundo ao redor. Isso permite dizer que a linguagem também é uma construção ideológica, e que, nos editoriais de Presciliana, seu posicionamento feminista contribui para a desconstrução do estigma de inferioridade, que diminui a mulher brasileira.

As ideologias são essenciais para estabelecer uma ordem social. (TREW, 1979). Entretanto, não se deve esquecer que precisam ser aceitas pela sociedade, para modificar suas normas. Conforme Rocha-Coutinho (1994), as categorias da linguagem, bem como as da ideologia, parecem fixas, mas estão sujeitas a constantes transformações. Ao falar, as pessoas confirmam, mantêm e, até mesmo, debatem sobre as organizações da linguagem e das ideologias, que são linguisticamente expressas. Dessa maneira, nos editoriais, a redatora

observa que a legislação do país é clara quanto ao direito de a mulher exercer sua profissão, e que os deputados que se eximem de votar a petição no Congresso Nacional, estão interferindo com base na ideologia patriarcal nessa questão.

Historicamente, os grupos desenvolveram suas maneiras de produzir e distribuir a riqueza social, suas formas de se relacionar e suas instituições. As relações entre homens e mulheres estão em consonância com os anseios e as necessidades de um grupo social, num momento específico. (ROCHA-COUTINHO, 1994). Isso quer dizer que a ideologia patriarcal teceu a malha da supremacia masculina, ditando qual sexo era o mais adequado aos modos de produção e a regência da sociedade. Consequentemente, a interação entre os sexos é socialmente construída e vai variar de acordo com as mudanças na organização social.

Portanto, Presciliana destaca a naturalização da identidade feminina, forjada pelo discurso ideológico, que tentava encaixar as mulheres, em uma moldura artificial de fragilidade. Essa ideia foi transmitida a partir do patriarcado, que permeava todos os aspectos da cultura no Brasil e dividiu a sociedade, em esferas público e privada. Em *A Mensageira*, a escritora está no mesmo patamar do discurso masculino, sua linguagem feminista transforma as relações de poder entre os sexos e é um importante artifício, para influenciar as oitocentistas à emancipação. Ela constrói os significados sociais, respeitando as diferenças entre homens e mulheres.

4.3 OUTROS ESCRITOS

Como reportado anteriormente, em *A Mensageira*, Presciliana também escreveu artigos (2), críticas (9) e poemas (27). Esses tipos textuais e suas características serão conhecidas a seguir. Na edição 4, há o artigo de opinião “A nossa condição”, assinado com o heterônimo M.P.V.D. Trata-se de um manifesto em que a autora defende a instrução feminina e considera o discurso patriarcal responsável pelas assimetrias de poder entre os sexos no Brasil. Ela inicia afirmando que a tolerância com o intolerável atingiu o último grau, isto é, o preconceito masculino não pode mais ser visto como algo normal, porque impede a mulher de ter acesso ao conhecimento. A nação precisa

> [...] de uma completa reforma na educação moral da mulher. Ela precisa saber que tendo inteligência e nobres aspirações não deve oprimir e limitar seu pensamento. Não basta que lhe arda no cérebro o fogo da inspiração e a compreensão do belo, é necessário que patenteie, em linguagem clara e precisa, esses sentimentos e inspirações (ALMEIDA, 1987, p. 49).

De certo modo, Presciliana observa que a subordinação do sujeito feminino denuncia a existência de um sistema de dominação social com conotação política, que se fundamenta na

divisão sexual do trabalho. (MILLETT, 1970). Para a redatora, é necessário ouvir a mulher e desfazer a crença de que ela não pode ser boa esposa, porque o estudo lhe rouba o destinado aos arranjos domésticos e à criação dos filhos.

Nessa perspectiva, Claudia de Lima Costa (2010) assente que a colonialidade do gênero, a mais antiga na história da espécie humana, ficou subordinada à colonialidade do poder, a partir do momento em que a classificação racial se tornou o mais efetivo modo de distinguir os grupos sociais. Aníbal Quijano (2002) considera que a dominação do gênero se relaciona à hierarquia superior-inferior da classificação racial. Assim, a exploração e a opressão da mulher regulam sua vida e determinam o seu papel no século XIX. Segundo María Lugones (2019, p. 290), esse conceito se apoia em uma noção biológica que explica a forma pela qual acontece "o controle do sexo, seus recursos e produtos". Por isso, compreende-se a importância de o movimento feminista lutar pela autonomia feminina.

No texto, Presciliana se opõe à cultura dominante e mostra que o país deve ter espaço para novos pensamentos, vindos de outros lugares de enunciação. Dessa maneira, as mulheres que buscarem seus direitos terão educação e poderão dispensar aos filhos mais do que a simples criação:

> A mulher instruída será melhor mãe que a ignorante, prova-nos a experiência e atesta-nos a razão. Seria mais fácil contermos com a fragilidade de nossos braços a impetuosidade de uma corrente, que negarmos essa verdade [...] não admitimos o egoísmo nessa questão – a instrução. Um homem civilizado e inteligente deve instruir e educar suas filhas, pela melhor forma que lhe permitirem suas circunstâncias (ALMEIDA, 1987, p. 49-50).

A autora critica a pretensão do homem em apropriar-se do saber, fato que legitima a inferioridade da posição social da mulher. Logo, as categorias dadas como universais perdem a força, privilegiando as diferenças, as pluralidades e as singularidades. Presciliana rompe com as normativas que impunham às oitocentistas sua função caseira e materna, trai a natureza feminil e busca demarcar uma nova identidade para o gênero. Ter a própria revista já é um ato de resistência, e, nas palavras de Marlene Neves Strey *et al* (2004, p. 16),

> escrever um texto sobre mulheres é lidar com sombras, com desejos masculinos sobre as mulheres, com o imaginário, com representações. É descobrir que um corpo se produz tanto do imaginário que existe em torno dele, a que ele próprio adere a partir de seu consentimento, como das variadas práticas que se articulam em espaços definidos, em ritmos, em modos de vestir e de utilizar a língua, em leituras, em gestos, em olhares e produtos.

Continuando o artigo, a escritora verifica que, embora seja legalizado o direito à educação feminina, alguns homens esclarecidos têm filhas quase analfabetas. Fato que a leva questionar se esses indivíduos são dignos de serem considerados bons cidadãos, pois o descuido com a educação das meninas influenciará no futuro de uma geração. Por outro lado, assim como

não aprova o egoísmo desses pais, admite que "seria inconveniente, e até mesmo detestável, uma mulher que entregue completamente a seus estudos, não se lembrasse de seus filhos [...] Isso não seria só atraso para o marido, seria uma calamidade para toda a família" (ALMEIDA, 1987, p. 50). Presciliana respeita a alteridade feminina, mas entende que a subjetividade é constituída de práticas diversas. A mulher é livre para exercer sua cidadania social e política, desde que não abandone as atividades do lar. Nesse sentido, Strey *et al* (2004, p. 17) indica que:

> Filósofos, médicos, psiquiatras, padres e pedagogos desenvolveram argumentos que atingiram as mulheres. São elevadas à categoria de rainhas, de deusas – responsáveis pela nação, dignas de respeito e gratidão de toda a sociedade; as que se recusam a cumprir seus deveres, de mães e esposas exemplares, são ameaçadas das piores punições: mulher má e psicologicamente doente.

Percebe-se que, naquele tempo, o feminismo reivindica a instrução feminina, mas ainda encara a mulher a partir de seu corpo. De acordo com Pierre Bourdieu (2007), a violência simbólica age sobre as mulheres porque ser do sexo feminino não é o suficiente para ter uma visão da história das mulheres. A visão feminina é uma visão colonizada, dominada, que não se vê como parte do sistema. Por essa razão, o artigo de Presciliana reverbera traços da dominação masculina, no que diz respeito à representação dos sexos. Bourdieu (2007, p. 33) presume que essa construção simbólica

> [...] não se reduz a uma operação estritamente *performativa*, ela se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), em um trabalho e por um trabalho prático, que impõe uma *definição diferencial* dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer a outro gênero.

Como exemplo de comportamento feminino ideal, a redatora cita: "Mme. de Sevigné[123], que ao mesmo tempo que escrevia suas cartas, que são flores da literatura universal, escrevia e assinava receitas de doces, fazendo-os ela mesma, com admirável perfeição" (ALMEIDA, 1987, p. 50). Isso é resultado da construção social do corpo, uma ação pedagógica androcêntrica, que exerce enorme pressão sobre as oitocentistas. A ordem masculina se inscreve implicitamente na divisão de funções e nos rituais de comportamento coletivos, feito as condutas de marginalização impostas às mulheres que optarem por estudar ao invés de se casar e ter filhos. Presciliana frisa que não basta compreender a utilidade e os atrativos do espírito cultivado,

> [...] é mister que façamos de nossa parte o maior esforço possível, procurando instruir-nos e desenvolver-nos a bem da pátria e da família. Quanto mais ilustrada e inteligente for uma mulher, tanto mais zelosa e cumpridora de seus deveres será [...] E como romper essa prisão que aniquila o pensamento e esteriliza a inteligência? Estudando, e estudando muito (ALMEIDA, 1987, p. 50).

[123] Acredita-se que seja Maria de Rabutin-Chantal (1626-1696), marquesa de Sevigné na França.

Ela deseja garantir um futuro para as mulheres na sociedade brasileira. Portanto, entusiasma suas leitoras a serem sujeitos autônomos, produto de uma transformação cultural incipiente, que, em algumas capitais do Brasil,

> [...] como em S. Paulo, já se encontram estabelecimentos de educação onde a mulher pode elucidar e prover a sua inteligência dignamente; e amanhã, quando os liceus e ginásios se acharem pelo interior dos estados, dissipando a ignorância e elevando o nível intelectual da mulher, uma alegria profunda virá nos animar, compensando as indisposições que acarretamos agora, que francamente reclamamos a instrução para a mulher (ALMEIDA, 1987, p. 50-51).

Esse texto evidencia a voz feminista de Presciliana, que luta para que a mulher tenha acesso à educação e que as escolas se espalhem pelo território nacional. Contudo, ela recomenda que as senhoras instruídas não se esqueçam das tarefas domésticas e não terceirizem o cuidado das crianças, elas devem manter suas responsabilidades junto à família. Talvez o discurso da escritora esconda suas reais intenções, garantir a formação feminina e assegurar que as mulheres não abandonem os princípios morais da sociedade, para evitar o argumento masculino de que a instrução prejudica a ordem familiar.

No volume 14 de *A Mensageira*, a autora publica "Lágrima tardia", uma crítica literária assinada com o pseudônimo Perpétua do Valle, em que homenageia Maria Jucá Moreira Lima[124](1861-1895). Começa esclarecendo que o título da produção foi escolhido a fim de desfolhar goivos e saudades sobre o túmulo de uma literata importante para a literatura brasileira, falecida há três anos. Presciliana sublinha que sua revista,

> [...] na faina de congregar as escritoras nacionais, tem tido grandes alegrias e surpresas, conhecendo literatas que em longínquos estados do Brasil arvoraram a sua tenda do trabalho, mas também tem encontrado dolorosos motivos de luta para as letras femininas. Assim é que, só agora, tivemos conhecimento da morte de uma das inspiradas poetisas brasileiras, a gloriosa alagoana Maria Jucá, cujo talento brilhante admirávamos de há muito (ALMEIDA, 1987, p. 218-128).

Em linhas gerais, nota-se que a imprensa feminista abriu espaço para mulheres que se dedicavam à escrita no interior, como Maria Jucá. Suas composições ficaram conhecidas nas

[124] Nas palavras de Blake (1983, p. 234-235), "filha de Antonio Cipião da Silva Jucá de quem me ocupei no vol. l, e dona Anna Maria Guerra Jucá, nasceu em Maceió, capital de Alagoas, no ano de 1861 e aí faleceu a 3 de abril de 1895, casada, ainda não havia dois anos, com o engenheiro Enéas Moreira da Silva Lima. Tendo estudado, tanto no liceu, como na escola normal dessa cidade, onde fez brilhantes exames, revelou gosto pelo estudo, conhecimento de obras modernas sobre diversas matérias e até aptidão para a matemática. Foi poetisa de um lirismo encantador. Talento invejável, deixou dois volumes de composições suas, manuscritos, que seu marido em viagem para o Maranhão levou com a ideia de dar à publicidade o que julgasse me1hor, mas um deles foi perdido num caixão de livros que por descuido deixou a bordo e nunca foi encontrado. Muitos trabalhos seus, porém, quer em prosa, quer em verso, foram publicados na imprensa de Maceió, dos quais são: - As flores da alma. A meu prezado pai, achando-se na cidade do Pão de Açúcar - no Gutembelg, 1886. É uma poesia, que termina patenteando as três flores de sua alma, assim: 'A primeira é de alvura não sonhada.../ Tudo que é santo abriga, imaculada/ Sua cor imensa/ Quando transborda o cálice da amargura/ Minh'alma n'uma prece se depura/ Cresce a rosa da doença/ Quando por mim em lagrimas banhada/ De minha mãe a face descorada'. D. Maria Jucá deixou finalmente diversas traduções de Victor Hugo e outras do francês, que revelam seu apurado gosto e perfeito conhecimento desta língua".

páginas dos jornais de Alagoas, "o primeiro trabalho seu que nos deparamos, há anos, foi a seguinte poesia, que guardamos religiosamente, por ter sido para nós a reveladora do novo astro que principiava a fulgir no nosso meio literário (ALMEIDA, 1987, p. 219). O poema "A lágrima e o sorriso" é transcrito integralmente pela redatora. Ao todo são 24 versos, divididos em 4 estrofes iguais, que abordam os sentimentos que a lágrima e o sorriso despertam no ser humano:

> Uma traduz a dor, outro a alegria;
> Este é aurora – precedendo o dia;
> Aquele – a noite fria, erma de encantos...
> Mas, que vezes não brota dolorida,
> Entre risos a lágrima sentida
> E o sorriso não brilha envolvo em prantos! (ALMEIDA, 1987, p. 219).

Presciliana prossegue comentando que apreciou outras criações de Maria Jucá, como o poema "Olhos verdes", porém, infelizmente, perdeu a cópia. A alagoana foi um dos primeiros nomes de que lembrou, quando lançou sua revista. Sem demora, empregou "todos os meios de obter a colaboração da ilustre brasileira, até que afinal uma de suas irmãs, Adélia Jucá, em amável e delicada missiva, pôs a par da triste verdade" (ALMEIDA, 1987, p. 219). A escritora acrescenta que D. Maria foi uma aluna dedicada do Liceu Alagoano, principalmente em cálculo, casou-se jovem, teve dois filhos, deixou inúmeros textos e traduziu livros renomados da literatura francesa[125]. No final, certifica que:

> Depois de havermos registrado, com infinita mágoa, o desaparecimento de tão preciosa existência, só nos resta o supremo consolo de ler os seus versos encantadores, desfolhando milhares de flores sobre o seu túmulo querido.... Oferecemos hoje a nossas leitoras um soneto de Maria Jucá. Foi-nos enviado por sua terna irmã, Adélia Jucá, cuja vida literária se inicia agora na *Mensageira*. Que as musas lhe sejam tão propícias quanto à sua desditosa irmã, e que o destino lhe seja mais risonho (ALMEIDA, 1987, p. 219-220).

Esse artigo de opinião é fruto da experiência de leitura feminina, que faz diferença na interpretação de uma obra. Para Jonathan Culler (1997), ler como mulher significa associar suas vivências ao escrito. As percepções literárias de Presciliana sobre a poética de Maria Jucá vêm, em parte, da sensibilidade quanto às nuances de sua própria vida e de suas observações da vida de outras pessoas. Cada vez que a crítica se refere à produção, traz para o texto uma nova orientação. Ao observar que a alagoana já aparecia na imprensa nacional, provavelmente, justifica a qualidade dessa poesia e sua presença em *A Mensageira*. Também, a oitocentista defende, de forma implícita, questões como o lugar da literatura de autoria feminina no cânone. O viés feminista está por trás da pequena biografia que escreveu para Maria, cujo enfoque recai na formação apurada que teve em Recife, posto que as condições sociais e a dependência

[125] Blake (1983) não menciona seus filhos.

econômica feminina impediam as brasileiras de frequentar a escola. Culler (1997, p. 55) observa que,

> [...] as experiências das mulheres as levarão a avaliar as obras diferentemente de seus correlatos masculinos, que podem se fixar em problemas que as mulheres caracteristicamente encaram como de interesse limitado [...] Isso é o que Virgínia Woolf chama de "a diferença de visão, a diferença de padrão".

Destarte, algumas considerações feitas por Presciliana são relevantes para presumir que o poema "A lágrima e o sorriso", de Maria Jucá, é bom ou ruim. Como leitora mulher, há influência da realidade que as mulheres enfrentavam diariamente, no século XIX. Sua experiência feminina é uma fonte de autoridade que a encoraja a resenhar obras de arte e literárias no impresso. Assim, ela reavalia produções celebradas e negligenciadas pela crítica, composta majoritariamente por homens.

No número 30, Presciliana publicou "Escala do viver", um poema lírico que aborda as fases da vida humana, foi escrito em 23 de fevereiro de 1897. A composição é subdividida em 4 partes e possui 13 estrofes, com 4 versos cada. A primeira parte corresponde à infância, à adolescência e à adultez, etapas da vida em que a mulher se desenvolve, como um botão de rosa florindo, desperta para o amor e cria suas raízes:

> És ainda
> Bem pequena
> - Fresca e linda
> Flor serena!
>
> Que te falta
> Na existência,
> Que se esmalta,
> De inocência?
>
> [...] Cresces e aprendes,
> Amas a flor,
> Depois te rendes
> À luz do amor!
>
> [...] Correm os dias, fanam-se os sonhos,
> Porém de tudo fica a lembrança...
> Sim! São formosos, sim! São risonhos
> Mesmo os cadáveres da esperança (ALMEIDA, 1987, p. 130).

Nessa última estrofe, nota-se que a maturidade transforma os sonhos da juventude em memórias saudosas, muito do que fora almejado anteriormente não se concretizou. A segunda parte do poema explora os sentimentos da velhice, momento em que a morte assombra os planos futuros:

> Geme a velhice ao peso da desgraça,
> Chora no leito extremo...
> E a pouca vida que lhe resta, escassa,
> Vai à mercê de um pequenino remo:

> Vaga no mar da angústia e da saudade
> Pela fé conduzida...
> Pois, se a esperança alenta a mocidade
> A fé reconforta a fronte encanecida (ALMEIDA, 1987, p. 130).

Imagina-se que a senhora se depara com um dilema, a qualquer hora pode perder o esposo e ficar sozinha no mundo. Por isso, a fé serve de refúgio e acalma seu coração, na certeza de que o casal irá se reencontrar em outro plano. De mais a mais, na terceira parte, aparecem os rituais de despedida:

> Incensando o quarto, o sacerdote reza
> Pela pobre vida que se extingue em ais...
> Como é dura a morte! Como a vida pesa
> Nos suspiros tristes, longos e finais!
>
> Mas, enfim, sossega o moribundo aflito,
> Já descansa em paz...
> Nem mais uma lágrima, ou queixume, ou grito
> Seu dormir desfaz (ALMEIDA, 1987, p. 130).

A partida assola quem fica, deixa somente o consolo de que o ente querido parou de sofrer. Na quarta parte, o poema se encaminha para o final. Agora, a flor que tinha se despedaçado, fora queimada do sol e comida pelos insetos, volta a nutrir-se e enfeitar o jardim da existência. Já velha a matriarca reúne seus familiares e zela pelos netos:

> Agora a sempre-viva, a perpétua e a saudade,
> A sombra do cipreste, enfeitam-lhe a pousada!
> E sob a cruz erguida ali pela amizade,
> Canta, chilrêa, brinca uma ave enamorada!
>
> Faz o ninho feliz entre a rama e descanta...
> Eis a vida de novo encetando o trabalho!
> Tudo se vivifica e tudo à vista encanta:
> Nova aurora no céu e nova flor no galho (ALMEIDA, 1987, p. 130).

Então, o broto recria o ciclo da vida, traz um novo sentido para a existência da avó e daqueles que a cercam. De todos os poemas que Presciliana publicou em *A Mensageira*, esse é o de maior sentimentalismo. Fato que o levou a ser escolhido para a apreciação. Seus versos traduzem a angústia e a dor de, no meio da estrada, um ser amado abandonar a caminhada. O tema de “Escala do viver” é corriqueiro nas composições oitocentistas, mas isso não tira a beleza de seus versos e a relevância da autoria feminina à época.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar a voz feminista de Presciliana Duarte de Almeida em *A Mensageira*, enfocando sua produção. Os textos da autora foram examinados, a fim de verificar em que medida o discurso feminista está presente nos seus escritos. Para tanto, fez-se necessário, primeiramente, traçar um panorama da imprensa brasileira, como chegaram as primeiras tipografias e qual era o público leitor do período. Depois, observou-se o desenvolvimento da imprensa feminina e feminista no século XIX, evidenciando suas peculiaridades, em relação à atividade cultural realizada, e discutindo sobre o espaço conquistado pelas escritoras, nesse universo ao longo do tempo.

O capítulo "O periodismo brasileiro", propôs-se a mapear a história da imprensa no país, de seu surgimento até a fundação da revista *A Mensageira* em 1897, sob a luz de fontes históricas e de aportes teóricos dos Estudos de Gênero. Entre os resultados alcançados, pode-se destacar o levantamento por regiões dos jornais que inauguraram o mercado tipográfico, bem como os intentos femininos e feministas que surgiram à época, seus fundadores e redatores. Também, delinearam-se as mulheres que primeiro manejaram a pena, evidenciando sua literatura e a recepção que seus textos tiveram. De igual modo, verificou-se a relevância da circulação dos periódicos feministas, para que a literatura de autoria feminina fosse propagada na imprensa nacional.

A etapa seguinte do estudo, desenvolvida no capítulo "*A Mensageira*: organização da revista", consistiu em explorar a circulação, a diagramação, o público-alvo, os objetivos e a tipografia do impresso que Presciliana fundou e manteve por quase 3 anos. Foi possível separar os escritos em tipos, gêneros e seções, a saber, citação (trechos literários), informativo (notícia [*A Mensageira* e Notas pequenas]), narrativo (conto), opinativo (artigo, carta [Carta do Rio], crônica [Com ares de crônica e Crônica Omnímoda], editorial e resenha), e poema. Identificaram-se a quantidade de textos e os literatos mais ativos de cada categoria, separando em participação feminina e participação masculina. Além disso, apurou-se os dados acerca do total de colaboradores da folha (95), número de homens (57) e mulheres (38), local de origem dos autores, quantidade de publicações, gêneros textuais praticados e pseudônimos utilizados por eles. Todas essas informações estão listadas em anexo.

No capítulo "Os escritos de Presciliana: discurso feminista", investigou-se a produção de Presciliana Duarte de Almeida em *A Mensageira*, classificando-a por gênero. Primeiramente, localizaram-se documentos com informações inéditas sobre sua vida e sua carreira literária, de maneira a construir uma biobibliografia. Para isso, foram retificados dados

equivocados veiculados por outros pesquisadores, por falta de fontes seguras, como sua data nascimento e de óbito, a cidade em que faleceu e o local onde está sepultada. Apontou-se sua contribuição à literatura brasileira, sublinhando a participação nos periódicos nacionais, visto que foi mencionada em 88 jornais, entre 1880 e 1949. Depois, selecionaram-se três editoriais da revista, considerados possivelmente os mais significativos, para analisar sua escrita. A partir da leitura de "Duas palavras", "A primeira avançada" e "Direitos da mulher", constatou-se a visão que ela tinha de si mesma enquanto escritora, seu conhecimento literário e a consciência de luta pelos direitos femininos. Ainda, verificaram-se os artigos, os poemas e as resenhas críticas que a autora publicou no periódico. Essas composições estão alinhadas ao discurso feminista averiguado nos editoriais, em geral, com uma crítica social de forma branda.

Como uma mulher oitocentista, casada, mãe de três filhos e membro da elite mineira e paulistana, Presciliana Duarte de Almeida rompeu algumas barreiras impostas às senhoras brasileiras, discutindo sobre cultura, educação, política e sociedade nos jornais. Era parte do grupo definido como inferior, e, por isso, apontou problemas da estrutura patriarcal, em suas produções literárias. A autora desejava que o sujeito feminino redefinisse a própria identidade, criando cenários realistas, para modificar o presente. Nesse intuito, colocou em relevo temas essenciais para as mulheres, como o direito à educação e à profissão. Queria saber o porquê de ser negada sua opinião na esfera pública, já que representavam metade da população e dispunham da mesma capacidade e formação masculina, para desempenhar determinadas tarefas. É o caso de Myrthes de Campos, bacharela formada que foi impedida de atuar como advogada, no final do século XIX. Para subverter essa estrutura social, Presciliana acreditava que as meninas precisavam frequentar a escola.

Segundo Simone de Beauvoir (1980), a mulher não era pensada a partir de si, mas em relação ao homem, como se ela se opusesse a ele, fosse o Outro. Desse modo, observa-se que o papel social feminino comporta significações hierarquizadas, o Outro é mais antigo e comum do que se imagina. Por exemplo, nas mitologias primitivas, existia a dualidade entre o Mesmo e o Outro, um grupo era constituído opondo-se aos demais. Assim, a mulher foi vista por muito tempo, como um objeto. O olhar masculino destituiu-lhe a humanidade, impedindo-a de ser para si, porque o mundo não era apresentado ao sujeito feminino com todas suas possibilidades.

Ademais, o patriarcado delimitava as normas sociais da época, e o *status* atribuído ao sexo feminino era menor. Posto isso, reconhecer o espaço em que as mulheres estavam inseridas possibilitou às senhoras do século XIX denunciarem a invisibilidade feminil, por meio da imprensa nacional, por exemplo. Consoante Djamila Ribeiro (2017, p. 25),

> [...] melhorar o índice de desenvolvimento humano de grupos vulneráveis deveria ser entendido como melhorar o índice de desenvolvimento humano de uma cidade, de um país. Para tal, é preciso focar nessa realidade, nomeá-la [...] Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível.

Presciliana questiona a relevância de se pensar sobre políticas públicas para as mulheres, a fim de que argumentos simplistas com fundo biológico percam força e não impossibilitem a participação feminina na sociedade brasileira. Percebe-se que, quando elas reivindicam o direito à instrução, estão lutando pelo direito à própria vida.

O fato de os indivíduos serem mantidos numa situação de inferioridade, torna-os inferiores, dado que "ser é ter-se tornado, é ter sido tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores" (BEAUVOIR, 1980, p. 18). Também, Lorde (2019) pontua que a opressão e a intolerância com o diferente manifestam-se de diversas maneiras, tamanhos, cores e sexualidades; e que, aqueles que têm o objetivo de libertação, não podem aceitar uma hierarquia opressora. Então, algumas intelectuais se uniram em prol da emancipação feminina, para assegurar melhores condições de vida às futuras gerações.

Este estudo apresenta o propósito de ressaltar que, desde 1800, as mulheres lutam para serem sujeitos reconhecidos e produzem discursos contra hegemônicos. Presciliana se tornou abolicionista, escritora e feminista. Em decorrência de suas causas, fundou *A Mensageira:* revista literária dedicada à mulher brasileira, veículo que comporta os textos mais enfáticos da literata, defendendo os direitos das mulheres. Seus editoriais abordam um grande dilema do período, a universalização da categoria mulher. Nesse debate, compreende-se que há diversas formas de ser mulher, levando em conta as intersecções de classe, gênero e raça. As realidades diferentes formam seres com identidades plurais.

Nas páginas do periódico, as histórias de resistência e as produções femininas dão visibilidade ao ativismo de Presciliana. Seu protagonismo comprova a importância da escuta e do lugar de fala para a mulher na imprensa feminista. Desde cedo ela e a prima Maria Clara da Cunha Santos foram precursoras, na criação de projetos e no relato de experiências para seus leitores, em nome da igualdade e da liberdade dos indivíduos. De igual modo, em *A Mensageira*, Presciliana deu espaço às vozes locais, tanto as escritoras experientes quanto as iniciantes publicaram suas criações no impresso. Essa mistura de narrativas indica mais um traço feminista de sua conduta, o ato de oportunizar a restituição de humanidades negadas.

Sabe-se que Presciliana teve acesso à instrução ainda na infância, o que desenvolveu seu senso crítico. Isso oportunizou que, posteriormente, abordasse a questão do apagamento da mulher na história do Brasil, em seus trabalhos. A voz feminista da escritora traz situações que

inquietam e justificam a conduta das mulheres, que foram esquecidas e merecem prestígio. Ela não somente relata uma disfonia na sociedade, como lembra que o sujeito feminino produz insurgências ao modelo dominante, desestabilizando as verdades absolutas do grupo masculino.

De acordo com Gayatri Spivak (2019, p. 252), escrever e ler, em sentido amplo, marcam duas posições em relação à múltipla forma do ser:

> A escritura é uma posição em que a ausência do autor na trama é estruturalmente necessária. A leitura é uma posição em que eu (ou nós com quem partilho um rótulo identificatório) faço dessa anônima trama a minha própria, encontrando nela uma garantia de minha existência como uma de nós.

Entre as posições, conjuga-se um eu representativo. Ou seja, o público da revista de Presciliana pode se identificar com a opinião expressa nos editoriais e combater o sexismo, a crença na superioridade de um sexo sobre o outro e o direito à predominância de um deles. A crítica social da oitocentista é contestadora, engajada e intervencionista, capaz de contribuir para a transformação da forma como o público apreende o mundo.

Na história da literatura, por sua vez, a poesia foi um gênero predominante entre os trabalhos femininos, pois escrever os demais tipos textuais implicava as mulheres disporem de artefatos, formação e tempo. Essas exigências ajudaram a produzir as desigualdades artísticas, resultando na indagação: que arte pertence a quem? Até meados do século XIX não se ouvia falar em autoria feminina no Brasil, a cultura nacional demorou para incorporar as obras produzidas por mulheres, pois era atribuído um espectro de qualidade menor a esses escritos.

Em *A Mensageira*, Presciliana rejeita a institucionalização do cânone masculino, com argumentos concisos e posicionamento firme. Sua voz feminista denuncia o passado e encoraja os homens a não repetirem a discriminação incorporada com normalidade ao cotidiano, é uma importante ferramenta, para a transformação de qualquer comunidade repressora. Ela acredita que enquanto o grupo dito superior ignorar seu privilégio natural e definir a literatura de autoria feminina apenas em termos de sua experiência, as mulheres continuarão a se tornarem outras, cuja produção e tradição são desconhecidas. À título de exemplo, está a ausência de livros escritos por mulheres, como material de estudo na literatura brasileira. Com frequência, a desculpa dada é que essas obras só podem ser estudadas por mulheres, e não despertam o interesse, porque vêm de experiências alheias ao público em geral, além de apresentarem qualidade discutível de acordo com o cânone da época. Seguramente, “recusar-se a reconhecer a diferença torna impossível enxergar os diferentes problemas e armadilhas que as mulheres enfrentam” (LORDE, 2019, p. 243).

Presciliana constata que o sistema de poder patriarcal é o privilégio que assegura a organização social da época, em que o sujeito feminino é esquecido. Por esse ângulo, Spivak

(2010) crê que o subalterno, aquele que pertence às camadas mais baixas da sociedade, não tem representação política e legal e é impossibilitado de tornar-se membro pleno do estado. Logo, nenhuma atitude de resistência pode ocorrer em nome do grupo marginalizado, sem que esse ato esteja imbricado ao discurso androcêntrico. Deixar o outro falar por si mesmo, concede-lhe o direito ao individualismo, à construção de uma narrativa feminina, do ser mulher. (SPIVAK, 2010).

Ao longo de todo o trajeto percorrido durante este trabalho, acredita-se ter respondido, à questão de pesquisa proposta (**em que medida a produção de Presciliana Duarte de Almeida, no periódico *A Mensageira*, está comprometida com o seu discurso feminista?**). Desse modo, pode-se concluir que a voz feminista de Presciliana representa as senhoras do século XIX, possibilitando que as mulheres se articulem e sejam ouvidas. No periódico, a intelectual cria espaço e condição para a ascensão feminil e questiona o motivo pelo qual a fala do subalterno e do colonizador são intermediadas por outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo ao outro. Ela defende o próprio lugar de enunciação e o direito de as mulheres escolherem como conduzirão suas vidas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. Mulheres e Imprensa: passado e presente. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. (Org.). *Comunicação e História*: interfaces e novas abordagens. 1ªed.Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008, p. 147-157.

ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: ALB, FAPESP, Mercado de Letras, 1999.

AGUIAR, Tarcísia Maria Travassos de. O contínuo genérico presente na capa de jornal. *Revista Investigações*, Recife, v. 25, n. 2, p.133-155, jul. 2012.

ALMEIDA, João Vieira de. Crônica omnímoda. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

ALMEIDA, João Vieira de. Crônica omnímoda. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 2.

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. A nossa condição. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. *Antologia poética*: prefácio e seleção de Oliveira Ribeiro Neto. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia e Conselho Estadual de Cultura, 1976.

_____. A primeira avançada. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. Direitos da mulher. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 2.

_____. Duas palavras. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. Escala do viver. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 2.

_____. Lágrima tardia. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. *O livro das aves*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1914.

_____. *Páginas infantis*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1914.

_____. *Pirilampos e Rumorejos.* Cambridge: Nabu Public, 1890.

_____. *Sombras*. São Paulo: Tipografia Brasil, Rothschild & Co, 1906.

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1 e 2.

ALMEIDA, Silvio Tibiriçá de. Cartão de parabéns. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. Brasil-Paraguai. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 2.

_____. Tradução de Ode de Sapho. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 2.

AMARAL, Antônio Barreto do. *Jornalismo acadêmico.* São Paulo: Gráfica Municipal, 1978

ANDRADE, Arthur. Flocos de neve. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 2.

ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO (Belo Horizonte). *Coleção:* Nelson Coelho de Senna. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/brtacervo.php?cid=63. Acesso em: 15 mar. 2020.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DO MINISTÉRIO PÚBLICO. *MEMORIAS DOS APOSENTADOS:* SILVIO BARROS DE ALMEIDA PROCURADOR DE JUSTIÇA APOSENTADO. Disponível em: https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/apmp-files-site/wp-content/uploads/2017/05/01154118/silvio_barros1.pdf. Acesso em: 22 mar. 2020.

AZEVEDO, M. D. Moreira de. Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro. *Revista Trimestral*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, tomo XXVIII, n. 4, 1965, p. 171.

BAKER, Keith (org.). *The French Revolution and The Creation of Modern Political Culture*. Oxford: Pergamon Press, 1987. V.1.

BARUS-MICHEL, Jacqueline. A interpretação da diferença dos sexos: inferioridade, estranheza, variedade, igualdade. *Psicologia em Revista,* Belo Horizonte, v. 19, n. 1, n.p, 2013.

BAZERMAN, Charles. *Gênero, Agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 1994.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL (Rio de Janeiro). *Áurea Pires*. Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/aurea-pires/. Acesso em: 04 mar. 2020

BLAKE, Augusto V. Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brazileiro.* Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1883-1902. v. 4, 5, 6 e 7.

BONILHA, Caroline Leal. *Corymbo:* memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul. 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

BURGUIÈRE, André. histoire d'une histoire: la naissance des Annales. *Annales* ESC, n. 6. Paris, nov/dec 1979.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista:* conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213-234.

CABRAL, Ana Cláudia de Moura. *MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS E A CRÍTICA DE ARTE EM A MENSAGEIRA (1897-1900).* 2017. 194 f. TCC (Graduação) - Curso de História da Arte, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CAGNIN, Antonio Luiz. Diabo Coxo, o primeiro Jornal Ilustrado de São Paulo (1864-1894). *D. O. Leitura*, São Paulo, 13(149), out. 1994.

CAMARA, Sônia. As Damas da Assistência à Infância e as ações educativas, assistenciais e filantrópicas (Rio de Janeiro/RJ 1906-1930). *História e Educação (online),* Porto Alegre, set./dez. 2017. v. 21, n. 53, p. 199-218.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto: 1988, p.13,

CARDONA, Ibrantina. Carta. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

CARNIEL, Morgana. A ironia como meio de subversão do discurso em "Carta do Rio", de Maria Clara da Cunha Santos. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert (Org.). Imprensa feminista e literatura: contribuições da revista *A Mensageira*. Caxias do Sul: Educs, 2019. p. 157-182.

CARRION, Raul. Escola dos Annales e a Nova História. *Revista Princípios*, n. 42, São Paulo, 1996.

CARVALHO, Cândido de. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

CARVALHO, Marcus F. M. de. A imprensa na formação do mercado de trabalho feminino no século XIX. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Dessone da C. (Org.). *História e imprensa:* representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: Dp&a, 2006. p. 176-199.

CARVALHO, Maria. A mulher do futuro. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 2.

CARVALHO, Xavier de. O feminismo. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. Le féminisme au Brésil. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 2.

CATTEAU, Prune Iris. Esboço biobibliográfico de José Francisco Xavier de Carvalho mediador cultural e literário em Paris de 1885 a 1919. *Revue Pluredisciplinaire du Monde Lusophone*, Paris, v. 4, n. 1, n.p, mai. 2019.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (São Paulo). Nelson Coelho de Sena. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SENA,%20Nelson%20Coelho%20de.pdf. Acesso em: 15 mar. 2020.

COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos. São Paulo: Paulinas, 1984.

COSTA FILHO, Miguel. A Imprensa Mineira no Primeiro Reinado. Rio de Janeiro [s.n.], 1955. 62p. (Tese apresentada ao VI Congresso Nacional de Jornalistas).

CRESTANI, Jailson Luís. O Perfil Editorial da Revista A Estação: Jornal Ilustrado para a Família. Tese de Doutorado pela UNESP - Universidade Estadual Paulista, 2008.

CRUZ, Heloísa Faria. *Na cidade, sobre a cidade:* cultura letrada, periodismo e vida urbana. São Paulo 1890-1915. 1994. Tese (Doutorado) – Doutorado em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução*: Teoria e Crítica do Pós-estruturalismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio:* história da publicação da "Enciclopédia", 1775-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, 1940. Tradução de: Sérgio Milliet.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. In: *Estudos Avançados*. USP/São Paulo. Vol 17, n. 49, set/dez 2003, pp. 151-172.

_____. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*: século XIX. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. *Nísia Floresta*: vida e obra. Natal: Ed. da UFRN, 1995. 365 p.

ELIANE VASCONCELOS (Rio de Janeiro). Fundação Casa de Rui Barbosa (ed.). *Nem só de Drummond e Guimarães Rosa vive a literatura mineira***.** Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_ElianeVasconcellos_Nem_so_de_Drummond_e_GuimaraesRosa_vive_a_literatura_mineira.pdf. Acesso em: 02 fev. 2020.

ERBOLATO, Mario de Lucca. *Técnicas de codificação em jornalismo*: redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 2001.

FERREIRA, Maria Nazareth. A imprensa operária no Brasil: 1880-1920. Petrópolis: Vozes, 1979.

FIGUEIREDO, Antonio. *Memórias de um jornalista.* São Paulo: Editora Unitas Ltda, 1933.

FOWLER, R. [*et al*]. *Language and control*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1979.

FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do Cônego:* como era Gonzaga? E outros temas mineiros. São Paulo: Ed. USP, 1981.

GOMES, Carla Renata A. de Souza. Porto Alegre torna-se uma cidade capaz de produzir impressos (1827-1855). In: 1º Colóquio Internacional de História Cultural da Cidade: Sandra Jatahy Pesavento, 2015, Porto Alegre. *Anais do 1º Colóquio Internacional de História Cultural da Cidade: Sandra Jatahy Pesavento*. Porto Alegre: UFRGS, 2015. p. 133-148.

GONÇALVES, Andréa Lisly. História & gênero. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONÇALVES, Janice. *Música na cidade de São Paulo (1850-1900):* o circuito da partitura. O Circuito da Partitura. 1995. 5 v. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

GONÇALVES, Monique de Siqueira; BESSONE, Tânia. O Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro: um espaço para a ciência médica Oitocentista. *Almanack* [online]. São Paulo, n. 14, p. 241-286, 2011.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto.* São Paulo: Ática, 2006.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas*: 1850- 1937. São Paulo: Editora Brasiliense. 1981.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão feminista:* arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

IMPARCIAL. Citação. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura Impressa e Educação da Mulher*: lições de política e moral no periódico mineiro o mentor das brasileiras (1829-1832). 2008. 249 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

JUNG, Roberto Rossi. *A gaúcha Maria Josefa*: primeira jornalista brasileira. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

KOPKE, João. Carta-Prefácio. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. *Páginas Infantis*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1914. p. 32-43.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2011.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista:* conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-156.

LEMOS, Maria Emília. Com ares de crônica. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. Com ares de crônica. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo literário*. Disponível em: https://www.edvaldopereiralima.com.br/jornalismo-literario/conceitos. Acesso em: 23 mar. 2020.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa feminina, revista feminina: a imprensa feminina no Brasil. *Projeto História*, São Paulo, v. 35, n. 1, p.221-240, dez. 2007.

LOPES, Ana Maria Costa. *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos. Percursos de modernidade.* Lisboa: Quimera, 2005.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista:* conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 235-238.

LUCA, Leonora de. *A Mensageira*: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciencias Sociais da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: IFCH, 1999.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas.* São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-154.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975, p. 75. Tradução de: Milton da Silva Rodrigues.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista:* conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 357-378.

MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil. Rio de Janeiro: Gala, 2012, p. 56.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo*: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2001

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela;

MACHADO, Anna; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

MARTINO, Agnaldo; SAPATERRA, Ana Paula. A censura no Brasil do século XVI ao século XIX. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, n.2, p. 234-243, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de* leitura da província de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido: 1847-1890. 1990. 370 f. Dissertação

_____, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 45-80.

_____. *Revistas em revista:* imprensa e práticas culturais em tempos de República, 1890-1922. São Paulo: Edusp/Fapesp/Imesp, 2004.

_____. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 45 - 80. 2. ed.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 7 -19. 2. ed.

MARTINS, Fernando Cabral. *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho, 2008.

MASSOLA, Ivone. Preconceito e subversão: a trajetória da advogada Myrthes de Campos em *A Mensageira*. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert (Org.). Imprensa feminista e literatura: contribuições da revista *A Mensageira*. Caxias do Sul: Educs, 2019. p. 133-156.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo:* gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MENDONÇA, Artur Barracosa; MARTINS, José Manuel. *Xavier de Carvalho*. 2020. Disponível em: http://arepublicano.blogspot.com/2009/10/xavier-de-carvalho.html. Acesso em: 10 abr. 2020.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIÉGE, Bernard. A sociedade tecida pela comunicação. São Paulo: Paulus, 2009.

MILLER, Carolyn. Gênero como ação social. In: DIONÍSIO, A. P. & HOFFNAGEL, J. C. (orgs.) *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 21- 44. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel.

MINARD, Philippe. Agitation in the work force. In: DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (Editors). *Revolution in Print:* The press in France 1775-1800. Los Angeles; London: University of California Press, 1992.

MOISÉS, Massaud. *Pequeno dicionário de literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1981.

MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos*: Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840). São Paulo: HUCITEC, 2005.

_____, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 23 - 44. 2. ed.

MUNIZ, Diva do C.G. *Um toque de gênero: história e educação em Minas Gerais (1835-1892).* Brasília, Editora Universidade de Brasília/ FINATEC, 2003.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2002

_____. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-232, jan. 2003.

NAHOUM-GRAPPE, Véronique. *La Culture de l'ivresse :* essai de phénoménologie. Paris: Quai Voltaire, 1991.

NEVES, Lucia M. B. P. Uma nova cultura política. In: NEVES, Lucia M.B.P; MOREL, Marco (Orgs.) Colóquio História e Imprensa, Rio de Janeiro, Uerj, 1998.

NEVES, Maria Alciene. *Os Brilhantes brutos de Maria Clara da Cunha Santos*. Dissertação (Mestrado), Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São José Del Rei, 2009.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado, o público e o privado. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-330, 2008.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Caderno de Pesquisa*. São Luís, n. 104, p. 144-161, jul. 1998.

PANIZZOLO, Claudia. João Köpke e a escola republicana: escritor de leitura, escritor da modernidade, 2006. 335f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

PASCOAL, Sara. Abordagem Geocrítica d'A Grande Velocidade (Notas de Gare) de Guiomar Torrezão (1898). *Cadernos de Literatura Comparada*, Porto, v. 38, n. 1, p. 271-293, jun. 2018.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

_____. *Jornalismo literário*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente.* São Paulo: Afrontamento, 1993.

_____. *Mi historia de las mujeres*. Buenos Aires: Fondo Cultura Económica, 2009.

_____. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 1988

PINTO, Raíssa Nunes. O livro das aves: crestomathia em prosa e verso (1914) de Presciliana Duarte de Almeida (1867 – 1944). In: XII SCIENCULT: Educação, Política e Direito na Era da Pós-Verdade. 2017, Paranaíba. *Anais do XII SCIENCULT:* Educação, Política e Direito na Era da Pós-Verdade. Paranaíba: UEMS, 2017. p. 371-387.

PINTO, Raissa Nunes; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Biografia de Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944). In: XI Seminário em Educação e VI Colóquio de Pesquisa, 2017, Paranaíba. *Anais do Seminário em Educação e Colóquio de Pesquisa*. Paranaíba: UEMS, 2017. p. 1-10.

PIRES, Áurea. Vem. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. Meio dia. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. De tarde. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

POE, Edgar Allan. *Poemas e Ensaios*. São Paulo: Globo, 1987. Tradução de: Oscar Mendes e Milton Amado.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Novos Rumos*, Marília, v. 17, n. 37, p. 4-28, 2002.

RECH, Gisele Krodel. *Redação jornalística:* apontamentos para a produção de conteúdo. Curitiba: InterSaberes, 2018.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales*: a inovação em História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos:* a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANTOS, Délio Freire de. *Recordando Academia Paulista de Letras e seus fundadores*. São Paulo: KMK , 2000.

SANTOS, Maria Clara da Cunha. Brilhantes brutos. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. Carta do Rio. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. Carta do Rio. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. Golpe. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. A atuação de mulheres de letras oitocentistas: lócus de resistência no processo cultural-literário? In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2008, São Paulo. *Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo: Abralic, 2008. p. 1-7.

SCHMIDT, Rita Teresinha. Cultura e dominação: o discurso crítico no século XIX. Letras de Hoje – Revista do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras – PUCRS, Porto Alegre, n.109, p. 83-90, set. de 1997.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (org.). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro*, Jorge Zahar Ed., 2000. p. 246.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista:* conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-82.

SERRANO, Pelayo. Intelectualidade feminina brasileira. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

_____. Ainda um assunto feminino. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. Tradução de: Deise Amaral. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses*: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

SILVA, Innocencio Francisco da Silva. *Dicionário Bibliographico Portuguez* Lisboa: Imprensa Nacional, 1879. (Tomo 09: Suplemento: Letras C-G).

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. Citação. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

SILVA, Regina Simon da. *Jornal das Senhoras e Álbum de Señoritas:* a imprensa feminina de Juana Manso. 2019. 54 f. Relatório (Pós-Doutorado) - Curso de Pós-doutorado em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVEIRA, Delminda. Observações sobre a educação em geral. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 1.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1966.

SOUTO-MAIOR, Valéria de Andrade. Josefina Álvares de Azevedo: teatro e propaganda sufragista no Brasil do século XIX. *Revista Acervo Histórico*, São Paulo, v. 2, n. 1, p.65-82, jun. 2004.

SPIVACK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista:* conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 251-270.

STREY, Marlene Neves [*et al*]. *Gênero e cultura:* questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SULLEROT, Evelyne. *La presse féminine*. Paris: A. Colin, 1963.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In.: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401- 442.

TORREZÃO, Guiomar. Anna Hierta. SERRANO, Pelayo. Intelectualidade feminina brasileira. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de. (ed.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo, 1987. v. 2.

TREW, T. Theory and ideology at work. In: FOWLER, R [*et al*]. *Language and control*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1979.

VASCONCELOS, Sandra G. T. A Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas). In: *Projeto Memória da Leitura*, Seção Ensaios. Disponível em: www.unicamp.br/iel/memória. Acesso em: 04/03/2020.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860****:*** vertentes inglesas. Vertentes Inglesas. Disponível em: https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Sandra/sandra.htm. Acesso em: 10 jan. 2020.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ANEXO A – DOCUMENTOS DE PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA

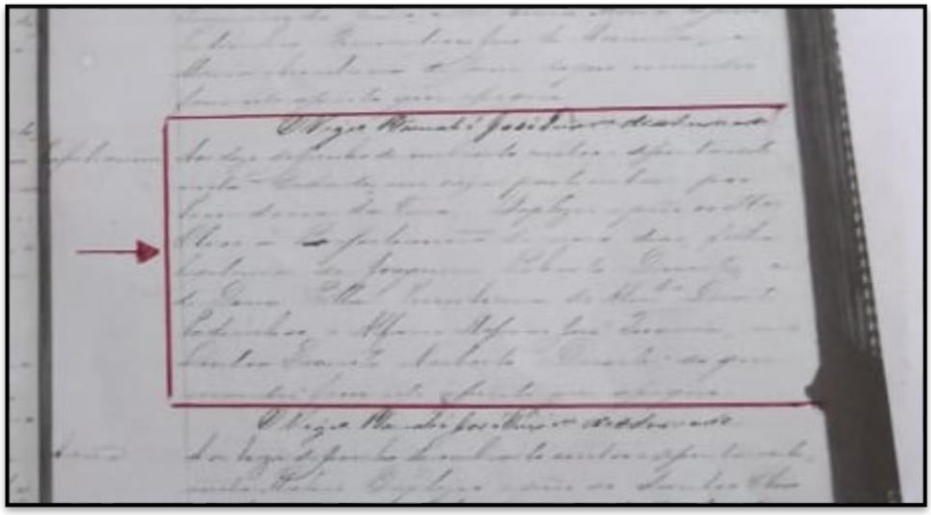
a) Imagens da autora

FREIRE, Laudelino (org.). Sonetos brasileiros: edição completa; desenho dos sonetos 177 a 216; 1863-1867; 40 retratos. Ilustrações de M. J. Garnier. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cie. Editores, s.d. p. 209. v. 5. Disponível em: http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/. Acesso em: 3 set. 2019.

Fonte: Obtido pela autora com a presidente da Academia Pouso-Alegrense de Letras, Maristela Saponara Correa.

Fonte: Obtido pela autora com a presidente da Academia Pouso-Alegrense de Letras, Maristela Saponara Correa. Fotografia da pintura que está exposta na Biblioteca Municipal de Pouso Alegre (MG).

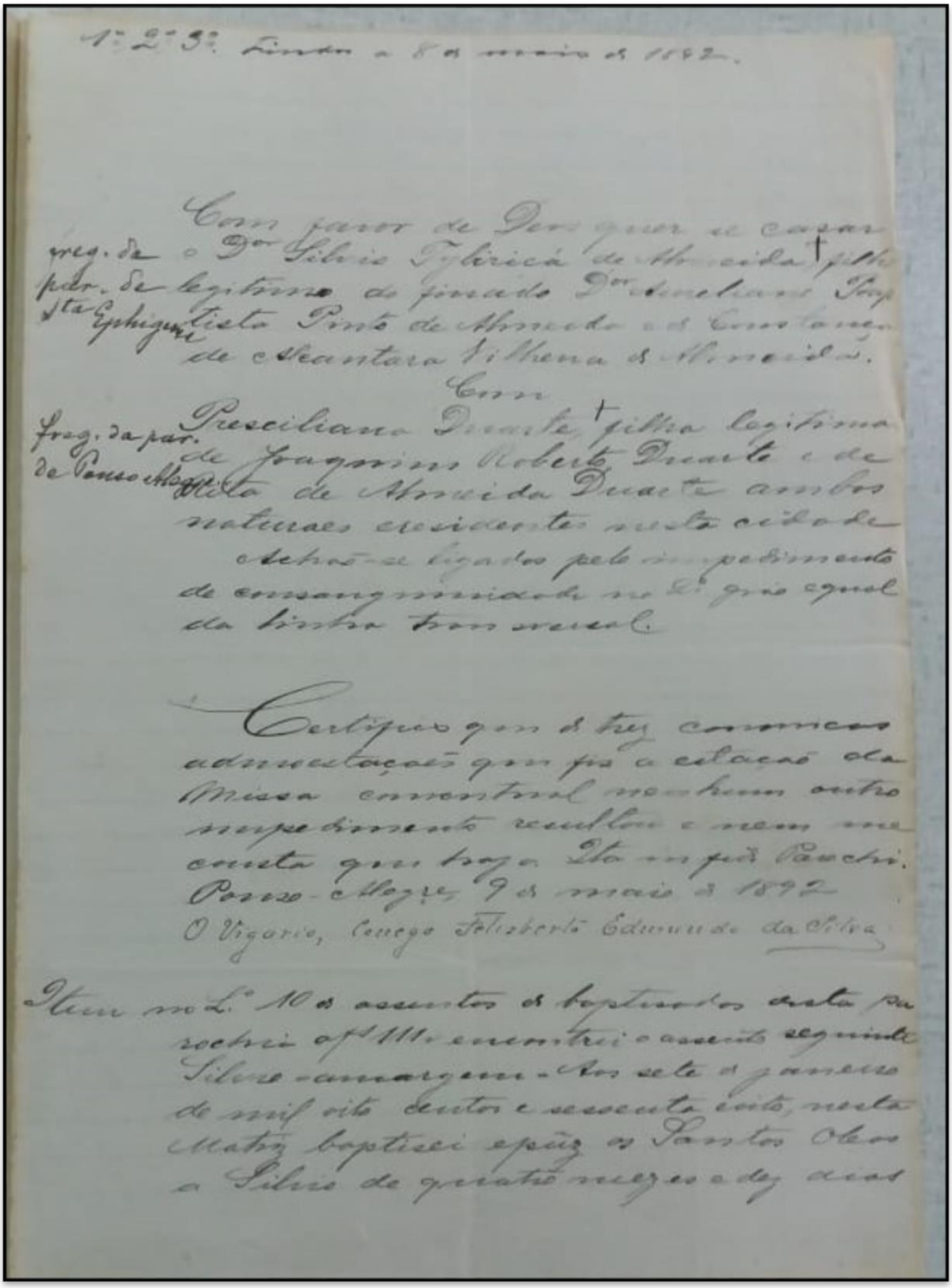
b) Registro de batismo



Fonte: Arquivo Histórico da Catedral de Pouso Alegre, obtido pela autora com a presidente da Academia Pouso-Alegrense de Letras, Maristela Saponara Correa.

Notação: "Aos doze de junho de 1867, nesta cidade, em casa particular, batizei e pus os santos óleos à Presciliana, de nove dias, filha legítima de Joaquim Roberto Duarte e de Dona Ritta Presciliana de Almeida Duarte. Padrinhos: Alferes Messias José Teixeira e o Dr. Evaristo Norberto Duarte, do que mandei fazer este assento que assino.
O vigário Barnabé José Teixeira de Andrade"

c) Processo de pedido de dispensa de impedimento para o matrimônio



1ª 2ª 3ª Lidas a 8 de maio de 1892.

freg. da par. de Sta Ephigenia — Com favor de Deus quer se casar o Dor. Silvio Tybiriçá de Almeida † filho legitimo do finado Dor. Aureliano Baptista Pinto de Almeida e de Constança de Alcantara Vilhena de Almeida.

Com

freg. da par. de Pouso Alegre — Presciliana Duarte † filha legitima de Joaquim Roberto Duarte e de Rita de Almeida Duarte ambos naturaes e residentes nesta cidade.

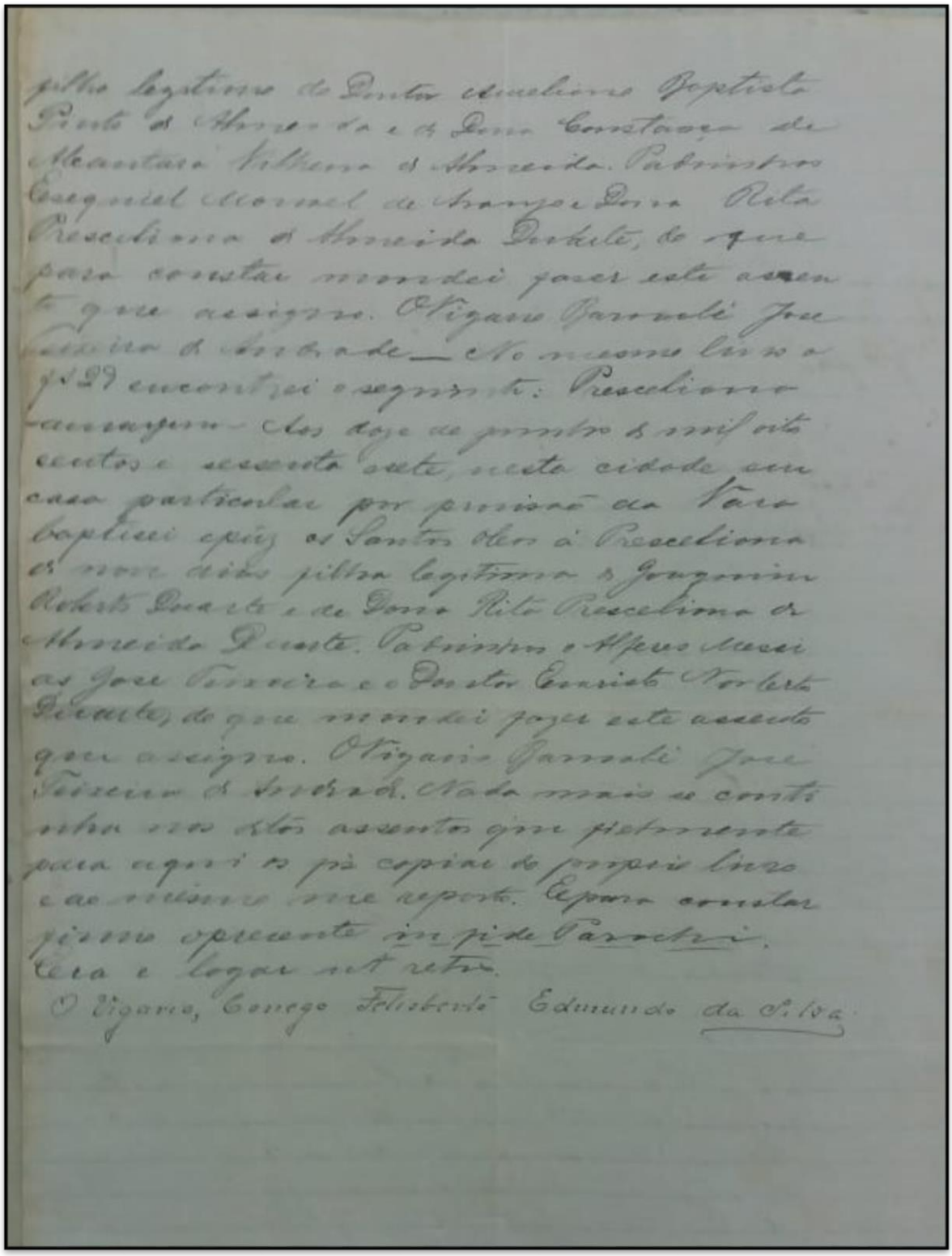
Acham-se ligados pelo impedimento de consanguinidade no 2º grao igual da linha transversal.

Certifico que das tres canonicas admoestações que fiz a estação da Missa conventual nenhum outro impedimento resultou e nem me consta que haja. Ita in fide Parochi. Pouso-Alegre 9 de maio de 1892

O Vigario, Conego Felisberto Edmundo da Silva

Item no Lº 10 de assentos de baptisados desta parochia a fls 111 encontrei o assento seguinte Silvio — a margem — Aos sete de janeiro de mil oito centos e sessenta e oito, nesta Matriz baptisei e puz os Santos Oleos a Silvio de quatro mezes e dez dias

Fonte: Obtido pela autora no Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre (MG).



Fonte: Obtido pela autora no Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre (MG).

d) Registro de casamento

PODER JUDICIÁRIO - TJMG
CORREGEDORIA - GERAL DE JUSTIÇA
Ofício do Registro Civil das Pessoas Naturais de
Pouso Alegre - MG

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

Certidão de Casamento

NOMES | CPF

SILVIO TYBIRIÇÁ DE ALMEIDA | Sem informação.

PRESCILIANA DUARTE | Sem informação.

MATRICULA:
0557720155 1892 2 00002 090 0000026 55

NOMES COMPLETOS DE SOLTEIROS, DATAS DE NASCIMENTO, NATURALIDADE, NACIONALIDADE E FILIAÇÕES DOS CÔNJUGES

SILVIO TYBIRIÇÁ DE ALMEIDA, natural de Pouso Alegre, MG, de nacionalidade brasileira, filho de AURELIANO BAPTISTA PINTO DE ALMEIDA JUNIOR e CONSTANÇA DE ALCANTARA VILHENA DE ALMEIDA.
PRESCILIANA DUARTE, natural de Pouso Alegre, MG, de nacionalidade brasileira, filha de JOAQUIM ROBERTO DUARTE e RITA DE ALMEIDA DUARTE.

DATA DE REGISTRO DO CASAMENTO (POR EXTENSO) | DIA MÊS ANO

dois de junho de mil oitocentos e noventa e dois | 02/06/1892

REGIME DE BENS DO CASAMENTO

não consta

NOME QUE CADA UM DOS CÔNJUGES PASSOU A UTILIZAR (QUANDO HOUVER ALTERAÇÃO)

não consta

AVERBAÇÕES/ANOTAÇÕES À ACRESCER

Idade dos contraentes na época do casamento: ele, com vinte quatro anos, nove meses e seis dias; e, ela, com vinte e cinco anos.

ANOTAÇÕES DE CADASTRO

SILVIO TYBIRIÇÁ DE ALMEIDA
SEM INFORMAÇÃO

PRESCILIANA DUARTE
SEM INFORMAÇÃO

* As anotações de cadastro acima são digitadas a partir da apresentação do documento original, quando exigido pelo órgão solicitante ou quando necessário para identificação de seu portador.

Ofício de Registro Civil das Pessoas Naturais de Pouso Alegre
Oficial: SEBASTIÃO SAULO VALERIANO
Rua Adolfo Olinto, 702 Centro
Pouso Alegre-MG. 34233252 - 991309711-
registrocivilpousoalegre@hotmail.com

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Pouso Alegre-MG, 13 de abril de 2020.

Hna Emboaba
Oficiala Substituta

Hna Emboaba
Oficiala Substituta

ARPENBRASIL DA 00416265 4 BRP

Fonte: Obtido pela autora no Cartório Benedita Bernardes de Pouso Alegre (MG).

e) Registro de óbito

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE ÓBITO

NOME
PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA

MATRÍCULA
115196 01 55 1944 4 00053 156 0003265 70

CPF: Nada consta.

SEXO	COR	ESTADO CIVIL E IDADE
Feminino	Branca	Viúva, 77 anos

NATURALIDADE	DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO	ELEITOR
POUSO ALEGRE, Minas Gerais	Não declarado	Ign

FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA
Filha de JOAQUIM ROBERTO DUARTE e de RITA DE ALMEIDA DUARTE. Residência da falecida: Capivari, SP

DATA E HORA DE FALECIMENTO	DIA	MÊS	ANO
Treze de junho de mil novecentos e quarenta e quatro, às 21h00min.	13	06	1944

LOCAL DE FALECIMENTO
Hospital Socorros Mútuos, neste Segundo Subdistrito

CAUSA DA MORTE
coma diabética, gangrena diabética no dorso do pé direito

SEPULTAMENTO / CREMAÇÃO	DECLARANTE
Cemitério do Araçá, São Paulo	Avelino Vitor

NOME E Nº DE DOCUMENTO DO(S) MÉDICO(S) QUE ATESTOU(ARAM) O ÓBITO
Mario Matallo

AVERBAÇÕES / ANOTAÇÕES A ACRESCER
Ato registrado no livro C-53, às folhas 156 , sob o nº 3265. Data do registro: 14 de junho de 1944. Data do óbito: 13 de junho de 1944. Viúva de Sr. Silvio Tibiriça de Almeida, casados em POUSO ALEGRE, MG. Deixou os seguintes filhos: Leandro Duarte de Almeida e Tales Duarte de Almeida, maiores de idade. Nada mais me cumpria certificar. Certidão digitada por: Daniel Santos de Moraes, escrevente.
Desta certidão (valor recebido): Ao Oficial R$ 27,52. Secr. Faz R$ 5,51, Município R$ 1,44, Total: R$ 34,47.

ANOTAÇÕES DE CADASTRO
* As anotações de cadastro não dispensam a apresentação do documento original, quando exigida pelo órgão solicitante.
Não declarado

Nome do ofício
Oficial de Registro Civil das Pessoas Naturais do 2º Subdistrito
Oficial registrador
Marismênia Spínola de Melo Pereira
Município/UF - Campinas-Estado de São Paulo
Endereço - Rua Delfino Cintra, 404 - CEP 13020-100
Tel.(19) 3232-9132 cartoriosantacruz@terra.com.br

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
Campinas, 09 de abril de 2020.

Daniel Santos de Moraes, escrevente

Reconheço por semelhança a assinatura de Daniel Santos de Moraes, escrevente. Dou fé
Válido somente com selo de autenticidade
Campinas, 09 de abril de 2020

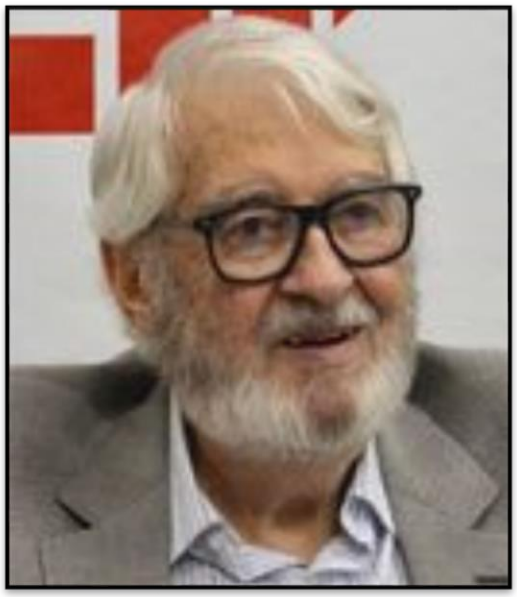
Cicera de Sousa Silva, escrevente. Valor recebido por firma: R$ 6,55

FIRMA
S10194AA0700047

11519-6 - AA 000331224

Fonte: Obtido pela autora no Cartório Santa Cruz – 2º subdistrito de Campinas (SP).

f) Fotografia do neto Silvio Barros de Almeida



Fonte: Obtido pela autora no acervo Memória dos Aposentados da Associação Paulista do Ministério Público.

g) **Histórico que o neto Silvio Barros de Almeida escreveu para a Associação Paulista do Ministério Público**.

"Agradeço a minha formação ao Ministério Público. Meu pai, meu tio e meus primos eram da Magistratura e eu fui o primeiro que optou por ser Promotor de Justiça. O Ministério Público me parecia a forma mais dinâmica do exercício do Direito. Devo muito a você, que foi minha examinanda, e aos meus alunos, que me ensinaram a evolução das gerações. Sempre vi nos colegas mais jovens a necessidade de apoio, e lhes dei diversas opções, indicando a melhor. Graças a Deus, acho que fui bem-sucedido.

Ingressei no Ministério Público em agosto de 1955. Não havia, então, cargo de Promotor Público Substituto e, ao ser criado, o seu número se limitou a doze e, posteriormente a vinte e quatro. Havia os efetivos e nomeados, contando-se a interinidade anterior. Um mês depois de efetivado, fui nomeado para Pedregulho (1ª entrância), de lá removido, por motivo de doença em família, para Porto Feliz (2ª entrância) e, na 3ª entrância, exerci a função de Curador Auxiliar de Menores, vindo posteriormente para a Capital, entrância especial, e trabalhei na 33ª Promotoria Pública.

A primeira entrância apresentava dificuldade imensa. Levei uma máquina de escrever, que comprei em dez prestações (o meu pai pagou a primeira) e usava alguns de seus livros, eis que meu Pai era Juiz de Direito. E comprei alguns outros livros na Saraiva (também em prestações). O Promotor fazia tudo no interior. Além da parte criminal e da civil, fazia cobrança fiscal federal e trabalhava em feitos de terra devoluta. Para perícia, contávamos com médicos e farmacêuticos. Não tínhamos aparelhamento técnico. Como as dificuldades eram muito grandes, Juiz, Promotor e Delegados eram muito unidos para atuar e só assim a Comarca ia para a frente. Sempre fui muito amigo desses companheiros. Materialmente, não havia auxílio nenhum, porque o Governo não o dava. Não tínhamos orçamento. Mas o Dr. Mário de Moura Albuquerque era um "leão" e pedia o que precisávamos.

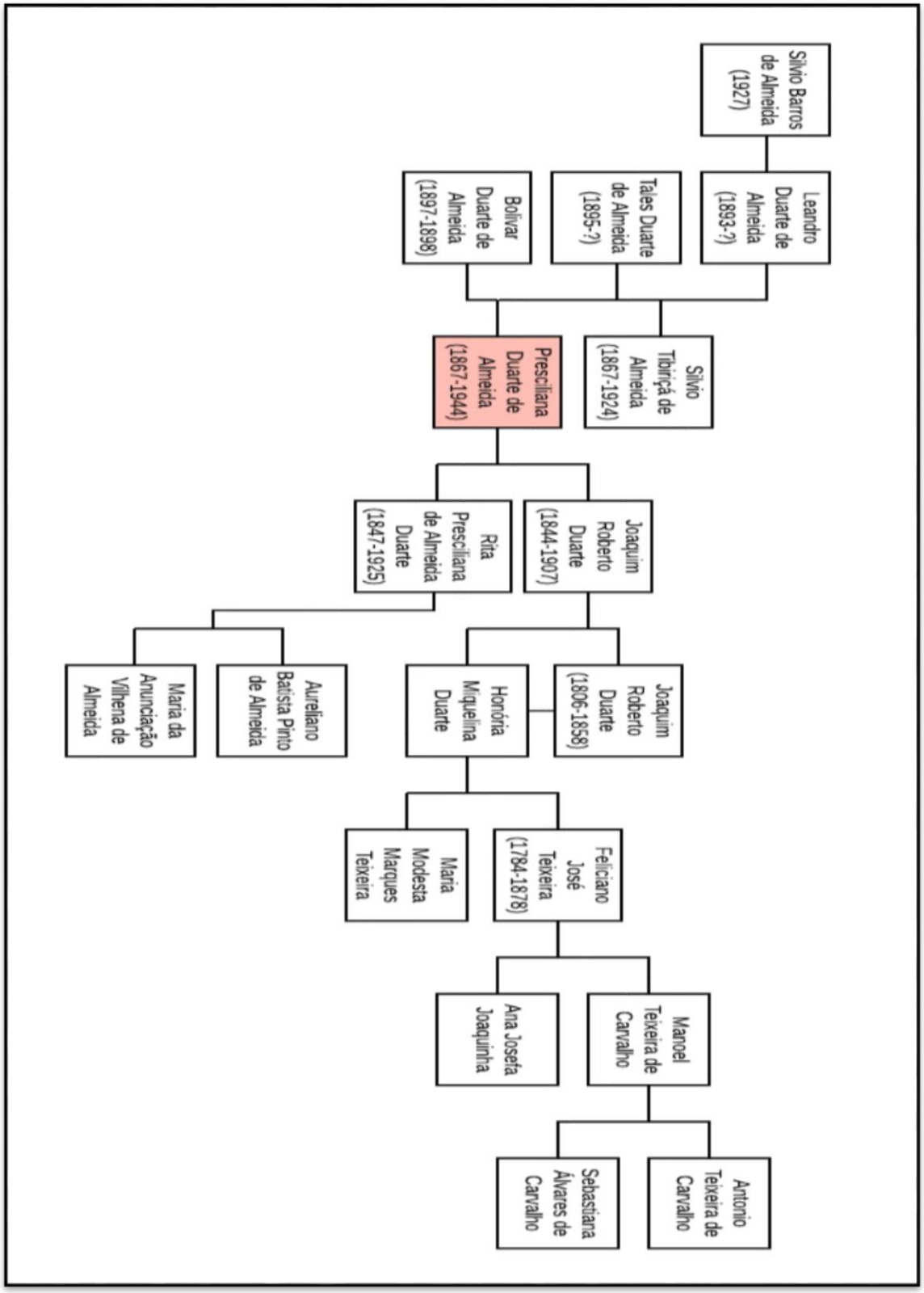
O Ministério Público batalhou muito e só veio a ser efetivamente reconhecido em sua grandeza na Constituição Federal de 1988. Foi construído a duras penas por lutadores como César Salgado, Mário Moura, João Arruda Sampaio e o Márcio que depois foi Presidente do Tribunal de Justiça. A política, no País, foi caudilhesca. Os oficiais que voltaram ao Brasil depois da 2ª Guerra chegaram com nova mentalidade. Derrubaram Getúlio Vargas. Estabeleceu-se um triunvirato militar. Os Juízes do interior receberam a função também de Prefeito. Meu Pai teve que recadastrar todas as pessoas [...]

[...] dando-lhes títulos eleitorais. Depois daquela época, vimos eleições. Meu relacionamento com os colegas sempre foi muito bom. Existia política interna em nossa Instituição. Contudo, havia um princípio segundo o qual não se "lavava roupa suja fora de casa". Prosseguindo, quanto ao meu desempenho, funcional, senti-me muito atribulado como substituto em segunda instância. Fui oficiar em habeas corpus, perante o Tribunal de Justiça. Em Plenário, ora comparecia o Dr. Joachim Wolfgang Stein, ora eu. Também estive em recursos extraordinários. Durante a carreira, trabalhava toda noite, até duas, três horas da madrugada. Fiz parte, ainda, do Colégio de Procuradores. Outra função que desempenhei, ao depois, foi a Comissão de Concurso, para examinar Direito Penal e Direito Civil. Isso exigiu de mim um grande aprofundamento. Trabalho hercúleo, de minha parte, para estar à altura dos meus examinandos. Foram seis meses de dedicação total, dia e noite. Cheguei a pedir um substituto para mim, na Faculdade. Fui ainda Corregedor Geral do Ministério Público e posso afirmar que ocupar esse cargo é muito importante na vida do profissional, porque ele vê um lado desconhecido do Ministério Público, como um todo.

Recebi apoio total do meu antecessor, Dr. Hermínio Alberto Marques Porto. De um estudo que realizei, fiz relatório que foi aprovado pelo Colégio de Procuradores e pela Procuradoria Geral de Justiça, o qual se consubstanciou no Ato 1/84: Manual de Atuação do Ministério Público. O que mais me marcou foi a minha contribuição para o reconhecimento da necessidade do poder investigatório por parte do Ministério Público, um órgão vital para a Nação. Ainda relatando minha trajetória, participei de grupos de estudos, como convidado, fui Vice-Presidente e Diretor da APMP, frequentando-a todos os dias, por anos. Na sequência, a aposentadoria, que constitui um problema, para mim não o foi, porque continuei lecionando e trabalhando na Associação Paulista do Ministério Público".

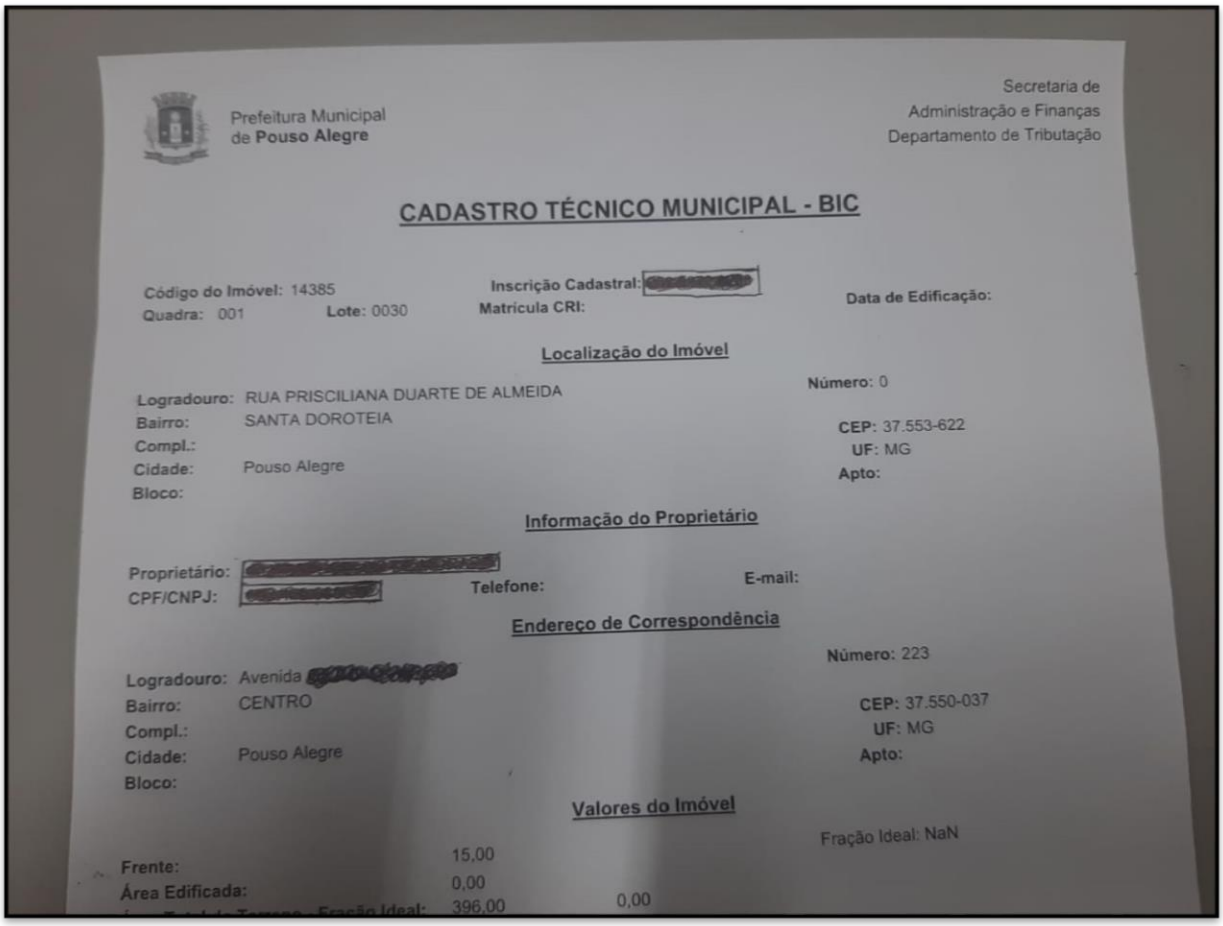
Fonte: Obtido pela autora no acervo Memórias dos Aposentados da Associação Paulista do Ministério Público

h) Árvore genealógica de Presciliana Duarte de Almeida



Fonte: Árvore genealógica elaborada pela autora, com base no acervo do Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Pouso Alegre.

i) Comprovante do logradouro em Pouso Alegre (MG)



Prefeitura Municipal
de **Pouso Alegre**

Secretaria de
Administração e Finanças
Departamento de Tributação

CADASTRO TÉCNICO MUNICIPAL - BIC

Código do Imóvel: 14385 **Inscrição Cadastral:** [redacted] **Data de Edificação:**
Quadra: 001 **Lote:** 0030 **Matrícula CRI:**

Localização do Imóvel

Logradouro: RUA PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA **Número:** 0
Bairro: SANTA DOROTEIA **CEP:** 37.553-622
Compl.: **UF:** MG
Cidade: Pouso Alegre **Apto:**
Bloco:

Informação do Proprietário

Proprietário: [redacted]
CPF/CNPJ: [redacted] **Telefone:** **E-mail:**

Endereço de Correspondência

Logradouro: Avenida [redacted] **Número:** 223
Bairro: CENTRO **CEP:** 37.550-037
Compl.: **UF:** MG
Cidade: Pouso Alegre **Apto:**
Bloco:

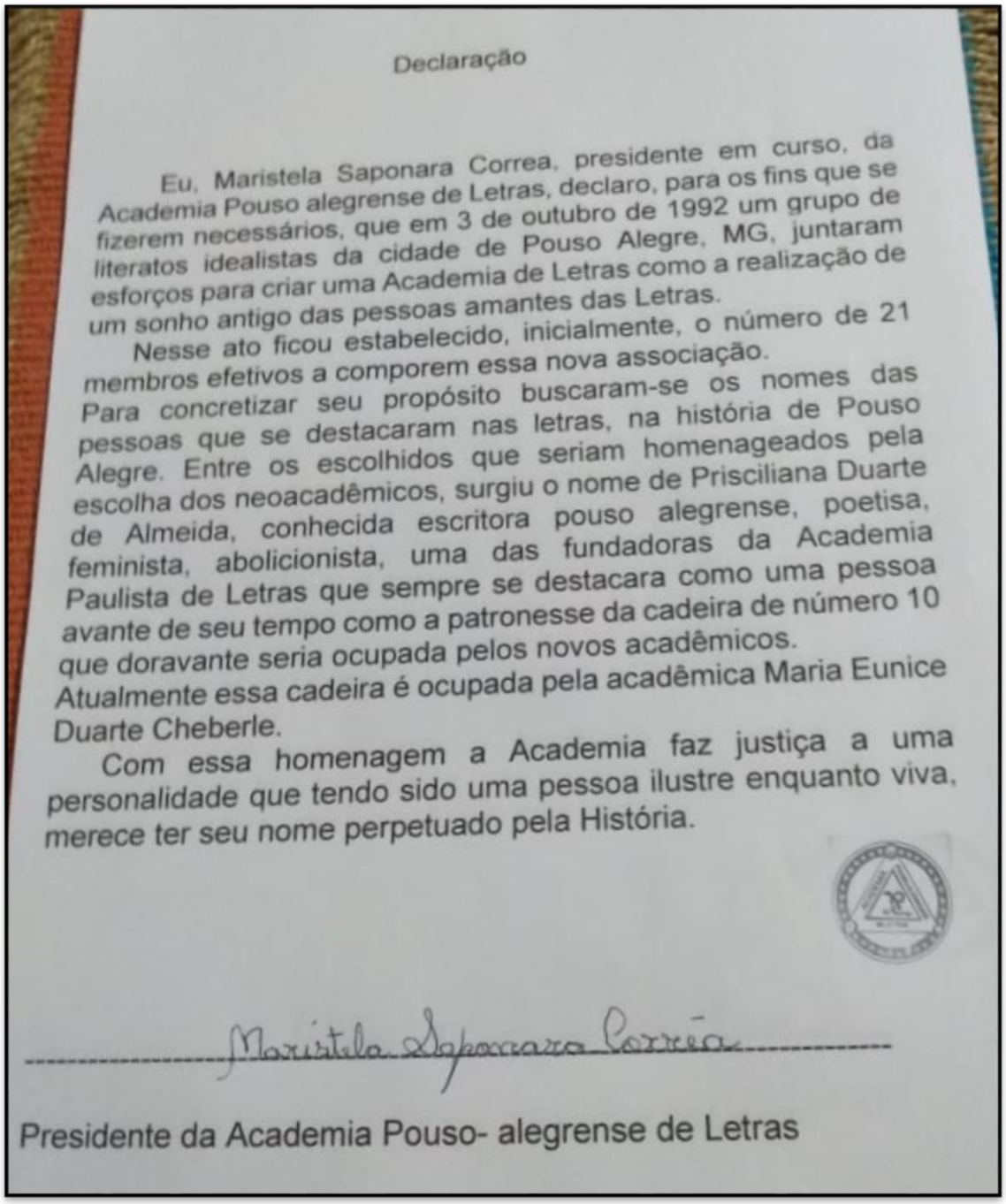
Valores do Imóvel

Fração Ideal: NaN

Frente:	15,00	
Área Edificada:	0,00	
Fração Ideal:	396,00	0,00

Fonte: Obtido pela autora na Secretaria Municipal de Habitação de Pouso Alegre.

j) Declaração da Academia Pouso-Alegrense de Letras



Declaração

Eu, Maristela Saponara Correa, presidente em curso, da Academia Pouso alegrense de Letras, declaro, para os fins que se fizerem necessários, que em 3 de outubro de 1992 um grupo de literatos idealistas da cidade de Pouso Alegre, MG, juntaram esforços para criar uma Academia de Letras como a realização de um sonho antigo das pessoas amantes das Letras.

Nesse ato ficou estabelecido, inicialmente, o número de 21 membros efetivos a comporem essa nova associação.

Para concretizar seu propósito buscaram-se os nomes das pessoas que se destacaram nas letras, na história de Pouso Alegre. Entre os escolhidos que seriam homenageados pela escolha dos neoacadêmicos, surgiu o nome de Prisciliana Duarte de Almeida, conhecida escritora pouso alegrense, poetisa, feminista, abolicionista, uma das fundadoras da Academia Paulista de Letras que sempre se destacara como uma pessoa avante de seu tempo como a patronesse da cadeira de número 10 que doravante seria ocupada pelos novos acadêmicos.

Atualmente essa cadeira é ocupada pela acadêmica Maria Eunice Duarte Cheberle.

Com essa homenagem a Academia faz justiça a uma personalidade que tendo sido uma pessoa ilustre enquanto viva, merece ter seu nome perpetuado pela História.

Maristela Saponara Correa

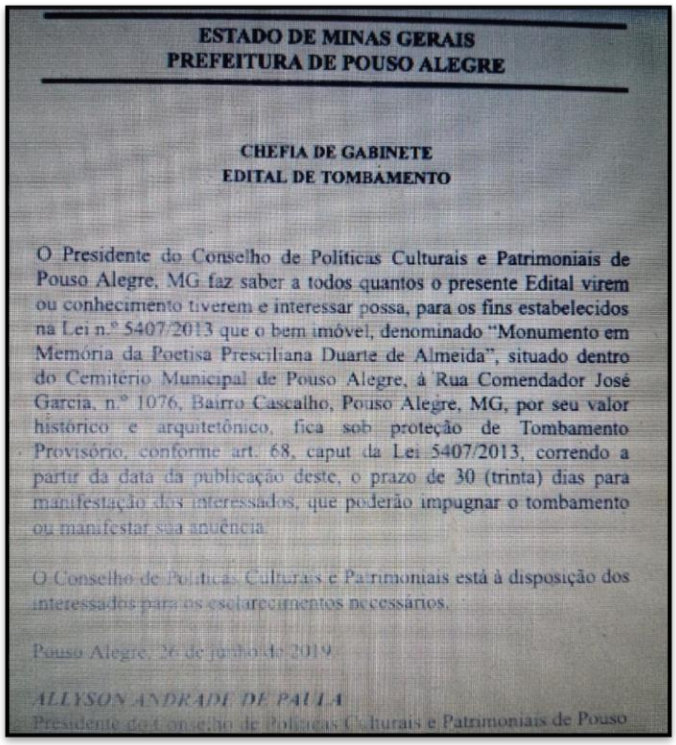
Presidente da Academia Pouso- alegrense de Letras

Fonte: Obtido pela autora com a presidente da Academia Pouso-Alegrense de Letras, Maristela Saponara Correa.

k) Monumento em Memória da poetisa Presciliana Duarte de Almeida no Cemitério Municipal de Pouso Alegre (MG)

Fonte: Obtido pela autora no acervo do Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Pouso Alegre.

Fonte: Obtido pela autora no acervo do Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Pouso Alegre.



ESTADO DE MINAS GERAIS
PREFEITURA DE POUSO ALEGRE

CHEFIA DE GABINETE
EDITAL DE TOMBAMENTO

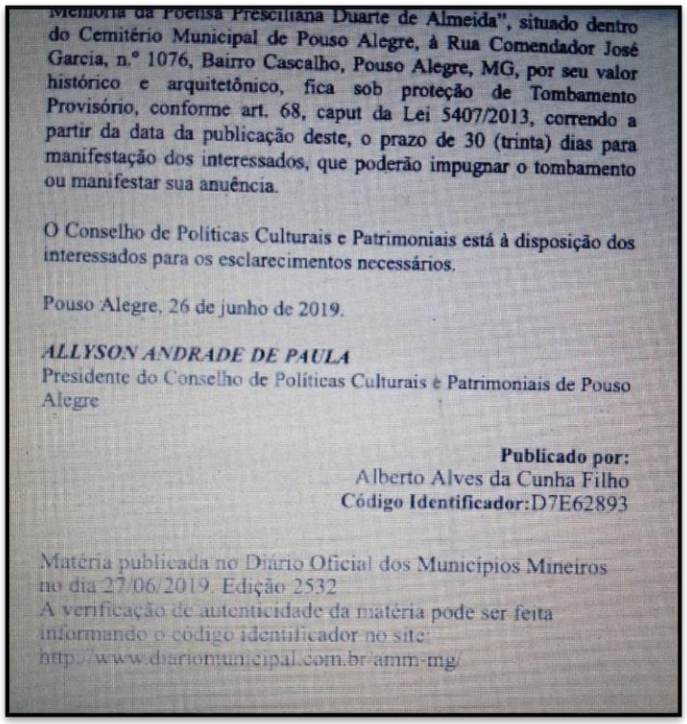
O Presidente do Conselho de Políticas Culturais e Patrimoniais de Pouso Alegre, MG faz saber a todos quantos o presente Edital virem ou conhecimento tiverem e interessar possa, para os fins estabelecidos na Lei n.º 5407/2013 que o bem imóvel, denominado "Monumento em Memória da Poetisa Presciliana Duarte de Almeida", situado dentro do Cemitério Municipal de Pouso Alegre, à Rua Comendador José Garcia, n.º 1076, Bairro Cascalho, Pouso Alegre, MG, por seu valor histórico e arquitetônico, fica sob proteção de Tombamento Provisório, conforme art. 68, caput da Lei 5407/2013, correndo a partir da data da publicação deste, o prazo de 30 (trinta) dias para manifestação dos interessados, que poderão impugnar o tombamento ou manifestar sua anuência.

O Conselho de Políticas Culturais e Patrimoniais está à disposição dos interessados para os esclarecimentos necessários.

Pouso Alegre, 26 de junho de 2019.

ALLYSON ANDRADE DE PAULA
Presidente do Conselho de Políticas Culturais e Patrimoniais de Pouso

Fonte: Obtido pela autora no acervo do Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Pouso Alegre.



Memória da Poetisa Presciliana Duarte de Almeida", situado dentro do Cemitério Municipal de Pouso Alegre, à Rua Comendador José Garcia, n.º 1076, Bairro Cascalho, Pouso Alegre, MG, por seu valor histórico e arquitetônico, fica sob proteção de Tombamento Provisório, conforme art. 68, caput da Lei 5407/2013, correndo a partir da data da publicação deste, o prazo de 30 (trinta) dias para manifestação dos interessados, que poderão impugnar o tombamento ou manifestar sua anuência.

O Conselho de Políticas Culturais e Patrimoniais está à disposição dos interessados para os esclarecimentos necessários.

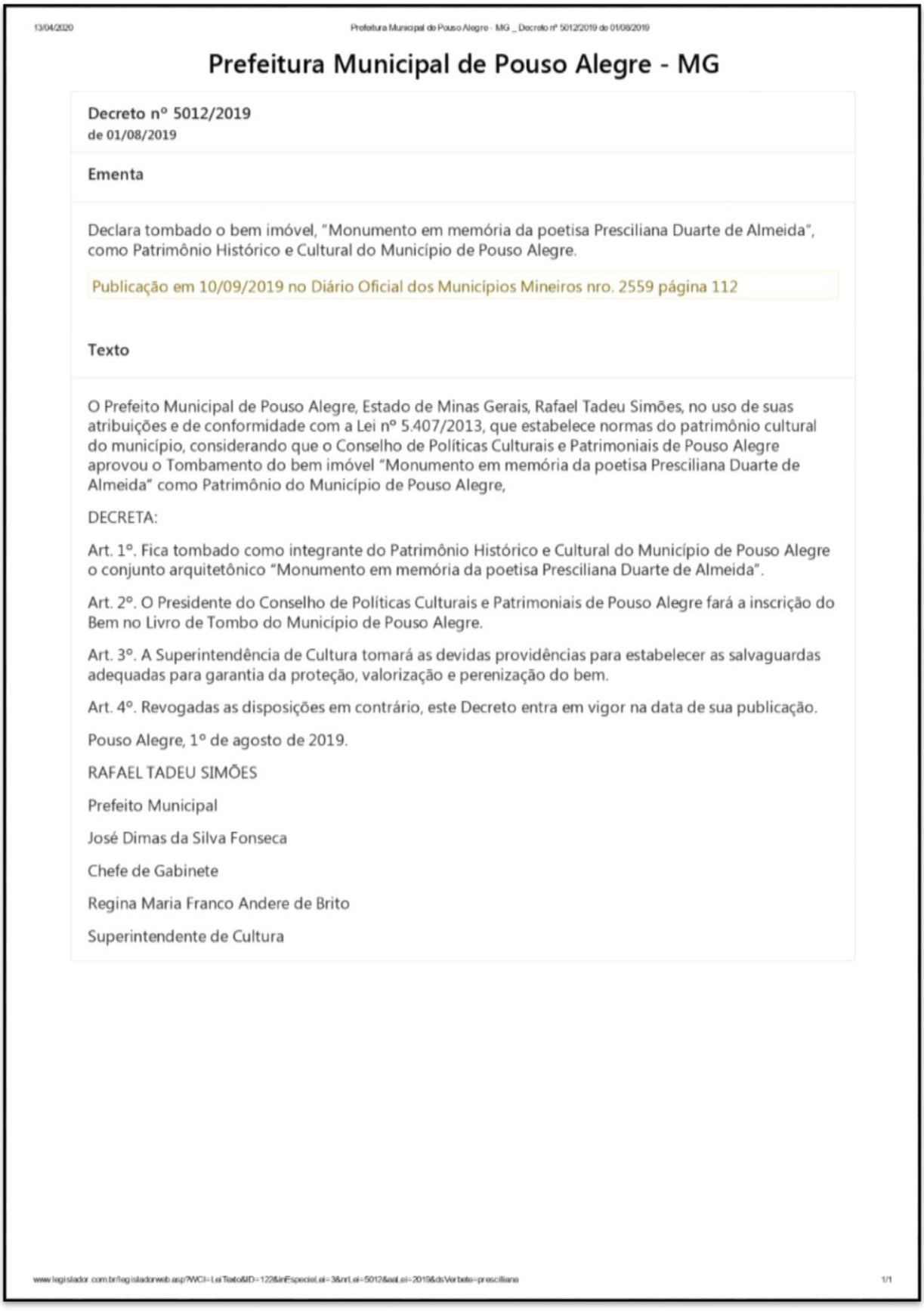
Pouso Alegre, 26 de junho de 2019.

ALLYSON ANDRADE DE PAULA
Presidente do Conselho de Políticas Culturais e Patrimoniais de Pouso Alegre

Publicado por:
Alberto Alves da Cunha Filho
Código Identificador:D7E62893

Matéria publicada no Diário Oficial dos Municípios Mineiros no dia 27/06/2019. Edição 2532
A verificação de autenticidade da matéria pode ser feita informando o código identificador no site:
http://www.diariomunicipal.com.br/amm-mg/

Fonte: Obtido pela autora no acervo do Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Pouso Alegre.



13/04/2020 Prefeitura Municipal do Pouso Alegre - MG _ Decreto nº 5012/2019 de 01/08/2019

Prefeitura Municipal de Pouso Alegre - MG

Decreto nº 5012/2019
de 01/08/2019

Ementa

Declara tombado o bem imóvel, "Monumento em memória da poetisa Presciliana Duarte de Almeida", como Patrimônio Histórico e Cultural do Município de Pouso Alegre.

Publicação em 10/09/2019 no Diário Oficial dos Municípios Mineiros nro. 2559 página 112

Texto

O Prefeito Municipal de Pouso Alegre, Estado de Minas Gerais, Rafael Tadeu Simões, no uso de suas atribuições e de conformidade com a Lei nº 5.407/2013, que estabelece normas do patrimônio cultural do município, considerando que o Conselho de Políticas Culturais e Patrimoniais de Pouso Alegre aprovou o Tombamento do bem imóvel "Monumento em memória da poetisa Presciliana Duarte de Almeida" como Patrimônio do Município de Pouso Alegre,

DECRETA:

Art. 1º. Fica tombado como integrante do Patrimônio Histórico e Cultural do Município de Pouso Alegre o conjunto arquitetônico "Monumento em memória da poetisa Presciliana Duarte de Almeida".

Art. 2º. O Presidente do Conselho de Políticas Culturais e Patrimoniais de Pouso Alegre fará a inscrição do Bem no Livro de Tombo do Município de Pouso Alegre.

Art. 3º. A Superintendência de Cultura tomará as devidas providências para estabelecer as salvaguardas adequadas para garantia da proteção, valorização e perenização do bem.

Art. 4º. Revogadas as disposições em contrário, este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Pouso Alegre, 1º de agosto de 2019.

RAFAEL TADEU SIMÕES

Prefeito Municipal

José Dimas da Silva Fonseca

Chefe de Gabinete

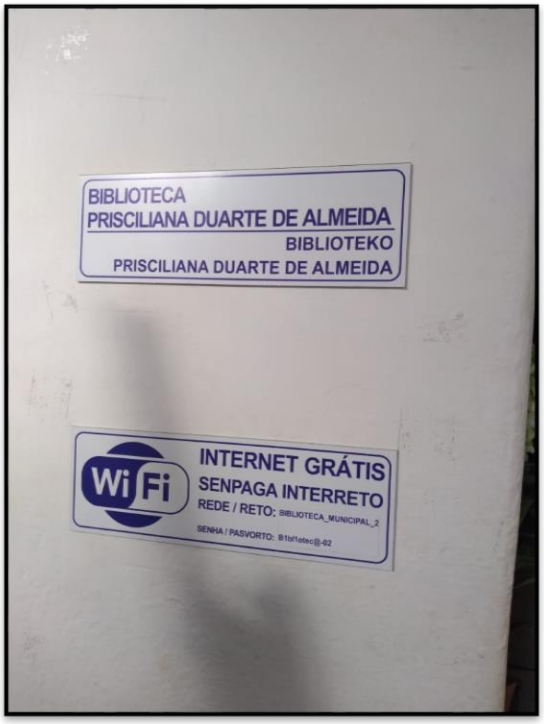
Regina Maria Franco Andere de Brito

Superintendente de Cultura

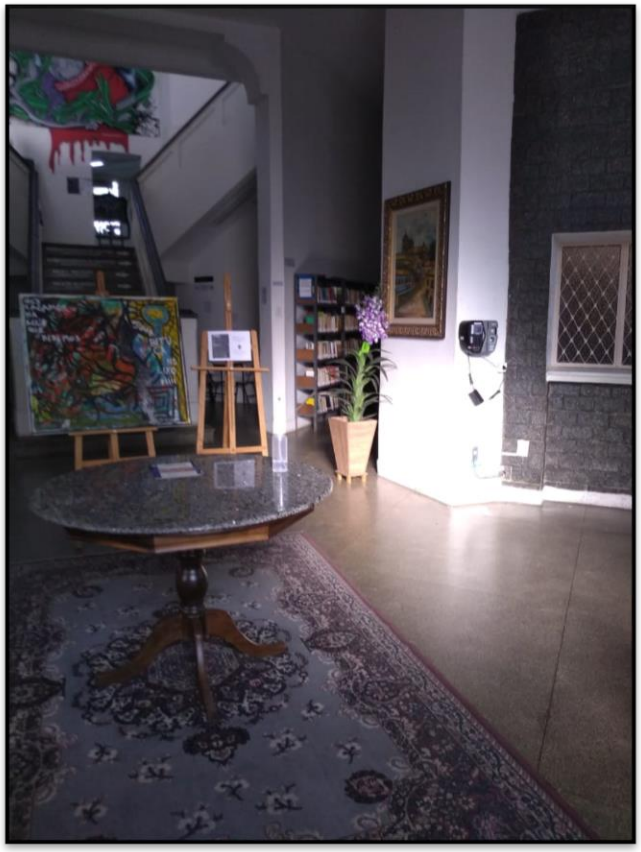
www.legislador.com.br/legisladorweb.asp?WCI=LeiTexto&ID=122&inEspecieLei=3&nrLei=5012&anoLei=2019&dsVerbete=presciliana 1/1

Fonte: Obtido pela autora no acervo do Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Pouso Alegre.

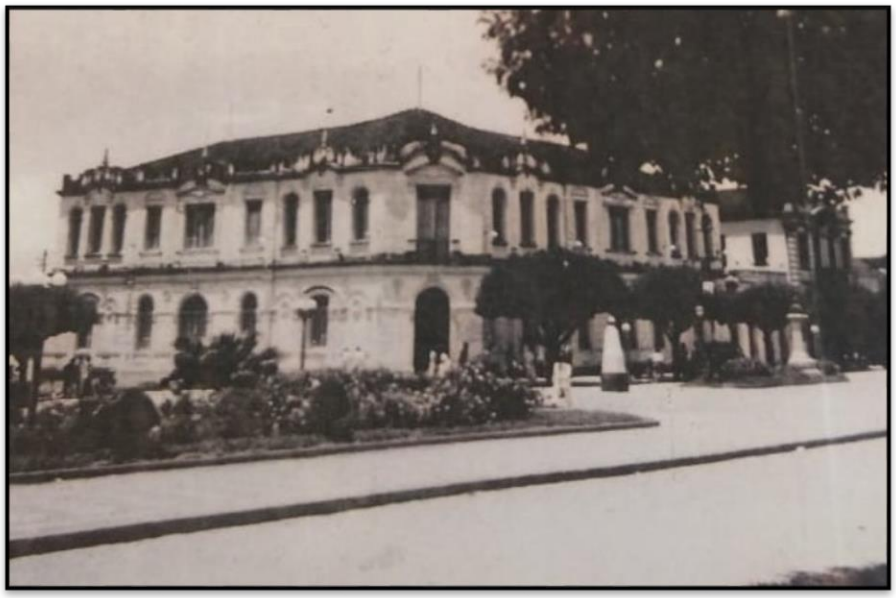
l) Biblioteca Municipal Presciliana Duarte de Almeida



Fonte: Obtido pela autora com a presidente da Academia Pouso-Alegrense de Letras, Maristela Saponara Correa.



Fonte: Obtido pela autora com a presidente da Academia Pouso-Alegrense de Letras, Maristela Saponara Correa.



Fonte: Obtido pela autora no acervo da Academia Pouso-Alegrense de Letras. Fotografia de 1925.

Fonte: Obtido pela autora no acervo da Academia Pouso-Alegrense de Letras. Fotografia atual.

ANEXO B – NÚMERO DE MENÇÕES/RECEBIDOS DE *A MENSAGEIRA*

a) Cartas e periódicos mencionaram *A Mensageira* e o trecho foi publicado pela revista.

Periódico/Carta	**Nº**	**Página**
A Farpa	12	192
Almanaque de Passos	9	143
Brasil	28	96
Carta de Clemente Barahona Veja	16	254
Carta de Dolores Alcântara Vilhena de Araújo	20	320
Carta de Guimar Torrezão	12	189
Carta de Júlia Cortines	10	159
Ceciliana	29	116
Cidade de Campinas	10	155
Cidade de Campinas	27	72
Cidade de São João	12	192
Cidade do Rio	16	256
Comércio de São Paulo	21	336
Comércio de São Paulo	26	48
Correio de Minas	27	72
Correio Paulistano	6	96
Correio Paulistano	28	96
Correio Paulistano	30	132
Debate	15	240
Diário Popular	15	240
Diário Popular	16	256
Diário Popular	20	320
Diário Popular	21	336
Domingo	28	96
Estado de Sergipe	35	216
Estímulo	27	71
Gazeta da Tarde	6	95
Gazeta de Petrópolis	15	240

Gazeta de Petrópolis	27	71
Gazeta de Uberaba	6	96
Gazeta Leopoldina	13	208
Imparcial	2	32
Jornal do Comércio	12	192
Jornal do Comércio	21	336
Jornal do Comércio	26	48
Minas Gerais	13	208
Município	35	216
Nação	6	96
Nação	13	208
Pais	6	95
Pais	28	96
Palestra de A. A.	2	32
Popular	34	200
Revista Contemporânea	30	132
Revista Popular	21	336
Rua do Ouvidor	16	256

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

b) Livros recebidos no escritório de *A Mensageira*.

Livro	**Autoria**	**Nº**	**Página**
Contos e Fantasias	José Vicente Sobrinho	8	128
Estatutos do Conservatório Livre de Música	Estado do Rio de Janeiro	15	240
Flor de Neve	Eurico de Goes	29	116
História do Brasil – 1º	Maria Guilhermina Loureiro de Andrade	8	128
História do Brasil – 2º	Maria Guilhermina Loureiro de Andrade	8	128
História do Brasil – 3º	Maria Guilhermina Loureiro de Andrade	8	128
Livro das Crianças	Zalina Rolim	8	128
Lutas do Coração	Ignez Sabino	15	239
Fantasias	Cândida Fortes	15	239
Preludiando	Andradina de Oliveira	15	239
Primícias	Carvalho Aranha	8	128
Psicoses	Carlos Coelho	29	116

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

c) Músicas recebidas no escritório de *A Mensageira*.

Música	**Autoria**	**Nº**	**Página**
Doutora	Americo da Costa	13	207
Faceira	Aurelio Cavalcanti	13	207
Mimosa	Aurelio Cavalcanti	13	207
Pas de quadre schottisch	Alexandre Weissman	13	207
Perdido de Amor	Alexandre Weissman	15	240

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

d) Periódicos recebidos no escritório de *A Mensageira*.

Periódico	**Nº**	**Página**	**Cidade**	**Estado**
A Ceciliana	28	95	-	-
A Crônica	28	95	-	-
A Cidade de Santos	28	95	Santos	SP
A Família	15	240	Rio de Janeiro	RJ
A Farpa	9	144	Porto Alegre	RS
A Folha do Norte	28	95	Pindamonhangaba	SP
A Lira	9	144	Caçapava	SP
A Luta	28	95	Itapecerica	MG
A Máscara	28	94	Rio de Janeiro	RJ
A Meridional	27	70	Rio de Janeiro	RJ
A Ordem	20	320	São José do Paraíso	MG
A Palavra	11	175	Penedo	AL
A Pérola: folha literária dedicada ao belo sexo	28	95	São Paulo	SP
A Rua do Ouvidor	28	95	Rio de Janeiro	RJ
Álbum	4	64	Franca	SP
Alfinete	4	64	São Carlos do Pinhal	SP
Almanaque de Juiz de Fora	27	70	Juiz de Fora	MG
Almanaque de Passos	9	143	Passos	MG
Almanaque Popular Brasileiro	10	160	Pelotas	RS
América Ilustrada	4	64	São Paulo	SP
Anel	4	64	São Paulo	SP
As Boas Novas	28	95	Campos	RJ
Autonomista	5	80	Castro Alves	BA
Brasil Tipográfica	10	160	Rio de Janeiro	RJ
Comércio de Minas	20	320	Juiz de Fora	MG
Comércio de Pernambuco	9	144	Recife	PE
Conselho	5	80	São Paulo	SP
Corimbo	11	175	Rio Grande	RS
Correio do Povo	28	95	Varginha	SP

Correio Paulistano	4	64	São Paulo	SP
Eco da Barra	4	64	Barra do Piraí	RJ
Escrínio	15	240	Bagé	RS
Folha de Jaguari	4	64	Jaguari	SP
Gazeta	4	64	Uberaba	MG
Gazeta	4	64	Oliveira	MG
Gazeta de Caçapava	4	64	Caçapava	SP
Gazeta de Ouro Fino	28	95	Ouro Fino	MG
Gazeta de Petrópolis	4	64	Petrópolis	RJ
Gazeta Portuguesa	11	175	São Paulo	SP
Gazetinha	4	64	Porto Alegre	RS
Genesis	4	64	Rio de Janeiro	RJ
Jornal de Santa Rita	10	160	Igarapava	SP
Jornal do Comércio	4	64	Juiz de Fora	MG
Lábaro	4	64	Rio de Janeiro	RJ
Leituras Religiosas	28	95	-	BA
Mimo	5	80	Jaguari	SP
Minas Gerais	28	95	Belo Horizonte	MG
Monitor Sul-Mineiro	28	95	Campanha	MG
Nação	4	64	São Paulo	SP
Notícia	4	64	Rio de Janeiro	RJ
Noticiarista	4	64	Batatais	SP
O Arquivo Ilustrado	28	95	São Paulo	SP
O Arrebol	9	144	Uberaba	MG
O Domingo	28	95	Rio de Janeiro	RJ
O Eco	11	175	Macaé	RJ
O País	22	352	Rio de Janeiro	RJ
O Popular	28	95	Araraquara	SP
O Progresso	11	175	Maruim	SE
O Repórter	9	144	Ribeirão Preto	SP
O Sereno	9	144	Aracaju	SE
Oito de Setembro	20	320	Itajubá	RN
Pampeiro	4	64	Arroio Grande	RS

Paraguaçu	9	144	Muritiba	BA
Pátria	4	64	Pouso Alegre	MG
Patriota	28	95	-	-
Peleja	4	64	Águas de Lambari	MG
Peleja	28	95	Bauru	SP
Plateia	4	64	São Paulo	SP
República	4	64	Bananal	SP
Resistente	4	64	São João Del Rei	MG
Revista Agrícola	4	64	Uberaba	MG
Revista Americana	19	304	Rio de Janeiro	RJ
Revista Contemporânea	28	95	Campinas	SP
Revista do Brasil	5	80	-	-
Revista Marítima Brasileira	4	64	Rio de Janeiro	RJ
Revista Moderna	20	320	Rio de Janeiro	RJ
Revista Popular	9	144	Salvador	BA
Risveglio	9	144	São Paulo	SP
Santelmo	28	95	Frutal	MG
Santos Ilustrado	27	70	Santos	SP
Tribuna Popular	10	160	Penedo	AL
Verdade e Luz	20	320	São Paulo	SP

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

ANEXO C – PRODUÇÃO EM *A MENSAGEIRA*

a) Citações publicadas em *A Mensageira*, observando o número da edição e a página

Autoria	**Número**	**Página**
Seleção – Gracia H. Mattos	1	14
Seleção – Mme. de La Fayette	1	14
Seleção – Julia Lopes de Almeida (*Livro das noivas*)	1	14
Seleção – Catharina Timandro	1	14
Seleção – J. Norberto (*Brasileiras Célebres*)	1	14
Seleção – Tobias Barreto	2	29
Seleção – Mme. D'Agoult	2	29
Seleção – Castro Alves (Carta às senhoras baianas)	3	45
Seleção – Americo Werneck (*Arte de educar os filhos*)	3	45
Seleção – José Americo dos Santos	4	57
Seleção – Walter Scott (*Mil e uma noites*)	4	58
Seleção – Bernardo Guimarães	5	80
Seleção – Mme. Neker	5	80
Seleção – Visconde de Benalcanfor	5	80
Seleção – Ecila Worms (pseudônimo de Julia Lopes de Almeida)	6	92-93
Seleção – Victor Hugo	7	111-112
Seleção – Jose Américo dos Santos	9	140
Seleção – Spencer (*Educação*)	10	159
Seleção – Julia Lopes de Almeida	10	159
Seleção – Santo Agostinho	12	187
Seleção – S. Smiles (*Caráter*)	12	187-188
Seleção – Dr. Costa Machado	12	188
Seleção – Aimé Martin (*Educação das mães de família*)	15	238
Seleção – Maria Amália Vaz de Carvalho (*Mulheres e crianças*)	16	151-152
Seleção – Maria Amália Vaz de Carvalho (*Jornal do Comércio*)	18	285-286
Seleção – Luiz Guimarães Junior	20	316

Seleção – Maria Amália Vaz de Carvalho (*Mulheres e crianças*)	20	216
Seleção – Maria Amália Vaz de Carvalho	22	347-348
Seleção – Anália Franco	25	6-9
Seleção – Clemencia Royer	26	38
Seleção – Joanna Rival	26	39
Seleção – Carmen Silva	26	39
Seleção – Madame de Lambert	26	39
Seleção – S. Smiles	26	39
Seleção – Madame de Maintenon	27	66-68
Seleção – Mad. Rattazzi	27	68
Seleção – Celia (*La Mujer*)	28	84-85
Seleção – Dr. Cesario Motta (Discurso de instalação do Ginásio de S. Paulo)	28	85-86
Seleção – *Ateneu das senhoras*	29	114
Seleção – Fr. Sarcey	30	128
Seleção – Américo Werneck (*Arte de educar os filhos*)	32	155
Seleção – S. Smiles	33	180
Seleção – Ibsen	33	180
Seleção – Garcia Redondo	33	181
Seleção – Ramalho Ortigão	34	197-198
Seleção – Julia Lopes de Almeida (*Livro das noivas*)	35	213
Seleção – Guiomar Torrezão (Notícia o aparecimento da *Mensageira*)	36	239
Seleção – Garcia Redondo (*O feminismo*)	36	239

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

b) Notícias publicadas em *A Mensageira*, observando o número da edição e a página.

Título	**Número**	**Página**
A Mensageira	2	31-32
A Mensageira	4	62-63
A Mensageira	6	95-96
A Mensageira	9	155-158
A Mensageira	12	192
A Mensageira	13	207-208
A Mensageira	15	240
A Mensageira	16	256
A Mensageira	20	320
A Mensageira	20	326-327
A Mensageira	21	336
A Mensageira	26	48
A Mensageira	27	71-72
A Mensageira	28	96
A Mensageira	29	116
A Mensageira	30	132
A Mensageira	34	200
A Mensageira	35	216
Notas pequenas – Maternidade de S. Paulo	1	15
Notas pequenas – Canudos	1	16
Notas pequenas – Belas Artes	1	16
Notas pequenas – Dicionário em projeto	1	16
Notas pequenas – Escritoras nacionais	3	45
Notas pequenas – Gonçalves Dias	3	45
Notas pequenas – Às senhoras paulistas	3	46-48
Notas pequenas – Anália Franco	3	48
Notas pequenas – *A Estação*	3	48
Notas pequenas – *Plectros*	3	48
Notas pequenas – A viúva Simões	3	48
Notas pequenas – Aos nossos assinantes	3	48

Notas pequenas – Órfãos baianos	4	63
Notas pequenas – Sociedade das filhas de Cuba	4	63
Notas pequenas – Recebemos e agradecemos	4	64
Notas pequenas – Carmen Sylvia	5	80
Notas pequenas – Viajantes ao Polo	5	80
Notas pequenas – Recebemos e agradecemos	5	80
Notas pequenas – Julia Filippone	5	80
Notas pequenas – *A Mensageira* em Paris	6	93-94
Notas pequenas – Nova capital de Minas	6	94
Notas pequenas – Delminda Silveira	6	94-95
Notas pequenas – Colaboradoras	7	112
Notas pequenas – Francisco Lins	7	112
Notas pequenas – *A Mensageira* em Paris	7	112
Notas pequenas – Crônica omnímoda	7	112
Notas pequenas – Jornal feminino	8	127-128
Notas pequenas – Sonetos, sonetinhos e produções	8	128
Notas pequenas – Livros	8	128
Notas pequenas – Eugenia Beunefois	9	143
Notas pequenas – *Almanaque* do Município de Passos	9	143
Notas pequenas – Poetisas mineiras	9	143
Notas pequenas – Poetas mineiros	9	143-144
Notas pequenas – Músicas	9	144
Notas pequenas – Recebemos e agradecemos	9	144
Notas pequenas – Margarida Bottard	10	159
Notas pequenas – Julia Cortines	10	159-160
Notas pequenas – Discursos proferidos na Câmara dos Deputados pelo Dr. Costa Machado	10	160
Notas pequenas – Bispado Sul-Mineiro	10	160
Notas pequenas – Recebemos e agradecemos	10	160
Notas pequenas – Acadêmica	11	174
Notas pequenas – Testemunho feminino	11	174-175
Notas pequenas – Recebemos e agradecemos	11	175
Notas pequenas – Guiomar Torrezão	12	189-190

Notas pequenas – Carta do Rio	13	207
Notas pequenas – Recebemos e Agradecemos	13	207
Notas pequenas – Nomeação honrosa	13	207
Notas pequenas – Doutora Anna Amália de Carvalho Soares	14	224
Notas pequenas – Carta do Rio	14	224
Notas pequenas – Eliza Lemonier	15	239
Notas pequenas – Livros	15	239
Notas pequenas – *O Álbum das Meninas*	15	239-240
Notas pequenas – Recebemos e agradecemos	15	240
Notas pequenas – Luiz Guimarães	16	254
Notas pequenas – *A Mensageira* no Chile	16	254-255
Notas pequenas – Farmacêutica	16	255
Notas pequenas – *Rua do Ouvidor*	16	255
Notas pequenas – *Rua do Ouvidor*	17	271-272
Notas pequenas – Borboletas	18	286
Notas pequenas – Belas Artes	18	286
Notas pequenas – Nova colaboradora	18	286
Notas pequenas – Externato Paulistano	18	286
Notas pequenas – Farmacêutica	19	303
Notas pequenas – *A Nação*	19	303-304
Notas pequenas – Arthur Lobo	19	304
Notas pequenas – *Revista Americana*	19	304
Notas pequenas – Recebemos e agradecemos	20	320
Notas pequenas – *Versos*	20	320
Notas pequenas – *A Mensageira*	20	320
Notas pequenas – *Estalagmites*	21	335
Notas pequenas – Músicas	21	336
Notas pequenas – Damas de caridade	21	336
Notas pequenas – Elizabeth Lynn Linton	22	352
Notas pequenas – Matemática	22	352
Notas pequenas – *O País*	22	352
Notas pequenas – Carlos D. Fernandes	22	352

Notas pequenas – Belas Artes	23	368
Notas pequenas – Rainha almirante	23	368
Notas pequenas – Julieta de Mello Monteiro	23	368
Notas pequenas – *Comune*	24	378
Notas pequenas – Heroínas	24	378-379
Notas pequenas – Amor de mãe	24	379
Notas pequenas – Índice	24	379
Notas pequenas – Novo endereço	24	379
Notas pequenas – *A Mensageira*	25	21
Notas pequenas – Guiomar Torrezão	25	21-22
Notas pequenas – Visconde de Taunay	25	22-23
Notas pequenas – D. Veridiana Prado	25	23
Notas pequenas – Amor maternal	25	23-24
Notas pequenas – Eduviges de Sá Pereira	26	46
Notas pequenas – Escola de Farmácia	26	46-48
Notas pequenas – Anna Caron	27	69
Notas pequenas – *La Mujer*	27	70
Notas pequenas – *O Arquivo Ilustrado*	27	70
Notas pequenas – Pêsames	27	70
Notas pequenas – Recebemos e agradecemos	27	70
Notas pequenas – A viúva de Michelet	28	91-93
Notas pequenas – Manuelita Rosas	28	93-94
Notas pequenas – Recebemos e agradecemos	28	94-95
Notas pequenas – Guiomar Torrezão	29	115
Notas pequenas – *Ele*	29	115
Notas pequenas – Emilia Pardo Bazan	29	115-116
Notas pequenas – Joanna Darc	29	116
Notas pequenas – A Rua do Ouvidor	29	116
Notas pequenas – Perce-neige	29	116
Notas pequenas – Livros	29	116
Notas pequenas – *A Ceciliana*	30	131
Notas pequenas – *Destinos*	30	131
Notas pequenas – Sabino Baptista	30	131

Notas pequenas – *A Estação*	30	131
Notas pequenas – Visita ilustra	31	148
Notas pequenas – Visconde de Cavalcanti	31	148
Notas pequenas – W. Dickins	32	167
Notas pequenas – Sala de leitura para senhoras	32	167
Notas pequenas – Administração para mulheres	32	167
Notas pequenas – Excursionista americana	32	167
Notas pequenas – Movimento feminista na Alemanha	32	167-168
Notas pequenas – *A Estação*	32	168
Notas pequenas – Mistress Robinson Wright e Miss Hartman	33	182-183
Notas pequenas – Alda Negri	33	183
Notas pequenas – Mme. Dreyfus	33	183
Notas pequenas – Ridelina Ferreira	33	183
Notas pequenas – A mulher no tribunal	33	184
Notas pequenas – *O País*	33	184
Notas pequenas – O *Jornal do Comércio*	34	199
Notas pequenas – A *Educadora*	34	200
Notas pequenas – Almeida Junior	34	200
Notas pequenas – Direitos da mulher	35	214
Notas pequenas – Advogada	35	214
Notas pequenas – Instituto Feitosa	35	214
Notas pequenas – Almeida Junior	35	214-215
Notas pequenas – A literatura feminista na exposição 1900	35	215
Notas pequenas – Concerto histórico	35	215-216
Notas pequenas – Carta do Rio	35	216
Notas pequenas – *A Mensageira*	36	239
Notas pequenas – Eva Canel	36	239-240
Notas pequenas – Luiza Amélia	36	240
Notas pequenas – Referência honrosa	36	240-241
Notas pequenas – Dr. José Américo dos Santos	36	241
Notas pequenas – *Bandolim*	36	241

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

c) Contos publicados em *A Mensageira*, observando a autoria, o número da edição e a página.

Título	**Autoria**	**Número**	**Página**
A ceguinha	Francisca Clotilde	22	346
A escolha de um modelo	Georges de Pertebrune	30	124-127
A esmola	Ipoméa	31	145-146
A invenção da renda	-	28	89-91
A legenda da rosa branca (1)	Pelayo Serrano	35	210-212
A noiva	Adelina A. Lopes Vieira	28	81-84
A paisagem	Narcisa Amália	31	146-148
Abnegação!	Maria Clara da Cunha Santos	26	31-36
Ao crepúsculo	Francisca Clotilde	32	158-159
Apólogo	Maria Clara da Cunha Santos	32	149-151
As borboletas	Cândida Fortes	19	299-301
As primeiras sandálias	Ipoméa	33	179-180
Bodas de prata	Maria Clara da Cunha Santos	29	110-113
Borboletas	Zalina Rolim	17	260-262
Brilhantes brutos	Maria Clara da Cunha Santos	1	6-9
Divagações	C. de Carvalho	21	324-325
Flores sem fruto	Inês Sabino	15	231-234
Golpe certeiro	Maria Clara da Cunha Santos	19	292-294
Horas Vagas	Dolores Alcântara de Araújo	8	125-127
Junto de um túmulo de criança	Julia Lopes de Almeida	29	106-107
Lenda	Maria Clara da Cunha Santos	3	44
Marinha	Julia Lopes de Almeida	24	370-372
Martírio de amor	Maria Clara da Cunha Santos	13	193-196
Mentira piedosa	Maria Clara da Cunha Santos	28	77-79
No calvário	Ricardo M. Gonçalves	34	198-199
No meu atelier	Julia Lopes de Almeida	14	213-215
No sertão	Maria Clara da Cunha Santos	23	355-360
O armador	Andradina de Oliveira	21	328-333
O Juca da Generosa	Maria Clara da Cunha Santos	14	215-218

O romance de uma onça	André Rebouças	17	262-169
O tio Job	Ridelina Ferreira	27	51-58
O último discurso	Julia Lopes de Almeida	18	273-277
Perfil de preta	Julia Lopes de Almeida	36	224-229
Por montes e vales	Inês Sabino	20	309-313
Saudade antiga	Amadeu de Queiroz	18	283-284
Saudade incurável	Maria Clara da Cunha Santos	31	143-145
Sonhos...	Pelayo Serrano	21	333-334
Trindade	Dolores Alcântara de Araújo	2	25-28
Um caso verdadeiro	Maria Clara da Cunha Santos	22	337-340
Um episódio da roça: os imigrantes	Ridelina Ferreira	25	17-20
Uma recordação	Delminda Silveira	24	377-378
Uma santa	Julia Lopes de Almeida	8	113-115

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

d) Artigos publicados em *A Mensageira*, observando a autoria, o número da edição e a página.

Título	**Autoria**	**Número**	**Página**
A emancipação feminil	V. M. de Barros	10	149-150
A influência do lar	Maria Emília	24	373-375
A moda	*País* – Ecila Worms	27	65-66
A mulher	Maria Jucá	14	220-224
A mulher do futuro	Maria Amália Vaz de Carvalho	31	133-139
A mulher é uma força ativa na sociedade	M. Rennotte	9	141-142
A mulher no celeste Império	*Gazeta de Petrópolis*	18	287-288
A nossa condição	M.P.V.D.	4	49-51
A nossa condição	M.P.V.D.	6	81
A poetisa do Vizella	Alberto Pimentel	32	161-167
A poetisa do Vizella	Georgina Teixeira	33	175-178
A solidariedade feminina	Potonié Pierre – tradução de Josefina Alvares de Azevedo	35	206-208
Ainda um assunto feminino	Pelayo Serrano	9	129-132
Anna Hierta Retzius	Guiomar Torrezão	26	37-38
Entre amigas	Julia Lopes de Almeida	1	3-4
Excerto da “Profissão de fé”	Archer de Lima	23	365-367
Falso encanto	Maria Emília	2	17-18
Felice Cavallotti	Revocata H. de Mello	16	251-254
Guiomar Torrezão	Julia Lopes de Almeida	28	73-76
Intelectualidade feminina brasileira	Pelayo Serrano	7	103-106
Julia Lopes de Almeida	Guiomar Torrezão	29	98-101
Julieta de Mello Monteiro	Damasceno Vieira	34	189-192
Le féminisme au Brésil	Xavier de Carvalho	30	128-129
Literatas inglesas	Elmano do Val	10	150-152
Literatas polacas	Elmano do Val	5	78-79

Literatas suecas	Elmano do Val	13	205-206
Literatos húngaros	Elmano do Val	26	42-44
Nossas brasileiras: cidades mais populares da união	Nelson de Senna	25	10-12
Notas do interior	Dolores Alcântara Vilhena de Araújo	20	316-320
O feminismo	Xavier de Carvalho	7	97-100
O feminismo	*Carta de S. Paulo* – Anacleto Pacífico	33	178
Observações: sobre a educação em geral (Infância)	Delminda Silveira	11	161-163
Observações: sobre a educação em geral (Infância)	Delminda Silveira	14	209-212
Observações: sobre a educação em geral (Mocidade)	Delminda Silveira	19	289-291
Observações: sobre a educação em geral (Mocidade)	Delminda Silveira	23	361-363
Os filhos	Trad. Clarisse	11	172-174
Tabelas para o traçado das curvas de nível	Dr. José Américo dos Santos	36	232-234
Traços ligeiros	Silvio de Almeida	2	23-24
Traços ligeiros	Silvio de Almeida	6	91-92
Uma saudação	Anália Franco	12	177-179
Vasco da Gama	Inês Sabino	16	248-251

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

e) Cartas publicadas em *A Mensageira*, observando a autoria, o número da edição e a página.

Título	**Autoria**	**Número**	**Página**
Carta	Ibrantina Cardona	3	38-41
Carta aberta	Ridelina Ferreira	34	195-196
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	2	18-20
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	3	36-38
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	4	51-54
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	5	67-70
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	6	82-85
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	7	101-103
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	8	115-118
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	9	132-135
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	10	145-149
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	11	163-165
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	12	183-187
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	15	225-229
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	16	244-246
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	17	257-259
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	18	280-282
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	19	301-303
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	20	305-307
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	21	321-323
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	22	350-352
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	24	375-377
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	25	1-2
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	26	40-42
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	27	58-60
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	28	86-88
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	29	103-105
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	30	119-122
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	32	155-158

Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	33	173-175
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	34	185-188
Carta do Rio	Maria Clara da Cunha Santos	36	230-232
Cartão de parabéns	Silvio de Almeida	1	10-11
Na Thebaida	Inês Sabino	4	58-60
Uma carta	M. Clara	1	5-6

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

f) Crônicas publicadas em *A Mensageira*, observando a autoria, o número da edição e a página.

Título	**Autoria**	**Número**	**Página**
Com ares de crônica	Maria Emília	3	43-44
Com ares de crônica	Maria Emília	7	110-111
Com ares de crônica	Maria Emília	8	123-124
Com ares de crônica	Maria Emília	11	170-171
Com ares de crônica	Maria Emília	15	229-231
Com ares de crônica	Maria Emília	16	241-242
Com ares de crônica	Maria Emília	20	307-309
Com ares de crônica	Maria Emília	28	88-89
Com ares de crônica	Maria Emília	33	169-172
Crônica omnímoda	J. Vieira de Almeida	1	12-13
Crônica omnímoda	J. Vieira de Almeida	2	21-23
Crônica omnímoda	J. Vieira de Almeida	3	33-35
Crônica omnímoda	J. Vieira de Almeida	4	54-56
Crônica omnímoda	J. Vieira de Almeida	5	65-67
Crônica omnímoda	J. Vieira de Almeida	6	88-89
Crônica omnímoda	J. Vieira de Almeida	8	120-122
Crônica omnímoda	J. Vieira de Almeida	9	135-137
Crônica omnímoda	J. Vieira de Almeida	10	152-154
Crônica omnímoda	J. Vieira de Almeida	11	167-169
Crônica omnímoda	J. Vieira de Almeida	13	203-204
Dão licença?	*Álbum* – Georgina Santiago	4	61-62
De luto	Maria Clara da Cunha Santos	25	13

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

g) Editoriais publicados em *A Mensageira*, observando o número da edição e a página.

Título	**Número**	**Página**
A primeira avançada	24	369-370
As brasileiras	36	217
Direitos da mulher	35	201-105
Direitos da mulher	36	217-222
Dr. Candido Espinheira	30	118-119
Duas palavras	1	1-2
Educação literária	12	180-183
Mme. Dreyfus	27	50
O sufrágio feminino: na Nova Zelândia	5	70-72
Pela mulher	8	118-120

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

h) Resenhas publicadas em *A Mensageira*, observando a autoria, o número da edição e a página.

Título	**Autoria**	**Número**	**Página**
A alma e a morte	Elmano do Val	28	80
Almeida Junior	Perpetua do Valle	7	107-109
Brasil-Paraguai	Silvio de Almeida	31	140-142
Contos e fantasias	Alberto Souza	18	277-280
De amicis e seu filho		33	181-182
Ensaio crítico	B. da Cunha	25	13-16
Exposição Almeida Junior	Perpetua do Valle	36	238-239
Flocos de neve, Aurea Pires	Arthur Andrade	26	26-30
Impressões de leitura – *Flor de neve*, de E. de Goes	Perpetua do Valle	32	160-161
Impressões de leitura – *Livro das crianças*, Zalina Rolim, 1898	Perpetua do Valle	9	137-139
Impressões de leitura – *Fantasias*, Cândida Fortes, 1897	Perpetua do Valle	19	295-298
Impressões de leitura – *Plectros*, versos de Ibrantina Cardona, 1897	Perpetua do Valle	5	72-76
La Tombet et la Rose	Nelson de Senna	27	62-63
Lágrima tardia	Perpetua do Valle	14	218-220
Maria Clara da Cunha Santos	Perpetua do Valle	23	354-355
Lendo e comentando	Nelson de Senna	22	348-350
Mme. de La Fayette	Perpetua do Valle	15	235-237
Os poentes	Silvio de Almeida	16	242-244
Pátria	Silvio de Almeida	35	235-236
Preludiando	Damasceno Vieira	22	340-345
Primícias	Arthur Andrade	13	197-198
Urzes	Silvio de Almeida	32	152-154
Viúva Simões	L. F.	6	85-87

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

i) Poemas publicados em *A Mensageira*, observando a autoria, o número da edição e a página.

Título	**Autoria**	**Número**	**Página**
(Do “livro da saudade”)	Zalina Rolim	1	5
(Do “livro de saudade”)	Zalina Rolim	21	324
A bordo	Georgina Teixeira	25	17
A entrada do ano	Presciliana Duarte de Almeida	7	112
A Gioacomo Leopardi	Julia Cortines	13	204
À Heloisa	Stella Lentz	2	30
A jornada	Adelina Lopes Vieira	2	18
A la Rosa galana	Nelson de Senna	27	63-64
A lancha negra	Adelina A. Lopes Vieira	25	3
A liberdade!	José Bonifácio, por Maria Emília	15	230-231
A Luiz Guimarães	Áurea Pires	17	269
A luz da lua	Áurea Pires	9	135
A Mensageira	Cândida Fortes	25	10
À minha mulher	Martins Junior	35	214
A morte de Cristo	Silvio de Almeida	28	80
A pauliceia	Soares Junior	15	234
A subir... A subir...	Presciliana Duarte de Almeida	31	146
A turca	Presciliana Duarte de Almeida, por Maria Emília	7	111
A voz do louco	Presciliana Duarte de Almeida	16	255-256
Almeida Junior	Perpétua do Valle	35	205
Almeida Junior	Trajano Pires	35	212
Amarguras	Georgina Teixeira	13	196
Amphitrite	Alberto de Oliveira	7	103
Amphitrite	Francisca Julia da Silva	14	212
Angústia	Presciliana Duarte de Almeida	19	303
Anoitece...	Adelina Amélia Lopes Vieira	15	229
Ao meu coração	Soares Junior	16	252
Ao romper da lua	Delminda Silveira	12	183

As belas artes	Maria Clara	23	367-368
As cartas	Presciliana Duarte de Almeida	4	61
Aves e corações	Presciliana Duarte de Almeida	9	137
Barcarola	Ridelina Ferreira	36	235
Beatriz	Guiomar Torrezão	25	13
Bendita causa	Carlos D. Fernandes	22	340
Blasfemo	Arthur Andrade	2	28
Cair da noite	Saturnino de Oliveira	7	109-110
Caminho do sertão	Auta de Souza	17	262
Canção	Arthur Andrade	28	76
Cançoneta	Perce-neige	36	234
Cantiga	M. C. C. Santos	33	179
Carta aberta	Heraclito Viotti	25	21
Castelo derrocado	A. Tolentino de Almeida	19	291
Cativo	Anthero Bloem	22	346-347
Celeste...	Aurélio Neves	10	149
Constante	Presciliana Duarte de Almeida	27	68
Contemplação	Presciliana Duarte de Almeida	36	237
Contraste	Áurea Pires	1	13
Contraste	Francisco Lins	7	109
Crepuscular	Presciliana Duarte de Almeida	22	348
Cromo	Adélia Jucá Casado Lima	20	315
D. Alzira	Presciliana Duarte de Almeida	1	15
Da nascente a foz	Silvio de Almeida	34	193-194
De longe	Áurea Pires	3	42
De manhã	Áurea Pires	25	5-6
De sonho em sonho	Maria Jucá	32	152
De tarde	Áurea Pires	13	201-202
Depois da batalha	Júlia Cortines	26	45
Descrença	Oscar d'Alva	26	38
Desolada	Eduviges R. de Sá Pereira	26	46
Ditoso, sim, quem junto a ti suspira	Silvio de Almeida	35	209

Diversidade	Presciliana Duarte de Almeida	32	168
Do “estrelário”	Manoel Viotti	23	364-365
Dois oásis	Adelina Lopes Vieira e Maria Clara da Cunha Santos	26	44
Domingo de ramos	Áurea Pires	29	105-106
Dona Lavinia	Elmano do Val	19	298
Duas épocas	Silvio de Almeida	29	102
Dúvidas	Scipião Jucá	19	295
Ele ou ela?	Pe. Corrêa de Almeida	11	165-167
Eleita	Benedito Ribeiro	34	196
Em Ouro Preto	Áurea Pires	8	115
Estrela e flor	Maria Clara da Cunha Santos, por Maria Emília	8	124
Escala do viver	Presciliana Duarte de Almeida	30	130
Escuta!	Ridelina Ferreira	29	114
Esperança	Georgina Teixeira	29	108
Excelsa glória	Silvio de Almeida	27	61
Exul	Heraclito Viotti	12	189
Feliz encontro	Presciliana Duarte de Almeida	11	176
Filha, esposa, mãe	Delminda Silveira	6	85
Flores d’alma	Maria Jucá	28	84
Fora da barra	Luiz Guimarães Junior	16	244
Funérea	Perpétua do Valle	12	190
Gonçalves Dias	Presciliana Duarte de Almeida	3	35
História breve	C. Brunetto	35	208
Hoje	Silvio de Almeida	36	224
Horas de sonho	Georgina Teixeira	3	38
Hyemal	Áurea Pires	14	220
Ideal	Presciliana Duarte de Almeida	2	25
Immutabile semper!	Olga P.	13	206
Impossível	Áurea Pires	26	37
In sylvis	Carvalho Aranha	15	231
Incêndio	Júlio Prestes	34	198

Inconsoláveis	Francisca Julia da Silva, por Maria Emília	11	171
Isa	Eurico de Goes	27	68-69
J'ai dit à ma plume...	Belarmino Carneiro	36	229
Junto ao berço de Dalila	Belarmino Carneiro	30	127-128
Kief	Júlio Cesar da Silva	2	29
Ludibria ventis	Belarmino Carneiro	29	102
Madrigal	Silvio de Almeida	8	120
Mãe	Delminda Silveira	17	271
Mágoa infinita	Raul Corrêa	31	145
Margarida	Benedito Ribeiro	36	236
Martírio incrível	Áurea Pires	31	139
Meio dia	Áurea Pires	11	169-170
Meu filhinho	Presciliana Duarte de Almeida	1	15
Miniatura	Arthur Andrade	31	143
Morta!!!	Adélia Jucá	14	224
Na praia	Áurea Pires	16	246-247
Na selva	Presciliana Duarte de Almeida	17	270
Natal	Auta de Souza	18	282
Naufraga	Carvalho Aranha	19	301
Nenia	Presciliana Duarte de Almeida	5	79
Nenia	Ridelina Ferreira	32	154
No álbum	Carlos Goes	21	325
No chalé	Ibrantina Cardona	5	77-78
Noite	Amélia de Oliveira	4	54
Noivado	Perce-neige	29	109
O concilio das mágoas	Perpétua do Valle	28	86
O deserto	Júlia Cortines	1	11
O mergulhador	Francisca Julia da Silva	2	21
O meu ideal	Delminda Silveira	8	118
O órfão	Francisco Lins	21	328
O primeiro sorriso	Delminda Silveira	26	42
O ramo da esperança	Samuel Porto	4	58

O sonho	Júlia Cortines	7	101
O trabalho do verso	Manoel Viotti	4	57
Onde?...	Amadeu Amaral	5	72
Os olhos	Leopoldo Motta	10	152
Ouvindo um pássaro	Narcisa Amália	34	188-189
Página íntima	Arthur Andrade	36	223
Parábola oriental	Silvio de Almeida	26	30-31
Parêntesis	Presciliana Duarte de Almeida	20	314
Passarinhos	Zalina Rolim	35	205
Patuit dea...	Silvio de Almeida	5	70
Pesadelo	Áurea Pires	15	238-239
Pobre!	Francisco Lins	8	125
Poesia	Presciliana Duarte de Almeida	10	154-155
Poesia	Presciliana Duarte de Almeida	13	207
Por que sou triste?	Silvio de Almeida, por Maria Emília	20	309
Por terras e mares	Cândido de Carvalho	9	140-141
Por terras e mares	Cândido de Carvalho	10	158-159
Por terras e mares	Cândido de Carvalho	11	172
Por terras e mares	Cândido de Carvalho	12	179-180
Por terras e mares	Cândido de Carvalho	15	237-238
Por terras e mares	Cândido de Carvalho	17	259
Primavera	Georgina Teixeira	6	87
Primeira esperança	Áurea Pires	35	213
Quando partiste	Áurea Pires	22	345
Recordação fatal	Narcisa Amália	27	50
Recordando...	Julieta de M. Monteiro	24	372-373
Recuerdos	Hippolyto da Silva	1	9
Redenção nova	Figueiredo Coimbra, por Maria Emília	28	89
Riso pungente	Áurea Pires	27	60
Rosa de neve	Áurea Pires	36	230
Ruélia formosa	Zalina Rolim	29	102

Santa	Bento Ernesto Junior	12	187
Sempre o amor!	Oscar d'Alva	28	81
Só	Manoel Viotti	14	212
Sobre ruínas	Carvalho Aranha	27	64-65
Sobre um túmulo	Presciliana Duarte de Almeida	26	40
Sombras	Presciliana Duarte de Almeida	28	91
Soneto	Amélia de Oliveira	2	23
Soneto	Amélia de Oliveira	6	90
Soneto	Cândido de Carvalho	30	119
Soneto	Arthur Andrade	33	173
Soneto	Delminda Silveira	36	232
Sonho?	Áurea Pires	33	180
Soror Thereza	Manoel Viotti	8	123
Súplica	Arthur Andrade	4	56
Tela sombria	Julieta de M. Monteiro	23	361
Tradução de uma ode de sapho	Delille	35	209
Triolet	Olga P.	12	188
Último desejo	Helena de Viveiros	27	66
Um canto	Delminda Silveira	32	159
Uma relíquia	Luiz Pistarini	28	76
Vai-se acalmando a pouco e pouco, e sinto	Zalina Rolim	9	132
Valsando	Presciliana Duarte de Almeida	25	12
Velando	Georgina Teixeira	18	280
Velha saudade	Georgina Teixeira	4	51
Vem!...	Áurea Pires	10	150
Ventura	Georgina Teixeira	9	139-140
Vespêr	Delminda Silveira	28	88
Vida	Peres Junior	29	113
Visita à casa paterna	Luiz Guimarães, por Maria Emília	16	242
Volta ao passado	Manoel Arão	29	113
Volta aos pagos	Cândida Fortes	30	131

Voluptas patiendi	Silvio de Almeida	24	370
Voz da sereia	Alberto Souza	11	163
Walkirias	Samuel Porto	6	90

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

ANEXO D – PARTICIPAÇÃO FEMININA EM *A MENSAGEIRA*

a) Escritoras que publicaram em *A Mensageira,* e a quantidade de escritos, de acordo com o gênero textual.

Escritora	Artigo	Carta	Conto	Crônica	Crítica	Poema
Adélia Jucá						2
Adelina A. Lopes Vieira			1			4
Amélia Mariano de Oliveira						3
Anália Emília Franco	1					
Andradina de Oliveira			1			
Áurea Pires da Gama						20
Auta de Souza						2
Cândida Fortes Brandão			1			2
Clarisse	1					
Delminda Silveira de Souza	4		1			8
Dolores Alcântara Vilhena de Araújo	1		2			
Eduviges R. de Sá Pereira						1
Francisca Clotilde Barbosa de Lima			2			
Francisca Julia da Silva						2
Georgina Santiago				1		
Georgina Teixeira	1					8
Guiomar Torrezão	2					1
Helena de Viveiros						1
Ibrantina Cardona		1				1
Ignez Sabino Pinto Maia	1	1	2			
Ipoméia			2			
Julia Cortines						4
Julia Lopes de Almeida	2		6			
Julieta de Mello Monteiro						2
Maria Amália Vaz de Carvalho	1					
Maria Clara da Cunha Santos	2	31	12	1		3

Maria Emília Lemos	2	1		8		3
Maria Jucá	1					2
M.P. V.D. (heterônimo de Presciliana Duarte de Almeida)	2					
M. Renotte	1					
Narcisa Amália de Campos			1			2
Olga Pires						2
Perce-neige						2
Perpétua do Valle (pseudônimo de Presciliana Duarte de Almeida)					9	3
Potonié-Pierre	1					
Presciliana Duarte de Almeida						24
Revocata Heloisa de Mello	1					
Ridelina Ferreira (pseudônimo de Camila Riedel)		1	2			2
Stella Lentz						1
Zalina Rolim			1			5

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

ANEXO E – PARTICIPAÇÃO MASCULINA EM *A MENSAGEIRA*

a) Escritores que publicaram em *A Mensageira,* e a quantidade de escritos, de acordo com o gênero textual.

Escritor	Artigo	Carta	Conto	Crônica	Poema	Resenha
Alberto Augusto de Almeida Pimentel	1					
Alberto Faria	1					
Alberto Souza					1	1
Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado					1	
Amadeu de Queiroz			1			
André Pinto Rebouças			1			
Antero Augusto de Albuquerque Bloem					1	
Antônio Mariano Alberto de Oliveira					1	
Antônio Peres Junior					1	
Antônio Tolentino de Almeida					1	
Archer de Lima	1					
Arthur Andrade					6	2
Aurélio Neves					1	
B. da Cunha						1
Belarmino Carneiro Cavalcanti de Albuquerque					3	
Benedito Ribeiro (pseudônimo de Belarmino Carneiro)					2	
Bento Ernesto Junior					1	
C. Brunetto					1	
Carlos Augusto Furtado de Mendonça Dias Fernandes					1	
Carlos Goes					1	
Carvalho Aranha					3	
Cipião Jucá					1	
D. Eloy Alfaro	1					

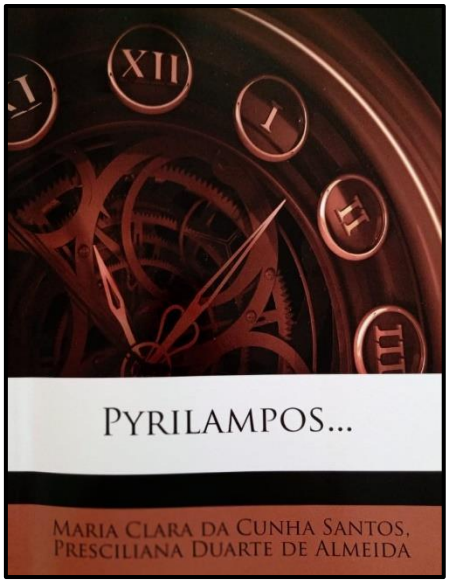
Dr. José Américo dos Santos	1					
Elmano do Val (pseudônimo de Manoel Viotti)	4				1	1
Eurico Doria Araújo de Góes					1	
Francisco Barroso	1					
Francisco Lins					3	
Georges de Pertebrune			1			
Heraclito Viotti					2	
João Candido de Carvalho			1		7	
João Damasceno Vieira Fernandes						2
João Vieira de Almeida				11		
José Hipólito da Silva Dutra					1	
José Isidoro Martins Junior					1	
José Joaquim Corrêa de Almeida					2	
José Soares Junior					2	
Júlio Cesar da Silva					1	
Júlio Prestes de Albuquerque					1	
Leopoldo de Freitas						1
Leopoldo Motta					1	
Luiz Caetano Guimarães Junior					1	
Luiz Pistarini					1	
Manoel Arão de Oliveira Campos					1	
Manoel Viotti					4	
Nelson Coelho de Senna	1		1		1	2
Olympio de Arrochelas Galvão	1					
Oscar d'Alva (pseudônimo de Antônio dos Reis de Carvalho)					2	
Pelayo Serrano (pseudônimo de Nelson de Senna)	2		3			
Raul Corrêa					1	
Ricardo Mendes Gonçalves			1			
Samuel Porto					2	
Saturnino de Oliveira					1	

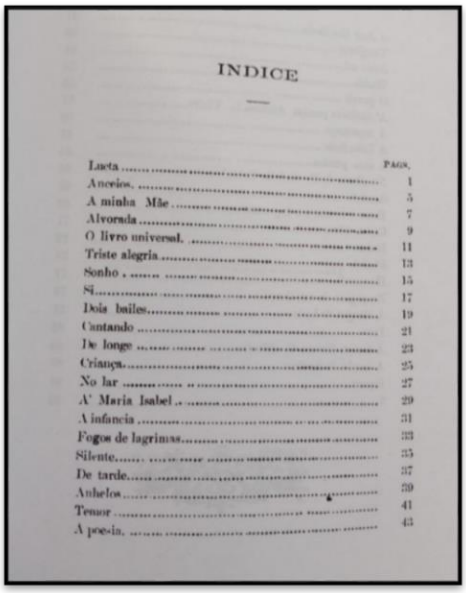
Silvio Tibiriçá de Almeida	3	1			11	4
Trajano Augusto Pires					1	
V. M. de Barros	1					
Xavier de Carvalho	2					

*Fonte: Tabela elaborada pela autora.

ANEXO F – LIVROS DE PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA

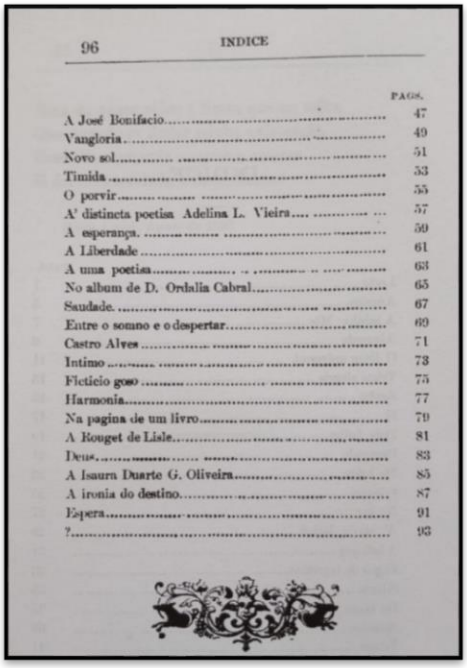
a) *Rumorejos* (1890)





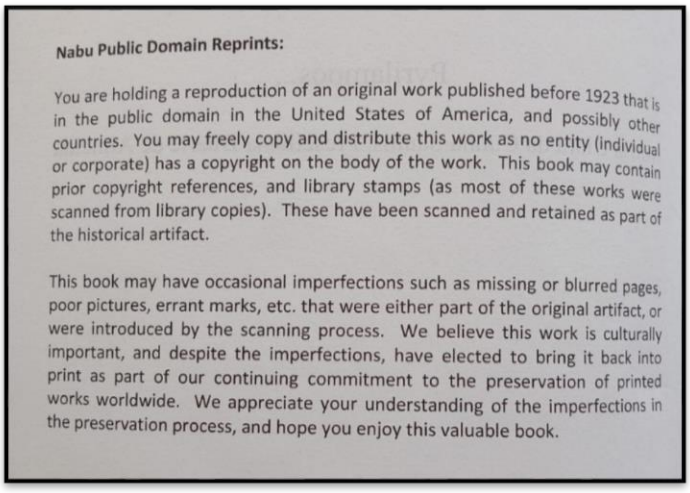
INDICE

	PAGS.
Lucta	1
Anceios	5
A minha Mãe	7
Alvorada	9
O livro universal	11
Triste alegria	13
Sonho	15
Si	17
Dois bailes	19
Cantando	21
De longe	23
Criança	25
No lar	27
A' Maria Isabel	29
A infancia	31
Fogos de lagrimas	33
Silente	35
De tarde	37
Anhelos	39
Temor	41
A poesia	43



96 INDICE

	PAGS.
A José Bonifacio	47
Vangloria	49
Novo sol	51
Timida	53
O porvir	55
A' distincta poetisa Adelina L. Vieira	57
A esperança	59
A Liberdade	61
A uma poetisa	63
No album de D. Ordalia Cabral	65
Saudade	67
Entre o somno e o despertar	69
Castro Alves	71
Intimo	73
Ficticio goso	75
Harmonia	77
Na pagina de um livro	79
A Rouget de Lisle	81
Deus	83
A Isaura Duarte G. Oliveira	85
A ironia do destino	87
Espera	91
?	93



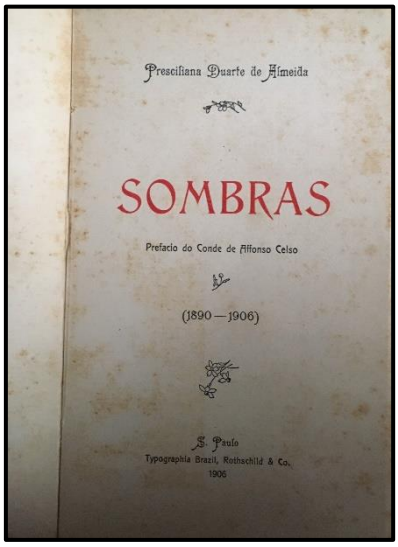
Nabu Public Domain Reprints:

You are holding a reproduction of an original work published before 1923 that is in the public domain in the United States of America, and possibly other countries. You may freely copy and distribute this work as no entity (individual or corporate) has a copyright on the body of the work. This book may contain prior copyright references, and library stamps (as most of these works were scanned from library copies). These have been scanned and retained as part of the historical artifact.

This book may have occasional imperfections such as missing or blurred pages, poor pictures, errant marks, etc. that were either part of the original artifact, or were introduced by the scanning process. We believe this work is culturally important, and despite the imperfections, have elected to bring it back into print as part of our continuing commitment to the preservation of printed works worldwide. We appreciate your understanding of the imperfections in the preservation process, and hope you enjoy this valuable book.

Fonte: Acervo pessoal.

b) *Sombras* (1906)

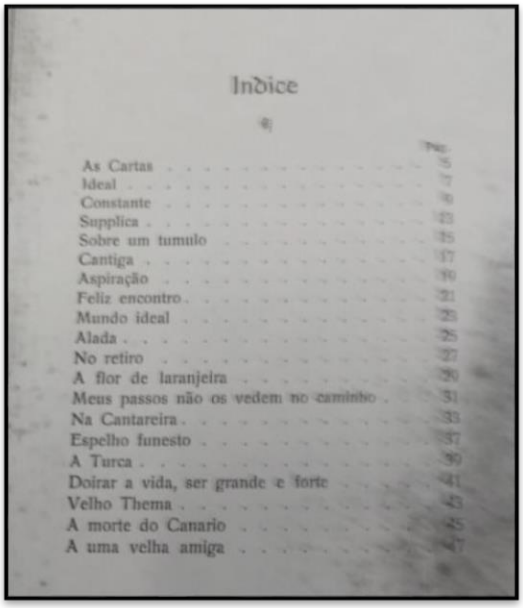

Presciliana Duarte de Almeida

SOMBRAS

Prefacio do Conde de Affonso Celso

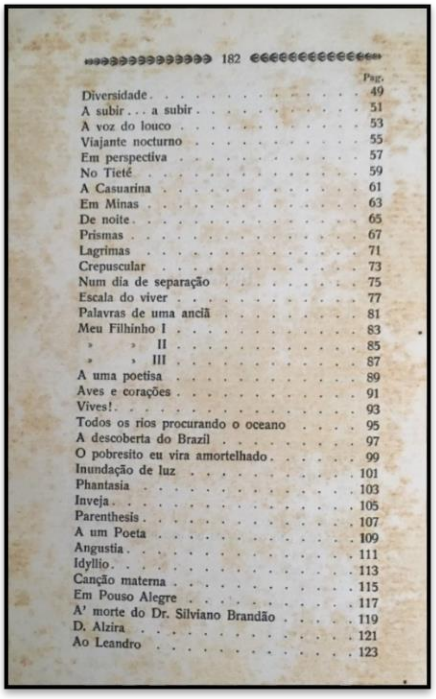
(1890—1906)

S. Paulo
Typographia Brazil, Rothschild & Co.
1906

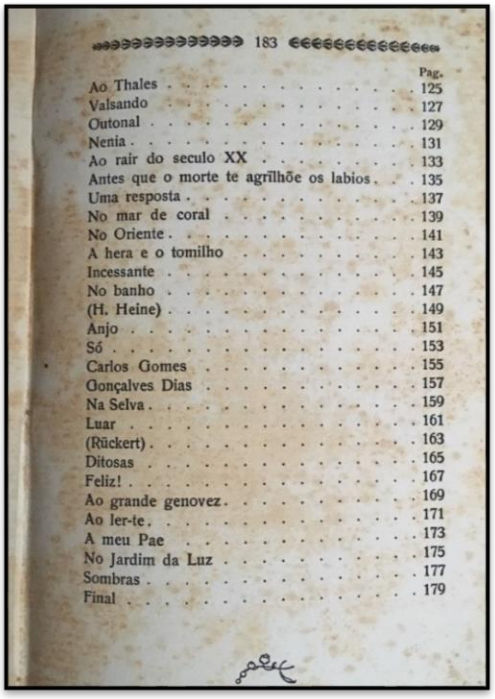

Indice

Pag.
As Cartas . . . 5
Ideal . . . 7
Constante . . . 9
Supplica . . . 13
Sobre um tumulo . . . 15
Cantiga . . . 17
Aspiração . . . 19
Feliz encontro . . . 21
Mundo ideal . . . 23
Alada . . . 25
No retiro . . . 27
A flor de laranjeira . . . 29
Meus passos não os vedem no caminho . . . 31
Na Cantareira . . . 33
Espelho funesto . . . 37
A Turca . . . 39
Doirar a vida, ser grande e forte . . . 41
Velho Thema . . . 43
A morte do Canario . . . 45
A uma velha amiga . . . 47

Fonte: Obtido pela autora no acervo da Academia Pouso-Alegrense de Letras.



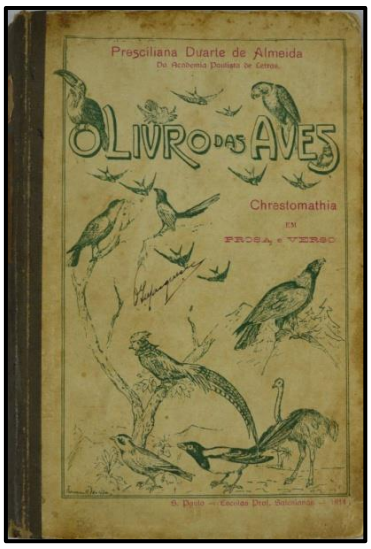
Pag.
Diversidade . . . 49
A subir . . . a subir . . . 51
A voz do louco . . . 53
Viajante nocturno . . . 55
Em perspectiva . . . 57
No Tieté . . . 59
A Casuarina . . . 61
Em Minas . . . 63
De noite . . . 65
Prismas . . . 67
Lagrimas . . . 71
Crepuscular . . . 73
Num dia de separação . . . 75
Escala do viver . . . 77
Palavras de uma anciã . . . 81
Meu Filhinho I . . . 83
» » II . . . 85
» » III . . . 87
A uma poetisa . . . 89
Aves e corações . . . 91
Vives! . . . 93
Todos os rios procurando o oceano . . . 95
A descoberta do Brazil . . . 97
O pobresito eu vira amortelhado . . . 99
Inundação de luz . . . 101
Phantasia . . . 103
Inveja . . . 105
Parenthesis . . . 107
A um Poeta . . . 109
Angustia . . . 111
Idyllio . . . 113
Canção materna . . . 115
Em Pouso Alegre . . . 117
A' morte do Dr. Silviano Brandão . . . 119
D. Alzira . . . 121
Ao Leandro . . . 123

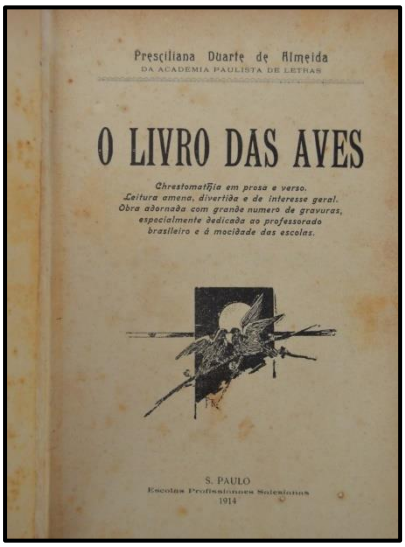


Pag.
Ao Thales . . . 125
Valsando . . . 127
Outonal . . . 129
Nenia . . . 131
Ao rair do seculo XX . . . 133
Antes que o morte te agrilhõe os labios . . . 135
Uma resposta . . . 137
No mar de coral . . . 139
No Oriente . . . 141
A hera e o tomilho . . . 143
Incessante . . . 145
No banho . . . 147
(H. Heine) . . . 149
Anjo . . . 151
Só . . . 153
Carlos Gomes . . . 155
Gonçalves Dias . . . 157
Na Selva . . . 159
Luar . . . 161
(Rückert) . . . 163
Ditosas . . . 165
Feliz! . . . 167
Ao grande genovez . . . 169
Ao ler-te . . . 171
A meu Pae . . . 173
No Jardim da Luz . . . 175
Sombras . . . 177
Final . . . 179

Fonte: Obtido pela autora na Biblioteca Brasiliana da Universidade de São Paulo.

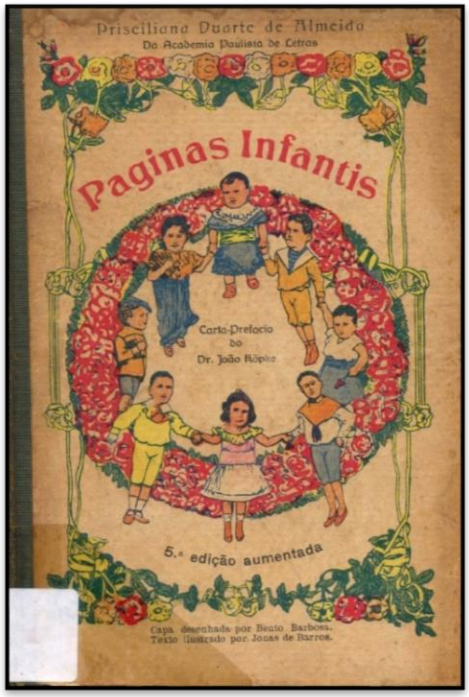
c) *O livro das aves* (1914)





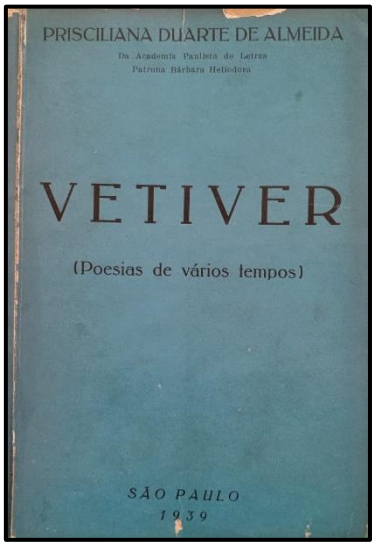
Fonte: Acervo de Raíssa Nunes Pinto.

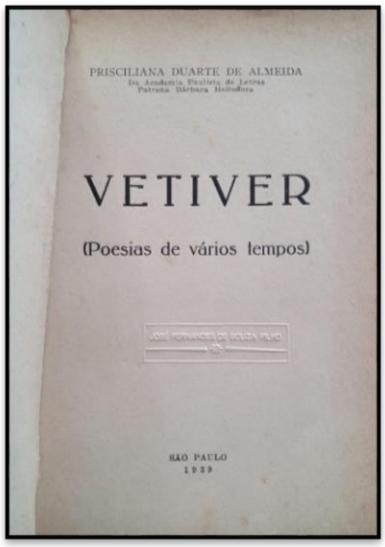
d) *Páginas infantis* (1934) – quinta edição

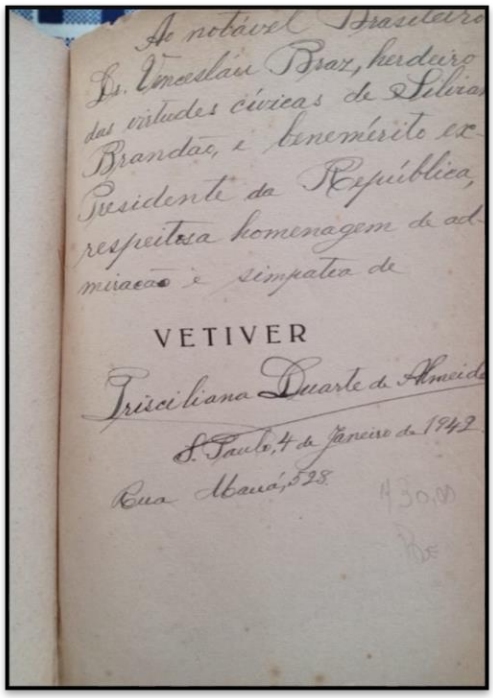


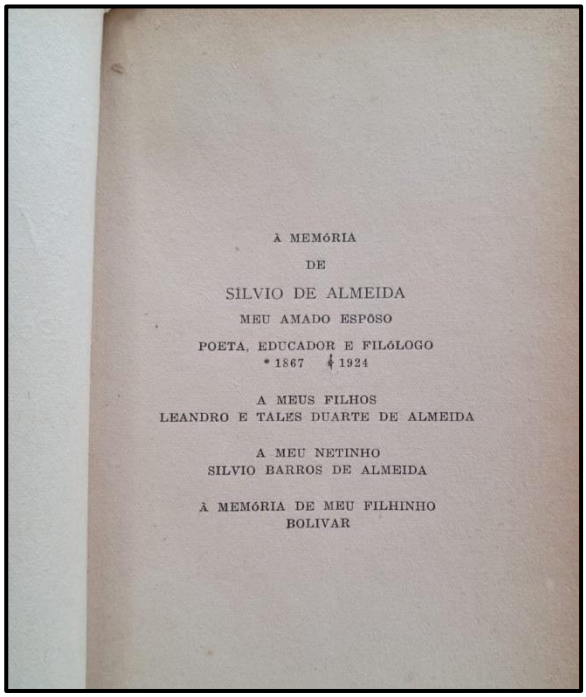
Fonte: Acervo de Raissa Nunes Pinto

e) ***Vetiver*** **(1939)**

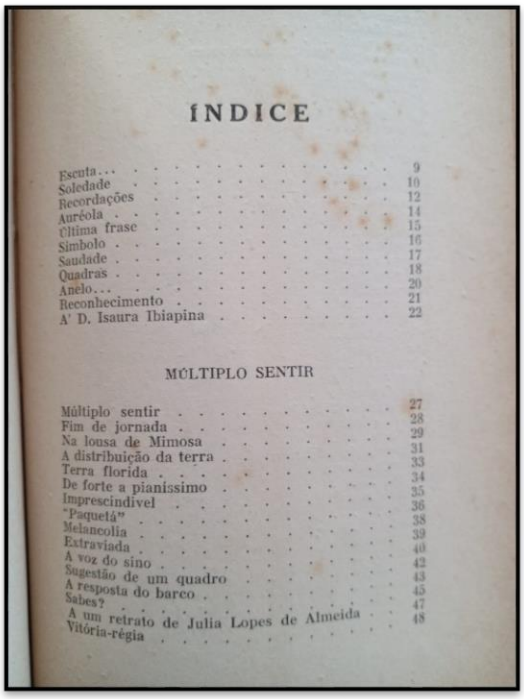








Fonte: Acervo pessoal.

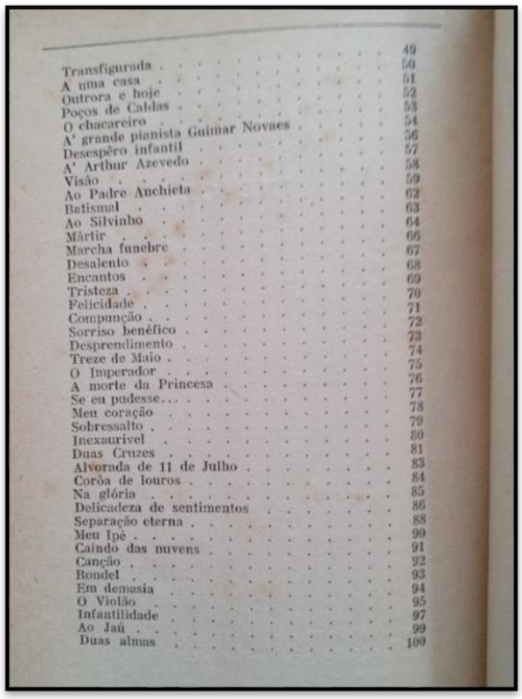


ÍNDICE

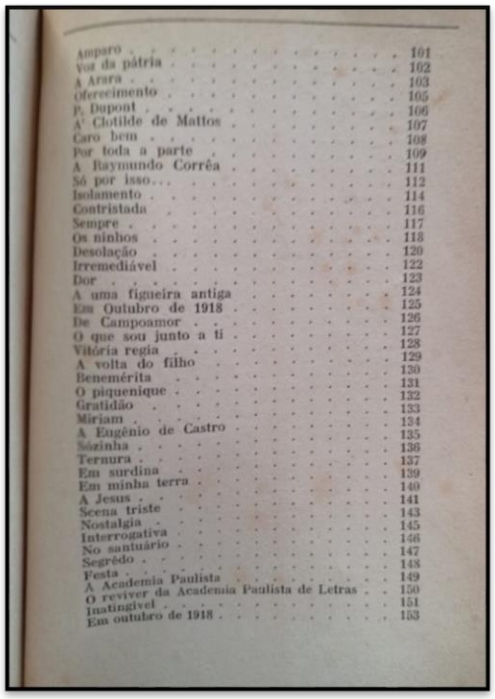
Escuta . . . 9
Soledade . . . 10
Recordações . . . 12
Auréola . . . 14
Última frase . . . 15
Símbolo . . . 16
Saudade . . . 17
Quadras . . . 18
Anêlo . . . 20
Reconhecimento . . . 21
A' D. Isaura Ibiapina . . . 22

MÚLTIPLO SENTIR

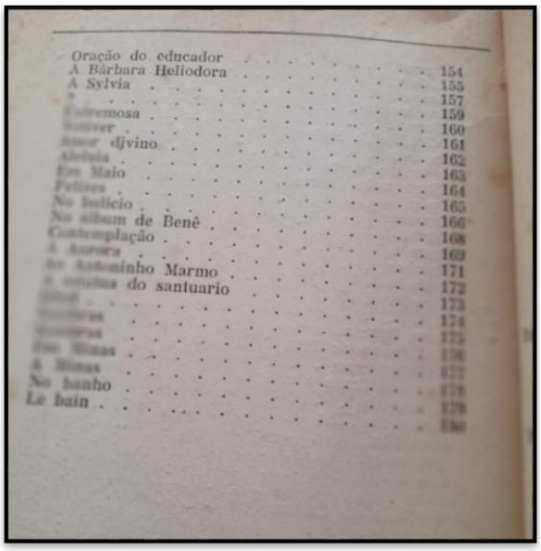
Múltiplo sentir . . . 27
Fim de jornada . . . 28
Na lousa de Mimosa . . . 29
A distribuição da terra . . . 31
Terra florida . . . 33
De forte a pianissimo . . . 34
Imprescindivel . . . 35
"Paquetá" . . . 36
Melancolia . . . 38
Extraviada . . . 39
A voz do sino . . . 40
Sugestão de um quadro . . . 42
A resposta do barco . . . 43
Sabes? . . . 45
A um retrato de Julia Lopes de Almeida . . . 47
Vitória-régia . . . 48



Transfigurada . . . 49
A uma casa . . . 50
Outrora e hoje . . . 51
Poços de Caldas . . . 52
O chacareiro . . . 53
A' grande pianista Guiomar Novaes . . . 54
Desespêro infantil . . . 56
A' Arthur Azevedo . . . 57
Visão . . . 58
Ao Padre Anchieta . . . 59
Batismal . . . 62
Ao Silvinho . . . 63
Mártir . . . 64
Marcha funebre . . . 65
Desalento . . . 66
Encantos . . . 67
Tristeza . . . 68
Felicidade . . . 69
Compunção . . . 70
Sorriso benéfico . . . 71
Desprendimento . . . 72
Treze de Maio . . . 73
O Imperador . . . 74
A morte da Princesa . . . 75
Se eu pudesse . . . 76
Meu coração . . . 77
Sobressalto . . . 78
Inexaurivel . . . 79
Duas Cruzes . . . 80
Alvorada de 11 de Julho . . . 81
Corôa de louros . . . 83
Na glória . . . 84
Delicadeza de sentimentos . . . 85
Separação eterna . . . 86
Meu Ipê . . . 88
Caindo das nuvens . . . 90
Canção . . . 91
Rondel . . . 92
Em demasia . . . 93
O Violão . . . 94
Infantilidade . . . 95
Ao Jaú . . . 97
Duas almas . . . 99



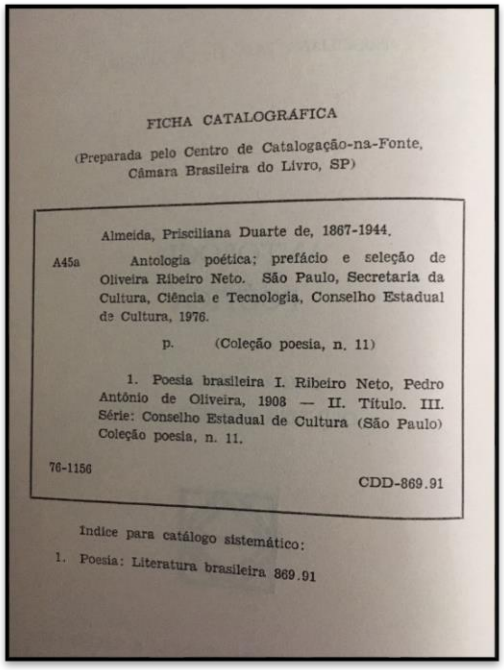
Amparo . . . 101
Voz da pátria . . . 102
A Arara . . . 103
Oferecimento . . . 105
P. Dupont . . . 106
A' Clotilde de Mattos . . . 107
Caro bem . . . 108
Por toda a parte . . . 109
A Raymundo Corrêa . . . 111
Só por isso . . . 112
Isolamento . . . 114
Contristada . . . 116
Sempre . . . 117
Os ninhos . . . 118
Desolação . . . 120
Irremediável . . . 122
Dor . . . 123
A uma figueira antiga . . . 124
Em Outubro de 1918 . . . 125
De Campoamor . . . 126
O que sou junto a ti . . . 127
Vitória regia . . . 128
A volta do filho . . . 129
Benemérita . . . 130
O piquenique . . . 131
Gratidão . . . 132
Miriam . . . 133
A Eugênio de Castro . . . 134
Sózinha . . . 135
Ternura . . . 136
Em surdina . . . 137
Em minha terra . . . 139
A Jesus . . . 140
Scena triste . . . 141
Nostalgia . . . 143
Interrogativa . . . 145
No santuário . . . 146
Segrêdo . . . 147
Festa . . . 148
A Academia Paulista . . . 149
O reviver da Academia Paulista de Letras . . . 150
Inatingivel . . . 151
Em outubro de 1918 . . . 153



Oração do educador . . . 154
A Bárbara Heliodora . . . 155
A Sylvia . . . 157
[illegible] . . . 159
[illegible] . . . 160
[illegible] divino . . . 161
[illegible] . . . 162
Em Maio . . . 163
[illegible] . . . 164
No bulicio . . . 165
No album de Benê . . . 166
Contemplação . . . 168
A Aurora . . . 169
[illegible] Marmo . . . 171
[illegible] do santuario . . . 172
[illegible] . . . 173
[illegible] . . . 174
[illegible] . . . 175
[illegible] . . . 176
[illegible] . . . 177
No banho . . . 178
Le bain . . . 179

Fonte: Acervo pessoal.

f) *Antologia poética* (1976) – obra póstuma



FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-Fonte, Câmara Brasileira do Livro, SP)

Almeida, Prisciliana Duarte de, 1867-1944.

A45a Antologia poética; prefácio e seleção de Oliveira Ribeiro Neto. São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976.

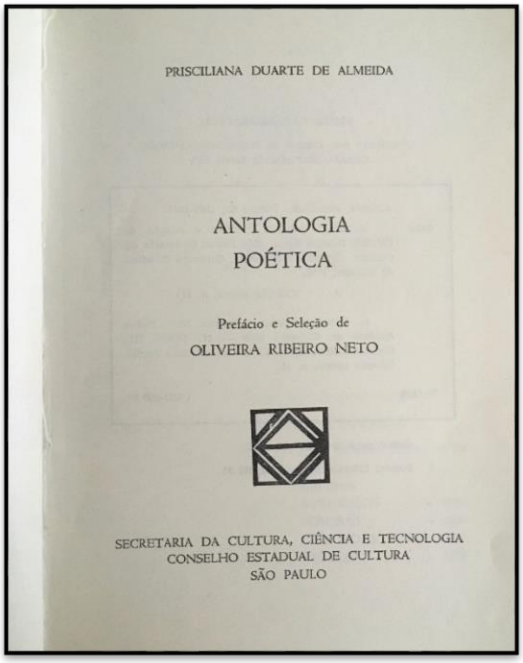
p. (Coleção poesia, n. 11)

1. Poesia brasileira I. Ribeiro Neto, Pedro Antônio de Oliveira, 1908 — II. Título. III. Série: Conselho Estadual de Cultura (São Paulo) Coleção poesia, n. 11.

76-1156 CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.91



PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA

ANTOLOGIA POÉTICA

Prefácio e Seleção de
OLIVEIRA RIBEIRO NETO

SECRETARIA DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
SÃO PAULO

Fonte: Obtido pela autora na Biblioteca Brasiliana da Universidade de São Paulo.

ANEXO G – PESQUISA DE "PRESCILIANA DUARTE" E "PRISCILIANA DUARTE" NA HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL

a) Entre 1880 e 1949

Periódicos	**Ocorrências**
Correio Paulistano (SP)	43
A Família (RJ)	32
Almanaque do Garnier (RJ)	15
O País (RJ)	15
Jornal do Brasil (RJ)	15
Gazeta de Notícias (RJ)	10
O Malho (RJ)	10
Jornal do Comércio (RJ)	9
Diário de Pernambuco (PE)	8
A Vida Moderna (SP)	8
O Comércio de São Paulo (SP)	7
Cidade do Rio (RJ)	7
Diário de Notícias (RJ)	7
Gazeta de Petrópolis (RJ)	6
Anuário de Minas Gerais (MG)	5
Verdade (MG)	5
A Estação (RJ)	5
Minas Gerais (MG)	5
Revista Feminina	5
Fon Fon: semanário alegre, político, crítico e espusiante (RJ)	5
Semana Religiosa (MG)	5
O Fluminense (RJ)	4
O Arquivo Ilustrado (SP)	4
Gazeta da Tarde (RJ)	4
A Escola Primária (RJ)	4
O Combate (SP)	4
Correio da Manhã (RJ)	4
A Gazeta (SP)	4

A Nação (SP)	3
Revista Ilustrada (RJ)	3
Farol (MG)	3
Jornal Muquiense (ES)	3
Almanaque Laemmert (RJ)	3
Correio de S. Paulo (SP)	3
Jornal do Comércio (AM)	2
Anais da Biblioteca Nacional	2
Diário do Natal (RN)	2
Jornal de Recife (PE)	2
A Notícia (RJ)	2
A República (RN)	2
O Republicano (SE)	2
A Semana (RJ)	2
Revista do Brasil (SP)	2
O Século (RJ)	2
A Imprensa (RJ)	2
A Província (PE)	2
Gazeta Artística (SP)	2
Diário Nacional (SP)	2
Sempre-Viva (PR)	2
A Cruz (RJ)	2
Ilustração Brasileira (FRA)	2
Nosso Jornal (SP)	2
A Noite (RJ)	2
Fauna (SP)	2
A Manhã (RJ)	2
Eu Sei Tudo (RJ)	2
Revista da Semana (RJ)	1
Il Bersagliére (RJ)	1
Revista do Brasil (BA)	1
Correio do Sertão (SP)	1
Monitor Mineiro (MG)	1

Correio de Minas (MG)	1
Pacotilha (MA)	1
O Tempo (RJ)	1
O Estado de Minas Gerais (MG)	1
O Pará (PA)	1
A Meridional (RJ)	1
A Tribuna (RJ)	1
Don Quixote (RJ)	1
Contemporâneo (SP)	1
Almanaque de Juiz de Fora (MG)	1
Novidades (RJ)	1
Gazeta de Oliveira (MG)	1
Careta (RJ)	1
O Pirralho (SP)	1
Almanaque da Comarca de Amparo (SP)	1
A Época (RJ)	1
A União (RJ)	1
Pequeno Jornal (PE)	1
Alma Algarvia	1
O Imparcial (RJ)	1
Etc. (BA)	1
Leitura para Todos (RJ)	1
Voz do Povo (RJ)	1
Diário da Tarde (PR)	1
Jornal da Semana (RJ)	1
A Cruz (MT)	1
Estrela do Minho	1

Fonte: Tabela elaborada pela autora.